



UM
JURAMENTO
DE
IRMÃOS

LIVRO Nº 4 DA SÉRIE O ANEL DO FETICEIRO

MORGAN RICE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



UM JURAMENTO DE IRMÃOS

LIVRO N 14 DA SÉRIE O ANEL DO FEITICEIRO

MORGAN RICE

Um juramento DE irmãs

(LIVRO n 14 da série O Anel do Feiticeiro)

Morgan Rice

Sobre Morgan Rice

Morgan Rice é a best-seller nº1 e a autora do best-selling do USA TODAY da série de fantasia épica O ANEL DO FEITICEIRO, composta por dezassete livros; do best-seller nº1 da série OS DIÁRIOS DO VAMPIRO, composta por onze livros (a continuar); do best-seller nº1 da série

TRILOGIA DA SOBREVIVÊNCIA, um thriller pós-apocalíptico composto por dois livros (a continuar); e da nova série de fantasia épica REIS E FEITICEIROS, composta por três livros (a continuar). Os livros de Morgan estão disponíveis em áudio e versões impressas e as traduções estão disponíveis em mais de 25 idiomas.

[TRANSFORMADA](#) (Livro n 1 da série Diários de um Vampiro), [ARENA UM](#) (Livro n 1 da série A Trilogia da Sobrevivência) e [EM BUSCA DE HERÓIS](#) (Livro n 1 da série O Anel do Feiticeiro) e [ASCENÇÃO DOS DRAGÕES](#) (Reis e Feiticeiros – Livro n 1) estão disponíveis gratuitamente no Google Play!

Morgan adora ouvir a sua opinião, pelo que, por favor, sintá-se à vontade para visitar

www.morganricebooks.com e juntar-se à lista de endereços eletrónicos, receber um livro grátis, receber ofertas, fazer o download da aplicação grátis, obter as últimas notícias exclusivas, ligar-se ao Facebook e ao Twitter e manter-se em contacto!

Críticas aos Livros de Morgan Rice

"O ANEL DO FEITICEIRO tem todos os ingredientes para um sucesso instantâneo: intrigas, conspirações, mistério, cavaleiros e relacionamentos repletos de corações partidos, traições e desilusões. Ele vai deixar você entretido por horas, e vai satisfazer públicos de todas as idades.

Recomendado para a biblioteca permanente de todos os leitores do gênero de fantasia."

--Books and Movie Reviews, Roberto Mattos

"[Uma] fantasia épica envolvente."

—Kirkus Reviews

"Esse é o começo de algo extraordinário."

--San Francisco Book Review

"Recheado de ação... A escrita de Rice é sólida e a premissa é intrigante."

--Publishers Weekly

"Uma fantasia espirituosa... Apenas o começo do que promete ser uma série épica para jovens adultos."

--Midwest Book Review

Livros de Morgan Rice

REIS E FEITICEIROS

A ASCENSÃO DOS DRAGÕES (Livro n 1)

A ASCENSÃO DOS BRAVOS (Livro n 2)

O PESO DA HONRA (Livro n 3)

UMA FORJA DE VALENTIA (Livro n 4)

O ANEL DO FEITICEIRO

EM BUSCA DE HERÓIS (Livro nº1)

UMA MARCHA DE REIS (Livro nº2)

UM DESTINO DE DRAGÕES (Livro nº3)

UM GRITO DE HONRA (Livro nº4)

UM VOTO DE GLÓRIA (Livro nº5)

UMA CARGA DE VALOR (Livro nº6)

UM RITO DE ESPADAS (Livro nº7)

UM ESCUDO DE ARMAS (Livro nº8)

UM CÉU DE FEITIÇOS (Livro nº9)

UM MAR DE ESCUDOS (Livro nº10)

UM REINADO DE AÇO (Livro nº11)

UMA TERRA DE FOGO (Livro nº12)

UM REINADO DE RAINHAS (Livro nº13)

UM JURAMENTO DE IRMÃOS (Livro nº14)

UM SONHO DE MORTAIS (Livro nº15)

UMA JUSTA DE CAVALEIROS (Livro nº16)

O PRESENTE DA BATALHA (Livro nº17)

TRILOGIA DA SOBREVIVÊNCIA

ARENA UM: TRAFICANTES DE ESCRAVOS (Livro nº1)

ARENA DOIS (Livro nº2)

DIÁRIOS DE UM VAMPIRO

TRANSFORMADA (Livro nº1)

AMADA (Livro nº2)

TRAÍDA (Livro nº3)

PREDESTINADA (Livro nº4)

DESEJADA (Livro nº5)

COMPROMETIDA (Livro nº6)

PROMETIDA (Livro nº7)

ENCONTRADA (Livro nº8)

RESSUSCITADA (Livro nº9)

ALMEJADA (Livro nº10)

DESTINADA (Livro nº11)

KINGS AND SORCERERS



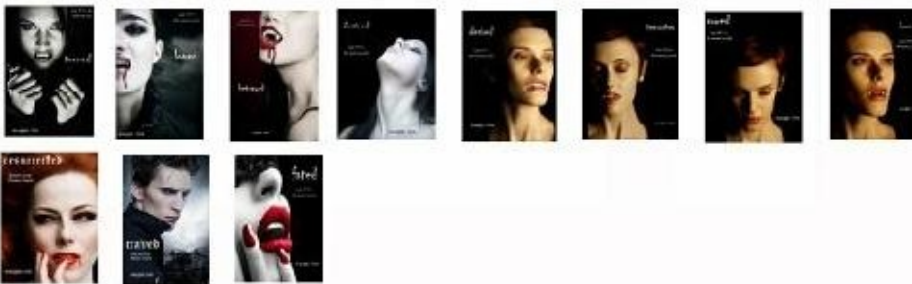
THE SORCERER'S RING



THE SURVIVAL TRILOGY



the vampire journals



[Faça o download dos livros de Morgan Rice no Google Play agora mesmo!](#)



[Ouça](#) a série O ANEL DO FEITICEIRO em formato de áudio livro!

Agora disponível na:

[Amazon](#)

[Áudio](#)

[iTunes](#)

Copyright © 2014 por Morgan Rice

Todos os direitos reservados. Todos os direitos reservados. Exceto conforme permitido pela Lei de Direitos Autorais dos EUA de 1976, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, ou armazenada em um banco de dados ou sistema de recuperação, sem a autorização prévia da autora.

Este e-book é licenciado apenas para o seu uso pessoal. Este e-book não pode ser revendido ou cedido a outras pessoas. Se você gostaria de compartilhar este livro com outra pessoa, por favor, compre uma cópia adicional para cada destinatário. Se você estiver lendo este livro sem tê-lo comprado, ou se ele não foi comprado apenas para seu uso pessoal, por favor, devolva-o e adquira sua própria cópia.

Obrigado por respeitar o trabalho da autora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, entidades, eventos e incidentes são produto da imaginação do autor ou foram usados de maneira fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou falecidas, é mera coincidência.

Direitos autorais da imagem de capa de propriedade da RazzoomGame, usada sob licença a partir de Shutterstock.com

ÍNDICE

[CAPÍTULO UM](#)

[CAPÍTULO DOIS](#)

[CAPÍTULO TRÊS](#)

[CAPÍTULO QUATRO](#)

[CAPÍTULO CINCO](#)

[CAPÍTULO SEIS](#)

[CAPÍTULO SETE](#)

[CAPÍTULO OITO](#)

[CAPÍTULO NOVE](#)

[CAPÍTULO DEZ](#)

CAPÍTULO ONZE

CAPÍTULO DOZE

CAPÍTULO TREZE

CAPÍTULO CATORZE

CAPÍTULO QUINZE

CAPÍTULO DEZESSEIS

CAPÍTULO DEZESSETE

CAPÍTULO DEZOITO

CAPÍTULO DEZENOVE

CAPÍTULO VINTE

CAPÍTULO VINTE E UM

CAPÍTULO VINTE E DOIS

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

CAPÍTULO VINTE E CINCO

CAPÍTULO VINTE E SEIS

CAPÍTULO VINTE E SETE

CAPÍTULO VINTE E OITO

CAPÍTULO VINTE E NOVE

CAPÍTULO TRINTA

CAPÍTULO TRINTA E UM

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

CAPÍTULO UM

Darius olha para a adaga ensanguentada em suas mãos e para o comandante do Império morto aos seus pés ao mesmo tempo em que se pergunta o que tinha acabado de fazer. Seu mundo se torna mais lento à medida que ele olha para cima e vê os olhares chocados de todos os soldados do Império espalhados diante dele, centenas de homens alinhados até o horizonte, homens *de verdade*, guerreiros com armaduras e armas *de verdade*, centenas de soldados montados em suas zertas. Aqueles são homens que nunca haviam experimentado a derrota.

Atrás de Darius, ele sabe, estão poucos e insignificantes aldeões, homens e mulheres sem aço e sem armaduras, deixados à própria sorte para encarar aquele exército profissional. Eles haviam implorado para que Darius se entregasse e para que ele aceitasse ser mutilado; eles não queriam lutar uma guerra que não é possível vencer. Eles não queriam morrer.

Darius havia tentado seguir a vontade deles, mas no último instante ele não havia conseguido prosseguir; suas mãos tinham agido por conta própria, seu espírito havia tomado conta de seu corpo e ele não teria sido capaz de se controlar mesmo se tivesse tentado. Ele tinha sido controlado por uma parte mais profunda de si mesmo, a parte que tinha sido oprimida durante toda a sua vida, uma parte que havia desejado ser livre como um homem sedento anseia por água.

Darius olha para aquele mar de rostos sentindo-se mais sozinho do que nunca, mas também mais livre, e seu mundo gira. Ele se vê fora de seu próprio corpo, observando tudo de cima. A sensação é surreal. Darius sabe que aquele é um dos momentos definitivos de sua vida. Ele sabe que aquele momento irá mudar tudo.

Mas ainda assim, Darius não se arrepende. Ele olha para o comandante do Império morto, aquele homem que teria matado Loti, que teria mutilado todos eles, e é tomado por uma profunda sensação de justiça. Ele também se sente encorajado. Afinal de contas, um oficial do Império está morto e isso significa que qualquer soldado do Império pode morrer. Eles podem estar vestindo as melhores armaduras e as armas mais potentes, mas sangram como qualquer outro homem. Eles não são invencíveis.

Darius sente uma explosão de força atravessar seu corpo e parte para a ação antes que qualquer um dos outros possa reagir. A alguns metros dali está o pequeno grupo de oficiais que havia

acompanhado o comandante, todos ainda paralisados pelo choque, obviamente esperando nada menos que uma rendição e incapazes de prever que seu comandante pode ser atacado.

Darius tira vantagem de seu estado de surpresa. Ele parte para cima deles, remove uma adaga de sua cintura e corta o pescoço de um deles, girando em pleno ar e cortando o pescoço de outro com o mesmo movimento.

Os dois oficiais o encaram com os olhos arregalados, sem conseguir acreditar que aquilo possa estar acontecendo com eles ao mesmo tempo em que o sangue escorre por suas gargantas e eles caem de joelhos, mortos.

Darius se prepara; seu ataque audaz o deixa temporariamente vulnerável e um dos oficiais salta para a frente e golpeia com sua espada, tentando acertar a cabeça dele. Naquele momento, Darius gostaria de ter uma armadura, um escudo ou uma espada - qualquer coisa - para poder bloquear o golpe, mas ele não tem nada. Ele havia baixado sua guarda e sabe que agora terá que pagar o preço por isso. Pelo menos ele morrerá como um homem livre.

Um barulho de metal de repente atravessa o ar e, ao olhar pra o lado, Darius vê Raj bloqueando o golpe com sua espada. Darius percebe que Raj havia pegado a espada do soldado morto e corrido para ajudá-lo no último instante.

Outro barulho de metal corta o ar e, ao olhar para o lado, Darius vê Desmond bloquear outro golpe antes que ele possa acertá-lo. Raj e Desmond continuam lutando e enfrentando seus oponentes, que começam a recuar por não terem esperado encontrar qualquer resistência. Eles golpeiam como

homens possuídos e suas espadas soltam faíscas ao encontrarem as espadas de seus oponentes, empurrando-os para trás até acertarem o golpe fatal antes que os soldados do Império possam se defender completamente.

Os dois soldados caem no chão, mortos.

Darius é tomado por uma onda de gratidão em relação aos seus irmãos e se sente emocionado por tê-los ali, lutando ao seu lado. Ele sente que não está mais encarando aquele exército sozinho.

Darius se abaixa, arranca a espada e o escudo do corpo morto do comandante e corre para junto de Desmond e de Raj à medida que eles correm na direção dos outros seis oficiais do grupo. Darius ergue a espada e aprecia o peso do aço; é bom estar empunhando uma espada e um escudo de

verdade. Ele se sente invencível.

Darius corre na frente e bloqueia um golpe forte com seu escudo ao mesmo tempo em que dá um golpe entre as placas da armadura de um dos soldados do Império, perfurando-o na omoplata; o soldado grunhe e cai de joelhos.

Ele se vira e golpeia com seu escudo, bloqueando um golpe lateral; então Darius continua girando e usando o escudo como uma arma, esmagando o rosto de outro atacante e derrubando-o no chão. Darius gira o corpo com sua espada na mão e corta o estômago de outro atacante, matando-o instantes antes que outro soldado, com as mãos erguidas acima de sua cabeça, possa acertar um golpe em seu pescoço.

Raj e Desmond também continuam atacando ao seu lado, enfrentando outros soldados golpe por golpe à medida que o barulho de suas armas atravessa o ar. Darius se lembra de todos os dias em que eles haviam treinado juntos com suas espadas de madeira e pode ver agora, durante aquela batalha, que guerreiros formidáveis eles são. Enquanto ele ataca, Darius percebe o quanto aquele treinamento o tinha ajudado a aprimorar suas habilidades. Ele se pergunta se teria sido capaz de vencer sem ter treinado. Darius está determinado a vencer usando sua própria força, a vencer com suas próprias mãos, e nunca - jamais - usar o poder mágico que reside em algum lugar profundo dentro dele, um poder que ele ainda não entende completamente - e que ele *não quer* compreender.

Quando Darius, Desmond e Raj derrotam o restante do grupo e ficam sozinhos no meio do campo de batalhas, as centenas de soldados do Império que ainda estão alinhados à distância finalmente reagem. Organizando-se, eles soltam um grande grito de batalha e começam a correr na direção deles.

Darius olha ao seu redor, parado ali e respirando com dificuldade com a espada ensanguentada na mão, e percebe que não há para onde correr. Quando os esquadrões de soldados perfeitamente organizados partem para a ação, ele percebe que a morte finalmente se aproxima. Darius, Desmond e Raj mantêm suas posições; Darius enxuga o suor da testa com as costas da mão e encara os soldados que se aproximam. Ele não pretende recuar em hipótese alguma.

Há outro grande grito de batalha - desta vez, vindo de trás dele - e Darius se surpreende ao ver todos os aldeões se reunindo para o ataque. Ele vê vários de seus irmãos de armas se aproximando, procurando espadas e escudos nos corpos dos soldados do Império mortos e correndo para se juntar

ao seu grupo. Os aldeões, Darius fica orgulhoso ao ver, cobrem o campo de batalhas como uma onda, vasculhando os corpos e armando-se com aço e armamentos até que, logo, vários deles estão empunhando armas de verdade. Aqueles que não possuem aço empunham armas feitas de madeira; dezenas de rapazes mais jovens, amigos de Darius, carregam lanças de madeira curtas que eles haviam afiado perfeitamente e pequenos arcos e flechas de madeira, ansiosos por um confronto como aquele.

Todos atacam ao mesmo tempo, como um só, lutando por suas vidas ao se juntarem a Darius para enfrentar o exército do Império.

Ao longe, um enorme estandarte balança ao vento, uma trombeta soa e o exército do Império se mobiliza. O barulho das armaduras preenche o ar à medida que as centenas de soldados do Império marcham para a frente como um só corpo, disciplinados, uma parede de homens, ombro a ombro, mantendo suas posições perfeitamente enquanto eles continuam marchando na direção da multidão de aldeões.

Darius lidera seus homens durante o ataque e todos permanecem destemidamente ao seu lado.

Quando eles se aproximam do exército do Império, Darius grita:

"LANÇAS!"

Seu povo arremessa suas pequenas lanças, que passam voando por cima da cabeça de Darius e atravessam o ar, encontrando seus alvos do outro lado da clareira. Muitas das lanças de madeira acertam as armaduras e caem no chão sem causar qualquer dano, mas outras encontram pontos fracos nas armaduras e acertam seus alvos. Algumas dezenas de soldados do Império dão gritos de dor e caem no chão ao serem alvejados.

"FLECHAS!" Darius grita, ainda correndo com a espada na mão, diminuindo a distância entre eles.

Vários aldeões param, miram e soltam saraivadas de flechas de madeira afiadas. Dezenas delas cortam o ar e atravessam a clareira para surpresa do Império, que não tinha esperado qualquer resistência - e muito menos que aqueles aldeões tivessem qualquer tipo de arma. Muitas daquelas flechas não atingem seus alvos, mas um número suficiente delas acerta soldados no pescoço e nas

juntas, ferindo muitos outros.

"PEDRAS!" Darius grita.

Várias dúzias de aldeões correm para a frente e, usando seus estilingues, começam a arremessar pedras.

Um bombardeio de pequenas pedras atravessa o campo de batalhas e o som de pedras acertando as armaduras preenche o ar. Alguns soldados, alvejados no rosto pelas pedras, caem no chão enquanto outros param e erguem seus escudos ou suas mãos na tentativa de impedir o ataque.

Aquilo diminui o ritmo do Império e acrescenta um elemento de incerteza às suas fileiras, mas ainda não é o suficiente para detê-los. Eles continuam marchando, sem sair de sua formação mesmo enquanto flechas, lanças e pedras continuam a acertá-los. Eles simplesmente erguem seus escudos, arrogantes demais para desviar, e marcham com suas alabardas de aço brilhante e suas longas espadas balançando em seus cinturões à medida que suas armaduras tilintam sob o sol da manhã.

Darius os observa avançando e sabe que um exército profissional se aproxima dele. Ele sabe que aquela será uma onda mortal.

De repente ele ouve um estrondo e, ao olhar para cima, Darius vê três grandes Zertas se separando da linha de frente e partindo para cima deles, comandadas por três oficiais que empunham longas alabardas. As zertas atacam com fúria, levantando nuvens de poeira atrás delas.

Darius se prepara quando um deles se aproxima, fazendo uma careta ao erguer a alabarda e arremessá-la repentinamente em sua direção. Ele se surpreende com a velocidade da arma e desvia no último instante, escapando por pouco do golpe.

Mas o aldeão atrás dele, um garoto que Darius havia conhecido desde sua infância, não tem tanta sorte. Ele grita de dor quando a alabarda o acerta no peito; o sangue escorre pela sua boca e ele cai de costas, olhando para cima de olhos vidrados.

Darius, ensandecido, se vira e encara a zerta. Ele aguarda pacientemente, sabendo que se não esperar o momento perfeito, ele será pisoteado.

No último segundo Darius salta para fora do caminho e golpeia com sua espada, cortando as

pernas da zerta com um único golpe.

A zerta grita e cai de cara no chão, arremessando o oficial para o meio do grupo de aldeões.

Um aldeão se afasta do grupo e corre na direção do oficial segurando uma pedra enorme nas mãos. Darius se vira e fica surpreso ao ver que se trata de Loti; ela segura a pedra no alto e bate com força no capacete do soldado, matando-o imediatamente.

Darius ouve o barulho de galope e vê outra zerta aproximando-se dela com um soldado sentado de lado empunhando uma lança ao mesmo tempo em que se prepara para alvejá-lo. Não há tempo para reagir.

Um rosnado corta o ar e Darius se surpreende ao ver Dray aparecer de repente e saltar no ar, mordendo o pé do soldado no mesmo momento em que ele arremessa a lança. O soldado cai para a frente e seu arremesso não vai muito longe, caindo no chão a poucos metros dele. Ele perde o equilíbrio e cai de cima da zerta, e assim que seu corpo toca o chão o soldado é atacado por diversos aldeões.

Darius olha para Dray, que se aproxima dele, sentindo-se eternamente grato pela presença de seu amigo.

Ele ouve outro grito de batalha e vê outro oficial do Império aproximando-se dele e erguendo sua espada, prestes a atacá-lo. Darius se vira e bloqueia o golpe, empurrando a espada para longe de seu peito antes que ela possa acertá-lo. Ele então gira o corpo e dá uma rasteira em seu oponente. O soldado cai no chão e Darius lhe dá um chute na mandíbula antes que ele se levante, fazendo com que ele desmaie.

Darius observa Loti passar correndo por ele, avançando para o meio da batalha ao mesmo tempo em que se abaixa para pegar uma espada na cintura de um dos soldados mortos. Dray corre na frente dela para protegê-la e Darius fica preocupado ao vê-la no meio daquela luta, desejando poder levá-la para um lugar mais seguro.

Loc, o irmão de Loti, tem a mesma ideia. Ele corre até ela e a agarra pela cintura, fazendo Loti derrubar a espada no chão.

"Temos que ir embora daqui!" ele diz. "Isso não é lugar para você!"

“Esse é o *único* lugar para mim!” ela insiste.

Mas Loc, mesmo com apenas uma mão, é surpreendentemente forte e consegue arrastá-la para longe enquanto ela protesta e se debate sem parar. Darius se sente mais agradecido do que jamais seria capaz de dizer.

Ele ouve um barulho metálico ao seu lado e vê um de seus irmãos de armas, Kaz, lutando com um soldado do Império. Embora Kaz sempre tenha sido um valentão e o tenha incomodado muito no passado, agora Darius tem que admitir estar feliz por tê-lo ao seu lado no campo de batalhas. Ele observa Kaz enfrentar o soldado, um guerreiro formidável, golpe por golpe, até que o soldado finalmente - com um movimento surpresa - surpreende Kaz e derruba a espada de suas mãos.

Kaz fica ali parado completamente indefeso e com uma expressão de pavor no rosto pela primeira vez desde que Darius consegue se lembrar. O soldado do Império, com sangue nos olhos, dá um passo adiante para dar o golpe mortal.

De repente, um barulho metálico corta o ar e o soldado fica paralisado e cai de cara no chão.

Morto.

Darius e Kaz olham para o lado e ficam chocados ao ver Luzi ali parado, com metade do tamanho de Kaz e segurando um estilingue nas mãos instantes depois de ter terminado o seu arremesso. Luzi sorri para Kaz.

"Se arrepende de ter me incomodado agora?" ele fala para Kaz.

Kaz o encara boquiaberto.

Darius fica impressionado ao ver que Luzi, mesmo após ter sido atormentado por Kaz durante todos os seus dias de treinamento juntos, tenha se aproximado para salvar a vida dele. Aquele gesto inspira Darius a lutar com mais intensidade.

Ao ver a zerta abandonada correndo sem rumo entre as fileiras, Darius corre até ela e sobe no animal.

A zerta se contorce descontroladamente, mas Darius segura com todas as suas forças - determinado a não cair. Finalmente, ele assume o controle da fera e consegue virá-la na direção das forças do Império.

A zerta galopa tão rápido que ele mal pode controlá-la, levando-o na frente de seus homens, sozinho até o centro das forças do Império. O coração de Darius bate acelerado dentro de seu peito à medida que ele se aproxima da parede de soldados. Ela parece impenetrável dali. E agora, não há

mais volta.

Darius força sua coragem a levá-lo adiante. Ele segue adiante e, ao mesmo tempo, golpeia descontroladamente com sua espada.

De seu ponto de vantagem mais alto, Darius golpeia de um lado para o outro, matando dezenas de soldados do Império que não haviam esperado um ataque de um aldeão montado em uma zerta. Ele atravessa as fileiras a uma velocidade inacreditável, dividindo o mar de soldados e sendo levado pelo seu impulso, quando de repente sente uma dor horrível na lateral de seu corpo. Ele tem a sensação de que suas costelas estão sendo cortadas em duas partes.

Darius perde o equilíbrio e é arremessado através do ar. Ele cai no chão com força tomado pela dor e percebe que tinha sido atingido pela bola metálica de um mangual. Ele fica deitado ali no chão no meio daquele mar de soldados do Império e longe de todo o seu povo.

Enquanto permanece ali, com sua cabeça latejando e seu mundo girando, ele olha para longe e vê seu povo sendo cercado. Eles haviam lutado bravamente, mas estão em completa desvantagem numérica e absoluta desvantagem de força. Seus homens estão sendo abatidos e Darius pode ouvir seus gritos dali.

Sua cabeça, pesada demais, bate no chão enquanto ele continua ali deitado e Darius vê todos os homens do Império se aproximando dele. Ele fica deitado - esgotado - e sabe que sua vida em breve chegará ao fim.

Ao menos, ele pensa, ele morrerá com honra.

Pelo menos, finalmente, ele será um homem livre.

CAPÍTULO DOIS

Gwendolyn fica em pé no topo da montanha e observa o sol raiar no céu do deserto enquanto seu coração bate acelerado dentro de seu peito ao se preparar para o ataque iminente. Ela havia liderado seus homens até ali ao mesmo tempo em que tinha observado o confronto entre os aldeões e os soldados do Império, circulando o campo de batalhas pelo caminho mais longo e posicionando seus homens atrás das linhas inimigas. O Império, completamente concentrado nos aldeões e na batalha diante deles, não havia percebido sua aproximação. E agora que os aldeões estão começando a

morrer é chegado o momento de fazê-los pagar por tudo que haviam feito.

Desde que Gwen havia decidido voltar com seus homens e ajudar os aldeões, ela havia sido tomada por uma profunda sensação de predestinação. Ganhando ou perdendo, ela sabe que aquela é a coisa certa a fazer. Ela havia assistido o confronto se desdobrando do alto das montanhas, tinha visto a aproximação das forças do Império montadas sobre suas zertas e acompanhadas de soldados profissionais; tudo aquilo traz de volta sentimentos antigos, fazendo-a lembrar da invasão do Anel por Andronicus e depois por Romulus. Ela tinha observado Darius avançar sozinho para enfrentá-los e seu coração havia se animado ao vê-lo matar o comandante. Aquilo é algo que Thor teria feito - algo que ela mesma teria feito.

Gwen, acompanhada por Krohn que rosna calmamente aos seus pés, fica ali parada com Kendrick, Steffen, Brandt, Atme, dezenas de soldados da Prata e centenas de seus homens atrás dela; eles vestem as mesmas armaduras de aço que haviam vestido quando tinham deixado o Anel e empunham as mesmas armas enquanto aguardam pacientemente o seu comando. Seu exército é formado por soldados profissionais e eles não enfrentam uma batalha de verdade desde que tinham sido exilados de sua terra natal.

A hora havia chegado.

"AGORA!" Gwen ordena.

Um grito de batalha irrompe entre todos os seus homens que, liderados por Kendrick, começam a correr para baixo da montanha enquanto suas vozes são carregadas pelo vento e soam como o rugido de milhares de leões descendo as encostas sob a luz da manhã.

Gwen observa quando seus homens alcançam as linhas do Império e os soldados inimigos, ocupados na luta contra os aldeões, se viram lentamente com olhares de surpresa estampados em seus rostos - claramente sem conseguir entender quem poderia estar atacando-os ou a razão daquilo tudo. Obviamente, aqueles soldados do Império nunca tinham sido surpreendidos daquela maneira antes e certamente nunca haviam enfrentado um exército profissional.

Kendrick não lhes dá tempo para reagir ou para processar o que está acontecendo. Ele continua atacando e perfura o primeiro homem que ele encontra; Brandt, Atme, Steffen e as dezenas de soldados da Prata que o acompanham se juntam a ele, gritando ao enfiarem suas armas nos soldados

diante deles. Todos os homens de Gwen carregam uma grande mágoa e haviam esperado muito tempo por uma luta, ansiando pela vingança contra o Império e cultivando o ódio durante todos aqueles dias presos na caverna. Gwen sabe que eles desejam vingar-se do Império desde que haviam abandonado o Anel - e naquela batalha os seus homens haviam encontrado a oportunidade perfeita. Uma chama arde nos olhos de cada um de seus homens, um fogo onde as almas de todos os entes queridos que eles haviam perdido no Anel e nas Ilhas Superiores ainda vivem. Aquela é uma necessidade de vingança que eles haviam nutrido durante toda a viagem através do oceano. Gwen percebe que a causa dos aldeões, mesmo vivendo do outro lado do mundo, é também a causa de seu povo.

Homens gritam ao lutarem frente a frente e Kendrick e os outros usam o impulso inicial para abrir caminho até o meio luta, eliminando fileiras inteiras de soldados do Império antes que eles possam se organizar. Gwen se enche de orgulho ao ver Kendrick bloquear dois golpes com seu escudo, girar o corpo e esmagar o rosto de um soldado com ele, batendo no peito de outro com um único movimento. Ela observa Brandt dar uma rasteira em um soldado e então esfaqueá-lo nas costas através do coração, usando as duas mãos para enfiar sua espada no corpo do homem. Gwen vê Steffen empunhar sua espada curta, cortar a perna de um soldado e então dar um passo adiante e chutar outro soldado na virilha e bater sua cabeça na dele, nocauteando-o. Atme gira seu mangual e derruba dois soldados de uma só vez.

“Darius!” grita a voz.

Gwen olha para o lado e vê Sandara apontando para o campo de batalhas.

"Meu irmão!" ela exclama.

Gwen localiza Darius no chão, deitado de costas e cercado pelo Império que se aproxima rapidamente dele. Seu coração se aperta de apreensão, mas ela vê com satisfação quando Kendrick corre até ele e ergue seu escudo, salvando Darius de um golpe de machado antes que o golpe fatal atinja o seu rosto.

Sandara grita e Gwen percebe o seu alívio e sente o quanto ela ama o seu irmão.

Gwendolyn estica o braço e pega um arco das mãos de um dos soldados de guarda ao seu lado.

Ela prepara uma flecha e mira.

"ARQUEIROS!" ela grita.

Ao seu redor, dezenas de seus arqueiros começam a mirar, preparando seus arcos e esperando pelo seu comando.

"FOGO!"

Gwen libera sua flecha alto no céu, bem acima de seus homens. No mesmo instante, dezenas de seus arqueiros também soltam suas flechas.

A saraijada acerta o grupo de soldados restante e gritos irrompem à medida que dezenas de soldados caem de joelhos.

"FOGO!" ela grita mais uma vez.

Mais flechas são arremessadas sucessivamente.

Kendrick e seus homens avançam e matam todos os homens que haviam caído de joelho após terem sido alvejados pelas flechas.

Os soldados do Império são forçados a abandonar os aldeões que ainda resistem e, em vez disso, decidem concentrar suas forças no confronto com os homens de Kendrick.

Isso dá aos aldeões uma oportunidade. Eles dão um grito ao continuarem avançando, atacando pelas costas os soldados do Império que agora estão sendo massacrados por ambos os lados.

Os soldados do Império, presos entre duas forças hostis e com seus números diminuindo rapidamente, finalmente percebem que estão sendo superados. Suas forças de centenas logo são reduzidas a apenas dezenas; aqueles que ainda restam começam a abandonar suas fileiras, fugindo após terem suas zertas mortas ou tomadas pelos aldeões.

Eles não conseguem ir muito longo antes de serem capturados ou mortos.

Um grito de triunfo irrompe entre os aldeões e entre os homens de Gwendolyn. Eles se reúnem, celebrando e abraçando-se como irmãos, e Gwendolyn se apressa para descer a encosta e juntar-se ao grupo com Krohn em seus calcanhares. Ela entra no meio da multidão e é cercada pelos seus homens e pelos aldeões, pelo cheio de suor e medo no ar e pelo sangue fresco que cobre o chão de terra do campo de batalhas. Ali, naquele dia, apesar de tudo que havia acontecido no Anel. Gwen

sente um momento de triunfo. Aquele é um momento glorioso de vitória no meio daquele deserto, cercada pelos aldeões e pelos exilados do Anel, unidos contra um inimigo em comum.

Os aldeões haviam perdido muitos homens bons e Gwen também tinha perdido alguns bons guerreiros. Mas pelo menos Darius, Gwen fica aliviada ao ver, está vivo e amparado pelos seus amigos.

Gwen sabe que o Império possui milhões de soldados. Ela sabe que o acerto de contas um dia chegará.

Mas esse dia não é hoje. Hoje ela não tinha tomado a decisão mais sábia, mas sua decisão certamente tinha sido a mais corajosa. A decisão certa. Ela sente que aquela é uma decisão que seu pai teria tomado. Ela tinha escolhido o caminho mais difícil. O caminho correto. O caminho da justiça. O caminho da coragem. E não importa o que aconteça agora, ela havia sobrevivido.

Ela tinha realmente vivido.

CAPÍTULO TRÊS

Volússia permanece na sacada de pedra observando o pátio de paralelepípedos de Maltolis abaixo dela e olhando para o corpo inerte do Príncipe que está no chão com os membros retorcidos de maneira grotesca. Ele parece estar muito longe dela, minúsculo e impotente, e Volússia se espanta com o fato de que apenas instantes antes ele havia sido um dos homens mais poderosos do Império. Ela não deixa de perceber a fragilidade da vida, como tudo aquilo é ilusório e, acima de tudo, como ela com seu infinito poder - uma deusa de verdade agora - pode decidir entre a vida e a morte de qualquer pessoa. Agora ninguém, nem mesmo um grande príncipe, pode impedi-la.

Enquanto ela continua olhando para fora, ao redor de toda a cidade os gritos dos milhares de súditos do príncipe, os cidadãos desequilibrados de Maltolis, preenchem o pátio e tomam conta do ar como uma praga de gafanhotos. Eles gritam e batem com as cabeças nas paredes de pedra; alguns se jogam no chão como crianças mal criadas e outros arrancam os cabelos de suas cabeças. Ao vê-los assim, Volússia pensa, um estranho pensaria que Maltolis tinha tido um líder benevolente.

"NOSSO PRÍNCIPE!" um deles grita, um grito que é repetido por muitos outros à medida que eles se aproximam, saltando sobre o corpo do príncipe soluçando e chorando.

"NOSSO QUERIDO PAI!"

Sinos de repente começam a tocar por toda a cidade, uma longa sucessão de toques que ecoam

por todas as ruas. Volúcia ouve uma comoção e, ao erguer os olhos, vê o portão da cidade se abrir para centenas das tropas de Maltolis, que marcham apressadamente pelos portões da cidade e entram no pátio em fileiras duplas. Eles começam a se dirigir para o castelo de Maltolis.

Volúcia sabe que acaba de dar início a uma série de eventos que irão alterar o futuro daquela cidade para sempre.

Há um estrondo repentino e insistente nas portas de carvalho de seus aposentos e Volúcia se sobressalta. Batidas repetidas se seguem quando dezenas de soldados vestindo armaduras usam um aríete para derrubar a grossa porta de carvalho dos aposentos do Príncipe. Obviamente, Volúcia havia barrado a porta que tem quarenta centímetros de espessura e tinha sido feita para resistir a ataques como aquele, mas as batidas a fazem tremer sem parar em meio aos gritos dos soldados do lado de fora. A cada batida, as dobradiças dobram um pouco mais.

Bum, bum, bum.

Os aposentos de pedra tremem e o antigo lustre de cristal, pendurado em uma viga de madeira, balança descontroladamente até despencar no chão.

Volúcia fica parada e observa tudo calmamente, tendo antecipado tudo aquilo. Ela havia previsto, é claro, que eles viriam buscá-la. Eles querem vingança e jamais deixarão que ela escape.

"Abra a porta!" grita um dos generais do príncipe.

Ela reconhece aquela voz como sendo a do líder das forças de Maltolis, um homem sem senso de humor e com uma voz rouca que ela havia conhecido brevemente, um homem incapaz, mas um soldado profissional com duzentos mil homens sob o seu comando.

Ainda assim, Volúcia continua ali parada e encara a porta com calma, inabalada, observando pacientemente enquanto espera que eles a destruam. Certamente, ela poderia abri-la para eles, mas não quer dar-lhes essa satisfação.

Finalmente, há um grande estrondo, a porta de madeira é arrancada das dobradiças e dezenas de soldados vestindo armaduras invadem os aposentos. O comandante, usando a armadura ornamental e carregando o cetro dourado que lhe dá o título de comandante do exército de Maltolis, lidera o

caminho.

Ele diminui o ritmo para uma caminhada rápida ao vê-la parada ali, sozinha e sem tentar fugir. O comandante, com uma expressão séria no rosto, se aproxima de Volúcia e para abruptamente a apenas alguns passos dela.

Ele a observa com ódio e, atrás dele, todos os seus homens, bem disciplinados, param e aguardam o seu comando.

Volúcia continua parada e o observa calmamente com um sorriso nos lábios, percebendo que sua postura deve tê-lo incomodado ao ver que o comandante parece nervoso.

"O que foi que você fez, mulher?" ele pergunta, com a mão no punho de sua espada. "Você veio até nossa cidade como uma visitante e matou o nosso rei. O escolhido. Aquele que não podia ser morto."

Volúcia sorri e responde calmamente:

"Você está enganado, comandante," ela diz. "*Eu* não posso ser morta, como acabei de provar aqui hoje."

Ele balança a cabeça com raiva.

"Como você pôde ter sido tão estúpida?" ele pergunta. "Certamente sabe que a mataríamos e a todos os seus homens, que não há para onde fugir e não há como escapar desse lugar. Aqui, seus

poucos homens estão cercados por milhares dos nossos soldados. Você certamente sabe que seus atos de hoje resultariam em uma sentença de morte ou pior - em sua prisão e tortura. Não tratamos nossos inimigos com carinho, caso ainda não tenha percebido."

"Eu realmente percebi isso, General - e os admiro ainda mais," ela responde. "Ainda assim, vocês não farão nada contra mim. Nenhum de seus homens fará qualquer coisa."

Ele balança a cabeça com irritação.

"Você é mais tola do que eu pensava," ele comenta. "Eu carrego o cetro dourado. O nosso exército fará o que eu disser. *Exatamente* o que eu disser."

"É mesmo?" ela pergunta com um sorriso nos lábios.

Lentamente, Volúcia se vira e olha pela janela aberta para o corpo do Príncipe, agora sendo carregado nos ombros da multidão de lunáticos e levado pelas ruas da cidade como um mártir.

De costas para o General, ela limpa a garganta e continua.

"Eu não duvido, General," ela fala, "que suas forças sejam bem treinadas. Ou que seus homens irão seguir

aquele que estiver empunhando o cetro. A fama de suas forças é lendária. Eu também sei que seu exército é vastamente superior ao meu e que não há como escapar deste lugar, mas você vê, eu não pretendo fugir daqui e também não acredito que eu precise fazer isso."

Ela olha para ela com uma expressão de confusão estampada no rosto e Volúcia olha para fora da janela, vasculhando o pátio. À distância, ela localiza Koolian, seu feiticeiro, parado no meio da multidão e ignorando todos à sua volta enquanto encara apenas ela com seus olhos verdes brilhantes e seu rosto cheio de verrugas. Ele está vestindo um manto preto, inequívoco no meio da multidão, com os braços cruzados calmamente e com seu rosto pálido, parcialmente coberto pelo capuz, virado na direção de Volúcia e aguardando o seu comando. Koolian permanece parado, a única pessoa paciente e disciplinada em toda aquela cidade caótica.

Volúcia faz um gesto quase imperceptível e vê quando ele assente de volta para ela.

Lentamente, Volúcia se vira com um sorriso nos lábios e encara o General.

"Você pode me entregar o cetro agora," ela pede, "ou eu posso matá-lo e tomá-lo de suas mãos."

Ele a encara estupefato e então balança a cabeça, sorrindo pela primeira vez.

"Eu conheço pessoas delirantes" ele declara. "Eu trabalhei para uma pessoa assim por muitos anos. Mas você... você é diferente. Muito bem. Se você deseja morrer dessa forma, que assim seja."

Ele dá um passo adiante e ergue sua espada.

"Vou me divertir matando você," continua ele. "Eu quero matá-la desde a primeira vez que a vi.

Essa sua arrogância é o bastante para deixar qualquer homem louco."

Ele se aproxima dela e, ao fazer isso, Volúcia se vira e ele de repente vê Koolian parado ao lado dela no quarto.

O General encara Koolian, assustado com sua aparição repentina nos aposentos do príncipe. Ele fica paralisado, claramente sem saber o que fazer diante daqueles acontecimentos inesperados.

Koolian remove o capuz preto e encara o general com seu rosto grotesco - pálido demais - com seus olhos brancos virados para trás, erguendo lentamente as palmas das mãos.

Ao fazer isso, o comandante e todos os seus homens caem de joelhos. Eles gritam e levam as mãos aos ouvidos.

"Faça isso parar!" ele grita.

Lentamente, sangue começa a escorrer de seus ouvidos e, um por um, eles caem no chão de

pedras e param de se mover.

Mortos.

Volússia se aproxima lentamente e calmamente estica o braço e remove o cetro dourado das mãos do comandante morto.

Ela ergue o braço e o examina sob a luz, admirando o peso do objeto e a maneira como ele brilha. É uma cena sinistra.

Ela abre um grande sorriso.

O cetro é ainda mais pesado do que ela havia imaginado.

*

Volússia para um pouco além do fosso, do lado de fora dos muros de Maltolis, acompanhada de seu feiticeiro Koolian, de seu assassino Aksan e de Soku, o Comandante das forças Volusianas, e observa o vasto exército Maltolisiano reunido diante dela. Até onde seus olhos podem ver, as planícies do deserto estão tomadas pelos homens de Maltolis, duzentos mil homens, um exército maior do que ela jamais havia visto. Até mesmo para alguém como ela, aquela cena é impressionante.

O exército sem líder observa Volússia pacientemente enquanto ela permanece sentada em seu trono e os encara. A tensão no ar é palpável e Volússia pode sentir que todos estão esperando e pensando, decidindo se devem matá-la ou servi-la.

Volússia olha para eles com orgulho, sentindo que seu destino está prestes a ser decidido, e ergue lentamente o cetro dourado acima de sua cabeça. Ela vira seu corpo lentamente em todas as direções para que todos possam vê-la, para que todos vejam o cetro brilhando sob o sol.

"MEU POVO!" ela grita. "Eu sou a Deusa Volússia. Seu príncipe está morto. Quem segura o cetro agora sou eu; é a mim que vocês devem seguir. Sigam-me, e todos vocês receberão a glória e todas as riquezas que seus corações desejarem. Fiquem aqui e perecerão e morrerão nesse lugar, sob a sombra dessas paredes e sob a sombra de um líder que nunca os amou. Vocês o serviram na loucura; devem seguir-me na glória e na conquista e finalmente terão a líder que merecem."

Volússia ergue o cetro ainda mais alto, olhando para os soldados e encarando os seus olhares,

sentindo a força de seu destino. Ela sente que é invencível, que nada poderá detê-la - nem mesmo aqueles duzentos mil homens. Ela sabe que eles, assim como todo o mundo, se curvarão diante dela.

Volúsia vê tudo acontecendo em sua mente, afinal ela é uma deusa. Ela vive em um mundo diferente dos homens comuns. Que escolha eles têm?

Exatamente como ela havia previsto, um leve clangor de armaduras é ouvido e, um por um, todos os homens se ajoelham diante dela.

"VOLÚSIA," eles entoam suavemente, várias e várias vezes.

"VOLÚSIA!"

"VOLÚSIA!"

CAPÍTULO QUATRO

Godfrey sente o suor escorrendo pela sua nuca ao caminhar entre o grupo de escravos, esforçando-se para não ficar no meio e para não ser detectado à medida que eles abrem caminho

pelas ruas de Volúsia. Outro barulho de chicote corta o ar e Godfrey grita de dor quando a ponta do chicote acerta o seu traseiro. A escrava atrás dele grita ainda mais. O golpe acerta as costas da mulher, que grita e cambaleia para a frente.

Godfrey estica o braço e ajuda a mulher antes que ela caia no chão, agindo por impulso e sabendo que está arriscando sua própria vida ao agir daquela maneira. Ela ajusta sua postura e, ao olhar para ele com uma expressão de medo, seus olhos se arregalam de surpresa ao vê-lo.

Claramente, ela não tinha esperado ver um humano, de pele clara, andando livremente ao seu lado.

Godfrey balança a cabeça rapidamente e leva um dedo até a boca, rezando para que ela permaneça em silêncio. Por sorte, ela parece concordar.

Outro barulho de chicote corta o ar e quando Godfrey olha para trás ele vê o capataz avançando pelo comboio e açoitando escravos sem muito critério, obviamente com o intuito de comunicar sua presença. Ao olhar para trás, Godfrey percebe os olhares assustados de Akorth e Fulton, cujos olhos se movimentam em todas as direções, e também a presença calma e determinada de Merek e Ario.

Godfrey fica espantado que os dois garotos demonstrem mais compostura e coragem do que Akorth e Fulton, dois homens adultos, embora bêbados.

Eles continuam marchando e Godfrey sente que eles estão se aproximando de seu destino, seja

ela qual for. Obviamente, ele não pode permanecer com o grupo até que eles cheguem aonde

estiverem indo: ele precisa tomar uma atitude logo. Ele tinha conseguido atingir seu objetivo, eles estão dentro de Volússia, mas agora Godfrey precisa se separar daquele grupo, antes que eles sejam descobertos.

Godfrey olha ao seu redor e percebe algo que ele considera importante: os capatazes agora estão se reunindo principalmente na frente do comboio de escravos. Isso faz sentido, é claro. Considerando que todos os escravos estão acorrentados juntos, não há para onde fugir e os capatazes sentem que não há motivos para proteger a retaguarda. Além do único capataz que caminha ao longo das fileiras açoitando-os, não há mais ninguém para detê-los quando eles estiverem prontos para escapar por trás do comboio. Eles podem fugir e escapar silenciosamente para as ruas de Volússia.

Godfrey sabe que eles terão que agir rapidamente, mas seu coração bate acelerado simplesmente ao pensar em tomar uma atitude tão audaciosa. Sua mente lhe diz para ir, mas seu corpo hesita e parece nunca ter coragem suficiente para avançar.

Godfrey ainda não consegue acreditar que está ali e que eles tinham realmente conseguido entrar na cidade. Aquilo tudo é como um sonho, mas um sonho que parece ficar cada vez pior. Quanto mais o efeito da bebida passa, mais ele percebe o quanto aquela ideia é estúpida.

"Temos que sair daqui," Merek sussurra, aproximando-se dele. "Temos que fazer algo rápido."

Godfrey balança a cabeça e engole em seco com o suor escorrendo pelo seu rosto. Uma parte dele sabe que Merek em razão, mas outra parte insiste em esperar pelo momento certo.

"Não," ele responde. "Ainda não."

Godfrey olha ao seu redor e vê todos os tipos de escravos, acorrentados e sendo arrastados pelas ruas de Volússia, não apenas homens de pele escura. É como se o Império tivesse conseguido escravizar todos os tipos de raças de todos os cantos do Império, todas as pessoas que não são da raça do Império, pessoas que não têm a pele amarela brilhante, a altura avantajada, os ombros largos e os pequenos chifres atrás das orelhas.

"O que estamos esperando?" Ario pergunta.

"Se corrermos para as ruas," Godfrey explica, "chamaremos muita atenção. Podemos ser capturados. Temos que esperar."

"Esperar o quê?" insiste Merek, a frustração evidente em sua voz.

Godfrey balança a cabeça, desanimado. Ele sente que seu plano está desmoronando.

"Eu não sei," ele fala.

Assim que eles fazem mais uma curva toda a cidade de Volússia se desdobra diante deles. Godfrey absorve a cena, completamente espantado.

Aquela é a cidade mais incrível que ele já tinha visto. Godfrey, o filho de um rei, já tinha visitado grandes aldeias e cidades, assim como cidades ricas e fortalezas. Ele já havia conhecido as cidades mais belas do mundo. Poucas cidades podem ser comparadas ao resplendor de Savaria, Silésia e, acima de tudo, da Corte do Rei. Ele não se deixa impressionar por pouco.

Mas ele nunca tinha visto nada como aquilo. Volússia é uma combinação de beleza, ordem, poder e riqueza. Acima de tudo de riqueza. A primeira coisa a chamar a atenção de Godfrey são os ídolos.

Por toda a parte, esparramadas pela cidade, há estátuas homenageando deuses que Godfrey não reconhece. Um deles parece ser um deus do mar, outro parece ser um deus do céu e outro das montanhas... Ao redor delas, há grupos de pessoas fazendo saudações. À distância, erguendo-se sobre a cidade, há uma enorme estátua dourada de Volússia. Centenas de pessoas saúdam a estátua.

A segunda coisa que surpreende Godfrey são as ruas, pavimentadas com ouro e brilhantes, elas são limpas e meticulosamente organizadas. Todos os prédios são feitos de pedras perfeitamente lapidadas e todas elas parecem ter sido feitas para ela. As ruas da cidade estendem-se a perder de vista, dando a impressão de que a cidade continua além do horizonte. O que o deixa ainda mais

surpreso são os canais e as hidrovias que cortam a cidade, interligando as ruas em arcos e círculos e agindo como um conduto, o óleo que faz aquela cidade brilhar. Essas hidrovias estão repletas de embarcações douradas ornamentadas, abrindo caminho gentilmente ao longo das águas à medida que elas atravessam a cidade.

Volússia é uma cidade repleta de luz e dominada pelo constante barulho das ondas, pois o formato de ferradura da cidade faz com que as ondas arrebatem contra seu muro de proteção dourado. O brilho do oceano, somado aos raios dos dois sóis e ao sempre presente ouro faz com que Volússia tenha um brilho ofuscante. Emoldurando tudo isso, na entrada do porto, há dois enormes pilares que se estendem até o céu, bastiões da força.

Godfrey percebe que aquela cidade tinha sido construída para intimidar e para exalar riqueza,

fazendo muito bem o seu papel. Volússia é uma cidade que demonstra avanços e civilidade, e caso

Godfrey não conhecesse a crueldade de seus habitantes, aquela teria sido uma cidade onde ele ficaria feliz em viver. O lugar é muito diferente de tudo que o Anel tem para oferecer. As cidades do Anel são construídas para fortalecer, proteger e defender. Elas são humildes e discretas, assim como o seu povo. Aquelas cidades do Império, por outro lado, são abertas, destemidas e construídas para

projetar riqueza. Godfrey percebe que aquilo faz sentido: afinal de contas, as cidades do Império não têm ninguém a quem temer.

Godfrey ouve um tumulto adiante e, ao percorrerem uma passagem estreita e fazerem uma curva,

de repente uma grande praça se abre diante deles e, atrás dela, ele vê o porto. Aquela é uma ampla praça pavimentada com pedras, um ponto central da cidade onde dúzias de ruas se encontram vindas

de várias direções. Tudo isso pode ser visto em partes através de um arco a vinte metros de distância deles. Godfrey sabe que quando o comboio tiver passado pelo arco, eles estarão em um lugar aberto e expostos com os demais. Eles não terão mais como escapar.

Godfrey fica ainda mais preocupado ao ver escravos aproximando-se de todas as direções e sendo trazidos por capatazes, escravos de todas as raças, vindos de todos os cantos do Império,

todos acorrentados e sendo levados até uma plataforma próxima ao mar. Os escravos ficam em cima

da plataforma enquanto os cidadãos ricos do Império os analisam e fazem suas ofertas. Aquilo

parece ser um leilão.

Godfrey ouve aplausos e observa quando um nobre do Império examina a mandíbula de um

escravo de pele branca com cabelos castanhos compridos. O nobre assente com satisfação, um

capataz se aproxima e prende o escravo, concluindo a transação comercial. O capataz agarra o

escravo pela parte de trás da camisa e o empurra para fora da plataforma de cara no chão. O homem cai com força no chão da praça e a multidão aplaude satisfeita ao mesmo tempo em que vários

soldados se aproximam para levá-lo embora.

Outro grupo de escravos emerge de outro canto da cidade e Godfrey observa quando um escravo

é empurrado para a frente, o maior escravo do grupo, trinta centímetros mais alto, mais forte e mais saudável do que os outros. Um soldado do Império ergue seu machado e o escravo tenta se proteger.

Mas o capataz corta as correntes e o som de metal atravessa a praça.

O escravo encara o capataz com uma expressão confusa.

"Estou livre?" ele pergunta.

Naquele momento vários soldados correm até ele, seguram o escravo pelo braço e o arrastam até a base da estátua dourada próxima ao porto, outra estátua de Volúsia cujo dedo está apontando para o mar enquanto as ondas arrebatam aos seus pés.

A multidão se aproxima quando os soldados seguram o homem no lugar, empurrando seu rosto contra os pés da estátua.

"NÃO!" o homem grita.

O soldado do Império dá um passo adiante, volta a erguer seu machado e, desta vez, corta a cabeça do escravo.

A multidão grita de alegria e todos caem de joelhos e se curvam, saudando a estátua à medida que o sangue escorre pelos seus pés.

"Um sacrifício para a nossa grande deusa!" o soldado grita. "Oferecemos-lhe o primeiro e mais vistoso dos nossos frutos!"

A multidão volta a aplaudir.

"Eu não sei quanto a você," Merek sussurra urgentemente no ouvido de Godfrey, "mas não estou disposto a ser sacrificado aos pés de uma estátua. Não hoje."

Outro barulho de chicote corta o ar e Godfrey pode ver a entrada aproximando-se diante deles.

Seu coração bate acelerado enquanto ele considera aquelas palavras e Godfrey sabe que Merek tem razão. Ele sabe que precisa agir rápido.

Godfrey se vira ao perceber um movimento repentino. Pelo canto do olho ele vê cinco homens vestindo mantos e capuzes vermelhos e caminhando rapidamente pela rua, indo na direção oposta. Ele nota que os homens têm a pele branca e mãos e rostos pálidos, vê que eles são menores que os soldados brutos da raça do Império e sabe imediatamente quem eles são: Finianos. Uma das grandes habilidades de Godfrey é memorizar histórias mesmo estando bêbado; ele tinha ouvido

cuidadosamente ao longo da última lua enquanto o povo de Sandara havia contado histórias de

Volúsia em torno de uma fogueira. Ele tinha ouvido suas descrições da cidade, de sua história, de todas as raças que eles haviam escravizado e da única raça que ainda permanece livre: os Finianos.

A única exceção à regra. Eles tinham recebido permissão para viverem em liberdade, geração após

geração, pois são ricos demais para matar, têm muitas conexões, são muito capazes de se tornarem indispensáveis e de negociarem trocas de favores. Godfrey tinha sido informado de que eles são facilmente detectáveis pela pele pálida demais, pelos mantos vermelhos e cabelos ruivos.

Godfrey tem uma ideia. É agora ou nunca.

"VAMOS!" ele fala para seus companheiros.

Godfrey se vira e parte para a ação, correndo para longe do comboio sob os olhares espantados dos escravos acorrentados. Os outros, ele fica aliviado ao ver, o seguem de perto.

Godfrey e seus companheiros são retardados pelos pesados sacos de ouro que estão amarrados em suas cinturas. Adiante, ele vê os cinco Finianos entrando em um beco estreito; ele corre na direção deles e torce para conseguir alcançá-los sem ser detectado pelos soldados do Império. Com o coração aos pulos, Godfrey chega ao beco e, sem pensar, salta sobre o grupo ao ver os Finianos parados diante dele.

Ele consegue derrubar dois homens no chão, sentindo uma dor aguda nas costelas ao bater no chão de pedras e sair rolando com eles. Ele olha para cima e vê Merek, seguindo o seu exemplo, derrubar outro Finiano; Akorth pula e imobiliza um dos homens e Fulton tenta derrubar o outro.

Godfrey fica irritado ao perceber que Fulton erra o salto e cai no chão, gemendo de dor.

Godfrey havia derrubado um dos homens e ainda está imobilizando outro, mas entra em pânico ao ver o menor deles correndo e prestes a sair do beco. Ele olha para cima e vê quando Ario dá um passo adiante, pega uma pedra e, calmamente, estica o braço e a arremessa.

É um golpe perfeito que acerta a têmpora do Finiano quando ele está prestes a sair do beco, nocauteando-o. Ario corre até ele, pega o seu manto e começa a vesti-lo, percebendo os planos de Godfrey.

Godfrey, ainda lutando com o outro Finiano, finalmente estica o braço e dá uma cotovelada no rosto do homem, nocauteando-o também. Akorth finalmente segura a cabeça do Finiano e bate ela contra o chão de pedra duas vezes. Merek estrangula a sua vítima o bastante para deixá-lo inconsciente e Godfrey olha para Merek a tempo de vê-lo segurando uma adaga contra o pescoço de

seu Finiano.

Godfrey está prestes a gritar para que Merek pare quando uma voz corta o ar, lendo seus pensamentos.

"Não!" ordena a voz severa.

Godfrey olha para cima e vê Ario em pé em cima de Merek, olhando para baixo com uma careta.

"Não o mate!" ordena Ario.

Merek também faz uma careta.

"Homens mortos não falam," Merek diz. "Se eu o soltar, todos nós morreremos."

"Eu não me importo," responde Ario, "ele não fez mal algum para você. Ele não deve morrer."

Merek, desafiador, se levanta lentamente e encara Ario. Ele se aproxima dele.

"Você tem metade do meu tamanho, garoto," dispara Merek, "e eu tenho uma adaga. Não me provoque."

"Eu posso ter metade do seu tamanho," Ario responde calmamente, "mas sou duas vezes mais rápido. Aproxime-se de mim e eu arrancarei essa adaga de suas mãos e cortarei o seu pescoço antes que você possa terminar o seu golpe."

Godfrey se espanta com aquele diálogo, principalmente por que Ario é geralmente tão calmo.

Tudo aquilo é surreal. Ele não pisca ou movimenta qualquer músculo e fala como se estivesse tendo a conversa mais calma de sua vida. E isso torna suas palavras ainda mais convincentes.

Merek também deve ter percebido isso, pois ele não se move. Godfrey sabe que precisa intervir o mais rápido possível.

"Nosso inimigo não está aqui," Godfrey fala, aproximando-se e abaixando o braço de Merek.

"Ele está lá fora. Se começarmos a nos enfrentar, não teremos qualquer chance contra eles."

Por sorte, Merek permite que seu braço seja abaixado e decide guardar sua adaga.

"Vamos logo," continua Godfrey. "Todos vocês. Peguem e vistam as roupas deles. Somos Finianos agora."

Eles tiram as roupas dos Finianos e vestem os mantos e capuzes vermelhos.

"Isso é ridículo," comenta Akorth.

Godfrey o examina e vê que sua barriga é grande demais e que ele é muito alto; o manto é curto e

está expondo os tornozelos deles.

Merek dá uma risadinha.

"Você deveria ter bebido menos," ele fala.

"Eu não vou vestir isso!" Akorth diz.

"Isso aqui não é um desfile de modas," Godfrey responde. "Você prefere ser descoberto?"

Akorth concorda com má vontade.

Godfrey fica parado por um instante e olha para o seu grupo, vestindo aqueles mantos vermelhos, no meio daquela cidade hostil, cercado por forças inimigas. Ele sabe que suas chances são poucas na melhor das hipóteses.

"E agora?" pergunta Akorth.

Godfrey se vira e olha para a saída do beco, de volta para a cidade. Ele sabe que a hora havia chegado.

"Vamos ver qual é a onda da tal Volúsia."

CAPÍTULO CINCO

Thor fica na proa do pequeno barco e Reece, Selese, Elden, Indra, Matus e O'Connor se sentam atrás dele sem remar, sabendo que com aquele vento misterioso qualquer esforço será inútil. Thor

sabe que vento os levará para onde ele quiser e nenhum remo fará qualquer diferença. Thor olha para trás por cima do ombro, vê os enormes penhascos pretos que marcam a entrada para a Terra dos

Mortos desaparecendo atrás e se sente aliviado. É hora de olhar para a frente, hora de encontrar

Guwayne para começar um novo capítulo em sua vida.

Thor olha para trás e vê Selese sentada no barco segurando a mão de Reece; ele tem que admitir

aquilo o deixa abalado. Thor fica emocionado ao vê-la de volta à terra dos vivos novamente e

emocionado ao ver seu melhor amigo tão exultante. Mas ele também tem que admitir que aquilo lhe

causa uma sensação estranha. Ali está Selese, que havia morrido, agora trazida de volta à vida. Ele sente como se ele e seus amigos tivessem de alguma forma mudado a ordem natural das coisas. À

medida que ele a examina, Thor notou que ela tem uma pele translúcida, uma qualidade etérea, e

mesmo que ela esteja realmente ali, em carne e osso, ele não pode consegue deixar de vê-la como

uma pessoa morta. Ele não consegue deixar de se perguntar se ela realmente está de volta e quanto tempo ela ficará ali antes de voltar para a Terra dos Mortos.

Reece, por outro lado, claramente não vê as coisas dessa forma. Ele está totalmente apaixonado por ela e Thor vê seu amigo feliz pela primeira em muito tempo. Thor consegue entender: afinal, quem não gostaria de uma chance de corrigir seus erros, de reparar os erros do passado, de rever alguém que já se foi? Reece aperta a mão dela, olhando em seus olhos, e ela acaricia o seu rosto quando ele a beija.

Thor percebe que os outros parecem perdidos, como se tivessem ido para as profundezas do inferno, um lugar que não conseguem facilmente apagar de suas mentes. Os efeitos demoram a passar e Thor também pode senti-los causando flashbacks em sua mente. Uma aura de melancolia toma conta do barco à medida que todos eles lamentam a perda de Conven. Thor, especialmente, continua revirando sua mente e pensando se há alguma coisa que ele poderia ter feito para impedi-lo. Ele olha para o mar, observando o horizonte cinza e o oceano sem limites, e se pergunta como Conven pode ter tomado a decisão que havia tomado. Ele entende a profunda tristeza de Conven pela perda de seu irmão, mas Thor nunca teria tomado aquela decisão. Thor percebe que ele está sofrendo pela perda de Conven, cuja presença sempre tinha sido sentida, que sempre havia estado ao seu lado desde seus primeiros dias na Legião. Thor se lembra de tê-lo visitado na prisão, de tê-lo convencido a dar uma segunda chance para a vida; ele se lembra de todas as suas tentativas para animá-lo, para tirá-lo daquela situação e trazê-lo de volta à vida.

No entanto, Thor percebe, não importa o que ele tenha feito, ele nunca havia conseguido trazer Conven completamente de volta. A melhor parte de Conven sempre tinha sido o seu irmão. Thor se lembra do olhar no rosto de Conven ao ser deixado para trás. Aquele não tinha sido um olhar de arrependimento; o olhar de Conven tinha sido um olhar de pura alegria. Thor sente que ele está feliz e sabe que não deve ficar muito triste. Conven tinha tomado a sua própria decisão e isso é mais do que a maioria das pessoas neste mundo é capaz de fazer. E depois de tudo, Thor sabe que eles se encontrarão novamente. Na verdade, talvez Conven seja o único que estará esperando para cumprimentá-lo quando sua hora finalmente chegar. A morte, Thor sabe, está chegando para todos eles. Talvez não hoje ou amanhã. Mas um dia.

Thor tenta sacudir aqueles pensamentos sombrios; ele olha para longe e se força a se concentrar no oceano, vasculhando as águas em todas as direções enquanto procura por qualquer sinal de

Guwayne. Ele sabe que é provavelmente inútil procurá-lo ali, no mar aberto, mas ainda assim, Thor é tomado por um otimismo recém-descoberto. Ele sabe, ao menos, que Guwayne está vivo e isso é tudo que ele precisa. Ele fará o que for preciso para encontrá-lo novamente.

"Onde você acha que esta corrente está nos levando?" pergunta O'Connor, inclinando-se sobre a borda do barco e deslizando as pontas dos dedos na água.

Thor estende a mão e também toca a água quente; a água passa rápido por eles, como se o oceano não pudesse esperar para levá-los onde quer que eles estivessem indo.

"Desde que seja longe daqui, eu não me importo," diz Elden, olhando assustado por cima do ombro na direção dos penhascos.

Thor ouve um barulho estridente acima deles e, ao olhar para cima, fica emocionado ao ver sua velha amiga Estófeles voando no céu acima deles. Ela mergulha no ar acima deles e, em seguida, volta para o ar. Thor tem a sensação de que ela está tentando guiá-los, incentivando-os a segui-la.

"Estófeles, minha amiga," Thor sussurra para o céu. "Seja os nossos olhos e leve-nos até Guwayne."

Estófeles grita de novo, dando sua resposta, e abre suas grandes asas. Ela se vira e voa para o horizonte, na mesma direção em que a corrente os está levando, e Thor tem certeza de que eles estão se aproximando.

Quando Thor se vira, ele ouve um barulho suave ao seu lado e, ao olhar para baixo, vê a Espada da Morte pendurada em sua cintura; é chocante vê-la ali. Aquilo faz sua viagem para a Terra dos Mortos parecer mais real do que nunca. Thor estende a mão, sente o punho de marfim da espada, decorado com crânios e ossos, e fecha a mão em torno dela, sentindo a sua energia. Sua lâmina é incrustada com pequenos diamantes negros e quando ele ergue a espada para examiná-la melhor, Thor os vê brilhando sob a luz.

Ao empunhar aquela espada, Thor tem a sensação de que está cumprindo o seu destino. Ele não se sente assim com uma arma desde que havia empunhado a Espada do Destino. A Espada da Morte

significa mais para ele do que ele é capaz de dizer; afinal, ele tinha conseguido escapar daquele mundo e a espada também; Thor sente que ambos são sobreviventes de uma guerra terrível. Eles

havia passado juntos por tudo aquilo. Entrar na Terra dos Mortos e poder sair de lá tinha sido como caminhar através de uma teia de aranha gigante e se livrar dela. Thor sabe que eles agora estão

livres, mas de alguma forma ele sente que a teia ainda se adere a ele. Pelo menos ele tinha conseguido ficar com a espada.

Thor reflete sobre a sua saída, sobre o preço que ele tinha pagado e sobre os demônios que ele havia involuntariamente libertado. Ele sente um buraco no estômago, sendo tomado pela sensação de que havia libertado uma força obscura que não será tão facilmente contida. Ele sente que tinha lançado algo, como um bumerangue, que um dia, de alguma forma, voltará para ele. Talvez isso aconteça antes do que ele espera.

Thor segura o punho da espada, preparado. Aconteça o que acontecer, ele pretende enfrentar o que for preciso em uma batalha e matar o que surgir em seu caminho.

Mas o que ele realmente teme são as coisas que ele não consegue ver, a devastação invisível que os demônios podem causar. O que ele mais teme são os espíritos desconhecidos, os espíritos que atuam com discrição.

Thor ouve passos, sente seu pequeno barco balançar e, ao se virar, vê Matus em pé ao lado dele. Matus fica parado com uma expressão triste em seu rosto, olhando para o horizonte com Thor. É um dia escuro e cinzento e enquanto eles olham para longe é difícil dizer se é manhã ou tarde, pois o céu está uniforme, como se aquela parte do mundo estivesse de luto.

Thor pensa na rapidez com que Matus havia se tornado um dos seus amigos mais próximos.

Agora, com Reece fixado em Selese, Thor sente o distanciamento de seu amigo e a proximidade de Matus com mais intensidade. Thor se lembra de como Matus havia salvado sua vida mais de uma vez lá em baixo e se sente ainda mais leal a ele, como se ele sempre tivesse sido um dos seus próprios irmãos.

"Esta embarcação," Matus diz suavemente, "não foi feita para o mar aberto. Se enfrentarmos uma boa tempestade, todos seremos mortos. Esse é apenas um bote do navio de Gwendolyn, ele não foi feito para cruzar os mares. Temos que encontrar um barco maior."

"E a terra firme," O'Connor entra na conversa, aproximando-se de Thor pelo outro lado, "e provisões."

"E um mapa," Elden interrompe.

"Qual é o nosso destino, afinal?" Indra pergunta. "Onde estamos indo? Você tem alguma ideia de onde seu filho pode estar?"

Thor examina o horizonte, como já tinha feito mil vezes, e reflete sobre todas aquelas

perguntas. Ele sabe que eles estão certos e está se fazendo aquelas mesmas perguntas. Um vasto mar está diante deles e eles estão uma pequena embarcação, sem provisões. Eles estão vivos e ele se

sente grato por isso, mas a sua situação é precária.

Thor balança a cabeça lentamente. Enquanto ele fica ali, perdido em seus pensamentos, ele

começa a detectar algo no horizonte. À medida que seu barco se aproxima, ele começa a enxergar melhor e tem certeza de que está realmente vendo alguma coisa e que não são seus olhos pregando uma peça nele. Seu coração bate acelerado de excitação.

O sol sai de trás das nuvens e um raio de sol ilumina uma pequena ilha no horizonte. É um pequeno monte de terra no meio de um vasto oceano, sem nada mais ao redor dele.

Thor pisca, perguntando-se se aquilo é real.

"O que é aquilo?" Matus faz a pergunta que está na mente de todos eles, que ficam em pé olhando para o horizonte.

Quando eles chegam mais perto, Thor vê uma névoa em torno da ilha, brilhando sob a luz, e sente uma energia mágica naquele lugar. Ele olha para cima e vê que aquele é um lugar austero, repleto de falésias com dezenas de metros de altura, uma ilha estreita, íngreme e implacável, com ondas arrebatando nas rochas que a cercam, emergindo do mar como animais antigos. Thor sente, com cada centímetro de seu ser, que é para lá que eles devem ir.

"Aquela é uma subida íngreme," diz O'Connor. "Se é que seremos capazes de escalar aquilo."

"E nós não sabemos o que nos aguardo no topo," acrescenta Elden. "Pode ser algo hostil. Não temos qualquer arma, com exceção de sua espada. Não podemos ter uma batalha aqui."

Mas Thor observa o lugar e pensa, sentindo algo forte ali. Ele olha para o alto, vê Estófeles circulando a ilha e tem ainda mais certeza de que aquele é o lugar.

"Nenhum lugar deve ser ignorado em nossa busca por Guwayne," Thor fala. "Nenhum lugar é muito remoto. Esta ilha será a nossa primeira parada," ele diz. Thor aperta ainda mais as mãos em torno de sua espada. "Hostil ou não."

CAPÍTULO SEIS

Alistair se vê em pé em uma paisagem estranha que ela não reconhece. O lugar é uma espécie de

deserto e quando ela olha para baixo o chão se transforma, mudando de preto para vermelho, secando e rachando sob os seus pés. Ela olha para cima e, ao longe, avista Gwendolyn diante de um exército desorganizado, com apenas algumas dezenas de homens, membros da Prata que Alistair um dia havia conhecido, com os rostos sangrentos e as armaduras rachadas. Nos braços de Gwendolyn há um pequeno bebê e Alistair sente que aquele é seu sobrinho, Guwayne.

"Gwendolyn!" Alistair grita, aliviada ao vê-la. "Minha irmã!"

Mas enquanto Alistair observa, ela de repente ouve um som horrível, o som de um milhão de asas batendo cada vez mais alto, seguido por um grande grasnar. O horizonte escurece e um bando de corvos surge no céu, voando em sua direção.

Alistair assiste com horror à medida que os corvos se aproximam, descem como uma parede negra e arrancam Guwayne dos braços de Gwendolyn. Corvejando, eles o levam embora.

"NÃO!" Gwendolyn grita, estendendo a mão para o céu ao mesmo tempo em que eles a atacam.

Alistair assiste impotente, sem poder fazer nada exceto assistir enquanto os corvos levam embora o bebê que chora. O chão trincado do deserto seca ainda mais e começa a rachar até que, um por um, todos os homens de Gwen desabam para dentro dele.

Apenas Gwendolyn permanece ali parada, olhando para ela com uma expressão de assombro que

Alistair gostaria de nunca ter visto.

Alistair pisca e se vê em pé a bordo de um grande navio, navegando em um oceano com ondas

que arrebatam ao seu redor. Ela olha ao seu redor e vê que ela é a única pessoa a bordo do navio; ao olhar para a frente ela vê outro navio diante dela. Erec está em pé na proa, de frente para ela, acompanhado por centenas de soldados das Ilhas do Sul. Ela fica angustiada ao vê-lo em outro navio, navegando para longe dela.

"Erec!" ela grita.

Ele olha para trás e estende o braço na direção dela.

"Alistair!" ele grita. "Volte para mim!"

Alistair assiste com horror à medida que os navios se afastam ainda mais e o navio de Erec é levado para longe dela pelas marés. O navio dele começa a girar na água, girando cada vez mais rápido ao mesmo tempo em que Erec estende a mão para ela; Alistair não pode fazer nada exceto

assistir enquanto seu navio é sugado para baixo por um redemoinho, girando cada vez mais até desaparecer por completo.

"EREC!" Alistair exclama.

Ela ouve outro gemido igual ao seu e, ao olhar para baixo, Alistair vê que está segurando um bebê, o filho de Erec. O bebê é um menino e seu choro abafa o barulho do vento, da chuva e dos gritos dos homens.

Alistair acorda gritando. Ela se senta na cama e olha ao seu redor, se perguntando onde ela está e o que havia acontecido. Respirando com dificuldade, ela lentamente se acalma e, após vários instantes, ela percebe que tudo aquilo tinha sido apenas um sonho.

Ela se levanta e, ao ouvir o chão rangendo sob seus pés, Alistair se lembra de que ainda está no navio. As lembranças surgem em sua mente: sua partida das Ilhas do Sul e sua missão para libertar Gwendolyn.

"Minha senhora?" diz uma voz suave.

Alistair olha para trás e vê Erec em pé ao seu lado, olhando para ela com uma expressão preocupada no rosto. Ela fica aliviada ao vê-lo.

"Outro pesadelo?" ele pergunta.

Ela assente sutilmente e desvia o olhar, sentindo-se envergonhada.

"Os sonhos são mais vívidos no mar," afirma outra voz.

Alistair se vira e vê o irmão de Erec, Strom, que está por perto. Então ela vê centenas dos habitantes das Ilhas do Sul a bordo do navio e se lembra de tudo. Alistair se recorda de ter deixado Dauphine para trás, no comando das Ilhas do Sul ao lado da mãe de Erec. A partir do momento em que haviam recebido aquela mensagem, eles haviam se preparado para zarpar rumo ao Império para procurar Gwendolyn e todos os outros sobreviventes do Anel, sentindo que é seu dever sagrado salvá-los. Eles sabem que aquela é praticamente uma missão impossível, mas nenhum deles se importa. Esse é o seu dever.

Alistair esfrega os olhos e tenta sacudir os pesadelos de sua mente. Ela não sabe há quantos dias eles estão navegando naquele mar sem fim e quando ela olha para longe, estudando o horizonte, ela não consegue ver muita coisa. Tudo esta encoberto pelo intenso nevoeiro.

"Essa neblina está nos seguindo desde as Ilhas do Sul," diz Erec, observando o olhar dela.

"Vamos torcer para que isso não seja um presságio," acrescenta Strom.

Alistair acaricia suavemente a barriga, assegurando-se de que está tudo bem, de que seu bebê

está bem. Seu sonho tinha parecido muito real. Ela faz isso de forma rápida e discreta, sem querer que Erec perceba. Ela ainda não havia lhe contado nada. Uma parte dela quer dizer-lhe logo, mas

outra parte dela prefere esperar pelo momento certo, quando tudo parecer perfeito.

Ela segura a mão de Erec, aliviada ao vê-lo vivo.

"Estou feliz que você esteja bem," ela fala.

Ele sorri para ela, puxando-a para perto para beijá-la.

"E por que não eu estaria?" ele pergunta. "Seus sonhos são apenas fantasias noturnas. Para cada pesadelo, há também um homem que está perfeitamente bem. Eu estou tão seguro aqui, com você, meu

irmão leal e meus homens, quanto eu poderia sonhar estar."

"Até chegarmos ao Império, pelo menos," Strom acrescenta com um sorriso. "Então estaremos tão segura quanto possível, considerando que seremos uma pequena frota contra dez mil navios." Strom sorri ao dizer aquilo, parecendo antecipar com prazer a luta por vir.

Erec dá de ombros com uma expressão séria no rosto.

"Com os deuses apoiando a nossa causa," ele diz, "não podemos perder. Quaisquer que sejam as chances."

Alistair se afasta e franze a testa, tentando compreender tudo aquilo.

"Eu vi você sendo sugado para o fundo do mar com o seu navio. Eu vi você a bordo do navio,"

ela explica. Ela quer acrescentar a parte sobre o filho deles, mas ela se contém.

"Os sonhos não são sempre o que parecem ser," ele responde. No entanto, no fundo dos olhos dele, ela vê um lampejo de preocupação. Erec sabe que ela consegue ver as coisas e ele respeita as suas visões.

Alistair respira fundo, olha para a água do mar e sabe que ele está certo. Afinal, eles estão todos ali, estão todos bem. Ainda assim, seu sonho tinha sido muito real.

Enquanto e fica ali, Alistair se sente tentada a levar a mão até sua barriga para acariciá-la mais uma vez e sentir a criança que está crescendo dentro dela. No entanto, com Erec e Strom por perto, ela não pode dar bandeira.

Um alarme suave atravessa o ar, tocando de forma intermitente para alertar os outros navios em sua frota de sua presença no nevoeiro.

"Esse alarme pode entregar nossa posição," Strom fala para Erec.

"Para quem?" Erec pergunta.

"Não sabemos o que se esconde por trás da névoa," responde Strom.

Erec balança a cabeça.

"Pode ser," ele responde, "mas o maior perigo agora não é o nosso inimigo, mas nós mesmos. Podemos colidir contra um dos nossos próprios navios e destruir a nossa frota. Nós

teremos que soar os alarmes até o nevoeiro se dissipar. Todos os nossos navios podem se comunicar dessa maneira e, além disso, não se afastarão demais um do outro."

No meio do nevoeiro, outro alarme soa a partir de outro navio da frota da Erec, confirmando a sua localização.

Alistair olha para a neblina e começa a pensar. Ela sabe que eles terão que ir muito longe, que eles estão do outro lado do mundo em relação ao Império, e começa a se perguntar como eles conseguirão chegar até Gwendolyn e seu irmão a tempo. Ela pensa em quanto tempo os falcões tinham levado para entregar aquela mensagem e se pergunta se eles ainda estão vivos. Ela também se pergunta o que havia acontecido com o seu amado Anel. Que maneira terrível de morrer, ela pensa, em uma terra estrangeira, longe de sua terra natal.

"O Império fica do outro lado do mundo, meu senhor," Alistair fala para Erec. "Essa será uma longa viagem. Por que você fica aqui no convés? Por que você não desce e dorme um pouco? Você não dorme há dias," ela fala, observando as olheiras sob os olhos dele.

Erec balança a cabeça.

"Um comandante nunca dorme," ele responde. "E, além disso, estamos quase chegando ao nosso destino."

"Nosso destino?" ela pergunta intrigada.

Erec assente e olha para a névoa.

Ela segue a direção de seu olhar, mas não vê nada.

"A Ilha de Boulder," ele explica. "Essa será a nossa primeira parada."

"Mas por quê?" ela pergunta. "Por que parar antes de chegar ao Império?"

"Precisamos de uma frota maior," Strom entra na conversa, respondendo por ele. "Não podemos enfrentar o Império apenas com algumas dezenas de navios."

"E você vai encontrar esta frota na Ilha de Boulder?" pergunta Alistair.

Erec assente. "É possível," ele diz. "A Ilha de Boulder tem navios e homens - mais do que nós. Eles desprezam o Império e já ajudaram o meu pai no passado."

"Mas por que eles irão ajudá-lo agora?" ela pergunta com curiosidade. "Quem são esses homens?"

"Mercenários," responde Strom. "Homens rudes forjados por uma ilha difícil cercada por mares agitados. Eles lutam por aquele que der o maior lance."

"Piratas," diz Alistair em tom de desaprovação, percebendo quem são os habitantes daquela ilha.

"Não exatamente," explica Strom. "Piratas vivem pela recompensa. Os habitantes da Ilha de Boulder vivem para matar."

Alistair olha para Erec e percebe pela expressão em seu rosto que o que Strom diz é verdade.

"É nobre lutar por uma causa verdadeira e justa com a ajuda de piratas?" ela

pergunta. "Mercenários?"

"É nobre ganhar uma guerra," Erec responde, "e lutar por uma causa justa como a nossa. Os meios de travar tal guerra nem sempre são tão nobres quanto gostaríamos."

"Não é nobre morrer," acrescenta Strom. "E quem decide o que é nobre geralmente são os vencedores, não os perdedores."

Alistair franze a testa e Erec se vira para ela. "Nem todo mundo é tão nobre quanto você, minha senhora," ele fala. "Ou como eu. Essa não é a maneira como o mundo funciona. Essa não é a maneira como as guerras são vencidas."

"E podemos confiar nesses homens?" ela pergunta.

Erec suspira e olha para o horizonte com as mãos nos quadris, se perguntando a mesma coisa.

"Nosso pai confiava neles," ele finalmente diz. "E seu pai antes dele. Os homens da Ilha de Boulder nunca falharam com eles."

"E isso significa que eles não nos trairão agora?" ela pergunta.

Erec analisa o horizonte e, ao fazer isso, de repente o nevoeiro se dissipa e o sol aparece por trás das nuvens. A vista muda drasticamente e o coração de Alistair começa a bater acelerado quando ela avista terra firme ao longe. No horizonte distante, há uma ilha formada por penhascos íngremes onde parece não haver lugar para desembarque, nenhuma praia e nenhuma entrada. Então Alistair olha para cima e vê um arco, uma porta aberta na própria montanha; é uma entrada grande e imponente,

guardada por uma ponte levadiça de ferro, uma parede de rocha sólida com uma porta no

meio. Aquilo é diferente de tudo que Alistair já tinha visto.

Erec olha para o horizonte, observando a porta iluminada pelos raios de sol, e tem a impressão de que aquela é a entrada para outro mundo.

"A confiança, minha senhora," ele finalmente responde, "nasce da necessidade - e é uma coisa muito precária atualmente."

CAPÍTULO SETE

Darius fica em pé no meio do campo de batalhas segurando uma espada feita de aço e olha ao seu redor, absorvendo a cena. Tudo aquilo lhe parece surreal. Mesmo ao ver a cena com seus próprios olhos, ele não consegue acreditar no que tinha acabado de acontecer. Eles haviam derrotado o Império. Ele e algumas centenas de aldeões, sem qualquer tipo de arma de verdade - com a ajuda de algumas centenas dos homens de Gwendolyn - haviam derrotado aquele exército profissional de centenas de soldados do Império. Eles tinham armaduras e armas da melhor qualidade e também a ajuda de zertas. E ele, Darius, praticamente desarmado, havia liderado a batalha e desarmado todos eles - a primeira vitória contra o Império em toda a história do reino.

Ali, naquele lugar, onde ele havia esperado morrer defendendo a honra de Loti, ele ainda resiste, vitorioso.

Um conquistador.

Enquanto avalia o campo de batalhas, Darius vê os corpos de dezenas de aldeões misturados aos corpos dos soldados do Império - dezenas de mortos - e a tristeza se mistura à sua alegria. Ele flexiona seus músculos e percebe a presença de novos ferimentos, cortes de espada em seus bíceps e em suas coxas, sentindo novamente a dor da ferida em suas costas. Ele pensa na retaliação que certamente virá e sabe que aquela vitória terá um preço.

Mas por outro lado, ele pensa, toda liberdade tem um preço.

Darius sente um movimento e ao se virar vê seus amigos Raj e Desmond se aproximando; eles estão feridos, mas Darius fica aliviado ao ver que estão vivos. Ele pode ver em seus olhos que Raj e Desmond olham para ele de modo diferente - que todo o seu povo agora olha para ele de maneira diferente. Eles olham para ele com respeito e algo mais - admiração. Como uma lenda viva. Todos tinham visto o que ele havia feito, enfrentando o Império sozinho. E derrotando todos eles.

Eles não o veem mais como um garoto. Eles agora olham para Darius como um líder. Como um

guerreiro. Aquele é um olhar que ele nunca havia esperado ver nos olhos daqueles garotos mais velhos, ou nos olhos dos aldeões. Ele sempre tinha sido ignorado, o garoto de quem eles não haviam tido muitas expectativas.

Aproximando-se dele ao lado de Raj e de Desmond estão dezenas de seus irmãos de armas, garotos com quem Darius havia treinado e duelado dia após dia, um grupo de quase cinquenta meninos que sacodem a poeira e se reúnem em torno dele. Eles olham com admiração e espanto para Darius, que está em pé no meio do campo de batalhas com sua espada de aço na mão e coberto de ferimentos. Eles também demonstram esperança.

Raj dá um passo adiante e o abraça, sendo seguido por cada um dos garotos.

"O que você fez foi imprudente," diz Raj com um sorriso. "Eu não achei que você fosse capaz disso."

"Eu tinha certeza de que você fosse se render," Desmond fala.

"Mal posso acreditar que estamos todos vivos," completa Luzi.

Eles olham ao seu redor com espanto, avaliando a cena como se tivessem acabado de chegar a um planeta estranho. Darius observa todos os corpos e olha para aquelas armaduras e armas de qualidade brilhando sob o sol; ele ouve o som de pássaros e vê abutres circulando o céu acima deles.

"Recolham essas armas," Darius se ouve dizendo, tomando a liderança. É uma voz forte, mais profunda do que ele já tinha usado antes e carrega um tom de autoridade que ele ainda não tinha reconhecido em si mesmo. "E enterrem os nossos mortos."

Seus homens ouvem e se separam, indo de soldado e soldado e recolhendo o que podem; eles escolhem as melhores armas: alguns pegam espadas, outros preferem maças, manguais, punhais,

machados e martelos de guerra. Darius segura a espada que havia pegado do comandante e a admira sob a luz do sol. Ele aprecia o peso da arma, seu punho elaborado e a lâmina afiada da arma. Aço de verdade. Algo que ele havia acreditado que nunca teria a chance de segurar em toda a sua vida.

Darius pretende usá-la com frequência, matando quantos soldados do Império for possível.

"Darius!" grita uma voz que ele conhece bem.

Ele se vira e vê Loti atravessar a multidão com lágrimas nos olhos e correr na direção dele. Ela se aproxima e lágrimas quentes escorrem pelo pescoço de Darius à medida que ela o abraça.

Darius retribui o gesto e eles permanecem juntos por um longo tempo.

"Nunca me esquecerei," ela diz entre lágrimas, chegando mais perto para sussurrar em seu ouvido. "Nunca me esquecerei do que você fez hoje."

Ela o beija, rindo e chorando ao mesmo tempo. Darius está muito feliz por vê-la viva, por tê-la em seus braços e por saber que aquele pesadelo, pelo menos momentaneamente, havia terminado. Feliz em saber que o Império não poderá mais fazer qualquer mal a ela. Enquanto ele a segura em seus braços, Darius sabe que faria tudo de novo por ela.

"Irmão," diz uma voz.

Darius olha para o lado e fica feliz ao ver sua irmã, Sandara, dar um passo adiante acompanhada de Gwendolyn e do homem que Sandara ama, Kendrick. Darius percebe que o braço de Kendrick está sangrando e, ao ver que há marcas recentes em sua armadura e em sua espada, é imediatamente tomado por uma onda de gratidão. Ele sabe que se não tivesse sido por Gwendolyn, Kendrick e seu exército, ele e seu povo certamente teriam morrido no campo de batalhas naquele dia.

Loti se afasta quando Sandara se aproxima para abraçá-lo e Darius retribui o gesto.

"Eu estou em dívida com vocês," fala Darius, dirigindo-se ao grupo. "Eu e todo o meu povo.

Vocês voltaram para nos ajudar quando não precisavam ter feito isso. São verdadeiros guerreiros."

Kendrick se adianta e coloca uma mão no ombro de Darius.

"É você o verdadeiro guerreiro, meu amigo. Você exibiu muita coragem no campo de batalhas hoje. Deus recompensou sua coragem com esta vitória."

Gwendolyn se aproxima e Darius faz uma saudação para ela.

"A justiça triunfou sobre a maldade e sobre a brutalidade," ela declara. "Fico extremamente feliz, por muitas razões, em testemunhar a sua vitória e por ter tido a oportunidade de participar dessa luta.

Sei que meu marido Thorgrin sentiria o mesmo."

"Obrigado, minha senhora," ele responde emocionado. "Ouvi falar muito bem de Thorgrin e espero conhecê-lo um dia."

Gwendolyn assente.

"E quais são seus planos para o seu povo agora?" ela pergunta.

Darius pensa e percebe que não faz a menor ideia; ele não ainda não tinha pensado sobre o futuro.

Ele não tinha pensado que fosse sobreviver.

Antes que Darius possa responder há uma comoção e um rosto que ele conhece bem sai do meio da multidão: Zirk, um dos treinadores de Darius se aproxima, ensanguentado após a batalha e exibindo seus músculos bem definidos. Ele é seguido por meia dúzia de anciãos da aldeia e por vários aldeões e não parece satisfeito.

Zirk encara Darius de maneira condescendente.

"E por acaso está orgulhoso do que você fez hoje?" ele diz depreciativamente. "Olhe o que você fez. Veja quantas pessoas morreram aqui hoje. Todas essas pessoas morreram em vão, homens bons e que morreram por sua culpa. Tudo isso por causa do seu orgulho, da sua arrogância e do seu amor por essa garota."

Darius enrubesce e seu ódio começa a se acumular. Zirk o tinha perseguido desde o dia em que eles haviam se conhecido. Por alguma razão, ele sempre havia parecido se sentir ameaçado por Darius.

"Eles não foram mortos por minha causa," Darius responde. "Eu lhes dei a chance de viver. De viver de verdade. Eles foram mortos pelas mãos do Império e não pelas minhas."

Zirk balança a cabeça.

"Errado," ele retruca. "Se você tivesse se rendido como nós ordenamos, todos nós estaríamos mutilados agora. Em vez disso, alguns estão mortos. O sangue deles está em suas mãos."

"Você não sabe de nada!" Loti grita, defendendo Darius. "Vocês tiveram medo de fazer o que Darius fez!"

"Você acha que tudo isso vai parar por aqui?" continua Zirk. "O Império possui milhões de homens em seu exército. Você matou alguns deles. E daí? Quando eles descobrirem, enviarão cinco

vezes mais tropas. E da próxima vez todos nós seremos mortos e torturados primeiro. Você acaba de assinar nossa sentença de morte."

"Você está errado!" grita Raj. "Ele nos deu uma chance para vivermos. Uma chance para vivermos com honra. Uma vitória que você não mereceu."

Zirk olha para Raj, fazendo uma careta.

"Essas foram as ações de um garoto tolo e inconsequente," ele diz. "Um grupo de garotos que deveria ter escutado as ordens de seus anciãos. Eu nunca deveria tê-los treinado!"

"Errado!" Loc grita, dando um passo adiante e ficando ao lado de Loti. "Essas foram as atitudes corajosas de um *homem*. Um homem que levou garotos a agir como homens. Um homem que você finge ser, mas não é. A idade não torna uma pessoa um homem. A coragem faz o homem."

Zirk enrubesce e, contorcendo o rosto, aperta a mão em torno do punho de sua espada.

"Palavras de um aleijado," ele dispara, dando um passo ameaçador na direção de Loc.

Bokbu emerge do grupo e levanta uma das mãos, interrompendo Zirk.

"Vocês não vêem o que o Império está fazendo conosco?" ele diz. "Eles estão criando uma divisão entre nós. Mas nós somos um só povo. Unidos por uma só causa. Nossos inimigos são eles e não nós mesmos. Precisamos nos manter unidos agora mais do que nunca."

Zirk coloca as mãos nos quadris e encara Darius.

"Você é apenas um garoto tolo com um discurso idiota," ele fala. "Você nunca vai conseguir derrotar o Império. Nunca. E não estamos unidos. Eu discordo de suas ações hoje, todos nós

discordamos do que você fez," ele continua, apontando para os outros anciãos e para o grupo de aldeões ali presentes. "Se seguirmos você, estaremos assinando a nossa sentença de morte e

pretendemos continuar vivos."

"E como você pretende fazer isso?" Desmond pergunta com raiva, ficando ao lado de Darius.

Zirk enrubesce e permanece em silêncio; fica claro para Darius que ele não tem qualquer plano, assim como os outros, e que ele está falando tudo aquilo apenas por medo, frustração e desamparo.

Bokbu finalmente se aproxima e fica entre eles, aliviando a tensão no grupo. Todos os olhares se voltam para ele.

"Vocês dois estão errados e certos ao mesmo tempo," ele diz. "O que importa agora é o futuro.

Darius, qual é o seu plano?"

Darius sente todos os olhares sobre ele em meio ao silêncio tenso. Ele pensa e, lentamente, um plano começa a se formar em sua mente. Darius sabe que há apenas um caminho a seguir. Essa é a única alternativa que lhes resta.

"Levaremos esta guerra até as portas da capital do Império," ele diz em voz alta, sentindo-se encorajado. "Antes que eles possam se recuperar, faremos com que paguem pelo que fizeram.

Reuniremos as outras aldeias escravas, formaremos um exército e faremos com que aprendam o que

significa sofrer. Podemos morrer, mas morreremos como homens livres, lutando pela nossa causa."

Há um grito de aprovação atrás de Darius, vindo da maioria dos aldeões, e ele pode ver a maior parte da aldeia se reunindo atrás dele. Um pequeno grupo, atrás de Zirk, observa Darius com uma expressão incerta.

Zirk, furiosos e em menor número, enrubesce e começa a se afastar, desaparecendo no meio da multidão. O pequeno grupo de aldeões logo decide segui-lo.

Bokbu dá um passo adiante e encara Darius solenemente com o rosto marcado pela preocupação, um rosto que já tinha visto muitas coisas em sua vida. Ele observa Darius com olhos repletos de sabedoria. E medo.

"Nosso povo procura em você um líder agora," ele diz suavemente. "Isso é algo muito sagrado.

Não perca a confiança deles. Você é jovem para liderar um exército, mas essa tarefa agora cabe a você. Você começou essa guerra e agora deve terminá-la."

*

Gwendolyn, com Kendrick e Sandara ao seu lado e Steffen, Brandt, Atme, Aberthol, Stara e

dezenas de seus homens atrás dela, dá um passo adiante quando os aldeões começam a se afastar. Ela olha para Darius com respeito e pode ver a gratidão nos olhos dele por sua decisão de ajudá-lo no campo de batalhas naquele dia. Após a vitória dele, ela se sente vingada e sabe que havia tomado a decisão certa, por mais difícil que tenha sido. Ela havia perdido dezenas de seus homens durante a batalha e ainda está sofrendo a perda deles. Ela também sabe que se ela não tivesse voltado Darius e seus companheiros certamente teriam morrido durante aquele confronto.

Ver Darius lutando com tanta coragem e enfrentando sozinho o Império tinha feito Gwendolyn pensar em Thorgrin e seu coração se aperta ao ser invadido pelas lembranças dele. Ela está determinada a recompensar a coragem de Darius, seja qual for o custo.

"Estamos dispostos a apoiar sua causa," afirma Gwendolyn. A declaração chama a atenção de Darius, Bokbu e de todos os outros, e os aldeões que ainda permanecem ali se viram na direção dela.

"Vocês nos receberam quando precisávamos de ajuda, portanto estamos prontos para ajudá-los quando vocês necessitam de apoio. Nossas armas são suas, sua causa é a nossa causa. Afinal de

contas, é tudo a mesma coisa. Queremos voltar para nossa terra em liberdade e vocês querem libertar a sua terra. Compartilhamos o mesmo opressor."

Darius encara Gwendolyn emocionado e Bokbu caminha até o meio do grupo e fica olhando para ela em silêncio enquanto todos os observam.

"Hoje percebemos a sábia decisão que tomamos ao aceitar recebê-los aqui," ele diz com orgulho.

"Você nos recompensou além do que jamais ousamos sonhar e somos eternamente gratos. Sua reputação, e a de todo o povo do Anel, de guerreiros honrados e corajosos é verdadeira. Jamais seremos capazes de retribuir esse gesto."

Ele respira fundo.

"Precisamos realmente de sua ajuda," ele continua. "Mas não precisamos de mais homens no campo de batalha. Seus homens não serão o suficiente - não para a batalha que está por vir. Se

realmente deseja nos ajudar, o que realmente precisamos é que vocês busquem reforços. Se é para termos uma chance de verdade, precisaremos de dezenas de milhares de homens para nos ajudar."

Gwen o encara com os olhos arregalados.

"E onde poderemos encontrar dezenas de milhares de cavaleiros?"

Bokbu lança um olhar sombrio na direção dela.

"Se existe mesmo uma cidade de homens livres no Império, uma cidade disposta a nos ajudar - observe que eu disse *se* - então essa cidade fica no Segundo Anel."

Gwen o encara com uma expressão confusa.

"O que você está pedindo que eu faça?" ela pergunta.

Bokbu a observa solenemente.

"Se realmente deseja nos ajudar," ele fala, "peço que embarque em uma missão impossível. Peço que faça algo mais difícil e perigoso do que nos acompanhar até o campo de batalhas. Estou pedindo que você siga o seu plano original, a missão que você havia planejado seguir hoje cedo. Peço que

atravesse o Grande Deserto, encontre o Segundo Anel e, caso você sobreviva, caso o Segundo Anel

realmente exista, convença seus exércitos a nos ajudarem em nossa causa. Essa é a única chance que temos de vencer essa guerra."

Ele olha para ela com um olhar sombrio em meio a um silêncio tão intenso que Gwen pode ouvir

o vento atravessando o deserto.

"Ninguém jamais foi capaz de atravessar o Grande Deserto," ele continua. "Ninguém jamais confirmou a

existência do Segundo Anel. Essa é uma missão impossível. Uma marcha suicida.

Detesto ter que lhe pedir isso, mas é exatamente o que precisamos."

Gwendolyn examina Bokbu, nota a seriedade em seu rosto e pondera sua proposta por um longo tempo.

"Faremos o que for preciso," ela finalmente diz, "faremos o que mais ajudar a sua causa. Se há aliados do outro lado do Grande Deserto, que assim seja. Partiremos imediatamente e voltaremos com exércitos prontos para lutar em seu nome."

Bokbu dá um passo adiante e abraça Gwendolyn com lágrimas nos olhos.

"Você é uma Rainha de verdade," ele declara. "Seu povo tem sorte em ter alguém como você."

Gwen se vira para o seu povo e vê que eles a observam solenemente e sem medo. Ela sabe que eles a seguirão a qualquer parte.

"Preparem-se para marchar," ela ordena. "Atravessaremos o Grande Deserto e encontraremos o Segundo Anel, ou então morreremos tentando."

*

Sandara se sente dividida ao ver Kendrick e seu povo se preparando para embarcar em sua missão rumo ao Grande Deserto. Ao seu lado estão Darius e seu povo, as pessoas com quem ela havia crescido e as únicas pessoas que ela conhece, preparando-se para se afastar, para reunir as aldeias e enfrentar o Império. Ela se sente dividida ao meio e não sabe qual caminho seguir. Sandara não consegue suportar a ideia de ver Kendrick desaparecer para sempre e também não consegue pensar em abandonar o seu povo.

Kendrick, ao terminar de preparar sua armadura e de colocar sua espada na cintura, olha para cima e encontra o seu olhar. Ele parece saber sobre o que ela está pensando, como sempre faz.

Sandara pode ver a mágoa nos olhos de Kendrick, certa cautela em relação a ela, e não o culpa por isso; durante todo aquele tempo no Império, ela havia se mantido afastada dele e passado seus dias

na aldeia enquanto Kendrick tinha vivido nas cavernas. Ela tinha se decidido a honrar os anciãos e não se misturar com outras raças.

Por outro lado, ela não havia honrado seu amor por Kendrick. O que é mais importante? Honrar os costumes de sua família ou seu próprio coração? Essa questão havia lhe causado muita angústia

desde que ela havia voltado ao Império.

Kendrick se aproxima dela.

"Imagino que você vá ficar com o seu povo?" ele pergunta com um tom de mágoa na voz.

Ela olha para ele sem saber o que dizer. Ela mesma não sabe a resposta para aquela pergunta.

Sandara fica paralisada e se sente enraizada no chão do deserto.

De repente, Darius se aproxima dela.

"Minha irmã," ele diz.

Ela se vira e faz um gesto para cumprimentá-lo, feliz pela distração quando ele coloca um braço em torno do ombro dela e olha para Kendrick.

"Kendrick," ele diz.

Kendrick assente em sinal de respeito.

"Você sabe o quanto eu a amo," continua Darius. "Meu lado egoísta deseja pedir-lhe que fique."

Ele respira fundo.

"Mas ainda assim, imploro que você vá com Kendrick."

Sandara olha para ele, completamente chocada.

"Mas por quê?" ela pergunta.

"Vejo seu amor por ele e sei dos sentimentos dele por você. Um amor como esse não se encontra duas vezes. Você deve seguir seu coração, não importa o que o nosso povo pensa ou as nossas leis.

Isso é a única coisa que importa."

Sandara olha para o seu irmão mais jovem com emoção; ela está impressionada com a sua sabedoria.

"Você amadureceu muito desde a última vez que o vi," ela fala.

"Não ouse abandonar o seu povo e não ouse ir embora com ele," diz uma voz ameaçadora.

Sandara se vira e vê Zirk, dando um passo adiante acompanhado de vários anciãos ao ouvir a conversa deles.

"Seu lugar é aqui, ao nosso lado. Se decidir ir embora com este homem, nunca mais poderá

voltar."

"E quem disse que isso lhe diz respeito?" Darius pergunta com raiva, saindo em defesa de sua irmã.

"Cuidado, Darius," Zirk adverte. "Você pode estar liderando este exército agora, mas você não é o nosso líder. Não finja falar em nome do nosso povo."

"Falo por minha irmã," Darius responde, "e falarei por quem eu bem entender."

Sandara nota Darius fechar a mão em torno do punho de sua espada enquanto encara Zirk e rapidamente coloca uma mão em seu braço.

"Quem deve tomar essa decisão sou eu," ela fala para Zirk. "E eu já me decidi," ele completa, sentindo uma onda de indignação e tomando a decisão naquele exato momento. Ela não pretende

deixar aquelas pessoas tomarem decisões por ela. Ela havia permitido que os anciãos tomassem decisões importantes sobre a sua vida desde que consegue se lembrar e agora já tinha tido o bastante.

"Kendrick é o amor da minha vida," ela diz olhando para Kendrick, que olha para ela surpreso.

Ao pronunciar aquelas palavras, Sandara sabe que está dizendo a verdade e sente uma onda de amor por ele, sendo tomada pela culpa por não tê-lo aceitado antes diante de sua tribo. "O povo dele é o meu povo. Ele é meu e eu sou dele; nada e ninguém podem nos separar."

Ela se dirige a Darius.

"Adeus, meu irmão," ela fala. "Vou acompanhar Kendrick."

Darius abre um largo sorriso ao mesmo tempo em que Zirk faz uma careta.

"Nunca mais fale conosco," ele dispara, dando-lhe as costas e começando a se afastar com os anciãos.

Sandara olha para Kendrick e faz o que tinha sentido vontade de fazer desde que havia chegado

ali. Ela o beija diante de todos, sem medo de finalmente poder demonstrar seu amor por ele. Para sua grande felicidade, ele retribui o gesto e a envolve em seus braços.

"Fique em segurança, meu irmão," diz Sandara.

"E você também, minha irmã. Nós nos veremos novamente."

"Neste mundo ou no próximo," ela responde.

Com isso, Sandara entrelaça seu braço no de Kendrick e, juntos, eles se juntam ao povo de

Kendrick e se encaminham para o Grande Deserto, para uma morte certa, mas ela está preparada para ir a qualquer parte do mundo desde que esteja ao lado de seu único e verdadeiro amor.

CAPÍTULO OITO

Godfrey, Akorth, Fulton, Merek e Ario, vestindo os mantos dos Finianos, caminham atentos pelas ruas brilhantes de Volúsia, em grupo e muito tensos. A bebedeira de Godfrey já havia passado há muito tempo e ele caminha pelas ruas desconhecidas da cidade com os sacos de ouro pendurados em sua cintura se amaldiçoando por ter se oferecido para ir naquela missão ao mesmo tempo em que pensa sobre o que deve fazer a seguir. Ele daria qualquer coisa por uma bebida naquele momento. Que ideia terrível ele havia tido ao decidir ir até ali. Por que ele tinha tido aquela atitude estúpida de bravura? O quê é mesmo a bravura? ele se pergunta. Um momento de paixão, de abnegação e de loucura. Aquilo tudo deixa sua garganta seca, faz seu coração bater acelerado e suas mãos tremerem. Ele odeia aquela sensação, odeia cada segundo daquilo. Ele deveria ter mantido sua boca fechada. A bravura simplesmente não combina com ele.

Ou será que combina?

Ele já não tem certeza de mais nada. Tudo o que Godfrey sabe é que ele quer sobreviver, viver, beber, estar em qualquer lugar exceto ali. O que ele não daria por uma cerveja naquele momento. Ele é capaz de trocar o ato mais heróico do mundo por uma cerveja.

"E quem exatamente nós vamos comprar?" pergunta Merek, aproximando-se de Godfrey enquanto eles caminham pelas ruas.

Godfrey pensa.

"Precisamos de alguém no exército deles," ele finalmente diz. "Um comandante. Alguém não muito importante. Apenas importante o suficiente. Alguém que se importe mais com o ouro do que com a violência."

"E onde vamos encontrar alguém assim?" Ario pergunta. "Não podemos simplesmente entrar nos quartéis deles."

"Pela minha experiência, há apenas um lugar confiável onde é possível encontrar alguém de princípios questionáveis," declara Akorth. "Nas tavernas."

"Agora você está falando a minha língua," Fulton comenta. "Finalmente alguém começa a fazer sentido."

"Essa é a pior ideia que eu já ouvi," retruca Ario. "Parece que você só está interessado em beber."

"Bem, eu realmente quero," Akorth responde. "E que mal há nisso?"

"O que você acha?" Ario responde. "Acha que vamos entrar na taverna, encontrar um comandante e conseguir comprá-lo? Acha que vai ser simples assim?"

"Bem, o garoto finalmente tem razão sobre algo," interrompe Merek. "Essa é uma péssima ideia.

Eles vão dar uma única olhada em nosso ouro, irão nos matar e nos roubarão."

"E é por isso que não levaremos o ouro," responde Godfrey decidido.

"O quê?" pergunta Merek, virando-se na direção dele. "O que vamos fazer como ele, então?"

"Escondê-lo," Godfrey responde.

"Esconder todo esse ouro?" Ario pergunta. "Você está louco? Trouxemos muito ouro, Isso é o suficiente para comprar metade dessa cidade."

"E é precisamente por isso que vamos escondê-lo," explica Godfrey, acostumando-se com a ideia. "Encontraremos a pessoa certa, pelo preço certo, uma pessoa em quem podemos confiar, e então a levaremos até o ouro."

Merek dá de ombros.

"Esse é um plano furado. Está indo de mal a pior. Nós seguimos você até aqui, sabe-se lá porque, e você está nos levando para os nossos túmulos."

"Você me seguiu porque você acredita na honra e na coragem," Godfrey responde. "Você me seguiu porque, a partir daquele momento, nos tornamos irmãos. Irmãos na bravura. E irmãos não se abandonam."

Os outros ficam em silêncio enquanto eles caminham e Godfrey fica surpreso consigo mesmo. Ele ainda não compreende completamente esse seu lado que surge de vez em quando. Aquele é seu pai falando através dele? Ou é ele mesmo?

Eles fazem uma curva, a cidade se desdobra diante deles e Godfrey fica mais uma vez

espantado com a beleza de Volússia. As ruas, cobertas de ouro, interligadas pelos canais repletos de água do mar e completamente iluminadas, refletem o brilho das luzes e o deixam temporariamente

cego. As ruas estão movimentadas e Godfrey assimila o movimento da multidão. Ele é empurrado mais de uma vez e toma cuidado para manter sua cabeça abaixada para não ser detectado pelos soldados do Império.

Há soldados marchando em todas as direções, vestindo armaduras de todos os tipos e misturados aos nobres do Império e aos cidadãos, homens enormes com a facilmente identificável pele amarela

e os pequenos chifres, muitos deles com barracas, vendendo suas mercadorias ao longo das ruas de Volúsia. Godfrey também vê, pela primeira vez, as mulheres do Império, tão altas quanto os homens e com os mesmos ombros largos, quase tão grandes quanto alguns dos homens do Anel. Seus chifres são mais longos, mais pontudos e brilham em um tom azul claro. Elas parecem ser mais selvagens do que os homens. Godfrey não quer se envolver em uma briga com uma daquelas mulheres.

"Talvez possamos dormir com algumas mulheres enquanto estivermos aqui," diz Akorth com um arroteo.

"Acho que elas vão preferir cortar o seu pescoço," responde Fulton.

Akorth dá de ombros.

"Quem sabe elas façam as duas coisas," ele fala. "Pelo menos eu morreria um homem feliz."

Quando a multidão se torna mais densa, à medida que abre caminho pelas ruas da cidade, transpirando e tremendo de ansiedade, Godfrey se esforça para permanecer forte, para ter coragem, para pensar em todas as pessoas daquela aldeia e em sua irmã, que precisa de sua ajuda. Ele considera os oponentes que aquelas pessoas têm que enfrentar. Se ele tiver êxito em sua missão, talvez ele possa fazer a diferença, talvez ele possa realmente ajudá-los. Aquela não é a estratégia gloriosa e corajosa de guerra de seus irmãos, mas é o seu jeito e é a única forma que ele conhece de fazer as coisas.

Ao fazerem uma curva, Godfrey olha para a frente e vê exatamente o que ele está procurando: ali, adiante, um grupo de homens sai de um prédio, lutando entre si à medida que um grupo se forma em torno deles para assistir a briga. Eles dão socos e cambaleiam de um modo que Godfrey reconhece imediatamente: eles estão bêbados. Bêbados, ele pensa, têm a mesma aparência em qualquer lugar do mundo. Eles fazem parte de uma fraternidade de tolos. Ele identifica um pequeno estandarte negro exposto acima do estabelecimento e sabe imediatamente do que se trata.

"Ali," Godfrey diz, como estivesse olhando para Meca. "É exatamente daquilo que precisamos."

"Aquela é a taverna mais limpa que eu já vi," diz Akorth.

Godfrey nota a fachada elegante e se sente inclinado a concordar com ele.

Merek dá de ombros.

"Todas as tavernas são iguais por dentro. Os frequentadores desse lugar serão tão bêbados e estúpidos aqui quanto em qualquer outro lugar."

"Exatamente o meu tipo de gente," responde Fulton, lambendo os lábios como se já pudesse sentir o sabor da cerveja.

"E como vamos chegar até lá?" Ario pergunta.

Godfrey olha para baixo e percebe por que ele está fazendo aquela pergunta: a rua termina em um canal. Não há como andar até lá.

Godfrey vê uma pequena embarcação se aproximar com dois homens do Império, vê quando eles saltam para fora e amarram o barco em um poste com uma corda, deixando-o ali enquanto caminham na direção da cidade sem nunca olhar para trás. Godfrey vê a armadura que um deles veste e conclui que eles são oficiais e não precisam se preocupar com seu barco. Eles claramente sabem que ninguém é tolo o suficiente para ousar roubar o barco de um oficial.

Godfrey e Merek trocam olhares audaciosos ao mesmo tempo. Grandes mentes, Godfrey pensa, andam em sintonia, ou pelo menos as mentes que já tinham alguma experiência com calabouços e becos escuros.

Merek dá um passo adiante, remove a adaga de sua cintura e corta a corda; um de cada vez, eles sobem na pequena embarcação. Godfrey se inclina para trás e empurra o barco para longe da doca.

Eles deslizam pelo canal e Merek pega o remo comprido, pondo-se a remar.

"Isso é loucura," diz Ario, olhando para trás à procura dos oficiais. "Eles podem voltar a qualquer momento."

Godfrey olha para a frente e assente.

"Então é melhor remarmos mais rápido," ele responde.

CAPÍTULO NOVE

Volúcia fica parada no meio do deserto sem fim cujo solo rachado e seco parece pedra sob seus pés e olha para a frente, enfrentando a comitiva de Dansk. Sua postura demonstra orgulho e uma dúzia de seus conselheiros mais próximos a acompanham naquele encontro com duas dúzias dos homens de Dansk, típicos homens do Império - altos, com ombros largos, a pele amarela, os olhos vermelhos brilhantes e dois pequenos chifres. A única diferença notável no povo de Dansk é que, com o tempo, seus chifres haviam crescido para o lado em vez de crescerem para cima.

Volússia olha por cima dos ombros dos soldados e vê a cidade desértica de Dansk, imponente e suprema, erguendo-se dezenas de metros no ar com seus muros verdes da cor do deserto feitos de pedras ou de tijolos - ela não consegue identificar qual dos dois. A cidade é perfeitamente circular, com muralhas ao longo dos muros e, ao longo delas, soldados de guarda a cada três metros observando todas as estações e protegendo cada canto do deserto. Ela parece impenetrável.

Dansk fica diretamente ao sul de Maltolis, na metade do caminho entre a cidade do Príncipe enlouquecido e a capital do Sul, e representa uma fortaleza crucial para Volússia. Sua mãe havia mencionado aquele lugar muitas vezes, mas ela nunca havia estado ali. A mãe de Volússia havia dito que ninguém seria capaz de conquistar o Império sem antes conquistar Dansk.

Volússia volta a olhar para o líder a cidade, parado diante dela com sua comitiva, olhando para ela com uma expressão arrogante. Ele é diferente dos outros, claramente o seu líder, e carrega um ar de confiança e muitas cicatrizes no rosto emoldurado por duas longas tranças que descem até sua cintura.

Eles estão esperando em silêncio há muito tempo, ambos aguardando que o outro fale primeiro, e não há qualquer barulho exceto o barulho do vento atravessando o deserto.

Finalmente, ele deve ter se cansado de esperar e começa a falar.

"Então você deseja entrar em nossa cidade?" ele pergunta para Volússia. "Você e seus homens?"

Volússia o encara com orgulho e confiança sem demonstrar qualquer reação.

"Eu não desejo entrar na cidade," ela responde. "Desejo tomá-la. Vim para oferecer-lhe os termos de sua rendição."

Ele a encara por vários segundos, como se estivesse tentando compreender suas palavras, e então seus olhos se arregalam de surpresa. Ele se inclina para trás e cai na gargalhada. Volússia enrubesce.

"Nós!?" "*Nos rendermos!?*"

Ele continua rindo como se tivesse ouvido a piada mais engraçada do mundo. Volússia olha para ele calmamente e observa que os soldados que o acompanham não estão rindo - e também não parecem sorrir. Eles a encaram com seriedade.

"Você não passa de uma garota," ele finalmente diz, parecendo se divertir. "Você não sabe nada da história de Dansk, do nosso deserto e do nosso povo. Se soubesse, saberia que nosso povo *nunca* se

rendeu. Nem mesmo *uma vez*. Nenhuma vez em dez mil anos. Não nos rendemos a *ninguém*. Nem mesmo para o exército de Atlow o Grande. Dansk jamais foi conquistada."

Seu sorriso se transforma em uma careta.

"E agora você vem até aqui," ele diz, "uma garota jovem e estúpida, vinda do nada com uma dúzia de soldados, e nos pede a nossa rendição? E por que eu não deveria matá-la agora mesmo ou

levá-la para os nossos calabouços? Acho que é você quem deveria estar negociando os termos de uma rendição. Se eu a mandar embora, este deserto a matará. Por outro lado, se eu permitir que você fique, é possível que eu decida matá-la."

Volúsia o encara com calma e não vacila.

"Eu não ofereci os mesmos termos duas vezes," ela diz calmamente. "Rendam-se agora e eu pouparei suas vidas."

Ele a encara estupefato, finalmente percebendo que ela está falando sério.

"Você está delirando, garota. Você passou muito tempo sob o sol do deserto."

Volúsia continua encarando o homem e seu olhar se escurece.

"Eu não sou uma jovem garota," ela responde. "Eu sou a grande Volúsia da grande cidade de Volúsia. Sou a Deusa Volúsia. E vocês, assim como todos os seres dessa terra, são subservientes a mim."

Enquanto ele a observa sua expressão muda, passando a encará-la como uma louca.

"Vocês não é Volúsia," ele fala. "Volúsia é mais velha. Eu a conheci pessoalmente. Foi uma experiência das mais desagradáveis. Porém, posso ver a semelhança. Você é... a filha dela. Sim, é isso. Por que sua mãe não vem falar conosco? Por que ela está mandando você, a filha dela?"

"*Eu* sou Volúsia," ela responde. "Minha mãe está morta. Eu mesma me certifiquei disso."

Ela olha para ela e sua expressão se torna séria. Pela primeira vez, ele parece incerto.

"Você pode ter sido capaz de matar sua própria mãe," ele fala. "Mas é tolice nos ameaçar. Nós não somos uma mulher indefesa e os homens de Volúsia estão longe daqui. Você errou em se

aventurar tão longe de sua fortaleza. Acha mesmo que pode conquistar nossa cidade com uma dúzia

de soldados?" ele pergunta, apertando e soltando o punho de sua espada como se estivesse pensando em matá-la.

Ela sorri lentamente.

"Eu não posso conquistar essa cidade com uma dúzia de soldados," ela responde. "Mas posso fazê-lo com duzentos mil homens."

Vólúsia ergue um punho no ar enquanto segura o cetro dourado, levantando-o bem alto sem nunca

tirar os olhos de cima dele e, ao fazer isso, observa o líder da comitiva de Dansk olhar por cima dos ombros dela e se transformar em uma expressão de pânico e choque. Ela não precisa olhar para trás para saber o que ele está vendo: seus duzentos mil soldados Maltolisianos acabam de subir a colina ao seu sinal e estão esparramados ao longo da linha do horizonte. Agora o líder de Dansk sabe a

verdadeira ameaça que aguarda a sua cidade.

Toda a sua comitiva reage, parecendo horrorizada e ansiosa para retornar para a segurança dos muros da cidade.

"O exército Maltolisiano," o líder diz, o medo evidente em sua voz pela primeira vez. "O que eles estão fazendo aqui, com você?"

Vólúsia sorri para ele.

"Eu sou uma deusa," ela diz. "Por que eles não estariam seguindo o meu comando?"

Ele agora a observa com uma expressão de espanto e surpresa.

"Ainda assim, eu não ousaria atacar Dansk," ele afirma com a voz trêmula. "Estamos sob a proteção direta da capital. O exército do Império possui milhões de soldados. Se você nos atacar, eles serão obrigados a retaliar. Você eventualmente será derrotada. Não será possível vencer. Você é tão imprudente assim? Ou será tão estúpida?"

Ela continua sorrindo, apreciando o nítido desconforto do líder.

"Talvez um pouco dos dois," ela responde. "Ou talvez eu apenas queira testar meu recém-conquistado exército e aprimorar as habilidades deles contra vocês. É apenas uma grande falta de

sorte que vocês estejam em meu caminho, entre meus homens e a capital. E nada - nada - poderá me impedir."

Ele a encara e sua expressão se transforma em ódio. Mas agora, pela primeira vez, ela pode ver pânico de verdade nos olhos dele.

"Nós viemos aqui para discutir termos e nós não os aceitamos. Nós nos prepararemos para a guerra, se é isso que você deseja. Lembre-se apenas que foi você quem quis assim."

Ele de repente dá um chute em sua zerta com um grito e se vira junto com os outros, galopando de volta para a cidade com sua comitiva e levantando uma nuvem de poeira atrás dele.

Vólúsia desmonta casualmente de sua zerta, estica o braço e pega uma lança curta e dourada que

seu comandante, Soku, entrega para ela.

Ela ergue uma mão, sente a brisa e prepara sua mira.

Então, ela se inclina para a frente e arremessa a lança.

Volúsia acompanha a lança atravessando o ar por quase cinquenta metros até ouvir o barulho

satisfatório que a lança faz ao acertar a carne humana. Ela observa com alegria quando a lança acerta as costas do líder. Ele grita, despencando de cima de sua zerta, e rola no chão do deserto.

Sua comitiva para e olha para baixo horrorizada. Eles continuam sentados em suas zertas,

debatendo se devem parar para resgatá-lo. Ao olharem para trás e verem os homens de Volúsia no

horizonte, começando a marchar na direção deles, eles parecem reconsiderar suas opções. Eles se

viram e galopam na direção dos portões da cidade, abandonando o seu líder no chão do deserto.

Volúsia avança com sua comitiva até chegar perto do líder moribundo e desmonta ao lado dele.

Quando a comitiva chega até Dansk os portões de ferro são baixados e as grandes portas duplas são fechadas atrás deles, criando uma fortaleza de ferro impenetrável.

Volúsia olha para o líder moribundo, que se deita de costas no chão e a encara com uma expressão de angústia e choque.

"Você não pode ferir um homem que veio até você em uma missão de paz," ele afirma ultrajado.

"Isso é contra todas as leis do Império! Isso nunca foi feito antes!"

"Eu não tive a intenção de feri-lo," ela fala, ajoelhando-se ao lado dele, esticando o braço e tocando a ponta da lança. Ela enfia a lança com mais força no corpo do líder, sem soltar até o homem parar de se debater e dar o último suspiro.

Ela abre um grande sorriso.

"Eu tive a intenção de matá-lo."

CAPÍTULO DEZ

Thor fica na proa do pequeno navio à vela diante de seus irmãos com o coração batendo

acelerado de ansiedade à medida que a corrente os leva em linha reta em direção à pequena ilha na frente deles. Thor olha para cima e observa as falésias com espanto - ele nunca tinha visto nada

parecido com aquilo antes. As paredes são perfeitamente lisas, feitas de um granito absolutamente branco que brilha sob os dois sóis e têm dezenas de metros de altura. A ilha tem o formato de um

círculo com a base cercada por enormes rochas; é difícil pensar em meio ao incessante bater das ondas, mas a ilha parece inexpugnável e é praticamente impossível para qualquer exército escalá-la. Thor leva uma mão aos olhos e olha para o sol. As falésias parecem parar em algum momento, culminando em um platô a dezenas de metros de altura. Quem mora lá em cima, no topo, vive em perpétua segurança, pensa Thor, supondo que alguém more lá.

No topo, pairando sobre a ilha como um halo, há uma série de nuvens rosa e lilás, protegendo-a dos fortes raios de sol, como se aquele lugar fosse abençoado pelo próprio Deus. Uma brisa suave assopra e o ar está agradável e suave. Thor pode sentir mesmo de longe que há algo de especial sobre aquele lugar. Ele parece mágico. Thor não se sente assim desde que havia chegado à terra do castelo de sua mãe.

Todos os outros também se entreolham com expressões de espanto em seus rostos.

"Quem você acha que mora aqui?" O'Connor diz, fazendo em voz alta a pergunta que está em todas as suas mentes.

"Quem ou o quê?" pergunta Reece.

"Talvez ninguém," responde Indra.

"Talvez seja melhor continuarmos navegando," sugere O'Connor.

"E ignorar o convite?" pergunta Matus. "Estou vendo sete cordas e há sete de nós."

Thor examina as falésias e, quando olha de perto, vê sete cordas douradas penduradas desde o topo até a costa, brilhando sob o sol. Ele começa a pensar.

"Talvez alguém esteja nos esperando," afirma Elden.

"Ou nos tentando," diz Indra.

"Mas quem?" pergunta Reece.

Thor olha para o topo e todos aqueles mesmos pensamentos passam pela sua mente. Ele se pergunta quem poderia saber que eles estão a caminho. Eles estão sendo observados de alguma forma?

Todos eles ficam em silêncio no barco à medida que a corrente os leva para cada vez mais perto

da ilha.

"A verdadeira pergunta," diz Thor em voz alta, finalmente quebrando o silêncio, "é se eles são amigáveis ou se isso é apenas uma armadilha."

"E por acaso isso fará alguma diferença?" pergunta Matus, aproximando-se dele.

Thor balança a cabeça. "Não," ele responde, apertando a mão em torno do punho de sua espada. "Vamos visitá-los de qualquer maneira. Se eles forem amigáveis, iremos abraçá-los; caso sejam nossos inimigos, iremos matá-los."

As correntes se intensificam e ondas maiores carregam seu barco todo o caminho até a pequena faixa de areia negra que cerca o lugar. Quando o barco é levado suavemente até a praia, todos desembarcam ao mesmo tempo.

Thor segura o punho da espada, inquieto, e olha para todas as direções. Não há qualquer movimento na praia, nada além do que o bater das ondas. Ele caminha até a base das falésias, coloca a palma da mão sobre elas e sente o quão suave elas são, sente o calor e a energia que irradia

delas. Ele examina as cordas penduradas ao longo do penhasco, embainha sua espada e agarra uma delas. Thor puxa a corda com força e vê que ela não cede. Um por um, os outros se juntam a ele e também pegam uma corda.

"Será que vai aguentar?" O'Connor pergunta em voz alta, olhando para cima.

Todos olham para cima, claramente se fazendo a mesma pergunta.

"Há apenas uma maneira de descobrir," Thor responde.

Ele agarra a corda com ambas as mãos, dá um salto e começa a sua subida. Ao seu redor, seus companheiros fazem o mesmo e começam a escalar os penhascos como cabras da montanha.

Thor sobe sem parar, com os músculos doloridos e queimando sob o sol. O suor escorre pelo seu pescoço, seus olhos ardem e todos os seus membros começam a tremer.

Ao mesmo tempo, há algo de mágico sobre aquelas cordas, uma espécie de energia que lhes dá forças, fazendo-os subir mais rápido do que o normal, como se as cordas os estivesse puxando para cima.

Muito mais cedo do que ele havia imaginado, Thor chega ao topo; ele estende a mão e fica surpreso ao perceber que está agarrando grama e solo. Ele puxa o corpo para cima e rola para o

lado, para a grama macia, exausto, respirando com dificuldade e com todos os membros doloridos. Ao seu redor, Thor vê seus amigos chegando - eles haviam conseguido. Algo realmente quer que eles estejam ali em cima. Thor não sabe se isso é motivo de tranquilidade ou de preocupação.

Thor se ajoelha e empunha sua espada, assumindo uma posição de defesa por não saber o que esperar. Em torno dele, seus irmãos fazem o mesmo, ficando em pé e instintivamente assumindo uma formação semicircular para proteger as costas uns dos outros.

No entanto, ao permanecer ali, Thor fica chocado com o que vê. Ele havia esperado encontrar um inimigo diante dele, tinha antecipado ver um lugar rochoso, estéril e desolado.

Em vez disso, ele não encontra ninguém ali para recebê-los e em vez de rochas ele vê o lugar mais bonito que ele já tinha visto: ali, diante dele, há luxuriantes colinas verdes com flores, folhagens e frutas exuberantes sob o sol da manhã. A temperatura do lugar é perfeita e seu corpo é constantemente acariciado pela brisa suave do oceano. Há pomares, vinhas verdejantes, locais de tal generosidade e beleza que toda a sua tensão imediatamente se dissipa. Ele embainha sua espada e todos os outros relaxam também, apreciando a perfeição daquele lugar. Pela primeira vez desde que ele havia deixado a Terra dos Mortos, Thor tem a sensação de que pode realmente relaxar e baixar sua guarda. Aquele é um lugar de onde ele não tem pressa para sair.

Thor fica perplexo. Como um lugar tão lindo pode existir no meio de um oceano tão implacável? Thor olha ao seu redor e vê uma névoa suave que paira sobre tudo, olha para cima e vê, bem acima, o anel de nuvens roxas delicadas encobrendo o lugar, protegendo-o, mas também permitindo que os raios de sol iluminem a ilha; ele sabe com cada centímetro de seu corpo que aquele lugar é mágico. Aquela ilha é um lugar de tal beleza física que é capaz de deixar mesmo a abundância do Anel para trás.

Thor fica surpreso ao ouvir um grito distante; a princípio, ele pensa que é apenas a sua mente pregando peças nele, mas então ele sente um arrepio ao ouvir o grito de novo.

Ele leva uma mão aos olhos e olha para cima, vasculhando os céus. Ele pode jurar ter ouvido o grito de um dragão, mas ele sabe que isso não é possível. O último dos dragões, ele sabe, tinha morrido com Ralibar e Mycoples. Ele havia testemunhado o fato e o momento fatídico de sua morte

ainda paira sobre ele como um punhal em seu coração. Não há um dia que passe em que ele não pense em sua amiga Mycoples e deseje a presença dela ao seu lado.

Teria sido apenas uma ilusão, ter ouvido aquele grito? O eco de algum sonho esquecido?

Thor de repente ouve o grito novamente, atravessando os céus e perfurando o próprio tecido do ar, e seu coração começa a bater acelerado de entusiasmo e admiração. Aquilo está mesmo acontecendo?

Ao levar a mão aos olhos e olhar para os dois sóis, no alto das falésias, Thor pensa detectar os traços de um pequeno dragão circulando no ar. Ele fica paralisado e se pergunta se seus olhos estão pregando peças nele.

"Aquilo não é um dragão?" Reece pergunta de repente em voz alta.

"Não é possível," responde O'Connor. "Não existem mais dragões vivos."

Mas Thor não tem mais tanta certeza ao observar o contorno da forma desaparecer no meio das nuvens. Thor olha para baixo e estuda seu entorno. Ele começa a pensar.

"Que lugar é esse?" Thor pergunta em voz Alta.

"Um lugar de sonhos, um lugar de luz," diz uma voz.

Thor se vira de repente, assustado com a voz estranha, e fica chocado ao ver, em pé diante deles, um homem idoso, vestido com um manto e capuz amarelo, carregando um longo cajado translúcido incrustado com diamantes, com um amuleto preto pendurado na ponta. Ele brilha tão intensamente que Thor mal consegue enxergar.

O homem sorri calmamente, caminha na direção deles de maneira bem-humorada, e remove o capuz, revelando longos cabelos ondulados e dourados e um rosto atemporal. Thor não é capaz de dizer se ele tem dezoito ou cem anos de idade. Uma luz emana de seu rosto e Thor é surpreendido por sua intensidade. Ele não tinha visto nada assim desde havia visto Argon pela última vez.

"Você está certo," ele fala ao encontrar os olhos de Thorgrin e caminhar até ele. Ele para a poucos passos de distância e seus olhos verdes translúcidos parecem enxergar através dele. "Ao pensar em meu irmão."

"Seu irmão?" Thor pergunta confuso.

O homem assente.

"Argon?"

Thor encara o homem, completamente chocado.

"Argon?" Thor diz. "Seu irmão?" ele acrescenta, quase sem conseguir pronunciar as palavras.

O homem assente, examinando-o, e Thor tem a sensação de que ele está vendo sua própria alma.

"Ragon é o meu nome," ele diz. "Eu sou o irmão gêmeo de Argon. Embora, é claro, não sejamos muito parecidos. Eu acredito que eu seja o mais bonito," ele acrescenta com um sorriso.

Thor olha fixamente para ele, sem palavras. Ele não sabe por onde começar; ele nunca tinha sido informado de que Argon tinha um irmão.

Lentamente, tudo começa a fazer sentido.

"Você nos trouxe até aqui," diz Thor, processando tudo. "Aquelas correntes, esta ilha, aquelas cordas... Você planejou que viéssemos até aqui." Thor conclui. "Você esteve nos observando."

Ragon assente. "Na verdade, estive sim," ele responde. "Estou muito orgulhoso de você. Eu controlei as marés para que vocês chegassem aqui, essa é a minha maneira de estender

hospitalidade. Aqueles que chegam aqui, nesta ilha, só podem chegar porque merecem. Estar aqui é uma recompensa: uma recompensa para aqueles que têm demonstrado grande valor. E você, *todos* vocês, passaram no teste."

Thor de repente ouve o grito alto e definitivo de um dragão e, ao olhar para cima, fica em êxtase ao ver um bebê dragão com envergadura de quase três metros, mergulhando e circulando no ar. Ele

grita - o grito de um jovem dragão - e estende suas asas enquanto voa em círculos largos. Então,

finalmente, ele pousa, parando apenas a alguns passos de Ragon.

Ele fica ali, de frente para Thor e os outros, e fecha as asas, calmo e inerte, olhando para eles com orgulho.

Thor observa o dragão com espanto.

"Não é possível," ele sussurra ofegante, examinando-o. Aquela é a criatura mais bela que ele já tinha visto. "Eu vi o último dos dragões morrer. Eu vi com meus próprios olhos."

"Mas você não viu o ovo," diz Ragon.

Thor olha para ele, intrigado.

"O ovo?"

Ragon assente.

"De Mycoples e Ralibar. Esse é o filhote deles. Uma menina."

Thor fica boquiaberto e seus olhos se enchem de lágrimas ao olhar para o dragão sob uma nova luz e se dar conta, pela primeira vez, do quanto ela se parece com Mycoples. Ele havia mesmo notado algo familiar nela.

"Ela é linda," diz Thorgrin.

"Você pode acariciá-la," Ragon fala. "Na verdade, ela está muito ansiosa para conhecê-lo. Ela sabe tudo sobre o que você fez pela sua mãe. Ela está esperando por esse dia."

Thorgrin dá um passo adiante, um passo de cada vez, com cuidado e ao mesmo tempo ansioso para conhecê-la. Ela olha para ele com orgulho, sem piscar, com escamas vermelhas, olhos verdes brilhantes e quase três metros de altura. Ele não consegue dizer se ela gosta dele ou não, mas é possível sentir uma intensa energia que irradia dela.

Ao se aproximar, Thor levanta a mão e acaricia delicadamente a lateral de seu rosto, passando a palma da mão suavemente ao longo de suas escamas. Ela ronrona satisfeita, erguendo o queixo como se a reconhecê-lo, de repente abaixa a cabeça e, para deleite do Thor, a encosta em seu peito. Com sua língua comprida e áspera, ela lambe o rosto de Thor.

Ela arranha a lateral do rosto de Thor, mas ele não se importa. Ele sabe que aquele é um sinal de afeto e se inclina para beijar a cabeça dela. Suas escamas são fortes e suaves, jovens, ainda em

formação e mais suaves do que as de seus pais. Vê-la traz de volta várias lembranças, fazendo Thor perceber o quanto ele sente falta de Mycoples, mas também lhe dando a sensação de que ela ainda

está ali.

"Eu amava sua mãe," Thor fala suavemente para ela. "E vou amá-la da mesma forma."

O dragão ronrona de novo.

"Você a deixa muito feliz, Thorgrin," Ragon fala. "A única coisa que ela precisa agora é de um nome."

Thor olha para ele com espanto.

"Você está me pedindo para escolher um nome para ela?"

Ragon assente.

"Ela é jovem, afinal," ele responde. "E ninguém apareceu para escolher o nome dela. Eu poderia ter escolhido um nome para ela, mas essa tarefa, eu sabia, tinha que ser sua."

Thor fecha os olhos, tentando fazer com que um nome surja em sua mente. Ao fazer isso, ele pensa em Mycoples e Ralibar e se pergunta qual o nome que eles teriam escolhido; qual nome melhor honraria seus pais.

"Lycoples," Thor se ouve dizendo. "Vamos chamá-la de Lycoples."

Lycoples levanta seu pescoço e grita, respirando fogo na direção do céu, uma pequena chama, e

Thor pula para trás assustado. Ela abre as asas largas, abaixa a cabeça e de repente dá um salto no ar, circulando e voando cada vez mais até desaparecer da vista, sob o olhar maravilhado de Thor.

"Eu a ofendi?" Thor pergunta.

Ragon sorri e balança a cabeça.

"Pelo contrário," ele responde. "Ela aprova bastante a sua escolha."

Ragon estende o braço e aperta o ombro de Thor, começando a levá-lo em uma caminhada.

"Venha, jovem Thorgrin," ele diz. "Temos muito a discutir e esta ilha é muito maior do que parece."

*

Thor e os outros seguem Ragon, abrindo caminho pela ilha e apreciando a paisagem à medida que avançam. Thor não consegue acreditar em como ele se sente confortado por estar ali, na presença de Ragon, especialmente após a sua longa jornada através do interminável e implacável oceano, depois de tantos dias sem esperança ou terra à vista e quase sem provisões. E, especialmente, depois de sair da Terra dos Mortos. Ele se sente como se tivesse renascido, como se tivesse saído dos degraus mais profundos do inferno para os mais altos níveis do paraíso.

Mas não é só isso: Thor também se sente profundamente à vontade com Ragon, sentindo-se

confortado pela sua presença da mesma forma que sempre havia se sentido perto de Argon. De certa forma, ele sente que ter Ragon ali é como ter Argon volta.

Thor também sente incrivelmente aliviado ao ver Lycoples circulando no alto, gritando repetidas vezes para que sua presença seja reconhecida. Ele olha para cima e fica emocionado ao vê-la; o dragão o faz ter a sensação de que Mycoples está de volta ao seu lado, como se um pedaço dele mesmo tivesse sido restaurado.

E, no entanto, mesmo com tudo isso, ainda há algo mais a respeito daquele lugar, alguma outra coisa que Thor não consegue detectar, algo escondido logo abaixo da superfície. Ele sente alguma coisa ali, uma presença, algo que ele não consegue definir com facilidade. Ele sente que há algo ali esperando por ele, algo que o deixará inteiro outra vez. Ele não sabe o que pode ser ou o que pode existir naquele lugar vazio no meio do nada, mas a sensação continua o incomodando e seus sentidos insistem que há algo crucial ali, em algum lugar naquela ilha.

Eles marcham por horas e, estranhamente, Thor percebe que suas pernas não se cansam naquele lugar. Aquela ilha é o lugar mais idílico que ele já tinha visto e, enquanto eles caminham sobre as colinas, atravessando campos verdejantes, Thor tem a sensação de estar sendo embalado pelos braços de um anjo.

Eles chegam ao topo de uma colina e, ao fazerem isso, Ragon para ao lado de Thor. Thor olha para longe e fica chocado com a paisagem: lá, ao longe, há um castelo feito de luz. Ele brilha sob o sol, assemelhando-se a uma nuvem dourada com a forma de um castelo. Ele tem uma aparência translúcida e Thor percebe que o castelo é inteiramente feito de luz.

Ele se vira para Ragon com uma expressão de admiração no rosto.

"O Castelo de Luz," explica Ragon.

Todos observam em silêncio, Thor não sabe o que dizer.

"Ele é real?" pergunta Thor, finalmente quebrando o silêncio.

"Tão real quanto você e eu," Ragon responde.

"Mas ele parece ser feito de luz," diz Reece, dando um passo à frente. "É possível entrar nele?"

"Da mesma forma que você pode entrar em qualquer castelo," Ragon responde. "Ele é o castelo mais forte conhecido pelo homem. No entanto, suas paredes são feitas de luz."

"Eu não entendo como isso é possível," diz Thor. "Como pode um castelo ao mesmo tempo ser tão leve e tão forte?"

Ragon sorri.

"Você vai descobrir que muitas coisas aqui, na Ilha da Luz, não são o que parecem ser. Como eu disse, esse é um lugar onde somente aqueles que merecem são autorizados a entrar."

"E o que é aquilo?" pergunta Matus.

Matus aponta para outro prédio e Thor se vira com os outros e vê outro edifício de luz em frente ao castelo, construído com a forma de um arco baixo.

"Ah," Ragon fala. "Estou feliz que você o tenha visto. É onde eu pretendo levá-los a seguir: Aquele é o Arsenal."

"Arsenal?" pergunta Elden, esperançoso.

Ragon assente.

"É lá que guardamos todos os tipos de armamentos, armas que não podem ser encontradas em qualquer outro lugar da Terra," explica Ragon. "Armas destinadas apenas aos merecedores."

Ragon se vira e olha para todos eles de maneira significativa.

"Deus sorri para sua coragem," ele diz, "e é chegada a hora de receber sua recompensa. Algumas recompensas são reservadas para a próxima vida e alguns para esta. Não são somente os mortos que podem se divertir," ele fala com uma piscadela.

Os outros olham para ele com surpresa.

"Você quer dizer que há armas para todos nós naquele..." O'Connor começa.

Mas Ragon já está se afastando, descendo a colina com seu cajado, misteriosamente rápido, embora pareça caminhar lentamente.

Thor e os outros se entreolham com espanto e, então, se viram e começam a descer colina, correndo para alcançá-lo.

Eles o seguem até as altas portas duplas de ouro na entrada do arsenal e observam quando Ragon estende a mão com seu cajado e bate na porta.

Ao fazer isso, um enorme estrondo ecoa pelo lugar, como se ele estivesse batendo no ferro com

um aríete. Thor não consegue entender como aquilo é possível; o cajado de Ragon quase não encosta nas portas de luz.

Lentamente, as portas se abrem e uma luz irradia do interior do Arsenal, cegando Thor temporariamente e fazendo-o levar as mãos aos olhos. A luz diminui, Ragon entra e, um por um, todos o seguem.

Thor olha para o alto teto arqueado ao entrar no amplo salão com trinta metros de profundidade, encantado com o que vê. Há uma infundável variedade de armamentos alinhados ao longo das paredes, fileiras e fileiras deles, armas forjadas em ouro, prata, aço, bronze, cobre e outros metais que Thor não reconhece. Ao lado deles há todos os tipos de armadura, todas novas, brilhantes, com formatos incomuns e os detalhes mais rebuscados que Thor já tinha visto.

"Vocês todos foram para a Terra dos Mortos e voltaram," Ragon declara. "Vocês já provaram seu valor. Vocês deixaram seus amigos para trás, deixaram suas famílias para trás e todos os tipos de conforto. Vocês seguiram em frente pelos seus companheiros, pelos seus irmãos. Vocês mantiveram seu juramento solene. Um juramento de irmãos é mais forte do que qualquer arma no mundo e isso é algo que vocês aprenderam."

Ragon se vira e aponta para as paredes, para as infinitas fileiras de armas.

"Vocês são homens agora; tanto quanto, e ainda mais, do que qualquer outro homem, independentemente de suas idades. É hora de vocês terem armas e armaduras de verdade. Esse arsenal é seu, um presente de Deus. Um presente de quem cuida de vocês."

"Escolham," ele diz, virando-se e sorrindo ao mesmo tempo em que faz um gesto com seu cajado.

"Escolham suas armas e suas armaduras. Essas são as armas que vocês estão destinados a empunhar pelo resto de suas vidas. Cada arma aqui tem um destino especial e a arma que você escolher será somente sua. Ela não poderá ser empunhada por nenhum outro. Vocês não poderão escolher outra arma. Fechem os olhos e deixem que suas armas os atraiam."

Thorgrin olha para o arsenal e, ao fazer isso, sente sua espada, a Espada dos Mortos, vibrando em sua mão. Ele tira a espada de sua bainha e ergue o braço, examinando-a com espanto; ele fica chocado ao ver as caveiras e ossos cruzados em torno do punho da espada começando a mover-se e a boca de marfim se abrindo como se estivesse chorando. Enquanto ele observa, ele ouve um barulho saindo de sua espada e a boca começa a emitir um gemido.

Thor olha para sua mão como se estivesse segurando uma criatura viva, sem saber se deve jogá-

la no chão ou segurá-la com mais força. Ele nunca tinha encontrado uma arma como aquela; a espada está realmente viva. Aquilo é um pouco assustador e, ao mesmo tempo, lhe dá uma sensação de poder.

Ragon aparece ao seu lado.

"Você segura uma das maiores armas conhecidas pelo homem," Ragon diz. "Uma espada que até demônios têm medo de empunhar. Você não está enganado: ela está muito viva."

"Parece que ela está chorando," Thor diz, olhando para ele.

"Ela é tão viva quanto você," explica Ragon. "Esses gemidos que você ouve são os gemidos das almas que ela levou; essas lágrimas são as lágrimas da morte. Essa é uma arma difícil de manejar, uma arma com uma mente própria, uma história própria. Essa é uma arma que deve ser domada, mas

também é uma arma que escolhe e ela escolheu você. Você não estaria com ela agora se ela não o tivesse escolhido."

"Não existe qualquer arma que possa ser comparada com essa. Aprenda a manejá-la - e faça isso bem. As armas que estão aqui são para os outros, não para você."

Thor assente, compreendendo.

"Eu não desejo ter qualquer outra arma," ele responde, guardando sua espada, determinado a aprender a dominá-la.

Ragon assente.

"Muito bem," ele fala. "Há, porém, uma armadura aqui para você. Deixe que ela o chame e você a encontrará."

Thor se concentra e sente uma força invisível tomando conta dele. Ele abre os olhos e deixa que a força o leve até a parede oposta enquanto seus amigos se espalham por toda a grande sala, sendo

levados em direções diferentes.

Thor para diante de um conjunto de armadura dourada. Ele olha para cima e vê duas longas placas finas de armadura circular e se pergunta para quê eles servem.

Ragon surge ao lado dele.

"Vá em frente," ele insiste. "Elas não vão mordê-lo. Pegue-as."

Thor as remove da parede com cuidado e começa a examiná-las.

"O que é isso?" ele pergunta.

"Protetores de pulso," Ragon responde. "Feitos de um metal que você nunca conhecerá."

"Eles são tão leves," Thor observa com ceticismo.

"Não se deixe enganar, jovem Thorgrin" Ragon diz. "Estes protetores são capazes de impedir um golpe com mais eficácia do que a mais espessa armadura."

Thor os examina com admiração.

Ragon se adianta, pega os protetores das mãos de Thor e, quando ele estende os braços, Ragon os coloca em torno de seus pulsos. Eles são tão longos que cobrem os pulsos de Thor até seus antebraços. Thor ergue os braços, testando-os, e não consegue acreditar na leveza da armadura. Eles se encaixam perfeitamente, como se tivessem sido feitos para ele.

"Use-os para bloquear o golpe de um inimigo," Ragon explica. "Como se fosse um escudo ou uma espada. No entanto, eles são ainda mais fortes do que o aço da mais alta qualidade e, quando você estiver no meio de uma batalha, eles irão antecipar os movimentos de seu inimigo e surpreendê-lo com suas próprias habilidades únicas."

"Eu não sei como lhe agradecer," Thor responde, sentindo-se pronto para enfrentar um exército sozinho.

O'Connor dá um passo adiante com os olhos brilhando de emoção ao pegar um arco e aljava dourados da parede. A aljava contém as flechas mais longas e perfeitas que Thor já tinha visto e sobre ela há uma luva de arqueiro feita de ouro. O'Connor pega a luva com admiração e a coloca na mão. A luva é feita de cota de malha de ouro leve e projetada para envolver seu dedo médio e depois em torno de seu pulso e antebraço. Ele abre e fecha a mão, examinando-a com espanto.

Ele então ergue o arco e o posiciona.

"Esse arco é diferente de qualquer outro," explica Ragon. "Flechas disparadas com ele voarão duas vezes mais longe e perfurarão qualquer armadura conhecida pelo homem. Você pode arremessá-las mais rapidamente e o peso do arco é o mais leve conhecido pelo homem."

O'Connor testa a arma, puxando a corda, erguendo o arco e examinando-o com admiração.

"Ele é magnífico," ele diz.

Ragon sorri.

"Essa é a sua recompensa e não a minha," ele fala. "A melhor forma de gratidão é usá-lo bem durante a batalha. Protegendo aqueles que são muito fracos para se protegerem e protegendo seus

irmãos."

O'Connor coloca o arco em suas costas e a arma se encaixa perfeitamente, como se estivesse destinada a pertencer-lhe.

Matus, ao lado dele, se adianta e coloca as mãos sobre um eixo longo cravejado de ouro, no final do qual pende uma corrente de ouro e três bolas de ouro cheias de pontas. Aquele é o mais belo mangual que Thor já tinha visto. Matus ergue a arma e lentamente começa a girar o mangual sobre sua cabeça. Ele fica maravilhado com o peso dele e olha com espanto para Ragon.

"A arma de um herói," diz Ragon. "Esse não é mangual comum. Suas correntes se expandem e contraem conforme necessário, sentindo a distância do seu inimigo e mantendo-o fora de seu alcance, suas bolas detectam o seu mestre e não atingirão você ou qualquer membro de seu grupo."

Matus balança o mangual e a arma brilha sob a luz, fazendo um barulho suave ao girar em torno deles, tão silenciosa que é como se ela não estivesse ali.

Elden estende a mão e cuidadosamente retira da parede um eixo tão comprido quanto ele com um pequeno machado de ouro na ponta, cuja lâmina afiada tem o formato de meia-lua. Ele ergue o machado, examinando-o sob a luz, sem ter certeza do que fazer com ele.

"É tão leve," Elden diz. "E tão afiado."

Ragon assente.

"O cabo é comprido o bastante para matar um homem a três metros de distância," ele explica. "Os seus inimigos não serão capazes de se aproximar de você e você pode derrubar um homem de seu cavalo antes que sua lança possa tocar em você. Como um machado de batalha, ele é incomparável, mais longo, mais elegante e mais forte do que todos os outros. Você pode cortar homens ou você pode cortar uma árvore - sempre com um único golpe. Este machado nunca falha e sua lâmina nunca precisará ser afiada."

Elden dá um golpe no ar e Thor sente o vento de longe ao observá-lo manejar a arma aparentemente sem esforço; aquele é o machado mais longo que ele já tinha visto.

Indra estende a mão e, cuidadosamente, pega uma longa lança que está pendurada horizontalmente na parede. Ela observa a arma sob a luz, admirando seu eixo feito de um material dourado e translúcido, cravejado de diamantes e que termina em uma ponta afiada, feita de diamante. Ela gira a

arma em suas mãos, examinando-a com admiração.

"Não existe uma lança mais perfeita," Ragon diz. "Essa lança pode voar mais longe do que qualquer outra, pode perfurar qualquer homem e qualquer armadura. Ela é condizente com você, uma mulher com habilidades que podem rivalizar as de qualquer homem da Legião."

"Ela é mágica," ela diz em voz baixa.

"E é leal," ele responde. "Você nunca será capaz de perdê-la. A cada arremesso, ela voltará para você."

Indra a examina, ainda mais impressionada, claramente sem palavras.

Reece se adianta e pega a mais bela alabarda que Thor já tinha visto; suas três lâminas de ouro brilham sob a luz na extremidade do cabo de ouro.

"Não existe outra alabarda igual a essa," explica Ragon. "Alguns a chamam de tridente do diabo, mas nas mãos de um verdadeiro cavaleiro ela é uma arma de honra. Ela também é incomparável no combate corpo-a-corpo. A alabarda também é mortal no ar: jogue-a no ar e seu eixo de diamante irá cegar o seu inimigo, atordoando-o. Mire-a e ela irá perfurar qualquer coisa em seu caminho. Ela sempre irá voltar para você."

Restando apenas Selese no grupo, Ragon olha para ela.

"Para você, minha querida," ele fala para ela, segurando um pequeno saco.

Selese estende a palma da mão, Ragon coloca o pequeno saco dentro dela e ela olha para baixo. Ela abre o saco e derruba seu conteúdo sobre a palma de sua outra mão, e Thor pode ver que se trata de uma areia fina e dourada. Ele cai entre os seus dedos de volta para o saco.

"Você não é uma guerreira", Ragon explica, "e sim uma curandeira. Esta areia pode curar qualquer homem de qualquer ferida. Use-a com sabedoria: há menos areia neste saco do que você pensa."

Selese abaixa a cabeça com os olhos cheios de lágrimas.

"Esse é um grande presente, meu senhor," ela diz. "O único presente maior do que o dom da morte é o dom da vida."

Thor olha para todos os seus irmãos, para Indra e Selese, todos empunhando novas armas, e quase não os reconhece. Todos eles têm a aparência, com suas reluzentes armas mágicas, de formidáveis guerreiros. Eles parecem sete titãs, um grupo de guerreiros que qualquer inimigo será sábio em evitar. Especialmente depois de emergir dos infernos mais sombrios, Thor tem a sensação

de que eles haviam renascido e estão prontos para enfrentar o mundo.

E eles ainda não tinham sequer chegado até a parede com as novas armaduras.

Ragon olha para eles com aprovação.

"Essas são armas para ajudá-los a encontrar o seu caminho em um mundo feroz," ele diz. "Armas para serem usadas com honra, armas de luz em um mar de escuridão, armas fortes o suficiente para

enfrentar demônios. Honrem a Deus e lutem em seu nome, na causa dos justos, a causa dos

oprimidos, e vocês irão prevalecer. Lutem pelo poder, por riquezas ou em nome da ganância, da

luxúria ou para suas próprias conquistas, e vocês perderão. Se vocês se desviarem da luz, nenhuma arma poderá salvá-los. Vocês empunharão essas armas apenas enquanto forem merecedores."

Ragon caminha até a parede com as armaduras.

"Agora vocês irão escolher suas armaduras, armaduras esplêndidas, armaduras para coincidir com essas armas gloriosas."

Um por um, todos se espalham pela sala, olhando para as fileiras e fileiras de armaduras

douradas. Thor está prestes a se juntar a eles, quando de repente ele é atingido por alguma coisa, um sexto sentido.

Ele se vira para Ragon.

"Eu sinto que há algo mais," ele fala, "outra coisa que você está escondendo. Um grande segredo."

Ragon abre um largo sorriso.

"Meu irmão estava certo," ele diz. "O poder dentro de você é mesmo muito forte."

Ele suspira.

"Sim, jovem Thorgrin. Tenho mais uma surpresa para você. A maior surpresa e o maior presente de todos. Amanhã de manhã. Vocês passarão a noite aqui, todos vocês, em meu castelo. E na parte da manhã, você não vai acreditar na alegria que o espera."

CAPÍTULO ONZE

Godfrey mantém os olhos atentos à medida que eles atravessam os canais de Vólúsia dentro da pequena embarcação dourada, sendo levados lentamente pelas correntes através dos becos da

cidade. Por onde eles passam, Godfrey procura um lugar onde ele possa esconder o ouro. Ele precisa de um lugar confiável, um lugar discreto onde eles não sejam observados e do qual ele não vá se

esquecer depois. Eles não podem esconder o ouro no barco e, quando a taverna surge adiante, ele sabe que está ficando sem tempo.

Finalmente, algo chama sua atenção.

"Pare de remar!" ele grita para Merek.

Merek, em pé no fundo do barco, usa o remo para diminuir a velocidade e então para parar o arco e, quando ele faz isso, Godfrey aponta.

"Ali!" Godfrey diz.

Godfrey olha para baixo e vê, um pouco adiante, algo embaixo d'água. A luz do sol atravessa a água e Godfrey vê o casco de um barco no fundo do canal, a dois metros de profundidade. Ele está raso o suficiente para ser visto, mas fundo o bastante para permanecer discreto. Ainda melhor, ao lado dele, na costa, há uma pequena estátua de um boi, marcando o lugar para que ele não esqueça.

"Lá embaixo," Godfrey diz, "embaixo d'água."

Todos olham para fora do barco.

"Eu estou vendo um barco afundado," diz Akorth. "No fundo do canal."

"Exatamente," Godfrey comenta. "E é lá que vamos esconder o nosso ouro."

"*Embaixo d'água!?*" Akorth pergunta com espanto.

"Você ficou maluco?" completa Fulton.

"E se a corrente levá-lo embora?" Merek pergunta.

"E se alguém encontrá-lo?" interrompe Ario.

Godfrey balança a cabeça e pega um saco de ouro tão pesado que seu braço treme ao erguê-lo.

Ele se certifica de que o saco está bem fechado e o joga dentro do canal. Todos observam quando o saco afunda rapidamente, aterrissando dentro do casco do barco.

"Ele não vai sair dali," diz Godfrey, "e ninguém irá encontrá-lo. Vocês podem ver alguma coisa?"

Todos olham para dentro da água e obviamente não conseguem ver coisa alguma. Godfrey também mal consegue enxergar o saco de ouro.

"Além disso, quem vai vasculhar os canais à procura de ouro?" ele pergunta. "Especialmente quando as ruas da cidade estão cheias dele?"

"As pessoas não colocam as mãos no ouro das ruas," Merek explica, "por que os soldados as matariam, mas o ouro de graça é outra história."

Godfrey estica o braço e derruba outro saco dentro do canal.

"As correntes não irão levar esse ouro embora," ele fala, "e ninguém jamais irá saber onde ele está, exceto nós mesmos. Ou vocês preferem levá-lo para dentro da taverna?"

Todos olham para a taverna adiante, voltam a olhar para a água e, finalmente, parecem concordar.

Um por um, eles pegam um saco, esticam os braços e os jogam dentro do canal.

Godfrey observa à medida que eles afundam. Então, de repente, a luz do sol se esconde atrás de uma nuvem e a água fica turva mais uma vez. Não há qualquer visibilidade.

"E se nós não pudermos encontrá-lo?" pergunta Akorth, de repente em pânico.

Godfrey olha para trás e todos olham na mesma direção que ele, vendo a estátua do boi na rua lateral.

"Procurem o boi," ele responde.

Godfrey faz um sinal para Merek e eles continuam a remar; logo eles fazem uma curva e chegam diante da taverna, ouvindo o barulho dos frequentadores do lugar mesmo do lado de fora.

"Mantenham suas cabeças baixas e seus capuzes abaixados," instrui Godfrey. "Fiquem juntos.

Façam o que eu mandar."

"E o que faremos para beber?" pergunta Akorth preocupado. "Acabamos de esconder todo o nosso ouro. Como vamos comprar nossas bebidas?"

Godfrey sorri e mostra uma moeda.

"Eu não sou tão burro," ele diz. "Guardei uma moeda."

O barco é atracado, eles desembarcam e rapidamente o abandonam, misturando-se rapidamente à multidão. O barulho aumenta à medida que eles se aproximam do bar, cercado por homens de aparência mais rude, soldados do Império e clientes obviamente bêbados perambulando do lado de fora, rindo e se empurrando. Alguns fumam um tipo estranho de cachimbo que Godfrey nunca tinha visto antes e há um cheiro forte no ar em torno da taverna.

Godfrey finalmente se sente em casa, como sempre se sente em qualquer taverna do mundo.

Aquelas pessoas podem ser meliantes e podem ter peles de cores diferentes da dele, mas estão todos bêbados, livres e são verdadeiramente o *seu* povo.

Godfrey lidera o caminho, sendo seguido pelos seus homens ao abrir caminho pela multidão com a cabeça abaixada até entrar na taverna.

Ele se depara com os cheiros e sons de todas as tavernas do mundo: cerveja choca, vinho barato e homens suados. Aquele é um cheiro familiar e estranhamente confortante. O barulho ali dentro é mais intenso, as vozes se misturam e as pessoas falam em línguas que ele não consegue reconhecer. Os frequentadores da taverna parecem ser um grupo da pesada, um misto de soldados delinquentes e as camadas mais baixas da população. Nenhum deles, Godfrey fica aliviado ao ver, olha na direção deles quando eles entram; todos estão preocupados demais em beber.

Godfrey mantém sua cabeça baixa e atravessa a multidão, seguido de perto por seus companheiros, até chegar ao bar. O bar é antigo e gasto, do tipo que ele poderia ter encontrado no Anel. Ele apóia um cotovelo no balcão, espremendo-se entre várias outras pessoas, estica o braço e coloca a moeda de ouro sobre o bar, esperando que o atendente aceite o pagamento. Ela pode ter uma cunhagem diferente, mas afinal de contas, ouro é ouro. Ele começa a salivar ao ver as canecas de cerveja sendo servidas; ele não havia percebido o quanto está sentindo vontade de beber uma cerveja.

"Vou querer cinco," Godfrey diz quando o atendente, um homem alto do Império, se aproxima.

"Eu não bebo," Merek diz.

Godfrey olha para Merek com surpresa.

"Quatro cervejas, então," corrige Godfrey.

"Pode ser cinco," interrompe Fulton. "Eu bebo a dele."

"Eu também não vou querer," diz Ario. "Eu nunca bebi antes."

Godfrey, Akorth e Fulton olham para ele com espanto.

"Você nunca bebeu!?" pergunta Fulton

"Então hoje é o seu dia de sorte," Akorth fala. "Você vai beber conosco. Pode mandar cinco cervejas," ele pede para o atendente. "Na verdade, pode mandar seis. Eu também vou beber duas."

O atendente fica parado diante deles, parecendo irritado, então ele pega a moeda de ouro e a examina, mostrando-se suspeito. O coração de Godfrey bate acelerado quando o homem o encara, avaliando-o.

"Que tipo de ouro é esse?" ele pergunta.

Godfrey sente que está transpirando embaixo do capuz. Ele pensa rápido e decide mostrar-se indignado.

"Devo pegá-lo de volta?" pergunta Godfrey, arriscando.

O atendente o encara e, para alívio de Godfrey, parece finalmente decidir que ouro é ouro. Ele coloca a moeda no bolso e logo entrega as seis canecas de cerveja. Godfrey pega a sua caneca e Akorth e Fulton pegam duas canecas cada um.

Godfrey começa a beber, engolindo o líquido avidamente ao perceber o quanto aquilo tinha lhe feito falta. Ele aprecia cada gole, percebendo como aquela cerveja é diferente da bebida que ele havia tomado no Anel; aquela cerveja é mais escura, tem um fundo amendoado e um retrogosto picante, algo parecido com a terra, com as cinzas e com o fogo. Ela também tem algo diferente, um retrogosto que queima o fundo de sua garganta.

Após o primeiro gole Godfrey não sabe se ele gosta daquilo ou não, mas ao terminar a caneca e colocá-la de volta no balcão, depois de alguns instantes, ele decide que aquela é a melhor cerveja que ele já havia experimentado. Ele não sabe se é por que ele está morrendo de sede, nervoso ou com saudade de casa, mas ele tem certeza que nunca havia bebido nada como aquilo antes. Ele também logo percebe que aquela é uma das cervejas mais fortes que ela já tinha tomado e começa a sentir seus efeitos após a primeira caneca.

Ele se vira e, vendo as expressões satisfeitas de Akorth e Fulton, sabe que eles sentem o mesmo.

"Agora eu já posso morrer," diz Fulton.

"Eu posso viver nessa cidade," Akorth fala.

"Ninguém vai conseguir me tirar daqui," completa Fulton. "O Anel? Onde fica isso?"

"Quem se importa?" Akorth diz. "Dê-me sempre dessa cerveja e eu me converterei. Criarei chifres."

Eles se viram e olham para a sexta e última caneca de cerveja em cima do bar, intocada,

esperando por Ario. Akorth estica o braço e a empurra na direção dele.

"Beba enquanto ainda há tempo," Akorth fala. "Você pode não ter outra chance. É uma coisa terrível, morrer sem nunca ter tido a chance de experimentar uma cerveja."

"E vá logo com isso," completa Fulton. "Você não vai querer deixar uma caneca cheia de cerveja na minha frente e esperar que eu não a beba."

Ario, incerto, estica o braço devagar e pega a caneca. Ele bebe devagar, experimentando a bebida, e faz uma careta.

"Argh," ele fala. "Isso é horrível."

Akorth cai na risada, estica o braço e arranca a caneca das mãos dele, derrubando espuma da bebida em sua mão.

"Eu não vou insistir," ele diz, "e também não vou desperdiçar; Tente novamente quando tiver cabelos no peito."

Akorth ergue a caneca até sua boca, mas de repente Ario estica o braço e a pega de volta com um movimento rápido. Akorth observa chocado à medida que Ario calmamente leva a caneca aos lábios e bebe a cerveja de uma vez só, fazendo barulho com a garganta a cada gole.

Ele nem mesmo estremece ao colocar a caneca gentilmente de volta sobre o balcão, olhando Akorth diretamente nos olhos.

Akorth e Fulton o encaram com espanto. Godfrey também está chocado.

"Onde você aprendeu a beber assim, garoto?" pergunta Godfrey, impressionado.

"Eu pensei que você nunca tivesse bebido?" insiste Fulton.

"E eu nunca bebi," Ario responde calmamente.

Godfrey o examina e pensa ainda mais sobre aquele garoto, tão calmo e inexpressivo, mas ao mesmo tempo sempre tão surpreendente. Ele é um garoto de poucas palavras e de muita ação; ele é tão discreto que as pessoas sempre o subestimam, essa é sua grande vantagem.

Godfrey pede mais uma rodada e, quando ela chega, dá mais um longo gole, mantém sua cabeça abaixada e discretamente analisa o ambiente ao seu redor. Dezenas de soldados do Império ocupam o lugar e ele avalia os presentes, procurando por algum sinal de um oficial, de alguém importante.

Alguém que possa ser comprado. Ele procura por um rosto que exale corrupção e ganância, uma expressão que Godfrey, em todos os seus anos frequentando tavernas, havia aprendido a reconhecer com facilidade.

De repente, Godfrey é empurrado quando um ombro o empurra pelas costas. Ele tropeça e derruba o restante de sua cerveja.

Irritado, Godfrey se vira para ver quem é o ofensor e vê um soldado do Império enorme, trinta centímetros mais alto do que ele, encarando-o com raiva. A pele amarela do homem fica laranja e Godfrey se pergunta se aquilo é o que acontece quando eles ficam bêbados ou com ódio.

"Não entre no meu caminho novamente," ele dispara para Godfrey, "ou será a última coisa que irá fazer."

"Eu sinto muito..." começa Godfrey, sem querer chamar atenção e prestes a virar as costas, mas de repente Merek dá um passo adiante.

"Ele não estava no seu caminho," Merek grita, encarando o homem destemidamente. "Você o empurrou."

O coração de Godfrey se aperta quando ele vê Merek enfrentando o homem. Merek, Godfrey está começando a perceber, é muito cabeça quente. Talvez tenha sido um erro trazê-lo. Ele é muito imprevisível, volátil e um pouco vingativo.

"Na verdade," continua Merek, "eu acho que você deve um pedido de desculpas ao meu amigo."

O soldado do Império, depois do choque inicial, sorri para Merek e começa a alongar o pescoço e as mãos. Aquela é uma cena ameaçadora.

Ele encara Merek como se ele fosse um prato de comida ou uma presa que acaba de pisar em sua armadilha.

"Que tal se eu arrancar o seu coração e entregá-lo para o seu amigo? Isso serve como um pedido de desculpas?"

Merek, sem medo, continua encarando o soldado com determinação mesmo que ele tenha duas vezes o seu tamanho. Godfrey não consegue imaginar o que ele pode estar pensando.

"Você pode tentar," Merek responde, colocando a mão cuidadosamente sobre sua adaga. "Mas suas mãos terão que ser bem mais rápidas do que a sua mente."

O soldado do Império agora não parece mais estar se divertindo, sua expressão se torna mais

ameaçadora.

"Merek, está tudo bem," Godfrey diz, esticando o braço e colocando a mão no peito dele.

Godfrey ouve suas próprias palavras arrastadas e se pergunta o quão forte aquela cerveja realmente é. Agora ele começa a se arrepender e gostaria que sua mente estivesse mais clara.

"Ele deveria ter aceitado aquela bebida," diz Akorth, balançando a cabeça. "É isso que acontece quando você não bebe. Você procura uma briga."

"Bem, você procura uma briga quando você bebe, também," completa Fulton.

O soldado do Império, irritado, alterna o olhar entre Merek, Akorth e Fulton como se estivesse percebendo alguma coisa. Ele estica o braço e remove o capuz de Godfrey, revelando o seu rosto.

"Você é o primeiro Finiano que eu vejo que não tem cabelos vermelhos," observa o soldado. Ele analisa Godfrey com cuidado, mostrando-se muito suspeito, e então examina todos os outros. "Na verdade, esses mantos não lhes servem muito bem, não é mesmo? E a sua pele não é tão pálida quanto deveria ser."

Ao perceber a farsa o soldado do Império abre um grande sorriso e Godfrey engole em seco, sua situação de repente ficando mais grave.

"Vocês não são Finianos, são?" ele continua. Então ele se vira e grita por cima do ombro. "Ei, pessoal!"

A taverna se silencia à medida que doze soldados do Império abrem caminho até eles. Godfrey percebe horrorizado que todos parecem ainda maiores que o primeiro, se é que isso é possível. Eles param ao lado dele.

"Olhe só o que você fez com essa sua boca grande," Godfrey fala para Merek.

"Prefiro ter uma boca grande a me acovardar de medo," retruca Merek.

"Vejam só o que temos aqui!" o soldado do Império declara em voz alta enquanto todos olham.

"Um bando de humanos disfarçados!"

Godfrey engole com dificuldade e o suor escorre pelas suas costas à medida que mais doze soldados se reúnem em torno deles. Godfrey procura pela saída, mas os soldados os cercam de tal maneira que é impossível sair dali.

Merek de repente tenta pegar sua adaga, mas dois soldados se aproximam, pegam o seu pulso e

arrancam sua arma antes que ele possa fazer qualquer coisa. Então os soldados pegam os braços dele e Merek luta inutilmente para se soltar.

Godfrey está assustado demais para se mover. O soldado do Império se aproxima do rosto de Godfrey e sorri.

"Agora, conte-me o que um garoto branco e gordo como você está fazendo em nossa taverna, disfarçado de Finiano?"

"Eu tenho ouro!" Godfrey grita, sabendo que aquela é a coisa errada a dizer, na hora errada, mas sentindo-se desesperado e sem saber o que mais ele pode dizer.

Os olhos do soldado se abrem de espanto.

"Ele tem *ouro*, é mesmo!?" ele repete rindo, acompanhado por todos os outros soldados ao redor deles. "Tenho certeza de que sim, gorducho. Tenho certeza de que sim."

"Espere, eu posso explicar..." começa Godfrey.

Mas antes que ele possa terminar de pronunciar suas palavras, Godfrey vê um pulso fechado

vindo em direção ao seu rosto a toda velocidade. A próxima coisa que ele percebe é quando o pulso acerta o seu queixo e ele sente seus dentes batendo um contra o outro, ouve um barulho oco dentro de sua cabeça e sabe que tudo está acabado e que sua vida havia chegado ao fim. Ele sente seu corpo

caindo para trás e, ao olhar para cima e ver o telhado empenado daquela taverna suja, Godfrey ainda tem um último pensamento: *Ah, se eu tivesse tempo para tomar mais uma caneca de cerveja.*

CAPÍTULO DOZE

Erec fica na proa do navio com Alistair e Strom ao seu lado e centenas de seus homens atrás

dele, trabalhando no navio e abaixando as velas. Ao lado deles, a frota de seis navios navega na

direção da Ilha de Boulder. Erec olha para a frente, observando a ilha que se aproxima rapidamente e ouvindo o som das ondas do mar arrebentando em torno dele, e começa a pensar.

Aquela ilha é uma parede de rocha íngreme, como se uma pedra gigante tivesse caído no mar e se erguido no meio do oceano; ela tem dezenas de metros de altura e mais do que um quilômetro de

diâmetro. Não há qualquer tipo de margem, nenhum modo para desembarcar. Para o navegante

ocasional ela pode até não parecer uma ilha, apenas uma rocha gigante no meio do mar, mas Erec

conhece a verdade. Quando ele olha de perto, ele vê a entrada camuflada na rocha, um único e

enorme arco entalhado diretamente na rocha e, atrás dele, um portão de ferro. Boulder é como uma

ilha construída em uma montanha esculpida.

Em pé diante da entrada, em uma borda estreita de pedra, há uma dúzia de arqueiros com bestas em riste, mirando o navio com expressões sérias e visores abaixados. No meio deles está o seu comandante, um homem endurecido que Erec conhece bem: Krov. Ele fica parado lá com orgulho, um homem encorpado com uma cabeça completamente careca, coberto de cicatrizes de batalha, um rosto curtido pelo sol e pelo ar do oceano e uma barba muito comprida. Ele olha com severidade para Erec como se nunca o tivesse visto em toda a sua vida.

O navio de Erec se aproxima da entrada e Erec olha para Krov, espantado com aquela recepção hostil.

Os dois exércitos se enfrentam no silêncio tenso, o único som que pode ser ouvido é o bater das ondas contra as rochas.

"Você apontaria flechas contra um amigo?" Erec pergunta em voz alta, gritando para ser ouvido.

Krov sorri.

"E desde quando você é um amigo para mim?" Krov responde friamente com as mãos nos quadris.

Erec é pego de surpresa pela sua resposta.

"Você sabe quem eu sou? Eu sou Erec, filho do falecido rei das Ilhas do Sul, amigo e aliado de seus pais há quatro gerações."

"Sim, eu sei quem você é," ele responde friamente. "Muito bem, mas dizer que somos *aliados* é um pouco de exagero."

Erec o encara intrigado.

"Você lutou com o meu pai, derramou sangue pelo meu pai," Erec grita. "Nossa causa sempre foi a sua causa. Eu lutei ao seu lado em muitas batalhas no mar. E nós os salvamos mais de uma vez de serem capturados pelo Império. Por que você continua apontando suas flechas contra nossos homens?"

Krov estende a mão e coça a cabeça careca.

"Essas são todas apenas meias-verdades," ele responde. "Meu pai ajudou seu pai mais de uma vez, mas eu acho que vocês ficaram com o melhor lado da barganha."

Ele olha para os navios de Erec.

"Vocês não estão vindo até aqui como amigos," Krov fala. "Você chegam com navios de combate. Talvez vocês estejam planejando tomar a nossa ilha."

Erec balança a cabeça.

"E por que eu iria querer esse pedaço de lixo que você chama de ilha?"

Krov olha para trás parecendo chocado e, em seguida, lentamente, abre um largo sorriso.

De repente, Krov joga a cabeça para trás cai na gargalhada, acabando com a tensão em ambos os lados. Seus homens baixam suas flechas e os homens de Erec abaixam as deles.

"Erec, seu velho desgraçado!" Krov grita em tom jovial. "Aquece o meu coração voltar a vê-lo!"

Krov estendeu o braço e arremessa um enorme gancho de metal pelo ar; a corda desenrola e aterrissa na popa no navio de Erec.

"O que vocês estão esperando?" Krov repreende seus homens. "Vocês ouviram o homem! Ele é meu amigo! Comecem a rebocá-los!"

Os homens de Krov deixam suas bestas de lado, correm para a frente e começam a puxar a corda, rebocando o navio de Erec. Krov, em seguida, pula da borda de pedra e quando Erec desembarca,

Krov corre até ele e o abraça com força. Erec, como sempre, é pego de surpresa pela forma

imprevisível de Krov, que age como se fosse capaz de matá-lo com a mesma facilidade com que

pode abraçá-lo. Parte pirata, parte soldado e parte mercenário, Erec - como seu pai - nunca havia sabido como classificar Krov e os homens da Ilha de Boulder.

Krov se afasta e estuda o rosto de Erec.

"Não vejo seu pai e você há muito tempo," Krov fala. "Você envelheceu. Você é um homem agora. Você e seu irmão," diz Krov, acenando para Strom quando ele desembarca. "Por que vocês não vieram me ver antes?"

Erec também o estuda e vê que ele tinha envelhecido ao longo dos anos. Sua barba agora está

cheia de listras cinza, suas bochechas estão avermelhada, sua cabeça careca está enrugada e ele

agora tem uma pequena barriga. No entanto, ele ainda é tão forte quanto Erec se lembra, seu aperto é como ferro com suas mãos calejadas pelo mar.

"Nosso pai está morto," Strom anuncia.

Krov olha para Erec procurando confirmação e Erec assente. Os olhos de Krov se enchem de lágrimas, demonstrando sua tristeza ao ouvir a notícia.

"É uma pena," ele diz. "Ele era um homem bom. Um bom rei. Duro como uma rocha, mas justo. Eu amava aquele velho bastardo."

"Obrigado," Erec diz. "Nós também."

"E quem é essa?" pergunta Krov.

Erec segue seu olhar e vê Alistair se aproximando. Todos se afastam para ela quando Erec pega sua mão e a ajuda a subir até a borda de pedra.

"Esse é o amor da minha vida," Erec responde. "Minha esposa. Alistair."

Krov pega a mão dela e a beija.

"Você tem bom gosto," diz Krov, em seguida, ele olha para ela. "Mas o que você está fazendo com um bastardo velho e feio como ele?" ele pergunta para ela com uma piscadela e um sorriso.

Alistair sorri.

"Ele não é nem uma coisa nem outra," ela responde, "e mesmo se ele fosse feio e velho, eu ainda o amaria."

Krov sorri.

"Uma mulher elegante," ele fala para Erec com um sorriso. "Fico surpreso que ela esteja com você."

"E por que não estaria?" pergunta Strom. "Erec é o Rei agora."

Krov ergue as sobrancelhas.

"Ah, você agora é rei, é mesmo?" ele diz. "Imaginei que você seria," ele continua. "E será um rei magnífico," ele fala, apertando seu ombro com firmeza.

Krov de repente se vira e grita para os seus homens.

"Bem, o que vocês estão esperando!?" ele repreende. "Abram a porta! Vocês ouviram o homem, um rei acaba de chegar!"

A grade de ferro pesado é levantada com um forte rangido, revelando a cidade por trás dela, uma cidade enorme que parece um estádio.

Todos eles seguem Krov à medida que ele os conduz por baixo do arco e para dentro da cidade.

Assim que eles fazem isso, Krov dá um passo adiante, pega a mão de Alistair e a leva para o lado.

"Minha senhora, fique aqui, por favor."

"Mas por quê?" ela pergunta confusa.

"Porque eu não quero que também morra."

Erec, confuso, de repente olha para cima ao cruzar o limiar para a cidade e, pelo canto do olho, vê um cavaleiro se aproximando dele, empunhando uma lança.

Erec, com os seus reflexos apurados, desvia no último segundo e a lança corta o ar, errando o alvo por alguns centímetros. No mesmo instante, um cavaleiro ataca seu irmão pelo outro lado e Strom também reage, rolando e pulando para fora do caminho antes de ser atingido.

Erec fica chocado ao se encontrar em pé no pátio de entrada para a cidade, um tipo de estádio, cercado por vários cavaleiros de armadura a cavalo, todos preparados para atacá-lo.

Ele olha para Krov, em pé a vários metros de distância, sorrindo diabolicamente para ele.

"Como você esquece rápido os costumes dos habitantes da Ilha de Boulder," ele diz. "Ninguém entra aqui, a menos que conquiste esse direito. Isso aqui não é ilha para os fracos, como suas Ilhas do Sul. Essa é uma ilha de guerreiros! Você luta para conquistar o direito de entrar aqui."

"E que tal nos dar um cavalo e uma lança?" Strom grita, indignado.

Krov sorri.

"Esta é a Ilha de Boulder," ele responde. "Aqui, você tem que conquistar isso, também."

Erec pula para fora do caminho quando mais um cavaleiro parte para cima dele, errando o golpe por pouco, e cai no chão na terra batida. Uma dúzia de cavaleiros começa a cavalgar na direção deles, Erec olha para Strom e, em silêncio, os dois decidem sobre um curso de ação.

Quando o próximo cavaleiro se aproxima, Erec se esquiva, agarra sua lança e, com um movimento suave, arranca a arma de suas mãos, enviando o cavaleiro para fora de seu cavalo.

Erec agarra imediatamente as rédeas, sobe no cavalo do cavaleiro e, empunhando sua lança, sai a galope.

Erec cavalga a toda velocidade, apontando para um cavaleiro que está prestes a pegar Strom desprevenido. Erec chega até ele a tempo, bate em suas costelas com a lança sem ponta, claramente utilizada para duelos. O cavaleiro sai voando e Strom, sem perder tempo, monta em seu cavalo e

pega a lança do cavaleiro.

Finalmente em pé de igualdade, Erec faz o que melhor sabe fazer, abaixando a lança e se preparando para duelar com os outros cavaleiros. Ele corre na direção deles sem esperar, cruzando a arena e derrubando um após o outro, deixando um rastro de armaduras tinindo atrás deles quando cada um de seus oponentes cai no chão. Os habitantes da Ilha de Boulder podem ser guerreiros endurecidos, mas nenhum deles tem a mesma habilidade de Erec, o campeão das Ilhas do Sul e um cavaleiro sem igual em todos os reinos.

Ao lado dele, Strom causa danos de igual proporção, deixando sua própria trilha de destruição.

Erec ouve um estrondo repentino atrás dele e, ao olhar para trás, vê outro cavaleiro se aproximando com um mangual de madeira, prestes a golpeá-lo na cabeça; antes que Erec possa reagir, Strom corre até ele com sua lança e derruba o cavaleiro de seu cavalo antes que ele possa terminar de usar o mangual.

"Agora nós estamos quites!" Strom diz para Erec.

Erec e Strom cavalgam juntos, girando em círculos largos e partindo na direção dos cavaleiros que ainda restam. Erec abaixa sua viseira e sua lança e derruba um cavaleiro de seu cavalo ao mesmo tempo em que Strom. Juntos, eles separam o grupo, pegando-os um de cada vez, circulando a arena várias vezes até que não restam oponentes.

A multidão crescente em torno do pátio vibra em delírio. Erec e Strom enfrentam todos eles, levantando as viseiras e lanças durante uma volta final, sentindo-se vitoriosos.

Krov se adianta para cumprimentá-los com um largo sorriso no rosto e Erec não sabe se deve agradecer-lo ou matá-lo.

"Esse é o Erec de que eu me lembro!" Krov diz e a multidão aplaude novamente. "Vocês dois acabam de ganhar sua estadia aqui."

Krov se vira, acena para o próximo portão em arco e, lentamente, um portão maciço é erguido, revelando o pátio de uma cidade atrás dele.

"Bem-vindos, meus amigos. Essa é a Ilha de Boulder!"

CAPÍTULO TREZE

Darius galopa sob os dois sóis acompanhado de Raj, Desmond, Kaz, Luzi e de dezenas de seus irmãos de armas à medida que o som de suas zertas corta o silêncio do deserto. Eles atravessam uma paisagem árida com as zertas que eles haviam roubado dos soldados mortos após a batalha contra o Império, empunhando as armas que aqueles soldados haviam usado e liderando centenas de aldeões que os seguem a pé. Aquele é um grupo caótico de guerreiros, formado por pessoas comuns unidas por um mesmo ideal, sedentos de sangue e buscando a liberdade, unidas apenas graças ao sacrifício e exemplo de liderança de Darius. Darius está determinado a não esperar passivamente e a levar a guerra até as portas da capital do Império; seu povo está determinado a segui-lo.

Ele não sabe se os tinha inspirado com seu espírito de liderança ou se seu povo apenas sente que não tem mais nada a perder. Talvez eles finalmente tenham percebido que o Império irá cercá-los e destruí-los; talvez eles finalmente tenham percebido que eles não podem mais esperar passivamente até serem mortos ou mutilados. Quando pressionados, eles tinham sido forçados a atacar. Finalmente, Darius e seu povo parecem concordar: finalmente, seu povo, assim como ele, está preparado para lutar pela sua própria liberdade ou morrer tentando conquistá-la.

Seguindo o exemplo de Darius, eles haviam finalmente readquirido a humanidade. Eles haviam percebido que a humanidade não pode ser tirada de um homem, mas também não há como ela ser dada a ninguém. Ela é algo que deve ser reivindicado, algo pelo qual todos devem lutar, algo que deve ser exigido e que deve ser defendido com todas as forças.

Todos eles haviam ficado encorajados ao receber armas de verdade, ao segurar nas mãos o aço frio pela primeira vez em suas vidas e sentir o peso de uma arma de metal e não o peso de uma arma de bambu. Eles também tinham se animado pelo barulho e pela velocidade das zertas, animais de guerra magníficos que tinham lhes dado a sensação de serem guerreiros de verdade. Eles avançam sem parar, seguindo Darius cegamente pelo deserto. Darius sente que pode levá-los para onde quiser.

Mas nem todos estão satisfeitos. Ainda há uma facção de sua aldeia, liderada por Zirk, que culpa Darius, sente inveja dele e não aprova suas decisões. Essas pessoas também o estão seguindo agora, pois não querem ser deixadas para trás. Por mais que discordem dele ou por mais que estejam envolvidos em uma batalha por poder, esses homens também são escravos e, assim como ele, estão gostando daquela primeira experiência como homens livres.

Darius chuta sua zerta e todos começam a avançar mais rápido à medida que o suor escorre pelas

suas costas, fazendo arder suas feridas enquanto ele se segura firme em sua zerta com o olhar fixo no horizonte distante. A sensação de estar sozinho, de ser livre para fazer o que quiser e para ir onde bem entender é tão libertadora que Darius mal sente a dor de seus ferimentos. Todos os dias de sua vida, Darius havia tido que se reportar para suas obrigações e tinha tido algum tempo livre apenas quando o sol já havia baixado. E durante todos esses dias, Darius jamais teria se aventurado fora dos limites de sua vila.

Ele está *livre* - realmente livre. Essa não é uma palavra que ele teria imaginado apenas alguns dias atrás.

Darius avança até encontrar, um pouco adiante, o que ele está procurando. Aquele é o seu primeiro objetivo: os campos escravos da aldeia vizinha, a quase doze milhas de distância de sua aldeia. Todas as aldeias ao redor da sua, separadas pelo deserto, são pontos interconectados sob o comando do Império e erguidos ao redor do perímetro de Volúsia. Nenhuma delas, é claro, tem permissão para se encontrar ou se reunir. Tudo isso está prestes a mudar.

Darius sente que os outros escravos se sentirão da mesma forma que ele. Ele sente que quando os outros escravos puderem ver eu povo livre, libertados e atacando, eles também se juntarão à sua causa. E então, vila após vila, um homem de cada vez, ele construirá o seu exército.

Darius também sabe que não poderá atacar Volúsia diretamente, não com seus números e contra o enorme exército e vastas fortificações de seu oponente. Ele sabe que se deseja ter alguma chance de vitória terá que atacar o exército do Império em seu ponto mais fraco e vulnerável e quando eles menos esperam: nos campos, uma vila de cada vez, quando há poucos capatazes, quando eles estão separados e distraídos. Cada um dos campos de escravos, Darius sabe, tem apenas algumas dúzias de capatazes responsáveis pela supervisão de centenas de escravos. No passado, eles tinham sido capazes de mantê-los submissos e nenhum escravo jamais havia ousado se rebelar; poucos homens haviam sido o bastante para supervisionar todos os escravos.

Mas Darius acredita que isso está prestes a mudar. Agora aqueles capatazes cruéis estão prestes a aprender o verdadeiro poder do homem comum.

Darius sabe que eles podem vencer, especialmente se ele puder atacar rapidamente, pegando-os de surpresa, e se ele puder libertar escravos e convencê-los a se juntar ao seu exército.

Ao se aproximar, Darius dá um grito, chuta sua zerta e avança mais rápido, chegando mais perto do campo de escravos. Ele pode ver centenas de escravos acorrentados cobrindo a paisagem,

quebrando pedras sem imaginar o que está prestes a acontecer. Os capatazes do império estão espalhados pelo campo e caminhando entre as fileiras, supervisionando-os, erguendo seus chicotes e açoitando-os sob o sol da manhã. Darius se contorce ao ver aquela cena, que faz ressurgir as memórias das chibatadas recentes que havia recebido e ainda sentindo dor de sua própria punição em suas costas; seu desejo ardente de vingança se intensifica.

Darius faz uma careta e avança ainda mais rápido. Ao seu redor seus homens fazem o mesmo diante daquela cena, sentindo o mesmo que ele e sem precisar de qualquer motivação para fazer o que é certo.

Ao alcançá-los, Darius vê a primeira fileira de escravos olhar para ele e arregalar os olhos de choque ao vê-lo descer de sua zerta. Claramente, aqueles escravos nunca tinham visto escravos livres sobre zertas e empunhando armas de aço, nunca tinham visto alguém como eles, com a pele da mesma cor, andando livre e triunfalmente sob o sol.

Darius se concentra em um capataz particularmente grande que está açoitando um jovem garoto, ergue a lança curta que havia pegado de um soldado do Império, mira e a arremessa rapidamente.

O capataz finalmente se vira ao ouvir o barulho das zertas avançando na direção deles e Darius assiste com satisfação quando os olhos dele também se arregalam de surpresa - e de agonia - quando a lança perfura o seu coração.

O capataz segura a lança com ambas as mãos, tentando arrancá-la, e olha para Darius com uma expressão confusa antes de cair de costas no chão. Morto.

Darius e seus companheiros comemoram e seus gritos de batalha são ouvidos por todos à medida que eles atravessam os campos, fileira após fileira, criando uma parede de destruição e erguendo uma nuvem de poeira. Os aldeões permanecem imóveis, paralisados pelo medo e sem se mover, enquanto Darius e seus homens passam por eles, matando todos os capatazem que encontram.

Darius e seus companheiros param diante de um grupo de escravos paralisados, completamente apavorados.

Os escravos olham para eles espantados, ainda sem se mover. Um escravo alto com a pele escura, com os olhos arregalados e com suor escorrendo pelo rosto coloca seu martelo no chão e

encara Darius.

"O que você fez?" o homem pergunta em pânico. "Vocês mataram os mestres! Agora todos nós morreremos! Todos os escravos serão mortos!"

Darius balança a cabeça, se aproxima do homem e ergue a espada. O escravo se encolhe de medo. Com um movimento rápido, Darius dá um golpe com sua espada e corta as correntes que prendem o escravo.

O homem olha para baixo em estado de choque. Um de cada vez, os irmãos de armas de Darius, Raj, Desmond, Kaz, Luzi e os demais se aproximam e erguem suas espadas, cortando as correntes dos outros escravos. O barulho satisfatório das correntes sendo cortadas e batendo no chão do deserto preenche o ar ao redor deles.

Os escravos olham para Darius com espanto, chocados demais para fazerem qualquer outra coisa.

"Não se considerem *escravos* de agora em diante," Darius declara.

"Mas as nossas correntes!" grita um escravo. "Você precisa colocá-las de volta, rápido! Nós vamos morrer por causa disso!"

Darius balança a cabeça sem conseguir acreditar no condicionamento daqueles homens.

"Vocês não compreendem," Raj diz. "Não temos mais que temer o Império. Agora é a nossa vez de lhes causar medo."

"Vocês podem morrer lutando ao nosso lado," Darius grita para a multidão crescente de escravos libertados, "ou podem morrer aqui nos campos, acovardando-se como escravos! Quem de vocês quer morrer como um escravo e quem deseja morrer como um homem livre?"

Um grito surge entre a multidão de escravos quando eles começam a perceber que a liberdade havia chegado.

"Não posso lhes dar a liberdade, meus irmãos!" continua Darius. "Vocês têm que lutar por ela! A escolha é de vocês: juntem-se a nós agora!"

Uma trombeta soa e Darius vê dezenas de soldados do Império se organizando para atacá-los. De repente, Darius ouve um grito atrás dele e vê centenas de seus aldeões surgirem no horizonte, aproximando-se a pé e prontos para lutar ao seu lado.

Os soldados do Império também os veem e, naquele exato momento, param de avançar. Eles não estão mais enfrentando uma dúzia de escravos libertados; agora, eles estão enfrentando centenas deles. Eles encaram o horizonte com uma expressão de choque e medo até que, de repente e pela primeira vez, Darius vê os homens do Império dando meia volta e começando fugir.

Darius solta um grito de batalha, liderando o ataque, e desta vez todos os escravos libertados o acompanham. Ele lidera seu exército crescente, atravessando os campos enquanto eles perseguem os soldados do Império. Eles logo os alcançam e começam a golpeá-los, matando-os sem piedade.

Darius fica particularmente satisfeito ao observar um capataz derrubar seu chicote para correr mais rápido e ver Raj arremessar uma lança através de suas costas.

Darius volta a montar em sua zerta e ataca, correndo para alcançar meia dúzia de capatazes que haviam se reagrupado e que se estão se preparando para atacá-lo. Seus companheiros fazem o mesmo e o acompanham. Todos os escravos se agrupam atrás deles, correndo para segui-los.

Os escravos libertados começam a lutar e a agredir os capatazes, derrubando-os, jogando-se em cima deles e batendo neles até matá-los.

"Isso é pelo meu filho!" um deles grita.

Mais escravos se aproximam e, usando as correntes que ainda estão penduradas em seus braços, sobem nas costas dos soldados e envolvem as correntes em seus pescoços várias vezes, sufocando-os até a morte.

Finalmente, uns doze soldados do Império, percebendo que estão em menor número e que morrerão se continuarem fugindo, param, se organizam e uma fileira e decidem resistir. Eles parecem imponentes, são grandes guerreiros, bem maiores que os escravos, têm armaduras e armas resistentes e mentes preparadas para matar o que encontrarem pelo caminho.

Darius arremessa uma lança na direção deles e eles facilmente se defendem com seus escudos, lutando juntos. Darius sabe que aquele confronto não será fácil.

Darius se aproxima deles e desmonta, acompanhado por Raj, Desmond, Kaz, Luzi e vários de seus irmãos de armas. Ele salta de cima de sua zerta rapidamente e ergue sua espada ao mesmo tempo; então, ele dá um golpe no ombro de um deles, encontrando o ponto fraco de sua armadura e

ferindo o soldado.

Os outros soldados imediatamente reagem.

Darius os enfrentam golpe por golpe, surpreso com sua velocidade e destreza à medida que suas espadas se encontram e faíscas voam ao redor deles sob o sol forte do deserto, empurrando-os em direções opostas sucessivamente. Ao seu lado, Raj e Desmond também estão envolvidos em confrontos violentos e nenhum deles parece ser capaz de conseguir alguma vantagem. Seus outros homens e os aldeões começam a alcançá-los, aproximando-se, e Darius ouve seus gritos quando eles começam a ser mortos por aqueles soldados profissionais.

Darius enfrenta um soldado habilidoso golpe por golpe e a maior parte de seus ataques é amortecida pelo enorme escudo de cobre de seu oponente. Outro soldado do Império se aproxima e bate na lateral da cabeça de Darius com seu escudo, fazendo-o cair de joelhos no chão.

Darius, sem perder o passo, gira e, mesmo com a cabeça latejando pelo golpe, corta o joelho do soldado com sua espada e ele cai no chão com um grito.

Darius rola para fora do caminho ao mesmo tempo em que o outro soldado dá um golpe com sua espada, tentando acertar suas costas para cortar-lhe ao meio.

Ele volta a ficar em pé e bloqueia outro golpe, mas não consegue reagir a tempo ao ver outro golpe se aproximando de suas costas.

Darius ouve o barulho repentino de correntes sendo sacudidas no ar e vê quando um dos escravos recém-libertados ergue os braços, envolve as correntes em torno de um dos braços do soldado e puxa, salvando Darius do golpe fatal.

Darius se vira e golpeia o soldado antes que ele possa se libertar e atacar o escravo.

Mais dois soldados atacam Darius, que simplesmente sai do caminho ao ver sua Zerta se aproximar correndo, derrubando-os e pisoteando-os.

Cada vez mais escravos se juntam à luta, lutando com suas próprias mãos e usando suas correntes para enfrentar os soldados do Império e buscando vingança por terem sido chicoteados por eles.

Alguns escravos pegam os chicotes no chão do deserto e os usam como armas, batendo em capatazes

por toda a parte. Muitos golpes são bloqueados pelos escudos, mas com o tempo há escravos, chicotes e correntes o suficiente e os golpes começam a atingir seus alvos. A linha do Império começa a se enfraquecer.

Logo resta apenas um soldado do Império, que joga sua arma, seu escudo e seu capacete no chão e os encara, erguendo suas mãos.

"Misericórdia!" ele grita, sendo cercado pelos aldeões. "Deixem-me viver e eu conversarei com o Império em seu nome! Eu pedirei clemência por todos vocês!"

A multidão se silencia quando Darius se aproxima com uma careta, respirando com dificuldade e com a mão no punho de sua espada.

"O que você ainda não entendeu," Darius dispara, "é que nós não precisamos de misericórdia.

Não somos mais escravos. Agora nós pegamos por força o que quisermos."

Darius dá um passo adiante e perfura o coração do soldado, assistindo a sua morte e observando o seu sangue tingir de vermelho o chão do deserto.

"Aí está a sua misericórdia," fala Darius. "A mesma misericórdia que você teve com todos nós."

Ao redor de Darius, o ar de repente é preenchido pelos gritos alegres e vitoriosos de seu povo e dos escravos libertados, todos jubilosos aproximando-se dele. Seu exército de repente dobra de tamanho. Darius ergue sua espada no ar e olha para eles, que gritam seu nome em uma só voz.

"Darius!" eles gritam. "Darius! Darius!"

CAPÍTULO CATORZE

Indra se senta com os outros dentro do castelo dourado de Ragon, admirada com tudo ao seu redor e se perguntando se tudo aquilo é mesmo real. Todos se sentam sobre pilhas de peles luxuosas em um piso liso e brilhante, quase translúcido, diante de uma enorme lareira ornamentada com seis metros de altura, cercada de mármore branco brilhante. Ao seu lado estão Elden e Selese e do lado de Selese está Reece, Thorgrin, O'Connor e Matus. Todos estão sentados em um semicírculo, espalhados diante do fogo, relaxados na companhia um do outro enquanto um silêncio confortável recai sobre eles.

Indra olha para as chamas, perdendo a noção do tempo quando anoitece. Ela olha para fora

através das janelas arqueadas e através delas ela pode ver o crepúsculo se espalhando e as estrelas no alto do céu, brilhando em tons de vermelho. Ela sente a brisa suave do oceano, ouve o bater das ondas na distância e sabe que o mar está em algum lugar abaixo deles.

Indra olha em volta e vê seus amigos mais relaxados do que ela já os tinha visto; pela primeira vez desde que ela consegue se lembrar eles não estão de guarda e ela sente que pode fazer o

mesmo. Ela solta delicadamente a sua nova lança e a coloca de lado com pesar, sentindo que a arma já é como uma extensão de seu próprio corpo. Ela se inclina sobre as peles, ao lado de Elden, e olha para as chamas. Elden tenta colocar um braço ao redor dela, para chegar mais perto, mas ela o empurra; ela não gosta de pessoas muito perto dela.

"Sua arma é pesada?"

Indra se vira e vê Selese sentada ao seu lado, olhando para a lança. Ela não sabe o que pensar de Selese. Por um lado, ela é a única outra garota daquele grupo, naquela jornada com eles e, naquele ponto, elas têm uma ligação; mas, ao mesmo tempo, Indra tem que admitir sentir um pouco de receio em relação à Selese, uma vez que ela tinha acabado de sair da Terra dos Mortos, tendo voltado da morte. Ela não sabe bem o que fazer com ela. Ela está viva? Ela ainda está morta? Ela parece real para ela, tão real quanto qualquer outra pessoa. Indra tem que admitir que, de certa forma, isso a deixa aterrorizada.

Além disso, Indra realmente não entende Selese - e nunca havia entendido. As duas são pessoas muito diferentes, com essências completamente distintas. Indra é uma guerreira e Selese é uma curandeira, mais feminina do que Indra jamais gostaria de ser. Indra não consegue compreender qualquer mulher que não queira empunhar uma arma.

"Não," Indra finalmente responde. "É surpreendentemente leve."

Elas ficam em silêncio e Indra sente que deve devolver o favor; afinal, Selese havia tentado iniciar uma conversa.

"E a sua areia?" Indra pergunta. "Você está feliz em tê-la?"

Selese sorri docemente e assente.

"Eu gosto de qualquer coisa que possa me ajudar a curar os outros," ela responde. "Eu não poderia querer nada melhor de presente."

"Então você é uma pessoa melhor do que eu," responde Indra. "Eu gosto de matar pessoas e não de curá-las."

"Há a hora certa para ambos," Selese responde, "e eu não me considero melhor do que ninguém. Na verdade, eu admiro você."

"Eu!?" pergunta Indra surpresa. Aquela é a última coisa que ela havia esperado ouvir da boca de Selese.

Selese assente.

"Sim. Eu mal posso acreditar que você consegue empunhar uma arma como essa. Na verdade, qualquer arma."

Indra, na defensiva como sempre, num primeiro momento se pergunta se Selese está zombando

dela, mas então ela estuda seus olhos suaves e compassivos e relaxa, percebendo que Selese está

sendo sincera. Ela percebe que havia julgado Selese muito duramente, apenas porque ela é diferente dela. Ela tinha sido fria, mantendo-a distante e recusando-se a recebê-la em seu grupo. Ela percebe agora, vendo que Selese é uma pessoa boa e genuína, que tinha se enganado. As coisas sempre tinham sido assim com ela, Indra sempre havia agido na defensiva com todos. Aquele é seu mecanismo de

defesa, ela percebe, para ajudá-la a sobreviver em um mundo cruel e difícil, especialmente como

uma mulher guerreira.

"Não é tão difícil, na verdade," Indra responde. "Eu posso lhe ensinar."

Selese sorri e levanta a mão.

"Eu lhe agradeço," ela fala, "mas eu estou contente com as minhas poções de cura."

"Você é boa para curar os homens," observa Indra. "E eu sou boa em matá-los."

Selese ri.

"Suponho, então, que formaremos uma boa equipe."

Indra retribui o sorriso, sentindo-se surpreendentemente em casa com Selese.

"Devo admitir," Selese diz, "No começo eu estava com medo de você. Uma mulher que pode lutar da maneira que você faz e que não tem medo dos homens. "

"E o que há a temer?" Indra responde. "Ou você mata o homem ou ele a matará. O medo não vai fazer a mínima diferença."

Indra balança a cabeça.

"Devo admitir," ela acrescenta, "que eu também estava com medo de você."

"Você, com medo de *mim!*?" pergunta Selese, chocada .

Indra assente.

"Afinal, você acabou de sair da Terra dos Mortos. Você veio do outro lado. Você não apenas enfrentou a morte, mas a conheceu de perto - e por sua própria. Eu temo a morte. Eu tento fingir que não tenho medo de ninguém, mas eu temo a morte. E eu temo qualquer um que tenha se aproximado demais dela."

O rosto de Selese fica sério e ela dá um longo suspiro enquanto olha para as chamas, como se estivesse se lembrando de tudo que havia acontecido.

"Como foi?" pergunta Indra, incapaz de resistir. Ela sabe que não deve perguntar e que não deve pressioná-la, mas ela tem que saber. "É insuportável viver lá embaixo?"

Quando um longo silêncio se segue, uma parte da Indra espera que ela não vá responder e não quer ouvir a resposta. No entanto, outra parte dela está morrendo de vontade de saber.

Selese finalmente suspira.

"É difícil de descrever," ela começa. "Não é como entrar em outro lugar. É como entrar em outra parte de si mesmo, uma parte profunda - e por vezes escura - de si mesmo. Tudo volta para a superfície e para a sua mente, tudo o que você fez em sua vida - as pessoas que você amou e as pessoas você odiou, o que você fez e o que não fez. O amor dado e o amor perdido. Tudo vem borbulhando diante de você, como se estivesse acontecendo mais uma vez. É um estado estranho, uma revisão de sua vida que não termina nunca. É um lugar de memórias, de sonhos e de esperanças. Um lugar, acima de tudo, de desejos não realizados."

Selese suspira.

"No meu caso, mais do que para os outros, porque eu tirei minha própria vida. Fui enviada para um lugar diferente, onde eu tive que refletir muito para entender o que eu fiz e porquê. As lembranças se repetem sem parar e nunca terminam. Por um lado, aquela foi uma experiência purificadora e, por outro, foi torturante. Devido à forma como a minha vida acabou, tudo parecia incompleto. Eu queria mais uma chance, apenas mais uma chance de consertar meus erros e fazer a coisa certa. "

Indra pode ver a profundidade dos sentimentos de Selese, que revive tudo ao pensar em sua experiência, perdida em outro lugar. Ela sente que há uma qualidade translúcida nela, como se uma parte de Selese estivesse ali e outra parte ainda estivesse presa na Terra dos Mortos.

Selese se vira e olha para ela.

"E quanto a você?" ela pergunta. "O que trouxe você até aqui? Sua vida era perfeita?"

Indra pensa muito sobre aquela pergunta, ela nunca tinha considerado aquilo antes.

Indra balança a cabeça.

"Ela era qualquer coisa, menos perfeita," ela responde. "Longe disso. Fui criada no Império. No Império, se vive a vida como um escravo. Eu morava no interior de uma grande cidade escrava e a escravidão era a minha vida. Eu testemunhei todos que eu amava e conhecia sendo mortos."

Indra suspira, sentindo-se doente com a lembrança, que voltam para sua mente como se tudo tivesse acontecido ontem.

"Eu poderia ter vivido com a escravidão," ela continua. "Eu poderia ter vivido com o trabalho escravo. Eu poderia até ter suportado os espancamentos, mas eu não fui capaz de ver minha família em cativeiro, vivendo como escravos. Aquilo foi demais."

Indra fica em silêncio, pensando em sua família, seus pais, irmãs e irmãos.

"E onde estão eles agora?" pergunta Selese. "O que aconteceu com eles?"

Há um longo silêncio, nenhum ruído exceto o crepitar do fogo, e Indra sente todos os outros à escuta, observando-a enquanto esperam por uma resposta.

Indra balança a cabeça, sentindo seus olhos se encherem de lágrimas. Ela não tem coragem de dizer as palavras, então ela apenas fica em silêncio.

Selese estende o braço e coloca uma mão reconfortante em seu ombro.

Finalmente, depois de um longo tempo, Indra prende a respiração.

"Eu os vi morrer," ela diz com dificuldade, as palavras quase ficando presas em sua garganta. "Cada um deles. E não havia nada que eu pudesse fazer. Eu estava acorrentada aos outros, completamente indefesa."

Ela suspira.

"Eu jurei sobreviver. Eu jurei me tornar uma guerreira. Jurei vingança. A necessidade de vingança é uma coisa muito poderosa, mais poderosa ainda do que a necessidade de alimentos, de água, a necessidade de viver. Foi isso que me sustentou, o que me manteve viva. Eu jurei fazer o que fosse preciso para matar todos os monstros que tiraram a minha família de mim."

Elden chega mais perto e coloca o braço ao redor dela.

"Eu sinto muito," ele diz. Aquela é a primeira vez que ele fala há muito tempo e, pela primeira vez desde

que é capaz de se lembrar, ele - sempre tão silencioso - está expressando suas emoções.

Mas Indra tira o braço dele de cima de seus ombros e, apesar de si mesma, se sente irritada. Ela não consegue evitar, aquela é a parte defensiva de sua personalidade assumindo o controle dela.

"Eu não quero sua simpatia," ela retruca com a voz sombria e cheia de raiva. "Eu não quero a simpatia de ninguém."

Indra de repente se levanta, atravessa a sala e se senta no lado oposto, virando as costas para todos eles e levando sua lança junto com ela. Ela fica sentada ali, de frente para a parede, observando a noite pela janela, e ergue a lança sob o luar. Ela enxuga uma lágrima rapidamente para que nenhum dos outros possa vê-la assim e então levanta o eixo para a luz, examinando-o. Ela vê todos os diamantes brilhando e sente algum conforto com a presença de sua nova arma. Ela pretende matar todos eles, cada um dos soldados do Império.

Mesmo que seja a última coisa que ela faça, ela irá matar cada um deles.

*

Thor tem sonhos rápidos e conturbados. Ele se vê navegando na proa de um belo e longo navio.

Velas de lona novíssimas ondulam acima dele e o oceano brilha ao seu redor enquanto eles atravessam a água como peixes. Eles e seus irmãos da Legião estão seguindo na direção de uma pequena ilha à frente, uma ilha marcada por três penhascos distintos, como as corcovas de um camelo, mas brancas como a neve. Aquele é um visual que Thor nunca poderá esquecer.

Enquanto eles se aproximam, lá em cima, na mais alta falésia, algo chama sua atenção, sendo refletido pelo sol. Ele aperta os olhos e consegue ver um pequeno berço brilhante. Ele sabe - simplesmente sabe - que dentro dele há um bebê.

O seu bebê.

Guwayne.

As marés os levam tão rápido que Thor quase fica sem fôlego e quando eles se aproximam, navegando como se estivessem sendo carregados pelo vento, Thor é preenchido por uma alegria e emoção que ele nunca havia sentido antes. Ele fica na grade, pronto para saltar e correr até as falésias no momento em que o barco tocar a areia.

Eles de repente tocam o chão e Thor salta graciosamente sobre a grade, caindo seis metros

abaixo e aterrissando facilmente na areia. Ele começa a correr pela praia, seguindo na direção da densa floresta tropical que margeia a ilha.

Thor corre sem parar, sendo arranhado por galhos no caminho, até que ele finalmente chega até uma clareira. Lá dentro, em cima de uma pedra, está o berço de ouro.

Gritos de um bebê preenchem o ar na selva e Thor corre para a frente, escala a pedra e para no topo, animado para ver Guwayne.

Thor fica feliz ao ver que Guwayne está lá. Ele realmente está lá. Ele estende a mão para o bebê, chorando, e Thor se abaixa e pega o seu filho no colo. Ele segura a criança contra o peito, balançando-o, e lágrimas de alegria escorrem pelo seu rosto.

Pai, ele ouve Guwayne dizer, a voz ecoando de alguma forma dentro de sua cabeça . *Encontre-me. Salve-me, Pai.*

Thor acorda, sobressaltado e com o coração batendo descontroladamente, e olha freneticamente ao seu redor. Ele não sabe onde está e estende a mão para pegar Guwayne, sem compreender onde seu filho pode estar. Thor precisa de alguns momentos para perceber que ele não está na ilha, mas em algum outro lugar. Dentro de algum prédio.

Em um castelo. No castelo de Ragon.

Desorientado, Thor olha em volta e vê que todos os outros estão dormindo junto à lareira. Ele olha para fora através das altas janelas arqueadas e vê que o dia está começando a amanhecer. Ele balança a cabeça, esfregando os olhos e percebendo que tudo tinha sido um sonho. Ele não tinha visto Guwayne. Ele não tinha viajado pelo mar.

Por outro lado, seu sonho tinha parecido tão real. Ele tem a sensação de que aquilo tinha sido mais do que apenas um sonho: ele sente que aquilo tinha sido uma premonição. Uma mensagem que significa muito para ele. Guwayne, ele de repente tem certeza, está esperando por ele em uma ilha, um lugar com três penhascos brancos, perto dali. Thor tem que salvá-lo. Ele não pode esperar.

Thor de repente fica em pé e acorda cada um de seus irmãos, despertando-os de seu sono profundo.

Todos eles ficam rapidamente em pé, agarrando suas armas em estado de alerta.

"Temos de ir!" Thorgrin diz. "Agora!"

"Ir para onde?" pergunta O'Connor.

"Guwayne," Thorgrin fala. "Eu o vi. Eu sei onde ele está. Temos que encontrá-lo imediatamente!"

Eles continuam olhando para ele, confusos.

"Você está louco?" pergunta Reece. "Sair agora!? Ainda é madrugada."

"E quanto a Ragon?" pergunta Indra. "Não podemos simplesmente ir embora!"

Thor balança a cabeça.

"Você não entende. Eu o vi. Não temos tempo. Meu filho nos aguarda. Eu sei onde ele está. Temos que ir de uma vez!"

Ele sente uma súbita urgência em ver seu filho tomar conta dele, uma urgência maior do que qualquer outra que ele já tinha sentido em sua vida. Ele sente que não tem escolha.

Thor de repente se vira, incapaz de esperar mais, e sai correndo da sala.

Ele corre pelos corredores do castelo, descendo as escadas, e sai pela porta da frente, correndo sozinho pelos campos, sob a luz do amanhecer, enquanto uma das luas ainda está no céu.

"Espere!" grita uma voz.

Thor olha para trás e vê os outros correndo atrás dele.

"Você ficou maluco?" Matus grita. "O que aconteceu com você?"

Mas Thor não tem tempo de responder. Ele corre até seus pulmões quase explodirem, sem pensar com clareza, apenas sabendo que precisa que chegar até seu navio.

Ele logo alcança as falésias e, assim que faz isso, para e fica ali, olhando para baixo.

O barco ainda está lá, visível sob a luz do luar, com a mesma aparência de sempre. As sete cordas ainda estão lá também, penduradas sobre a borda do penhasco.

Thor se vira, agarra uma corda e começa a descida. Ele olha e vê os outros descendo ao lado dele, todos eles deixando aquele lugar apressadamente. Ele não entende o que está acontecendo com ele, mas ele não se importa.

Em breve, ele estará com seu filho.

*

Ragon emerge de seu castelo, despertado por uma sensação incomum naquele amanhecer, marcha perturbado pelas colinas com o apoio de seu cajado e estuda o horizonte. Lá em cima, Lycoples grita, voando em círculos largos.

Ragon chega até a beira dos penhascos e olha para o oceano, brilhando ao amanhecer. À medida que ele vasculha as águas, ele começa a detectar uma forma: ao longe, Ragon pode ver o barco de Thor, velejando, já tendo sido levado muito longe pelas correntes.

Ragon, angustiado, ergue seu cajado e tenta controlar a corrente para trazê-lo de volta. Ele fica chocado ao perceber que não consegue. Pela primeira vez em sua vida, ele é incapaz de controlá-la e se vê contra um poder maior do que o seu.

Desconcertado, Ragon estuda os céus e, ao fazer isso, percebe, pela primeira vez, uma forma estranha. Uma sombra. Ele ouve um grito sobrenatural, um grito que não pertence a qualquer lugar acima do solo, e sente um arrepio na espinha. A sombra desaparece nas nuvens com a mesma rapidez e Ragon fica ali, paralisado, percebendo o que tinha sido aquilo: um demônio. Um demônio libertado do inferno.

De repente, Ragon compreende. Um demônio tinha atravessado sua ilha e lançado um feitiço de confusão sobre os seus ocupantes, atraindo Thorgrin e fazendo com que ele se afaste. Só Deus sabe no que ele tinha feito Thor acreditar, Ragon pensa enquanto observa seu navio se distanciar, ficando cada vez menor e mais longe de Guwayne, longe de seu único filho, seguindo na direção de um perigo muito maior, com certeza, do que Ragon pode imaginar.

CAPÍTULO QUINZE

Gwendolyn marcha pelo Grande Deserto sob os implacáveis dois sóis com Krohn ao seu lado, como vem fazendo dia após dia, colocando um pé diante do outro, levantando poeira, com as pernas doloridas e sentindo a monotonia daquela marcha interminável. Eles não tinham parado de caminhar desde que haviam deixado o povo de Darius, determinados a atravessar aquele deserto para localizar o Segundo Anel e para encontrar ajuda.

No entanto, quando ela olha para a frente, como já faz há dias, tudo o que ela vê diante de si é mais monotonia, uma paisagem vazia, nada no horizonte exceto mais deserto vermelho. O chão duro do deserto está rachado, rígido, estendendo-se infinitamente, e não há nada para quebrar a monotonia exceto nuvem de poeira passageiras ou espinheiros ocasionais rolando ao vento. Aquela é a

paisagem mais vazia que ela já tinha visto, uma paisagem sem esperança no meio de um lugar completamente estéril. Ela tem a sensação de que está marchando até aos extremos do mundo.

Krohn ofega profundamente, lamentando-se, e à medida que ela marcha e suas apreensões se intensificam, Gwendolyn se pergunta o que ela tinha feito com seu povo. Eles já estão caminhando há dias agora, já com poucas provisões, especialmente água, e não há nenhuma esperança à vista. Não há qualquer tipo de abrigo à vista e ela não sabe quantas noites mais ela pode fazer seu povo dormir a céu aberto, expostos no chão do deserto, com o perigo do congelamento, o castigo dos ventos de areia e dos intermináveis bichos rastejando sobre eles à noite. Ela já está coberta de picadas e tinha passado noites inteiras acordada, afastando insetos exóticos que haviam insistido em rastejar perto de sua orelha. Na noite anterior, um de seus homens tinha morrido por causa da picada de um escorpião e aquela manhã Gwen tinha esmagado a maior aranha que ela já tinha visto um pouco antes de colocar sua bota. Aquela é uma paisagem de venenos e morte escondidos em todas as partes, um lugar traiçoeiro, lar apenas para répteis, escorpiões e para os ossos das pessoas que haviam sido tolas o suficiente para tentar atravessá-lo.

"Será que ela realmente acha que isso vai nos levar a algum lugar?" diz uma voz.

Gwen ouve um murmúrio e ela vê seu grupo desorganizado de pessoas, o que resta do Anel, centenas de sobreviventes, e sente por eles. Eles haviam sofrido tanto, batalhas, viagens, doenças, fome, a perda de entes queridos, de seus bens, de sua pátria - seu sofrimento parece nunca terminar - e lá estão eles em mais uma jornada, rumo a mais um destino que eles podem nunca alcançar. Eles estão exaustos, cínicos, e começando a perder as esperanças. Ela mal pode culpá-los. Seu coração se parte acima de tudo pelo bebê que está chorando, seu grito estridente sempre com eles à medida que Illepra a carrega com cuidado, embrulhada para protegê-la do sol, nunca se esquecendo de seus deveres com ela. Gwen gostaria de poder lhe dar água, sombra e um lugar confortável para dormir.

"Se este grande deserto realmente leva a algum lugar," outra pessoa responde, "você não acha que os escravos já teriam tentado escapar? Você não acha que eles teriam tentado planejar uma fuga?"

"Isso é porque ele não leva a nada," o outro diz, "e eles sabem disso. Eles não são tolos o suficiente para tentar atravessá-lo."

Gwendolyn vê os rostos de seu povo, irritados, queimados pelo sol, ressecados e desesperados, e quando eles olham para ela com os olhos cheios de ódio, enlouquecidos pelo sol implacável, ela tem que desviar o olhar. Apesar de todas as suas palavras duras, ela não consegue suportar vê-los sofrer daquela forma.

Ela também reconhece o rosto de quem está instigando tudo aquilo: Aslin. Ele tinha sido um dos instigadores por trás da rebelião na caverna. Ela havia pensando que ele tinha sido humilhado, mas aparentemente não. Ela tinha sido misericordiosa ao permitir que ele vivesse; ela percebe que talvez isso tenha sido um erro.

"Onde é que você acha que esse deserto vai nos levar de qualquer maneira?" ela ouve Aslin perguntar de repente, sua voz alta erguendo-se acima do barulho.

Gwendolyn fica surpresa ao ouvi-lo tão encorajado, como se ele estivesse se sentindo confiante para rebelar-se abertamente.

"Você realmente finge acreditar que existe um Segundo Anel?" ele acrescenta. "Por que você não chama isso do que realmente é: você está nos levando para os nossos túmulos."

Há um murmúrio no meio da multidão quando alguns homens começam a apoiá-lo e os cabelos de

Gwendolyn ficam em pé quando ela sente a tensão crescente no ar atrás dela. Ela fica magoada ao ser condenada por eles tão duramente, especialmente depois de tudo que ela tinha sacrificado por eles. É isso que significa ser rainha?

Ao lado dela, Krohn começa a rosnar.

"Está tudo bem, Krohn," ela fala com um tom tranquilizador.

"Nós nunca deveríamos ter lutado por esses aldeões!" outro sobrevivente do Anel grita. "Nós nunca deveríamos ter ficado lá para começar!"

Há outro murmúrio de descontentamento.

"Nós nunca deveríamos ter queimado nossos navios!" grita outro.

"Nós nunca deveríamos ter vindo para o Império!" diz outro.

O murmúrio fica cada vez mais alto e é seguido pelo som distinto de uma espada sendo desembainhada. Krohn se vira, rosnando, e fica em pé diante de Gwen.

A multidão de repente para de marchar e Gwen vê Steffen ali em pé, empunhando sua espada de frente para o povo rebelde.

"Se vocês quiserem reclamar," ele dispara, "então tenham a coragem de enfrentar a Rainha e reclamem diretamente com ela. Parem de rir atrás dela como crianças assustadas. É traição incitar os outros e se continuarem esta linha de conversa, vocês irão aprender o verdadeiro significado da

morte."

Gwen fica impressionada com a força de Steffen, com a autoridade em sua voz e sua profunda e inabalável lealdade. Ela se sente sobrecarregada com gratidão por sua presença ao seu lado. Ela percebe que havia se sentido muito culpada pelo que tinha acontecido com o seu povo para poder se defender sozinha.

Aslin encara Steffen.

Ao lado de Steffen, Kendrick se vira e também desembainha sua espada.

"Você vai ter que passar por mim também," ele acrescenta.

O rosnado de Krohn se intensifica à medida que ele começa a caminhar lentamente na direção de Aslin, que olha de Krohn para Steffen para Kendrick e, finalmente, abaixa a cabeça.

"Eu estava apenas conversando," ele fala, começando a recuar.

Gwendolyn se adianta e coloca a mão suavemente nas espadas Steffen e Kendrick, que voltam a guardá-las. Ela faz um gesto para Krohn, que se acalma e volta para o lado dela ao mesmo tempo em que ela se vira e encara o seu povo.

"Eu sei que esta jornada tem sido difícil," ela fala. "Todas as viagens válidas são. Eu sei que todo o nosso exílio não tem sido fácil, mas nós somos o povo do Anel. Já sofremos coisas piores e vamos superar isso. Temos o espírito indomável. Nós não lutamos apenas pelos escravos, mas por nós mesmos, pois somos todos escravos do Império - sempre fomos - como todos que vivem sob esse céu. Lutamos pela liberdade real, para nos libertarmos do jugo do Império de uma vez por todas."

Gwendolyn respira fundo ao ver seu povo atento a cada palavra dela.

"Eu sei que vocês estão com medo," ela grita. "Eu também estou com medo,. Estamos em uma missão pela nossa própria vida, pela nossa liberdade e pela liberdade dos outros. Ninguém está dizendo que será fácil, conquistar a liberdade *nunca* é fácil. E lutar entre nós não vai tornar nossa missão mais fácil."

"Eu prometo a vocês que um futuro mais brilhante nos espera. Precisamos seguir o nosso plano e continuarmos fortes. Eu não levarei vocês para qualquer lugar que eu não estiver disposta a ir e se estivermos indo de encontro com a nossa morte, eu serei a primeira a cair."

Gwendolyn vê nos rostos de seu povo que muitos deles são convencidos por suas palavras e se vira para trás para retomar a marcha, acompanhada por Kendrick e Steffen.

"Belas palavras, minha senhora," Steffen fala.

"Papai não teria feito um discurso melhor," diz Kendrick.

"Obrigada," ela diz, tranquilizada pela presença deles e ainda abalada pelo comportamento de seu povo.

"Eles não falam em nome de todos," Kendrick fala. "São poucos os descontentes."

"E *sempre* teremos alguns descontentes," acrescenta Steffen. "Não importa que você seja uma excelente rainha."

"Agradeço a ambos por sua lealdade," Gwen fala. "Mas tenho que me importar e compreendo a frustração deles. Temo que o nosso maior perigo possa não estar adiante, mas exatamente aqui, em nosso meio."

"Se é assim," Steffen diz, apertando a mão em torno de sua espada, "então eu vou ser o primeiro a matar os criminosos."

"Há outros perigos, minha senhora," opina Aberthol fracamente, aproximando-se do lado deles. "O principal deles é a falta de comida e de água. Não encontramos uma única fonte de água até agora e, se não encontrarmos água em breve, temo que o sol possa ser o pior adversário de todos."

Gwen está pensando as mesmas coisas. Ela volta a olhar para o horizonte quando eles continuam a marcha, procurando por um sinal, mas não vê nada.

Ela se vira e olha para Aberthol, marchando ao lado dela com a ajuda de seu cajado, parecendo mais fraco do que ela jamais o tinha visto.

"Você estudou todas as histórias," ela fala para ele em voz baixa. "Você conhece não apenas a história do Anel, mas também a do Império. Você conhece todas as lendas, toda a geografia. Diga-me," ela pede, virando-se para ele, "é verdade? Um Segundo Anel pode existir?"

Aberthol suspira.

"Eu diria que as chances de sua existência são medianas," ele responde. "O Segundo Anel sempre foi mencionado na literatura parte como um mito, parte como um fato. Você vai encontrar inúmeras referências ao Segundo Anel no início da história do Anel, mas quase nenhuma menção nos volumes posteriores. Ele simplesmente não é mencionado na história recente."

"Talvez isso seja apenas porque ele nunca foi encontrado," diz Gwendolyn esperançosa.

Aberthol dá de ombros.

"Talvez," ele responde. "Ou talvez porque ele nunca tenha existido."

Ela pondera suas palavras enquanto eles marcham em silêncio. Finalmente, ele se vira e olha

para ela.

"Você já pensou, minha senhora," ele pergunta, olhando para ela de forma significativa, "o que você irá fazer se ele não existir? Se este grande deserto nos levar a lugar nenhum, exceto até uma cidade hostil? Ou pior, até mais um deserto?"

"Eu pensei," ela responde. "Penso nisso a todo instante. Que escolha nós temos? A morte certa nos espera na aldeia. Este é o caminho da esperança. O caminho mais difícil é sempre o caminho da esperança."

Um silêncio sombrio recai sobre eles e eles continuam a marchar.

Enquanto ela caminha, hora após hora o sol vai ficando mais quente e Gwen se pergunta como sua vida tinha chegado naquele ponto, como aquilo pode ser tudo o que resta do outrora grande e temível Anel. Aquelas poucas centenas de homens e algumas dezenas de membros da Prata são tudo o que resta do lugar e da nação que ela tanto ama. Ela pensa no casamento que ela havia planejado com Thor, no bebê que ela já tinha segurado em seus braços, na infinita abundância do Anel e segura suas lágrimas. Como tudo aquilo tinha acontecido?

Ela é capaz de fazer qualquer coisa agora para segurar Guwayne em seus braços novamente, para rever Thor e tê-lo ao seu lado, para ter Ralibar e Mycoples de volta. Ela se sente completamente sozinha e se pergunta se as coisas podem ficar piores.

Ela pensa em sua família; há não muito tempo, todos haviam estado juntos e agora estão todos separados, sua família está fraturada de muitas maneiras. Seu pai e sua mãe estão mortos; Luanda, e Gareth também estão mortos; Godfrey está prestes a entrar em Volúsia, tendo assumido uma missão sem volta; Reece está com Thor do outro lado do mundo, provavelmente morto, e Kendrick, seu último parente ao seu lado, está marchando como um tolo pelo deserto, onde ele provavelmente será morto em breve. Ela se pergunta por que o destino tinha decidido manter todos eles separados.

Um vento quente e poeirento explode em seu rosto e Gwen protege seus olhos enquanto outra nuvem de areia do deserto assopra. Ela engasga, tossindo com os outros enquanto tenta recuperar sua visão.

Desta vez, porém, o vento não passar por eles; pelo contrário, a poeira vermelha parece estar arranhando seu rosto, tornando-se cada vez mais forte. Gwen ouve um grito repentino, um ruído estranho que causa um arrepio em sua espinha, diferente de qualquer coisa que ela já tinha ouvido e, ao olhar para a poeira, Gwen fica chocada ao ver diante de si, emergindo da nuvem de poeira, um grupo das criaturas.

As criaturas exóticas são altas e magras, seus corpos vermelhos - da mesma cor do pó - giram na nuvem de poeira com suas longas mandíbulas e expressões vampirescas. Há dezenas delas, levadas pelo vento e girando dentro da nuvem, e elas soltam um ruído horrível quando elas aparecem e de repente atacam o seu povo.

"Andarilhos de Pó!" Sandara grita. "Protejam-se!"

Kendrick, Steffen, Brandt, Atme e todos os outros sacam suas espadas e Gwendolyn empunha a sua, juntando-se a eles quando os Andarilhos se aproximam deles por todos os lados. Quando Gwen dá um golpe e erra, um Andarilho de Pó arranha a lateral de seu rosto com a sua garra. Ela grita de dor quando ele fere o seu rosto; a palma da mão da criatura é áspera como uma lixa.

Outro Andarilho se aproxima dela e corta o seu braço com as suas três garras, fazendo Gwen gritar de dor mais uma vez.

Outra criatura parte para cima dela e Gwen tem a sensação de estar caindo dentro de um poço de espinhos.

Steffen se adianta e golpeia o ar descontroladamente, assim como Kendrick e os outros, mas todos eles erram. Os Andarilhos de Pó são simplesmente rápidos demais.

Os Andarilhos correm para dentro e para fora do grupo, arranhando e cortando, e Gwen ouve os gritos do seu povo à medida que eles infligem milhares de pequenos cortes.

Gwen, desesperada, pega um punhal em sua cintura, gira e corta a garganta de um deles. Ele cai no chão, gritando, e desaparece em uma pilha de poeira.

"Abaixem-se!" Sandara grita. "Fiquem de joelhos! Cubram suas cabeças!"

Gwen ouve um grito de bebê atravessar o ar e vê Illepra segurando o bebê enquanto ambas são atacadas. Ela deixa o punhal cair e corre na direção delas, protegendo-as, cobrindo o bebê com o seu corpo e derrubando-as no chão.

Gwen fica em cima delas, cobrindo o bebê com as mãos, com os braços e com os cotovelos, sentindo os arranhões enquanto a nuvem continua a passar sobre elas. Ela tem a sensação de estar sendo arranhada até a morte e não sabe quanto tempo mais ela pode suportar. Pelo menos, ela está protegendo o bebê.

Gwen continua ajoelhada daquela forma, assim como os outros, pelo que parece uma eternidade enquanto zumbido horrível, o uivo e os gemidos daquelas criaturas preenchem seus ouvidos. Finalmente, a nuvem começa a recuar, soprando através do deserto, os arranhões ficam mais leves, o barulho se acalma e tudo para.

O deserto de repente fica calmo, em absoluto silêncio, tal como tinha sido antes da chegada das criaturas. Gwen se ajoelha, olha para trás e vê a nuvem explodir, desaparecendo no horizonte.

Tremendo, Gwen começa a ficar em pé e examina o seu povo. Eles ainda estão no chão, arranhados e cortados, parecendo traumatizados. Ela se vira para o outro lado, olha para a grande extensão de deserto ainda diante deles e se pergunta: que outros horrores ainda os aguardam?

CAPÍTULO DEZESSEIS

Godfrey abre os olhos de repente ao ser chutado por alguém com duas vezes o seu tamanho dentro daquela cela. Deitado no chão sujo da cela, ele olha para cima e vê um homem alto e barbudo indo de prisioneiro em prisioneiro e chutando todos eles, aparentemente apenas para sua própria diversão. Ao se levantar, Godfrey não sabe o que é pior: as cotoveladas daquele homem em suas costelas ou o seu cheiro.

Na verdade, toda aquela cela está fedendo e quando Godfrey avalia o grupo de perdedores ali presentes, ele não consegue acreditar que tinha ido parar em um lugar como aquele. Em torno dele há homens de todas as raças e cores, de todos os cantos do Império; todos eles são escravos e nenhum deles é da raça do Império. Todos os prisioneiros vivem amontoados naquela cela com aproximadamente quinze metros de largura, passam o tempo amuados ou andando e sabem que o futuro não guarda nada de bom para eles.

Godfrey olha para Akorth, Fulton, Merek e Ario; todos estão acordados, alguns deles estão andando e outros estão sentados, mas nenhum deles aparenta estar muito satisfeito. Como as coisas haviam mudado para eles. Há não muito tempo eles haviam caminhado pelas ruas de Volúsia, cobertos de riquezas e com planos de salvar todo o seu povo. Agora, ali estão eles, prisioneiros comuns, incapazes até mesmo de dormir naquele chão imundo sem serem atacados.

Godfrey coça seus braços, nota marcas vermelhas e percebe que tinha sido picado por algum tipo de inseto no chão daquela cela. Ele não consegue parar de se coçar. Provavelmente são pulgas, ele pensa.

Ou talvez, percevejos.

Akorth e Fulton parecem ainda mais abalados do que ele, seus cabelos estão embaraçados, há olheiras escuras sob os seus olhos e ambos parecem precisar de uma boa bebida. Merek e Ario por outro lado, apesar de menores, mais jovens e de estarem cercados de criminosos profissionais, parecem calmos, destemidos e determinados, como se estivessem planejando o próximo passo. Na verdade, eles parecem bem mais serenos do que Akorth e Fulton.

"Não fique no meu caminho outra vez, garoto," diz uma voz ríspida e rouca.

Godfrey vê o mesmo homem aproximando-se dele ao terminar de dar a volta na cela e encarando-o de forma ameaçadora.

"Eu não estava no seu caminho!" protesta Godfrey. "Eu estava dormindo! Foi você que me chutou!"

"O que você disse?" O homem se irrita e começa a andar mais rápido na direção de Godfrey.

Godfrey começa a recuar e acaba tropeçando no chão de lama; ele cai de bunda no chão e todos os prisioneiros começam a rir.

"Mate-o!" grita um dos prisioneiros, incitando o grandalhão.

O coração de Godfrey bate descontroladamente dentro de seu peito quando ele vê o homem se aproximando dele com um sorriso nos lábios, como uma criatura prestes a devorar sua presa. Ele sabe que se não agir rápido o homem é capaz de esmagá-lo apenas com o seu peso.

Godfrey se arrasta para trás no chão de lama, respirando com dificuldade enquanto tenta se afastar de seu atacante.

Mas o homem de repente geme e ataca, e Godfrey pode ver que ele pretende saltar sobre ele e esmagá-lo sobre o seu peso. Godfrey tenta se afastar um pouco mais, mas esbarra contra a parede de pedras da cela. Não há para onde ir.

De repente, Ario dá um passo adiante e estica a perna, dando uma rasteira no grandalhão.

O homem cai de cara na lama e Godfrey sai do caminho, poupando sua própria vida.

Todos os prisioneiros agora se viram e começam a observá-los, gritando e rindo ruidosamente. O homem tira a lama do rosto e encara Ario com uma expressão de ódio mortal no rosto.

Ario fica parado, inflexível, calmo e destemido. Godfrey, sentindo-se incrivelmente grato, não consegue acreditar na calma de Ario considerando que o homem tem cinco vezes o seu tamanho e que não há para onde fugir.

"Seu moleque," o homem diz. "Você vai se dar mal. Antes de matá-lo, vou arrancar cada um dos seus membros. Vou ensiná-lo o que significa viver na prisão!"

O homem começa a ficar em pé para atacar Ario quando Merek de repente dá dois passos adiante, ergue o braço e lhe dá uma cotovelada na mandíbula, acertando o homem no instante exato em que ele está se levantando e fazendo com que ele caia no chão inconsciente.

"Passei a maior parte da minha vida na prisão," Merek fala para o homem desacordado, "e não preciso que você me ensine coisa alguma. De onde eu venho, chamam isso de golpe silenciador. Ele serve para calar uma boca grande feito a sua."

Merek fala alto o suficiente para que todos os prisioneiros ouçam ao mesmo tempo em que olha para cada um deles, desafiando-os a se aproximar dele.

"O Império levou a minha adaga," ele continua. "Mas eu não preciso dela. Tenho as minhas mãos. Com esses polegares e dedos sou capaz de causar muito mais danos. Alguém está disposto a testá-los?" ele grita.

Ele gira o corpo lentamente, encontrando os olhares de cada um dos prisioneiros até que eles finalmente desviam o rosto e a tensão se dissipa. Eles claramente haviam entendido o recado. Merek e seus amigos não devem ser importunados.

Ario se aproxima de Merek.

"Eu tinha tudo sob controle," Ario diz com orgulho. "Não precisava da sua ajuda. Da próxima vez, não interfira."

Merek dá uma risada e balança a cabeça.

"Tenho certeza que sim," ele responde.

Godfrey olha para eles e observa aquilo tudo com espanto enquanto Merek caminha até ele e estica o braço para ajudá-lo a se levantar.

"Onde você aprendeu a lutar daquele jeito?" Godfrey pergunta.

"Não foi na Legião, isso eu lhe garanto," Merek responde com um sorriso, "e também não foi com um cavaleiro honrado. Eu jogo sujo. Eu luto para machucar, mutilar ou matar. Eu luto para vencer e não pela honra. Aprendi o que aprendi nos becos da Corte do Rei."

"Eu lhe devo um favor," declara Godfrey. Ele se vira e olha para o grandalhão inconsciente e inerte, deitado de cara no chão. "Detesto pensar no que teria acontecido se ele tivesse conseguido colocar as mãos em mim."

"Você teria virado um sanduíche de lama," interrompe Akorth, aproximando-se com Fulton.

"Tire-nos dessa cidade e leve-nos de volta para o nosso acampamento," Merek diz, "isso será pagamento o suficiente para mim."

"Continue sonhando, garoto," Fulton diz.

Godfrey olha para trás, vê os enormes guardas do Império alinhados do lado de fora da cela e as grossas barras de ferro que os separam da liberdade e sabe que eles estão certos. Eles não irão à parte alguma.

"Parece que seu plano está indo de mal a pior," declara Merek. "Não que ele fosse bom para começar."

"Eu não pretendo morrer nesta cela," afirma Ario.

"Quem falou em morrer aqui?" Godfrey pergunta.

"Eu estive observando as coisas enquanto vocês dormiam," explica Ario. "Eles já levaram três prisioneiros. Eles abrem as portas a cada hora e pegam mais um. Ninguém volta. E com certeza eles não estão sendo levados para um passeio."

De repente, um alarme toca e três homens do Império se aproximam, destrancam a porta, entram

na cela e olham ameaçadoramente para os prisioneiros, como se decidindo qual deles escolher. Eles vestem armaduras imponentes, com os visores abaixados, e parecem mensageiros da morte.

Os homens do Império fixam seus olhares em um prisioneiro encostado contra a parede, vão até ele e o arrastam para fora da cela.

"Não!" o homem grita, resistindo. "Tudo o que fiz foi roubar um repolho. Eu não tinha mais nada para comer. Eu não mereço isso!"

"Diga isso para a Deusa Volússia," o guarda responde sombriamente. "Tenho certeza de que ela vai adorar ouvir isso."

"Não!" grita o homem, sua voz mais baixa à medida que a porta se fecha atrás dele e o prisioneiro é arrastado para longe.

Godfrey e seus homens trocam olhares nervosos.

"Nós não temos muito tempo," Merek diz.

"Qual é o seu plano agora?" ele pergunta para Godfrey. "Você nos colocou nessa enrascada e agora tem que nos tirar desse lugar."

Godfrey fica ali parado, puxando seu cabelo enquanto tenta organizar seus pensamentos. Muitas coisas estão acontecendo ao mesmo tempo e muito rápido para que ele possa processar tudo. Mesmo ele, que sempre encontra uma saída para todos os tipos de problemas, está perplexo. Ele olha para as barras de ferro, para as paredes de pedras sólidas, e não consegue pensar em uma saída. Ele decide tentar o que ele sabe fazer melhor: ganhar a liberdade na conversa.

Godfrey caminha até as barras da cela e faz um sinal para que o guarda se aproxime. Ele sussurra alto o suficiente para ser ouvido.

"Quer ficar rico?" Godfrey pergunta com o coração acelerado, rezando para que o soldado aceite sua proposta.

Mas o guarda continua parado de costas para ele, ignorando-o por completo.

"Não apenas rico," continua Godfrey, "rico além do que você jamais imaginou ser. Eu tenho mais ouro do que você é capaz de imaginar. Tire-nos daqui e você será mais rico do que o próprio rei."

O guarda sorri para ele através de seu visor.

"E por que um criminoso como você teria tanto ouro?"

Godfrey coloca a mão no bolso e, de lá de dentro, tira uma pequena moeda de ouro. Ela brilha sob a luz. Aquela é a última moeda que ele possui - uma moeda que ele havia guardado apenas para emergências. A situação em que eles se encontram certamente é uma emergência.

Godfrey coloca a moeda na palma da mão carnuda do guarda.

O guarda ergue a mão e examina a moeda, parecendo impressionado.

"Eu não sou um prisioneiro comum," explica Godfrey. "Sou o filho de um Rei. Tenho ouro o suficiente para torná-lo um homem rico. Tudo o que você tem que fazer é nos tirar daqui."

O guarda de repente ergue o visor e sorri para Godfrey.

"Então você tem mais ouro?" ele pergunta com um sorriso que parece uma careta em seu rosto grotesco.

Godfrey assente entusiasmamente.

"Você me levará até ele?" o guarda pergunta.

Godfrey assente

"Sim! Apenas tire-nos daqui."

O guarda assente com satisfação.

"Muito bem, virem-se."

Godfrey se vira com o coração batendo acelerado de excitação, esperando o guarda soltá-los da cela.

De repente, ele sente uma mão agarrando-o pela parte de trás de sua camisa e então, com um movimento rápido, puxando-o para trás com força.

Godfrey sente a parte de trás de sua cabeça bater nas barras de ferro, ouve um barulho oco e vê seu mundo girando. Ele fica tonto e cai de joelhos.

Antes de cair no chão de lama, ele vê o guarda olhando para ele enquanto dá uma risada cruel.

"Obrigado pelo ouro," ele fala. "Agora me deixe em paz."

CAPÍTULO DEZESSETE

Volússia caminha lentamente pela cidade de Dansk sob o magnífico crepúsculo escarlate, examinando tudo ao seu redor com fogueiras acesas em ambos os lados de seu caminho para iluminar a cidade naquele início de noite. Ela se sente vitoriosa. Ela passa diante das rochas ainda em chamas que tinham sido arremessadas por catapultas para dentro da cidade, caminhando diante de pilhas de escombros e ruínas. Os muros da cidade que haviam resistido por séculos agora não passam de destroços irreconhecíveis. Volússia passa diante de pilhas de corpos, pessoas que estão dando seus últimos suspiros e outras que ainda tentam resistir, gemendo enquanto são queimadas vivas. Ela passa por dezenas de soldados mortos, corpos incendiados com suas armas derretidas em suas mãos, e abre um grande sorriso.

O saque de Volússia tinha sido implacável, cruel até mesmo para os seus próprios padrões. Ela havia arremessado rochas flamejantes por cima dos muros da cidade sem piedade, matando soldados e cidadãos, homens e mulheres, cavaleiros e crianças indiscriminadamente. Após matar a liderança da cidade, ela havia liderado um bombardeio repentino a Dansk, rápido demais para que eles

pudessem se preparar ou fazer qualquer coisa exceto sofrer. A cidade tinha sido tola em tentar

resistir, em pensar que seus muros imensos poderiam mantê-la longe e impedi-la de conseguir o que ela queria. Que tolice pensar que ela não usaria todos os meios ao seu alcance para matar todos os homens, mulheres e crianças - qualquer pessoa e qualquer coisa em seu caminho. Por outro lado, ela pensa, mesmo se eles não tivessem resistido, ela provavelmente os teria matado da mesma forma. É

mais útil, pensa Volúsia, criar sua reputação como uma líder cruel do que estabelecer uma cidade de prisioneiros.

Ao seu redor, alinhados perfeitamente ao longo das paredes da cidade e aguardando as suas ordens, estão seus milhares de soldados, em perfeita formação, ansiosos pelo seu comando para saber o que devem fazer a seguir. Aqui está: sua primeira cidade, seu primeiro teste, de joelhos diante dela em uma questão de horas. A primeira prova de seu poder tinha sido revelada.

"Veja, minha Deusa," diz uma voz.

Soku se aproxima dela com uma enorme comitiva de soldados e conselheiros, gesticulando diante dela.

Volúsia se vira e vê as fileiras de prisioneiros vivos e feridos, seus rostos escurecidos pela fuligem, tossindo e acorrentados uns aos outros.

"Isso é o que resta do exército deles," continua Soku. "Cinco mil homens. Eles renderam a cidade e desejam se juntar ao nosso exército."

Volúsia analisa o grupo cuidadosamente, um infinito mar de rostos que se estende até os muros da cidade, e vê que todos a observam com esperança no olhar.

"E por acaso algum desses homens tentou resistir?" ela pergunta.

Soku balança a cabeça.

"Não, minha Deusa." ele responde. "Esses são os homens que se renderam sem matar qualquer um de nossos soldados. Não há sangue nas mãos deles."

Volúsia olha para as intermináveis fileiras de soldados, homens honrados cujo único erro tinha sido ficar em seu caminho.

"Uma pena," ela fala, virando-se para Soku.

"Mate todos eles."

Soku a encara em estado de choque.

"Minha Deusa?" ele pergunta.

"Eu não ficarei com soldados que não tenham tentado me matar primeiro."

Soku continua encarando Volúsia, tentando entender, e abre a boca para discordar dela, mas então desiste ao ver a expressão em seu olhar. Ele, assim como os outros, sabe que é melhor nunca questionar uma ordem dela.

Soku se dirige aos seus comandantes.

"Vocês ouviram a nossa Deusa," ele diz. "Matem todos eles."

Volúsia observa com satisfação quando seus milhares de soldados começam a marchar com suas lanças em punho e atacam os prisioneiros que, acorrentados e indefesos, erguem suas mãos na tentativa inútil de se defender.

"NÃO!" eles gritam.

Mas é tarde demais. Um homem de cada vez, todos os prisioneiros são mortos pelos soldados de Volúsia.

Volúsia fica ali parada e observa o massacre com um sorriso de satisfação no rosto. O sangue das vítimas espirra em seu rosto à medida que o sol começa a desaparecer no horizonte e ela aprecia cada gota, pensando:

Esse dia foi mesmo muito bom.

*

Quando a noite começa a cair, Volúsia marcha para cada vez mais longe de Dansk ladeada por sua comitiva e seguida por seu exército, que marcha em fileiras organizadas atrás dela. Sob o céu estrelado e sob as duas luas emergentes, ela abre caminho ao longo do deserto em direção ao Caminho dos Círculos. Aquele é um momento pelo qual Volúsia havia esperado desde que ela consegue se lembrar.

O Caminho dos Círculos é, de fato, a razão pela qual ela havia decidido saquear Dansk primeiro.

Apesar de seus números e fortalezas, Volúsia não havia se importado muito pelo exército, pelo povo ou

até mesmo pela cidade de Dansk. A verdadeira joia, a verdadeira conquista, é o que se encontra além da cidade: um lugar de poder sagrado, um vasto círculo esculpido no chão duro do deserto.

Ninguém sabe ao certo sua origem ou a fonte de seu poder, mas Volússia tinha ouvido durante toda a sua vida dos deuses e deusas vivos que tinham sido unguídos naquele lugar. É uma ritual de passagem.

Volússia sabe que para que seu povo a veja como uma Deusa de verdade, não há selo mais importante de legitimidade do que uma cerimônia de iniciação naquele círculo.

Quase tão importante quanto isso, Volússia deseja fazer um pacto de proteção com os protetores do círculo, a vila desértica de Voks. Aquela é uma raça tabu de pequenos homens verdes que são mais criaturas do que homens, seguidores de uma seita de feitiçaria tão obscura e proibida que havia sido criminalizada durante o reinado da avó de Volússia - não existe outra tribo no Império que corresponda à pura maldade dos Voks. Os outros feiticeiros possuem limites para suas magias, mas os Voks não impõem limites para sua crueldade.

É claro, existe uma razão pela qual o poder dos Voks e de seu círculo sagrado não tinha sido aproveitado por todos os líderes antes de Volússia: eles são considerados muito perigosos, desonestos e difíceis de controlar - sua magia é tida como volátil demais. Todos aqueles que tinham tentado, segundo Volússia havia aprendido nos livros de história, haviam morrido tentando.

Mas com ela será diferente. Ela é Volússia, a deusa da cidade de Volússia, futura Imperatriz do Reino - ela sabe que é seu *destino* governar. Nada e nem ninguém poderá ficar em seu caminho. Seus generais provincianos se importam apenas com números, armas e armaduras. Eles acreditam que exércitos vencem apenas com base nas estatísticas.

Mas Volússia sabe que os números são apenas uma pequena parte da conquista. Ela sabe que pode derrotar o exército de milhões de soldados do Império com bem menos homens. O que ela precisa mesmo é dos Voks e da magia antiga que eles protegem.

"Deusa," Soku fala, marchando ao lado dela. "Posso persuadi-la a voltar atrás? Essa é uma péssima ideia."

Volússia suspira irritada. Soku está tentando dissuadi-la desde que eles haviam deixado a cidade, questionando todas as suas decisões.

"Matar aqueles prisioneiros em Dansk também foi um erro, minha Deusa, se puder ser franco," ele completa. "Precisávamos daqueles homens. Precisamos de todos os homens que pudermos

conseguir. Aqueles eram cinco mil homens bons. Agora eles estão mortos e não houve um bom motivo para matá-los. Eles não ofereceram qualquer resistência."

"E é precisamente por isso que os matamos," ela responde.

Ele suspira.

"Às vezes sinto que eu não a compreendo," ele diz, claramente deixando de dizer *minha Deusa*.

"Você ainda é jovem. Deve aprender as lições de um comandante experiente como eu."

Vólúsia para de andar de repente, tendo ouvido o bastante, e encara Soku.

"Você é o mesmo comandante que permitiu que minha mãe fosse assassinada, não é mesmo?"

Ele engole em seco, tendo sido surpreendido por aquela pergunta.

"Mas foi *you* que matou a sua mãe," ele responde. "Eu não poderia ter previsto isso."

"Então talvez eu deva encontrar outro comandante que tivesse sido capaz de fazê-lo," ela diz.

Ele a encara, parecendo desconcertado e incerto.

"E se eu matei minha própria mãe, acha que eu teria algum problema em matar meu comandante?"

ela continua.

Ele olha para baixo humilhado, e ela se vira e continua marchando.

"Minha Deusa," Aksan fala, aproximando-se dela pelo outro lado, "ele tem razão. Esse encontro com os Voks é uma péssima ideia. Eles não são confiáveis. A magia deles não pode ser contida ou

controlada. Eles podem ter muito poder, mas certamente não é o tipo de poder que você possa

controlar. Eles têm sido evitados por todas as raças e líderes do Império por uma boa razão. Eles foram banidos."

"Fale comigo novamente," ela fala, sem ao menos se importar em olhar para ele enquanto

continua a marchar, "e darei ordens para que arranquem a sua língua."

Ele imediatamente se cala e uma expressão de pânico toma conta de seu rosto.

Vólúsia finalmente chega ao topo da colina e fica encantada com a paisagem; diante de seus olhos

no meio do vale do deserto, ela vê o círculo do qual sempre havia ouvido falar. É ele mesmo. O

círculo tem quase cem metros de diâmetro e é óbvio pela maneira como tinha sido esculpido, sua

forma perfeita e seu labirinto de círculos criados um dentro do outro, que ele não tinha sido criado pela raça humana. Ela pode sentir a energia pulsando no chão do deserto mesmo estando tão longe do local. Aquele lugar parece vivo, mais vivo do que qualquer outro lugar em que ela já havia estado.

Os Voks, igualmente inspiradores, estão de guarda ao redor do círculo, centenas deles inclinados sob seus mantos e capuzes verdes e emitindo um cântico suave, audível mesmo dali, um som misterioso e parecido com o som de patas de caranguejos rastejando sobre o solo árido do deserto.

Volússia percebe pelo que pode ver sob o capuz que eles são homens pequenos com uma pele verde de aparência viscosa. Eles se reúnem em torno do círculo como se fizessem parte dele.

Como um só, os Voks se viram na direção de Volússia e encaram os seus homens. Sem esperar, eles imediatamente começam a caminhar na direção dela como um milhão de caranguejos rastejando para fora do oceano.

Volússia se apressa para descer a montanha e encontrá-los na metade do caminho, ansiosa para conhecê-los e ser infundida com o poder do círculo - presumindo que eles a deixem entrar.

Um dos Voks, menor que os demais e claramente o seu líder, mais velho e andando com o apoio de um cajado feito de esmeralda, caminha na frente dos demais e para diante dela.

Em pé a apenas alguns passos dela, ele lentamente ergue o rosto e olha para Volússia com olhos completamente brancos. Vokin. Ela já o conhece - ele é lendário. Ele parece estar examinando

Volússia, uma sensação profundamente desconfortável. Volússia já pode entender por que ninguém quer interagir com os Voks. O simples fato de ser observada dá a Volússia a sensação de que sua alma está sendo roubada.

Mesmo assim, Volússia se força a encarar seus olhos brancos e a não desviar seu olhar. Ela está determinada a nunca demonstrar medo.

"Então," Vokin finalmente diz com uma voz antiga, "a Deusa finalmente chegou."

Volússia arregala os olhos ao ouvir aquelas palavras, perguntando-se o quanto ele sabe.

"Eu vim para," ela começa.

"Eu sei por que você veio," ele a interrompe. "A pergunta é: será que você é digna?"

Volússia o encara, chocada; ninguém jamais havia falado com ela daquela forma antes.

"Eu sou a grande Deusa Volússia," ela responde altiva, erguendo o queixo. "Sou digna o bastante para

conquistar cidades inteiras. Sou digna para conquistar todo o Império."

Vokin a encara em silêncio.

"Eu já vi o seu futuro," ele responde. "Pude ver muita morte e destruição em seu caminho. Muito poder. Você é muito mais poderosa do que sua mãe, muito mais poderosa do que qualquer líder que o Império já teve antes de você, mais poderosa do que Andronicus e até mesmo do que Romulus. Mas

você não terá esse poder sem a nossa ajuda. E há um preço a pagar por esse poder."

"Um preço?" ela fala, indignada e ao mesmo tempo encorajada pela profecia. "Já estou lhe oferecendo um presente. Estou poupando a sua vida. Olhe atrás de mim: você não vê meus homens, preenchendo o horizonte?"

Vokin ri com vontade, sem ao menos se importar em olhar para ela, e sua voz preenche o ar deixando Volúcia a ponto de explodir. Ele não demonstra qualquer medo.

"Você acha que todos os homens do mundo são capazes de superar a nossa arte antiga?"

Volúcia pensa por um tempo e percebe que ele tem razão; ele não é um mero comandante militar que ela possa superar pelo medo ou com ameaças.

"Diga-me qual o seu preço," ela diz finalmente, parecendo determinada. "Seja ele qual for, estou determinada a pagá-lo."

"Seremos parceiros," ele diz. "Governaremos o Império juntos. Você governará, mas nós estaremos nos bastidores e, quando nós precisarmos de você, teremos o que quisermos."

"Combinado," responde ela, ansiosa para conseguir o precisa e assumir o poder.

"Os Voks não serão mais exilados," ele continua. "Nós seremos parte da classe principal do Império. Você nos devolverá a honra e o respeito que já tivemos um dia. Haverá um círculo Vok em cada cidade do Império. Todas as outras raças devem se submeter a nós."

"Eu concordo," ela diz sem se importar desde que ela tenha o poder absoluto.

Ele a estuda enquanto o vento do deserto assopra, obviamente hesitando.

"Há mais uma coisa," ele completa.

Ela olha para ele, considerando a extensão de sua ganância e se perguntando se aquilo chegará ao fim. Volúcia já não confia nele.

"Diga o que quer e termine logo com isso."

"Não vou dizer o que é hoje," ele fala. "Mas um dia vou lhe dizer qual é o meu pedido especial."

E você terá que realizar o meu desejo. Seja ele qual for."

Volúsia pensa por um longo tempo, considerando tudo aquilo.

"Por acaso você pensa em pedir a minha morte?"

Ele balança a cabeça e ri.

"Não, minha querida," ele responde. "Será algo bem mais precioso do que isso."

Mais precioso? ela pensa. Volúsia não se importa desde que ela tenha o poder absoluto. Quando ela tiver o poder, ela poderá fazer o que quiser e não há nada que eles possam fazer para detê-la.

"E eu poderei entrar no círculo?" ela pergunta. "E me tornar uma Deusa?"

Ele assente.

"Uma Deusa como nunca existiu," ele responde.

Ela assente.

"Então estamos combinados," ela diz. "Não importa o que você queira, seu desejo será realizado."

Ele assente com satisfação e ela vê algo parecido com um sorriso se formar embaixo de seu capuz quando o rosto de Vókin se contorce de forma grotesca.

Volúsia estica o braço para fechar o pacto e ela toma a mão dela, segurando seu pulso e antebraço com três longas garras verdes e pegajosas. Ela tem vontade de puxar sua mão de volta, mas sabe que não pode fazer isso.

Finalmente, misericordiosamente, ele se afasta.

"A noite cai e o círculo nos aguarda," ele diz. "Siga-me."

Volúsia o segue quando ele se vira, passando pelas fileiras de Vóks que abrem caminho para ele.

Os Vóks formam uma passagem larga o suficiente para Volúsia, que segue Vókin acompanhada por seus homens, caminhando em fila única ao entrar na nação dos Vóks. O cântico se intensifica à medida que ela avança e Volúsia tem a sensação de que está entrando em um reino de caranguejos.

Ela pode sentir a energia maléfica que irradia deles quando eles a cercam, observando-a passar. Eles emitem um som estranho quando Volúsia passa, rolando os olhos para trás e deixando apenas a parte branca - que brilha no escuro - evidente. Volúsia se esforça para passar mais rápido por eles.

Ela finalmente entra no círculo junto com o líder, deixando todos os outros para trás. Ele caminha pelo

círculo seguindo um padrão estranho, dando voltas e mais voltas, andando em círculos e seguindo um caminho que só ele conhece. É um labirinto e Volúcia tem a sensação de que jamais vai conseguir chegar até o final.

Ao mesmo tempo, ela sente seu corpo sendo energizado com um poder enquanto ela avança; quanto mais ela caminha, mais ela sente suas pernas ardendo e um calor estranho percorrendo todo o seu corpo. Ela sente que está mudando, como se o círculo estivesse mudando algo dentro dela.

Volúcia finalmente chega ao centro do círculo e, assim que faz isso, ele dá um passo para o lado e a guia para o lugar onde ele deve ficar. Então, ele se vira e caminha para fora do círculo, deixando Volúcia lá dentro sozinha.

Volúcia fica ali sozinha, encarando seus homens, seu exército que se estende até o horizonte, reunido ao redor do círculo observando-o atentamente.

"Volúcia!" o Vok grita com sua voz potente, alto o suficiente para que todos o ouçam, um som que ecoa por todo o deserto, pelas montanhas e vales ao redor deles. "Fique aqui e seja infundida com mais poder do que qualquer outro homem ou mulher em todo o planeta. Fique aqui e receba o título de Imperatriz Suprema do Império. Fique aqui e, desde dia em diante, para todo o sempre, seja conhecida como a Deusa Volúcia, a grande Deusa do Império, Rainha dos Seis Chifres e Destruidora de Cidades. Neste dia, nasce uma Deusa. Neste dia, há uma Deusa entre nós!"

Os Voks dão um passo adiante com suas tochas e as tocam no chão do deserto. Assim que eles fazem isso, de repente um fogo se acende e as chamas começam a se espalhar em torno do círculo, preenchendo todo o desenho do labirinto. À medida que as chamas se espalham ao redor do labirinto do círculo, cada vez mais rápido, a noite do deserto se torna tão clara quanto o dia.

Volúcia permanece no meio do círculo e se sente gloriosa. Ela estende os braços com as palmas das mãos abertas e sente o calor do fogo, mas não se queima. Ela se sente preenchida com um novo tipo de energia, um poder que ela tem dificuldade para compreender. Ela se sente invencível. Ela se sente como uma Deusa.

Volúcia joga a cabeça para trás, ergue os braços para cima e grita com todas as forças que possui. Ao seu redor, em todas as direções, seus homens se jogam no chão, fazendo reverências diante das chamas que iluminam a noite.

"Volúcia!" eles gritam, chamando o nome dela sem parar, "Volúcia! Volúcia!"

CAPÍTULO DEZOITO

Erec se senta diante da longa mesa de banquete com Alistair de um lado e Strom do outro, acompanhado por centenas dos homens das Ilhas do Sul e de frente para Krov e centenas de habitantes da Ilha de Boulder. Aquele tinha sido um longo dia de festa, culminando em um banquete naquele turbulento salão dentro do castelo de Krov, construído no alto de um penhasco na beira do mar. Uma parede inteira contém altas janelas arqueadas de frente para o mar que permitem a entrada da luz, inundando a sala com o ar fresco do oceano e com som das ondas que arrebatam embaixo. Aquele castelo é diferente dos outros castelos que Erec já havia visitado - que não tinham janelas por medo de ataques. Mas ali, na Ilha de Boulder, não existe esse risco: empoleirado no alto de penhascos intransponíveis no meio de um oceano desolado e cruel, nenhum inimigo é capaz de alcançar aquele castelo sem escalar penhascos por dias ou sem atravessar a montanha de alguma forma. Eles podem se permitir ter luz e ar dentro daquele castelo; ninguém pode atacá-los naquela altura. Isso torna possível ter um dia relaxante e Erec e seus homens finalmente começam a relaxar, encontrando um pouco de descanso ali, influenciados pela hospitalidade de Krov e aproveitando a oferta de carne e o fluxo contínuo de vinho. Erec fica aliviado ao ver todos os seus homens de bom humor após a longa viagem e fica satisfeito por ter decidido desembarcar ali. Ele sabe que tinha tomado a decisão certa, por mais imprevisíveis que Krov e seus homens possam ser. Ele estende o braço e segura as mãos de Alistair, feliz ao vê-la relaxada também, e ela sorri para ele com uma expressão de amor em seus olhos.

Erec se sente satisfeito, mas ao mesmo tempo ele não é um homem de perder tempo e ainda não tinha alcançado seu principal objetivo ao ir até ali: alistar Krov e seus exércitos para a sua causa, convencendo-os a acompanhá-los na travessia do mar para libertar Gwendolyn e os outros do controle do Império. Erec tinha tentado abordar o tema muitas vezes, mas Krov tinha estado muito ocupado festejando naquele salão cada vez mais barulhento. Na verdade, ao mesmo tempo em que Erec deseja ver seus homens relaxados, ele está ficando ansioso ao ver que o salão está ficando muito agitado e ao perceber o estado de embriaguez dos homens; ele é capaz de sentir a tensão no ar aumentando ao ver os homens bebendo vinho demais. Aquela situação é capaz de levar homens ociosos e entediados a procurar alguma maneira de desabafar e isso muitas vezes resulta em atos de violência.

Ele ouve outro grito e, ao se virar, Erec vê vários homens de Krov lutando bem-humorados no centro do corredor de pedra, lutando no chão entre as mesas. Todos os homens se viram e assistem, incitando-os, batendo suas canecas sobre a mesa de madeira e aplaudindo. Quando Erec analisa seus rostos, ele vê que os homens de Krov são menos refinados do que os seus; a maioria tem a barba por fazer, tem muitos dentes faltando, pequenas barrigas protuberantes e tinha bebido vinho demais. Eles se acotovelam com muita força, riem muito alto e muitos deles têm uma mulher nua sentada em seu colo. A maioria também usa joias em torno de seus pescoços, sem dúvida fruto de roubos em alto mar.

Aqueles homens não são cavaleiros ou guerreiros profissionais que seguem um rigoroso código de ética, como os seus homens. Eles são mercenários. Erec sabe que não deve se surpreender; afinal, os habitantes da Ilha de Boulder são piratas há várias gerações.

"Eu não gosto deles," Alistair sussurra no ouvido de Erec, apertando sua mão por baixo da mesa.

Ele olha para ela e pode ver a preocupação em seu rosto.

"Ninguém gosta deles," ele sussurra para ela, "mas todo mundo lida com eles em um momento ou outro. Eles têm os homens, eles têm navios e eles conhecem esses mares como ninguém. Há uma razão para o Império não ter sido capaz de contê-los em mil anos. Eles foram aliados cruciais para o nosso pai quando nós precisamos deles."

"Eles são um meio para um fim," Strom interrompe suavemente, inclinando-se para perto deles. "Nosso pai precisou deles muitas vezes."

"É verdade," diz Erec "Nosso pai os chamou muitas vezes, mas nunca confiou neles."

"Como você pode fazer uma parceria com alguém em quem você não confia?" Alistair pergunta. "E se eles nos traírem?"

Erec olha cuidadosamente ao redor da sala, olha para Krov, rindo, assistindo a luta com uma menina nua em cada braço e um saco de vinho em cada uma das mãos.

"Confiança é uma palavra forte," ele responde. "Às vezes aqueles em quem você não confia podem ajudá-lo e as pessoas em quem você confia podem traí-lo. Na minha experiência, um homem satisfeito com sua comida, vinho e riquezas tem muito a perder e pouco a ganhar com uma traição."

Um grupo de músicos passa por eles, enchendo o salão com o som de harpas, liras e tambores para a alegria dos homens, que eclodem em uma canção que Erec não reconhece, e então se afastam

rapidamente.

Quando eles podem ouvir-se de novo, Erec nota Krov olhando para ele.

"Erec!" Krov grita, voltando sua atenção para ele. "Por que você não está bebendo?"

"Eu estou bebendo, meu senhor," responde Erec, levantando um saco de vinho.

Krov cai na gargalhada.

"Senhor!" ele grita. "Eu não sou nenhum *senhor*! Ao contrário de você, eu não sou senhor de nada. Deus me livre de ser um senhor! Eu perderia o pouco de classe que eu ainda tenho!"

Os homens de Krov caem na risada junto com ele até Krov finalmente voltar sua atenção para

Erec.

"No entanto, por que não beber?" Ele pergunta mais uma vez. "Você está bebendo apenas com uma mão. Ambas as mãos devem estar cheias!"

Erec sorri para ele.

"Uma mão é suficiente, meu senhor," ele responde. "Eu gosto de manter uma mão livre. Afinal, você nunca sabe quando um de seus homens pode tentar cortar a minha garganta."

Krov o encara e, em seguida, cai na gargalhada, batendo na mesa com a palma da mão.

"Você é bom," ele fala. "Você não perdeu esse seu jeito. Eu gostei do que vi aqui hoje, exatamente como o menino do qual eu me lembro. Exceto pelo fato de você estar muito sério, certamente por ter passado tempo demais no campo de batalha. Você deve beber mais e apreciar as mulheres."

"Ele *tem* uma mulher," Alistair o corrige com dureza, olhando para ele e claramente descontente.

Krov ri e acena para ela, levantando seu saco de vinho.

"Como quiser, minha senhora," ele diz. "Mas eu também tenho uma mulher e aqui estou eu!" ele fala, agarrando os seios de cada uma das mulheres nuas em seu colo.

"Então eu sinto muito por você," responde Alistair, "e muito mais pela sua esposa. Esses são apenas prazeres da carne. Você nunca vai conhecer o verdadeiro prazer da lealdade e da devoção."

Krov balança a cabeça, rindo.

"Não tenha pena de mim," ele fala. "Ou dela. Pelo menos ela está protegida aqui, não é livre para ser vendida como todas essas outras mulheres."

Seus homens continuam rindo aos agarrarem as mulheres em seus colos e Alistair desvia o olhar, completamente enojada.

Krov volta a olhar para Erec e sua expressão finalmente se torna séria, obscurecida por seus olhos avermelhados pelo excesso de bebida.

"Eu suponho que você não tenha vindo até aqui só para me ver," Krov fala para Erec, "ou para discutir mulheres!"

Erec balança a cabeça.

"É verdade, meu amigo," ele responde, "não foi por isso que eu vim."

Krov assente.

"Eu entendo. Ninguém nunca vem visitar Krov casualmente, como um amigo. Krov, o Rei da Ilha de Boulder, o homem com quem ninguém se importa, com quem ninguém quer se relacionar e que todos julgam ser inferior até precisarem dele. Eu queria ter amigos que tivessem o cuidado de parar para me visitar apenas em nome de nossa amizade. Mas minhas amizades sempre parecem ter um propósito. É triste, mas esse é o meu destino."

Erec enrubesce, percebendo a sensibilidade de Krov e querendo prosseguir com cuidado.

"Você sempre foi um amigo do nosso pai," Strom entra na conversa.

Krov se vira para ele.

"Seu pai," responde Krov. "Sim, ele era um homem bom. Um homem de verdade e um Rei ainda melhor. Todos os habitantes das Ilhas do Sul o amavam. Eu não sei se eu o amava," ele fala, coçando a barba e parecendo pensar a respeito. "Eu o respeitava. Ele era um bom guerreiro, tinha uma mente apurada. Mas, por outro, ele nunca foi meu amigo. Assim como meus outros amigos, ele me chamou

apenas quando precisou de mim. Quantas vezes eu fui convidado para um dos casamentos gloriosos nas Ilhas do Sul? Para uma de suas festas reais? Para qualquer uma de suas festividades? Os habitantes das Ilhas do Sul sempre acharam que eram bons demais para nós. Isso não é ser um amigo."

Erec enrubesce, percebendo que o que ele diz é verdade. Ele espera que Strom fique em silêncio e faz um gesto seu irmão, mas Strom continua.

"Nosso pai pagou muito bem pelos seus serviços," acrescenta Strom.

A expressão de Krov escurece.

"Sim, ele me pagou bem," ele responde. "Mas não era dinheiro que eu queria ou precisava. Ele nunca me pagou com amizade. Como todo mundo, ele me queria à distância, longe dele e de sua família."

"Ele deixou que você patrulhasse as nossas águas," continua Strom, "e que pescasse os peixes dos nossos mares."

"Sim, ele fez isso, mas nunca me convidou para o seu salão de banquetes. Por que você acha que isso aconteceu?"

Erec permanece em silêncio. Ele sabe a razão. É por que Krov é um pirata, um pirata assassino, ladrão e esturador, sem lealdade e sem moral. Ele sabe que seu pai não o respeitava. Ele o tinha usado de acordo com a sua necessidade e essa é a verdade.

De repente, o humor de Krov muda como uma tempestade e ele inesperadamente bate a palma da mão em cima da mesa de madeira. Seu rosto se contorce e a música do salão é interrompida.

Uma tensão recai sobre a sala enquanto todos os olhares se voltam para ele.

"Eu perguntei por que você acha que isso aconteceu?" ele grita, jogando as mulheres nuas para longe e ficando em pé no lugar. Ele ergue a voz e encara Erec. "ME RESPONDA!"

Todos na sala param e olham para eles, observando a discussão acalorada de longe.

Erec encontra os olhos de Krov com firmeza, mantendo-se calmo e sem demonstrar suas emoções, como seu pai sempre havia lhe ensinado, e percebe claramente como Krov é imprevisível.

"Meu pai," Erec responde calmamente, "nunca falou uma palavra contra você."

"Mas também nunca falou nada de bom sobre mim."

"Meu pai nunca guardou qualquer tipo de ressentimentos contra você," continua Erec. "Ele sempre o considerou um parceiro."

"Um parceiro, mas não um amigo. Pergunto novamente: Qual é o motivo disso?"

A raiva de Krov parece se intensificar, assim como a tensão na sala, e Erec sabe que precisa tomar uma decisão rápida sobre como responder. Se ele não responde corretamente, ele sabe que aquilo vai evoluir para um derramamento de sangue.

"Você quer uma resposta honesta?" Erec pergunta para Krov, finalmente se decidindo.

"Eu não perguntar novamente," Krov diz com a voz dura e fria, segurando o punho de sua espada. Quando ele faz isso, Erec nota que vários de seus homens também fazem o mesmo.

Erec limpa a garganta, solta a mão de Alistair e lentamente se levanta e enfrenta Krov, que está orgulhoso e ereto, mantendo-se inflexível.

"Meu pai valorizava a honra acima de qualquer outra coisa," ele diz com a voz alta e clara, digna e honesta. "Ele valorizada a *honra*, e todos aqueles que se esforçavam para conquistá-la. Ele não tolerava o roubo, a falta de respeito com as mulheres, o assassinato de homens por dinheiro ou pelo conteúdo de seus navios. Meu pai viveu pela honra. Se você quer a resposta honesta, eu a darei para você: aos olhos de meu pai, você não tinha honra. Ele nunca quis se relacionar com pessoas que não tivessem honra."

Krov o encara com olhos frios e escuros que parecem enxergar através dele; Erec vê sua expressão mudando, enxerga a agitação em seu olhar e percebe que Krov está debatendo se deve matá-lo.

Erec estende a mão casualmente e, lentamente, descansa sua própria mão no punho de sua espada, apenas no caso de Krov resolver atacá-lo.

De repente, para surpresa de Erec, a expressão no rosto de Krov se relaxa e, em seguida, ele abre um sorriso.

"Honra!" ele grita, rindo. "E o que é a honra? O que foi que vocês conseguiram com toda a sua honra? Olhe para toda a honra que eles tinham no Anel. O que aconteceu com eles? Onde foi parar o Anel? Agora ele está destruído. Agora ele já não existe. Ele foi destruído por um exército sem qualquer honra. Vendido por pessoas sem honra. Eu escolheria a vida em troca da honra a qualquer momento; eu escolheria o vinho e as mulheres ao invés de suas expressões sisudas, suas vidas solenes e seu código de honra."

Krov de repente se abaixa e pega uma caneca, sorrindo.

"Você me deu uma resposta honesta," ele diz. "Nenhum outro homem teria sido corajoso o suficiente para fazer isso. Isso, meu caro, é honra!"

Ele levanta sua caneca.

"EM NOME DA HONRA!"

Todos os homens do salão ficam em pé e levantam suas canecas, aplaudindo com ele.

"PELA HONRA!" eles aplaudem.

Krov ri junto com seus compatriotas enquanto toma um longo gole de seu saco de vinho e toda a tensão na sala se dissipa.

Erec, ainda agitado e cauteloso, balança a cabeça lentamente, bebe um pouco de vinho e também se senta.

"Você é um homem destemido," Krov fala para Erec, "e é isso que eu gosto em você. Eu posso até gostar mais de você do que de seu pai. Ainda não sei se podemos ser amigos, mas estou começando a achar que isso é possível."

"Novos amigos são sempre bem-vindos," Erec responde, fazendo um gesto com a cabeça em sinal de respeito.

"Agora me diga," Krov diz em tom sério, indo direto ao ponto, "por que você veio até aqui?"

Erec suspira.

"Eu preciso de sua ajuda. Nós precisamos de sua ajuda. O que resta do meu povo, os exilados do Anel, conduzidos por Gwendolyn, encontraram refúgio no Império."

"No *Império!*?" Krov pergunta, claramente chocado. "Por que eles fugiram para lá?"

Erec dá de ombros.

"Talvez esse tenha sido o lugar mais contraintuitivo para ir. Afinal, o seu inimigo o procuraria em seu próprio quintal?"

Krov acena com a cabeça, lentamente se acostumando com a ideia.

"Aquela Gwendolyn," ele comenta. "Sempre esperta demais para o seu próprio bem, exatamente como o seu pai. Estou espantado em saber que ela ainda está viva, que qualquer um deles ainda está vivo, após o que Romulus fez com eles. Ela deve ser uma rainha melhor do que qualquer um de nós esperava."

Erec assente.

"Eu recebi um falcão," ele diz. "Eles precisam da nossa ajuda e eu quero libertá-los. Minha frota, como você sabe, vai enfrentar números muito superiores e ninguém conhece essas águas melhor do que você. Eu preciso que você se junte a nós e nos ajude em nossa guerra contra o Império."

Krov balança a cabeça.

"Sempre o idealista," ele fala. "Assim como o seu pai. Eu passei a minha vida inteira esquivando-me do Império e agora você me pede para combatê-los de frente." Ele balançou a cabeça lentamente. "Isso é uma loucura, lutar contra o Império é suicídio."

"Você não precisa combatê-los," Erec responde. "Basta navegar conosco e nos ajudar a chegar onde precisamos ir. Acompanhe-nos por essas águas e através da Espinha do Dragão."

Krov olha para ele e Erec vê seu rosto congelado de medo ao ouvir aquelas palavras.

"A Espinha do Dragão?" ele pergunta. "Não me diga que você quer passar por ela," ele fala com nítido pavor em sua voz.

Erec assente calmamente.

"É a rota mais direta," explica Erec, "e a menos provável de sermos detectados. Não temos tempo para nenhuma alternativa."

Krov balança a cabeça.

"Melhor dar a volta no Chifre da Azul," Krov sugere.

"Isso aumentaria nossa jornada em luas," Erec comenta. "Como eu disse, não há tempo."

"Não é hora de morrer, você quer dizer?" diz Krov. "Melhor demorar algumas luas e continuar vivo do que levar dias e ser morto. Ninguém consegue passar pela Espinha do Dragão e continuar vivo."

"Você consegue," Erec diz, olhando para ele de modo significativo.

Krov encontra o seu olhar e suspira lentamente, com os olhos vidrados ao ser levado pelas lembranças.

"Isso foi há anos, quando eu era jovem e meu cabelo ainda era grosso e loiro," Krov fala. "Agora estou quase careca, tenho uma barriga e não sou tão tolo quanto já fui um dia. Agora eu gosto da minha vida. Eu jurei que nunca passaria por aquilo de novo e não pretendo fazê-lo."

"Você conhece a Espinha melhor do que ninguém," Erec fala. "Onde as rochas estão, onde as ondas

arrebentam, de que forma as correntes funcionam, onde o Império patrulha e onde os monstros espreitam. Vamos atravessar a Espinha," ele fala decidido, com força e autoridade na voz. "Você pode ficar aqui, se acovardar e ser pobre - ou você pode se juntar a nós e ficar rico."

Krov encontra o seu olhar com o rosto sério, entrando no clima de negócios.

"Como assim, ficar rico?" ele pergunta.

Erec sorri, tendo esperado por aquela reação.

"Um navio cheio de ouro puro," Strom entra na conversa. "É um pacto renovado de lealdade das nossas Ilhas."

Erec enrubesce, desejando que Strom não tivesse interrompido. Seu irmão mais novo sempre fala quando deveria apenas ouvir.

"*Lealdade!*?" Krov repete, contorcendo o rosto. "É o que eu vou fazer com a sua lealdade? Será que isso vai me comprar putas? Será que vai me comprar vinho?"

"Se você for atacado, viremos ao seu auxílio," Strom responde. "Isso vale a sua vida."

A expressão de Krov escurece e ele balança a cabeça.

"Eu não preciso de sua ajuda ou de sua proteção, garoto," ele fala para Strom. "Caso você não tenha notado, o nosso povo se vira muito bem. Na verdade, me parece que é você que precisa da nossa ajuda."

Strom enrubesce e Erec finalmente estende a mão e faz um gesto para que ele se cale.

Erec olha para Krov.

"O ouro é muito bom," ele fala baixinho, sorrindo, de homem para homem, "e essa é uma missão ousada. Apenas imprudente o suficiente para que você seja incapaz de conseguir passar."

Krov se inclina para trás e acaricia sua barba, voltando sua atenção para Erec. Finalmente, depois de um longo silêncio, ele bebe o restante do saco de vinho, limpa a garganta e joga o saco no chão. Ele se levanta e enfrenta Erec.

"Eu quero dois navios cheiros de ouro," ele fala. "Zarparemos com a primeira luz do dia, enquanto eu ainda estiver bêbado o suficiente para prosseguir."

Erec se levanta e lentamente abre um sorriso.

"Eu tinha a sensação de que você diria isso," ele comenta. "É por isso que os dois navios já estão esperando por você."

Krov olha para ele e, em seguida, abre um enorme sorriso.

Ele caminha ao redor da mesa e abraça Erec.

Ele se afasta um pouco, segurando seus ombros, e olha dentro de seus olhos.

"Você será um belo rei, Erec, filho de Nor," ele fala. "Um rei realmente muito bom."

CAPÍTULO DEZENOVE

Darius atravessa o acampamento do seu crescente exército acompanhado de Raj, Desmond, Kaz e Luz, indo de homem em homem enquanto atravessa aquela imensidão de aldeões para checar os feridos, conhecendo cada um daqueles homens pessoalmente, ajudando-os a remover suas correntes, olhando nos olhos deles e cumprimentando-os com interesse e humildade. Ele vê a esperança nascer nos olhos de cada um daqueles homens quando eles o observam, segurando suas mãos e resistindo a soltá-las, olhando para ele como se ele fosse o seu redentor.

Ninguém jamais havia olhado para Darius daquela forma antes e tudo aquilo é surreal. Em seu coração, ele é apenas um garoto, um garoto que se esforça para ser um guerreiro, um garoto que tem um poder oculto que ele nunca será capaz de usar, que ele simplesmente não quer usar e que jamais poderá revelar aos demais. Isso é tudo. Darius nunca havia esperado tornar-se um líder, tornar-se um exemplo para as pessoas ao seu redor, alguém a quem seus companheiros recorrem em busca de liderança e conselhos. Durante toda a sua vida ele tinha ouvido que jamais conquistaria coisa alguma e que ele realmente não tem valor algum; seu avô sempre o havia desmotivado, repetindo várias vezes que sua insignificância tinha sido o verdadeiro motivo da partida de seu pai. Todos os anciãos da aldeia e todos os seus treinadores, particularmente Zirk, o comandante da tropa dos seus companheiros, acreditam que suas habilidades são apenas razoáveis e que ele é simplesmente pequeno demais. Eles haviam dito que ele não deveria sonhar alto demais.

Darius sabe que não é o mais alto ou o mais forte do grupo. Ele sabe que não é o mais bonito, que não possui riquezas e que não vem de uma família abastada e nobre. E ainda assim Darius sempre havia tido uma convicção, uma sensação e determinação profunda em seu coração de que ele é mais forte do que os outros. De alguma forma, ele sempre soube que essa determinação lhe permitiria superar qualquer dificuldade e até mesmo ultrapassar os outros garotos, mesmo aqueles supostamente mais fortes do que ele. Ele sente tudo com mais profundidade, recusando-se a se ver da mesma forma que os outros. Ele havia se esforçado para criar uma imagem mental forte de si mesmo, a imagem de um herói

e de um líder, forçando-se a se agarrar a ela independente do quanto as pessoas ao seu redor haviam tentado desmotivá-lo. As pessoas podem esmagar o seu corpo, mas jamais conseguirão esmagar o seu espírito e jamais poderão afetar a sua imaginação. E sua imaginação, ele sente, é o seu bem mais precioso. A imaginação de Darius, ele sente, é o que lhe permite imaginar-se como outra pessoa, erguendo-se acima de sua própria e triste realidade. E é exatamente esta *visão* - e não o seu tamanho, força, riqueza ou poder - que lhe permite fazer tudo aquilo.

Agora, ao caminhar entre as fileiras de seu novo e crescente exército, Darius pode ver como eles olham para ele; é como observar sua própria imaginação tornar-se realidade e desdobrar-se diante de seus olhos. Ele sabe, simplesmente sabe, que aquilo tudo é apenas o resultado de sua recusa em abandonar os seus sonhos, agarrando-se às imagens de sua vívida imaginação. Nada daquilo teria sido possível sem sua habilidade de ignorar toda a negatividade ao seu redor, todas as pessoas que haviam repetido que os seus sonhos jamais se tornariam realidade. Darius sabe que para conquistar o poder é preciso apenas uma coisa: bloquear as vozes das pessoas ao seu redor, um mar de vozes de pessoas negativas que insistem em lhe dizer quem você é e o que você é capaz de fazer em sua vida, impondo-lhe limites imaginários. Darius percebe que esse é um mar que nos castiga todos os dias e por todos os ângulos, como ondas que castigam as areias da praia. Aqueles que são capazes de bloquear essas vozes, mantendo-se leais à imagem que possuem de si mesmos, podem superar qualquer adversidade.

À medida que Darius atravessa as fileiras observando todos os novos rostos e acompanhado pelos seus amigos, ele percebe que é importante que todos o vejam como um líder. Todas aquelas pessoas desejam e precisam de um líder, alguém para guiá-los durante aqueles tempos incertos. Darius pode lhes dar esperança e direção por mais desolador que o futuro possa parecer no momento. Ele sabe que precisa fazer isso. Darius lhes deve ao menos isso, mesmo que ele mesmo ainda não se sinta tão seguro.

"Obrigado, Zambuti," um dos homens recém-libertados diz, aproximando-se e segurando uma das mãos de Darius entre as suas. "Você nos libertou. Você nos devolveu nossas vidas."

Darius fica chocado a ver a expressão de reverência no rosto do homem. *Zambuti* é um termo usado como forma de expressar extremo respeito, um termo que significa *amado líder*, uma expressão que carrega tanto amor que nem mesmo o ancião da aldeia jamais é chamado assim. Desde que Darius havia nascido, os escravos jamais tinham tido um líder - não um líder de verdade.

Darius balança a cabeça.

“Vocês conquistaram suas *próprias* vidas,” Darius responde. “E eu não sou o seu Zambuti.”

“É sim,” outro homem libertado retruca, correndo para segurar a mão de Darius também.

“É o seu dever!” repete outro homem à medida que mais homens se reúnem ao redor de Darius.

“Você é o nosso líder agora! O único líder que já tivemos. O único homem que já ousou enfrentá-los.

Você nos devolveu nossas vidas. Agora é seu dever liderar os escravos!”

Um grito de aprovação eclode entre a multidão.

“Vocês não são mais escravos!” Darius grita para a multidão crescente. “Não repitam isso! Vocês são homens livres. Escolheram o seu destino, escolheram a liberdade e, por este motivo, estou

orgulhoso de todos vocês. Eu vou guiá-los, mas vocês devem ser líderes de si mesmos!”

Mais um grito de aprovação se espalha entre o grupo.

Há uma comoção, o som de homens comemorando agitados, e Darius, motivado pela curiosidade, atravessa a multidão que abre caminho para ele.

Ao chegar ao outro lado Darius vê uma pequena clareira, o centro da comoção, e dentro dela ele observa uma congregação dos anciãos dirigindo-se aos escravos recém-libertados.

“Acabamos de ter uma vitória aqui hoje,” diz um dos anciãos. “Fomos agraciados pelos deuses.

Mesmo assim, não devemos ser encorajados e pensar que isso significa que teremos mais vitórias.

Agora não é hora de continuarmos a luta. Agora é a hora de negociarmos a paz com o Império.”

“Não haverá paz!” um dos aldeões grita.

“Os dias de negociarmos a paz chegaram ao fim!” grita outro.

“Como ousa desafiar seus anciãos!” dispara um dos anciãos, um homem austero e magro que Darius reconhece como sendo de sua aldeia.

“Vocês não são nossos anciãos!” retruca um homem libertado daquela aldeia. “Nós não sobrevivemos aqui hoje para ouvir os seus comandos. Não nos livramos de um capataz para o

substituímos por outro!”

Os aldeões aplaudem.

Zirk de repente invade a clareira, salta sobre uma rocha e encara a multidão, exigindo a atenção

de todos.

"Eu sou o comandante das nossas tropas!" ele grita. "*Eu* treinei todos aqueles guerreiros que lutaram aqui hoje e eu sou o guerreiro mais experiente entre eles! *Eu* serei o seu líder no próximo confronto, seja ele onde for. Vocês agora estão sob o *meu* comando!"

Darius observa tudo aquilo, sentindo-se completamente irado. Zirk sempre havia se sentido ameaçado por ele. Agora ali está ele, o mesmo homem que havia tentado desmotivá-lo e tentado acabar com a insurreição, tentando assumir todo o crédito.

Darius continua observando à medida que um silêncio tenso toma conta da multidão. Ele sente vontade de gritar, de falar a verdade, mas sabe que não deve tomar o poder pela força. Aqueles homens devem escolher tê-lo como líder.

Lentamente, o silêncio é interrompido quando um grupo de escravos se aproxima do centro e ignora Zirk, dando-lhe as costas. Em vez disso, eles se viram e encaram Darius.

Darius fica surpreso ao vê-los olhando em sua direção e apontando diretamente para ele.

"Você não é o nosso líder," eles falam para Zirk. "Nosso líder é Darius."

Um grito de aprovação surge entre os escravos.

"Darius liderou a batalha que aconteceu aqui hoje. Darius libertou todos nós. Ele merece a nossa lealdade. Zambuti!"

"Zambuti!" os outros repetem.

Darius é tomado por uma sensação de gratidão ao ouvir aquilo, mas de repente Zirk, indignado, salta de cima da rocha e atravessa a multidão.

"Vocês não podem tê-lo como líder!" Zirk grita desesperado, olhando para Darius com inveja.

"Ele é apenas um garoto. Um garoto que *eu* treinei. Ele nem é o maior dos nossos guerreiros. Ele não capaz de liderar coisa alguma."

Um dos aldeões dá um passo adiante e balança a cabeça.

"Não é a idade que torna alguém um líder," afirma o homem, "mas o coração que ele possui. Ele será o nosso líder."

Os aldeões irrompem em gritos de aprovação.

"ZAMBUTI!" eles repetem sem parar.

Zirk, irritado, faz uma careta e se afasta, abrindo caminho com violência entre a multidão até desaparecer.

Vários escravos se aproximam, agarram Darius e, para sua surpresa, colocam-no sobre a rocha.

Assim que eles fazem isso, todos os outros escravos aplaudem, olhando para Darius em júbilo.

Darius observa aquele mar de rostos observando-o com adoração e percebe o quanto ele é

importante para eles. O quanto eles precisam dele e o quanto eles precisam de alguém em quem

acreditar - alguém para liderá-los. Ele pode ver em seus olhos que aquelas pessoas são capazes de ir a qualquer lugar do mundo se ele apenas puder liderá-las.

"Lutar ao lado de vocês hoje foi a maior honra de toda a minha vida," Darius grita. "Foi uma honra poder testemunhar a coragem de todos vocês. Vocês são homens livres agora e têm o poder de

escolher. Se quiserem me seguir não posso lhes prometer a vida, mas posso lhes prometer a

liberdade. Se me acompanharem, nós não ficaremos sentados nos acovardando no meio do Deserto e,

aconteça o que acontecer, nós levaremos esta luta até as cidades do Império!"

Os homens aplaudem com excitação, aproximando-se para saudá-lo, e Darius sabe que a grande guerra está apenas começando. Ele sabe que agora têm um exército.

"ZAMBUTI!" eles gritam. "ZAMBUTI!"

*

Darius atravessa o acampamento preocupado ao ser levado por Loti. Ela segura a mão dele ao abrir caminho pelo acampamento e Darius não consegue parar de pensar na notícia que ela havia acabado de lhe dar.

"Ele está morrendo?" Darius pergunta.

Loti balança a cabeça com tristeza.

"Eu não sei, meu amor," ela fala, "mas é melhor nos apressarmos."

O coração de Darius bate acelerado enquanto eles atravessam o acampamento e ele se pergunta

se é chegada a hora. Loti havia dito que seu avô está gravemente ferido. Ele tinha sido ferido por uma lança durante o último confronto, embora não tenha lutado, e agora está incapaz de se mover. Loti o tinha encontrado e cuidado dele ao fazer a ronda dos escravos feridos e havia saído para buscar

Darius assim que possível.

As emoções de Darius estão confusas à medida que ele caminha ao encontro de seu avô. Ele

pensa em como o seu avô o havia tratado com desprezo durante toda a sua vida e se lembra de todo o rancor que sente em relação a ele. Ao mesmo tempo, Darius sabe que aquele é seu avô e a única

pessoa que havia estado presente durante a ausência de seu pai, tendo criado Darius e lhe dado um lugar para viver. Ele também é seu único parente vivo além de Sandara. Isso deve contar para alguma coisa, pensa Darius. Por mais chateado que esteja com seu avô, Darius tem que admitir também sentir amor por ele, uma presença constante em sua vida. Ele não consegue evitar a sensação de que o

acidente com seu avô durante o confronto tinha sido sua culpa de alguma forma.

Eles finalmente chegam até uma clareira repleta de pessoas doentes e feridas e o coração de

Darius se aperta ao ver seu avô deitado entre eles com um ferimento enorme no abdômen, coberto

por ataduras ensanguentadas. Seu avô aparenta estar mais fraco do que Darius jamais o tinha visto antes. Ele parece estar à beira da morte.

Darius é tomado pela tristeza e não quer que Loti o veja assim.

"Gostaria de alguns momentos sozinho com ele," Darius fala.

Loti assente com tristeza e começa a se afastar, dando-lhes um pouco de privacidade.

Darius se aproxima rapidamente de seu avô, se ajoelha e segura na mão dele.

"Potti," Darius diz, usando o termo carinhoso que sempre havia usado para se dirigir ao avô.

Seu avô abre os olhos com fraqueza e olha para Darius. Darius pode ver o brilho nos olhos do avô se desvanecendo.

"Darius," ele responde com um sorriso fraco. Darius vê que sua presença ali é importante para ele.

"Estive esperando por você," continua seu avô, falando com uma voz rouca. "Esperei por você antes de morrer."

Darius aperta a mão dele, segurando as lágrimas e detestando a ideia de vê-lo morrer. Sempre

tinha havido muita tensão entre eles, muita luta por controle, e ainda assim, Darius tem que admitir, sempre tinha havido muito amor. Seu avô tinha sido um homem severo, mas também sempre tinha

sido um homem digno e uma presença constante na vida de Darius. Ele é tomado pela culpa e pela

sensação de que talvez, independente da forma como tenha sido tratado, deveria ter tido mais

respeito por seu avô e ter sido menos desafiador.

"Eu sinto muito," ele diz. "Eu sinto muito por não ter estado lá para levar este golpe em seu lugar.

Sinto muito que você esteja morrendo."

Seu avô balança a cabeça e seus olhos se enchem de lágrimas.

"Você não tem motivos para se lamentar," ele finalmente responde com a respiração fraca. "Você é como um filho para mim. Você sempre foi como um filho para mim. Eu fui duro com você, pois

queria que você fosse forte. Eu queria que você aprendesse. Eu não queria que você dependesse de ninguém a não ser de você mesmo."

Darius enxuga algumas lágrimas.

"Eu sei, Potti," ele diz. "Eu sempre soube."

"Eu não queria que você tivesse o mesmo destino do seu pai," ele continua. "E ao mesmo tempo, eu sempre soube que esse é o seu destino."

Darius o encara confuso.

"O que você quer dizer com isso?" ele pergunta.

Seu avô tosse, cuspiendo sangue, e Darius percebe que ele está morrendo em seus braços. Ele está curioso para entender o que seu avô quer dizer com aquilo e para ouvir o que ele tem a dizer sobre o seu pai. O desaparecimento de seu pai é um mistério que o incomoda há muito tempo. Ele está

ardendo de curiosidade para saber quem ele é, quando ele havia partido, para onde ele tinha ido e o que havia acontecido com ele, mas seu avô sempre havia se recusado a lhe dizer qualquer coisa.

Seu avô balança a cabeça e fica em silêncio por um longo tempo, tanto tempo que Darius não tem certeza se ele pretende continuar.

Finalmente, ele volta a falar com a voz rouca.

"Seu pai não era um escravo comum," ele continua com um sussurro. "Ele não era como os outros. Ele era como o meu pai."

"O seu pai?" Darius pergunta confuso.

Ele assente.

"Um grande guerreiro. O homem cujo nome você carrega."

O coração de Darius se sobressalta ao ouvir aquilo.

"Um guerreiro?"

Seu avô assente.

"E muito mais. Ele não era apenas um guerreiro. Você vê, o sangue que..."

Ele de repente tem um acesso de tosse e fica incapaz de falar. Darius observa calado, torturado pela curiosidade e com a sensação de que todos os mistérios de sua vida estão prestes a se revelar.

Finalmente, seu avô para de tossir e, desta vez, quando ele volta a falar sua voz está ainda mais fraca.

"Seu pai, ele lhe contará tudo," ele sussurra com falta de ar. "Ele está vivo. Você precisa encontrá-lo."

"Ele está vivo!?" Darius pergunta chocado. Ele sempre tinha tido certeza de que seu pai havia morrido "Mas aonde? Onde poderei encontrá-lo?"

Seu avô de repente fecha os olhos e solta a mão de Darius, que imediatamente percebe que ele está morto.

"Potti!" Darius grita.

Mas não há nada que ele possa fazer. Ele fica ajoelhado ali e observa o corpo inerte de seu avô, repassando todas as perguntas ainda sem resposta em sua mente e sentindo o seu destino diante dele pela primeira vez em sua vida.

Ele joga a cabeça para trás e dá um grito de tristeza.

"Potti!"

*

Loti fica no lado oposto da clareira e observa Darius ao lado de seu avô, segurando a mão dele e

chorando, e vira o rosto, incapaz de suportar a cena. Ela não consegue suportar ver Darius tão triste e quer dar-lhe alguma privacidade. Ela vê a expressão de Darius mudar quando seu avô começa a falar e fica, obviamente, ardendo de curiosidade para saber o que ele está dizendo e para saber o que pode estar afetando Darius daquela maneira. Até onde ela sabe, eles nunca tinham tido uma boa relação.

Ao pensar em Darius, Loti percebe que havia se apaixonado por ele e, acima de tudo, passado a respeitá-lo. Ela ainda não consegue compreender como ele a tinha salvado, como ele tinha sido

capaz de se sacrificar por ela daquela forma, recebendo aquelas chicotadas em seu lugar e se

preparado para ser submetido ao tipo mais terrível de tortura e até à morte para salvá-la. De algumas formas ela sente que toda aquela guerra havia começado como resultado de suas próprias ações ao

matar aquele capataz que havia açoitado seu irmão e, embora ela tenha orgulho de sua atitude, Loti se sente culpada. Ela também sente enorme gratidão; Loti sabe que sem Darius ela estaria morta agora,

assim como todo o seu povo, e sente mais amor por ele do que é capaz de demonstrar.

"Aí está você," diz uma voz.

Loti vê Loc aproximando-se dela com um sorriso no rosto.

Ela olha para baixo, vê o ferimento no braço dele e uma expressão de preocupação toma conta de seu rosto.

"Não se preocupe," ele diz, "é só um arranhão."

Ela examina o braço dele, seu braço forte, cheio de músculos e, agora, coberto de sangue.

"Como você conseguiu isso?" ela pergunta.

Ele sorri.

"Eu posso ser aleijado," ele responde, "mas eu também posso lutar, irmã. Posso não ser tão rápido ou tão forte quanto os outros, mas meu braço bom é bem mais forte do que a maioria dos

braços que eu vejo por aí. Com uma boa lança, maça ou mangual eu sou capaz de acertar um inimigo

de longe. Mais de um capataz está morto no campo de batalhas hoje por causa desse aleijado e esse é apenas um pequeno preço que eu tive que pagar por isso."

Loti sente orgulho dele, mas não consegue deixar de se preocupar com a ferida, que parece

profunda; ela rapidamente pega um curativo em sua cintura e o envolve em torno do braço dele

repetidas vezes,

"Você é corajoso," ela fala. "Eu não conheço qualquer outra pessoa em suas condições que se arriscaria dessa forma."

Ele sorri.

"Eu não tenho uma condição, minha cara," ele fala. "Sou tão feliz quanto qualquer homem livre na face da terra. Condições e limitações existem apenas na mente das pessoas. Elas não existem na

minha mente. Tenho orgulho da forma como eu nasci."

Ela sorri, sentindo-se animada pela presença dele como sempre.

"É claro," ela responde. "Também tenho orgulho de você. Não tive a intenção..."

Ele ergue a mão.

"Eu sei disso, irmã. Eu sei o que você quis dizer. Você sempre quer o que é melhor para mim.

Sempre foi assim. Você nunca tem a intenção de me ofender."

"LOTI!" grita uma voz.

Loti de encolhe ao ouvir o som estridente, uma voz que ela conhece bem e que lhe causa arrepios, um tom de desaprovação e repreensão. Ela não precisa olhar para saber que sua mãe se aproxima.

A mãe de Loti os alcança e alterna um olhar de desaprovação entre os dois.

"Parem já com essa bobagem, seja lá o que vocês estiverem fazendo, e venham comigo imediatamente," ela exige. "O seu povo precisa de vocês."

Ela olha para sua mãe com uma expressão confusa.

"Meu povo precisa de mim?" ela repete. "O que isso significa?"

Sua mãe faz uma careta, sem gostar de ser questionada.

"Não ouse questionar sua mãe!" ela grita. "Venham comigo agora - os dois."

Loti e Loc se entreolham.

"Ir com você para onde?" Loc pergunta.

A mãe de Loti coloca as mãos nos quadris e suspira profundamente.

"Um grande grupo de escravos guerreiros, vindos de outra aldeia, está interessado em juntar-se ao nosso exército. Eles querem falar apenas como você, já que aos olhos deles você é a mais famosa, a pessoa responsável pelo começo disso tudo ao matar o primeiro capataz. Eles não se juntarão ao nosso grupo de outra forma. Venha rápido e ajude o nosso povo."

Loti olha para sua mãe confusa.

"E por que você se importa tanto com a nossa causa?" ela pergunta. "Justo você, que se opôs ao começo de tudo isso?"

A mãe dela ferve de raiva e dá um passo adiante.

"É por *sua* causa que essa guerra começou," ela a repreende. "Não estaríamos lutando se não fosse por isso. Mas agora que estamos, temos que vencer. E se você pode ajudar, então que assim

seja. Você vem ou não vem?"

A mãe de Loti e de Loc continua ali, encarando-os, e Loti percebe que ela não irá desistir. A

última coisa que ela quer fazer é acompanhar sua mãe, mas por Darius, pela causa e pelo seu povo

ela é capaz de fazer qualquer coisa.

A mãe deles se vira, começando a se afastar, e os dois começam a segui-la; eles abrem caminho através da multidão à medida que ela os leva em direção ao desconhecido.

CAPÍTULO VINTE

Gwendolyn fica deitada na posição fetal no chão duro do Grande Deserto, ainda acordada, e observa mais um amanhecer no deserto. O céu irrompe em tons de vermelho escarlate quando o primeiro dos dois sóis começa a nascer, impossivelmente grande, parecendo preencher todo o universo. Ele lança uma luz melancólica sobre a paisagem, sobre aquele lugar desolado, e Gwen sente a temperatura começando a subir.

Krohn, aninhado em seu colo, se mexe e choraminga, aconchegando-se contra seu corpo, ainda dormindo satisfeito; ele é a única coisa que a mantém quente durante as noites frias do deserto. Gwen também muda de posição, mas sente dor ao fazer isso, seu corpo ainda está arranhado após o encontro com os Andarilhos de Pó.

Perto dela, no chão do deserto, dormem Steffen e Arliss, Kendrick e Sandara e Illepra com o bebê; todos eles, aparentemente, têm alguém com quem se deitar, exceto ela. Em momentos como aquele ela sente ainda mais a falta de Thor e seria capaz de dar a sua vida para ter a oportunidade de segurar Guwayne nos braços. Mas tudo de bom em sua vida, ela pensa, tinha sido tirado dela.

Gwen abre os olhos e limpa o pó vermelho de suas pálpebras sem realmente ter dormido. Ela havia ficado acordada a noite toda, como tinha feito durante quase todas as noites que eles haviam passado no Grande Deserto, preocupada com o seu povo, com Thorgrin e com Guwayne. Ela pisca os olhos algumas vezes para tentar conter as lágrimas, enxugando-as rapidamente para que ninguém as veja, mesmo que a maioria de seu povo ainda esteja dormindo. É em momentos como aquele, no silêncio da madrugada, que ela se permite chorar, chorar por tudo que ela tinha perdido e pelo futuro sombrio que parece estar diante deles. Longe da vista dos outros, ela pode permitir-se refletir sobre sua vida e sentir pena de si mesma.

No entanto, Gwen se permite apenas um momento de tristeza; ela rapidamente enxuga o rosto e se senta, sabendo que sentir pena de si mesma é prejudicial e não mudará nada. Ela tem que ser forte; se não por si mesma, então ela será forte pelos outros.

Gwen olha para as centenas de pessoas esparramadas em torno dela, entre elas Kendrick, Steffen, Brandt e Atme transportando Argon, Illepra carregando o seu bebê, Aberthol, Stara e dezenas de soldados da Prata, e se pergunta há quantos dias eles estão ali. Ela havia perdido a noção do tempo. Ela tinha sido alertada de que o Grande Deserto poderia ter esse efeito sobre eles.

Aquela tinha sido uma marcha interminável através de um deserto sem qualquer tipo de marco e uma monotonia cruel com seus homens. Suas disposições estão em situação ainda pior, se possível, seu povo está ficando mais fraco e mais doente a cada momento e ainda mais descontente. Apenas um dia antes - ou talvez tenham sido dois dias, Gwen já não se lembra - eles haviam perdido a sua primeira vítima, um homem mais velho, que tinha simplesmente parado de andar e caído aos seus pés. Eles tinham tentado acordá-lo, mas ele já estava morto. Ninguém sabe se ele tinha morrido do calor, de doença, de fome, de desidratação, de um ataque cardíaco, de uma picada de inseto ou de alguma outra doença desconhecida.

Gwendolyn ouve um barulho rastejando e, ainda sentada, olha para cima e vê um grande inseto preto com as costas blindadas, uma longa cauda e uma cabeça ainda mais comprida subindo na direção dela. Ele para, levanta suas patas dianteiras e assobia.

Paralisada pelo medo, Gwen fica perfeitamente imóvel. Ele estica o pescoço, seus olhos brilhantes fixos nela, e uma língua comprida desliza para fora de sua boca. Ela sente que ele está prestes a atacar. Ela tinha visto uma pessoa morrer vítima daqueles insetos antes e sabe que a cena não é bonita. Se ela estivesse em pé, Gwen poderia esmagá-lo com suas botas, mas ele a tinha encontrado ali, no início da manhã, sentada e vulnerável, e agora ela não tem para onde ir.

Gwen olha ao seu redor, vê que os outros estão dormindo e começa a suar, pensando na terrível morte que a aguarda. Ela lentamente se afasta, mas ao fazer isso, ele se arrasta para cada vez mais perto dela. De repente, ela vê as asas do inseto se movendo e sabe que ele está prestes a atacar.

Ela ouve um rosnado, o som de patas e de uma criatura saltando no ar, e Krohn, aparentemente observando e esperando o tempo todo, de repente salta para a frente, rosnando, e pega o inseto com suas mandíbulas instantes antes que ele possa atingir Gwendolyn. A criatura mexe em sua boca até Krohn apertar suas presas em torno dela. Com um grito estridente, ela finalmente morre, caindo inerte na boca de Krohn.

Krohn joga a carcaça no chão e Gwendolyn corre para abraçá-lo, acariciando-o e beijando-o na

cabeça. Krohn choraminga, esfregando a cabeça contra ela.

"Eu lhe devo uma, Krohn," ela diz, abraçando-o e sentindo-se eternamente grata. "Eu lhe devo a minha vida."

Gwen ouve um choro de bebê e vê Illepra sentando-se com o bebê que ela havia resgatado nas Ilhas Superiores. Illepra olha para cima e dá um sorriso cansado para Gwendolyn.

"Eu pensei que eu fosse a única que estivesse acordada," Illepra fala com um sorriso.

Gwen balança a cabeça.

"Ela não me deixa dormir," continua Illepra, olhando para o bebê. "Ela não está dormindo. Pobrezinha, ela está com fome. Isso parte o meu coração."

Gwen examina o bebê, a pequena menina que ela havia resgatado das Ilhas Superiores, e se sente angustiada e dominada pela culpa.

"Eu lhe daria a minha comida," Gwen fala. "Se eu tivesse alguma coisa."

"Eu sei, minha rainha," Illepra responde. "No entanto, ainda há algo que você pode fazer por ela."

Gwen olha para ela com uma expressão de surpresa.

"Ela precisa de um nome," Illepra completa.

Gwendolyn assente com um brilho nos olhos. Ela havia pensado em escolher um nome para ela muitas vezes e, no entanto, todas as vezes ela tinha sido incapaz de se decidir.

"Posso segurá-la?" pergunta Gwen.

Illepra sorri, dá um passo adiante e coloca o bebê nos braços de Gwen, que se levanta. Gwen abraça o bebê com força, balançando-a. Quando ela faz isso, o bebê finalmente para de chorar, olhando nos olhos de Gwen com seus grandes e bonitos olhos azuis. Ela parece encontrar um sentido de paz e Gwen também sente uma sensação de paz segurando o bebê no colo; ela quase tem a sensação de estar segurando Guwayne. Eles têm quase a mesma idade.

Isso a faz chorar e ela rapidamente se vira e enxuga as lágrimas.

Gwen quer muito escolher o seu nome, mas ao olhar fixamente em seus olhos, ela não consegue pensar em nada. Por mais que ela tente, nenhum nome surge em sua mente.

Com uma expressão triste no rosto, ela devolve o bebê para Illepra.

"Quando for a hora certa," Illepra diz, compreendendo.

"Um dia," Gwen diz para o bebê, antes de deixá-la, "quando tudo isso tiver terminado, teremos muito tempo juntas. Você vai conhecer o meu filho Guwayne. Vocês serão criados juntos e serão inseparáveis."

Na mente de Gwen, ela calmamente resolve criar aquela criança como se ela fosse sua, embora ela saiba que talvez não viva para ver esse dia.

Gwen gostaria de poder dar comida, leite, água - qualquer coisa - para o bebê, mas ela não tem mais nada. Todo o seu povo está lentamente definhando e ela mesma não faz uma boa refeição há

dias, dando a maior parte de suas rações para o bebê e para Krohn. Ela se pergunta se o seu povo

tem a energia necessária para marchar durante mais um dia. Ela tem a estranha sensação de que eles não têm.

O sol sobe mais alto no céu e todos os seus homens começam a se levantar, preparando-se para

enfrentar mais um dia. Ela lidera o caminho em silêncio, sem perder mais tempo à medida que o

calor aumenta a cada minuto. A procissão desorganizada logo começa a assumir o ritmo, marchando

cada vez mais fundo em direção ao nada.

"Para onde agora, minha senhora?" grita Aslin em voz alta, provocando, encorajado mais uma vez, alto o suficiente para que todos os outros escutem. "Qual grande destino você tem em mente hoje?"

Steffen, ao lado dela, fica tenso e coloca uma mão sobre sua espada ao mesmo tempo em que se

vira e enfrenta Aslin.

"É melhor você tomar cuidado com a sua língua," ele fala. "É com a sua rainha que você está falando."

Aslin zomba dele.

"Ela não é a minha rainha," ele dispara. "Não mais. Uma Rainha lidera o seu povo e ela não nos levou a lugar nenhum, exceto para a morte."

Steffen começa a desembainhar sua espada, mas Gwen estende o braço e coloca uma mão em seu

pulso.

"Poupe seus esforços," ela fala baixinho para ele. De mau humor, Steffen solta a espada e continua marchando ao lado dela.

"Não dê ouvidos a eles, minha senhora," diz Kendrick, chegando ao seu lado. "Você é uma rainha muito melhor do que jamais poderíamos esperar. Uma rainha muito maior do que a rainha que eles merecem."

"Eu agradeço," Gwendolyn diz. "Mas eles estão certos. Eu os levei a lugar nenhum. Eu não sei se papai previu isso quando me escolheu para sucedê-lo."

"Foi exatamente para momentos como este que nosso pai a escolheu," Kendrick insiste. "Nunca houve um momento como este e ele sabia que você tem a mão firme para guiar o seu povo por isso. Olhe até onde já chegamos. Você já nos salvou de uma morte certa no Anel. Foi somente por sua causa e por causa da sua capacidade de previsão que nós escapamos. Estamos todos vivendo em tempo emprestado. Essa é uma segunda chance que não deveríamos ter. Um tempo que só temos graças a você."

Gwen se sente grata por suas palavras - que como sempre a acalmam - e, sensibilizada, coloca a mão em seu pulso.

Eles continuam marchando, entrando cada vez mais fundo no Grande Deserto, à medida que os sóis se arrastam no céu acima deles e o corpo de Gwen se cobre de suor. Ela treme, sem saber se é por causa da violenta mudança de temperatura, do cansaço ou pela falta de comida e de água. Sua boca está tão ressecada que é difícil engolir e mesmo falar está se tornando um esforço quase impossível.

As horas passam e Gwen se vê olhando para baixo, traçando as linhas no chão do deserto e perdendo toda a noção de espaço e tempo. Ela está começando a se sentir tonta.

"UM POUCO ADIANTE!" uma voz de repente grita.

Gwendolyn, distraída, para e olha para cima ao ouvir o tom frenético da voz e saber que deve ser algo sério. Ao fazer isso, ela fica chocada com a cena diante dela.

Na distância, algo surge no horizonte e, a princípio, ela se pergunta se aquilo pode ser uma miragem. Parece ser um grande monte com quase trinta metros de altura e mais nada ao seu redor. Aquele é o primeiro objeto que eles encontram naquele deserto infinitamente vazio.

Todos eles apertam o ritmo, caminhando cada vez mais rápido, motivados, e aproximam-se do monte. Eles caminham juntos com as energias renovadas, a briga finalmente esquecida, e o coração

de Gwen bate acelerado de entusiasmo à medida que ela se aproxima da estrutura. A estrutura se ergue em direção ao céu, de cor marrom escuro, feita de um material estranho que Gwen não reconhece. A princípio, ela acha que se trata de uma pedra imensa, mas quando ela fica mais perto Gwen percebe que não é isso. É como se aquilo fosse feito de barro.

Eles chegam mais perto até finalmente parar a vinte metros de distância.

"O que você acha?" Kendrick pergunta ao lado dela.

Gwen examina a estrutura, sem saber o que dizer.

"Isso não é uma formação rochosa," Aberthol entra na conversa. "Ou uma estrutura conhecida."

"Sandara?" Gwen pergunta, caminhando para o lado dela. "Esta é a sua terra natal. O que é isto?"

Sandara pensa um pouco e balança a cabeça lentamente.

"Eu gostaria de saber, minha senhora. Eu nunca vim tão longe no Grande Deserto - ninguém que eu conheça jamais veio até aqui. Eu nunca ouvi nada sobre isso antes. Isso não é algo que eu seja capaz de reconhecer."

"Comida!" um dos sobreviventes do Anel grita.

De repente, as pessoas começam a correr e se aproximam do enorme monte. Liderados por Aslin, eles correm para o monte e, ao se aproximarem, Gwen vê o que eles querem: um material viscoso escorre pelas laterais do monte e se acumulam em uma poça em sua base.

"Isso é doce!" Aslin grita, estendendo a mão e lambendo a seiva com os dedos. "Tem gosto de mel!"

Gwen saliva com o pensamento, mas algo sobre aquilo não lhe soa bem.

"Eu não sei o que esse monte é!" Gwen grita por cima do barulho. "Pode não ser seguro! Todos vocês, voltem aqui! Afastem-se até que tenhamos examinado isso de perto!"

Para surpresa de Gwen, porém, nenhum dos habitantes do Anel, já reunidos em torno do monte, a ouvem. Apenas sua comitiva e os soldados da Prata ficam para trás, obedecendo ao seu comando.

"E por que devemos ouvi-la?" Aslin grita. "Chega de ouvir você e os seus conselhos!"

A multidão aplaude, para desgosto de Gwen, e eles continuam comendo, agarrando a seiva com as mãos e enchendo suas bocas.

"É uma montanha de mel!" outra pessoa grita. "Nós estamos salvos!"

Gwen os observa, olhando para o sol e examinando o monte, com uma profunda sensação de mau presságio.

"Minha senhora?" Kendrick pergunta, virando-se para ela. "Parece bastante seguro. Vamos comer?"

Gwendolyn permanece parada, a vinte metros de distância, examinando o monte e sentindo-se insegura. Tudo aquilo parece bom demais para ser verdade. Ela sente que algo não está certo.

Gwen começa a sentir um leve tremor no chão do deserto sob seus pés e a ouvir um zumbido suave.

"Você ouviu isso?" ela pergunta.

"Ouvi o quê?" pergunta Steffen.

"Esse barulho..."

De repente, os olhos de Gwen se arregalam de medo quando ela percebe o que está acontecendo.

"PARA TRÁS!" ela grita. "Venham todos! Afastem-se do monte AGORA!"

De repente, antes que qualquer um deles possa reagir, as paredes do monte explodem, enviando argila para todos os lados, e de dentro dele surge um enorme monstro, saindo de seu casulo.

Gwendolyn olha para cima, chocada ao ver uma criatura enorme, com trinta metros de altura, pele azul, músculos definidos e braços impossivelmente longos. Ele tem o rosto de um boi, mas com dentes longos e afiados e chifres irregulares ao longo de sua mandíbula. Há chifres em todo o seu corpo, apontando em todas as direções, como um porco-espinho. Ele parece furioso, como se tivesse sido despertado de um sono profundo.

Ele joga a cabeça para trás, rugindo, e todo o povo de Gwendolyn fica parado com mel escorrendo de suas mãos, apavorados demais para se mover.

De qualquer forma, não há tempo para que eles façam qualquer coisa. A criatura de repente balança os braços com as garras estendidas e, mais rápido do que Gwen havia imaginado, mata dezenas de pessoas. Elas voam pelo ar, gritando, e caem com um barulho no chão do deserto, seus pescoços quebrados. Em seguida, ele dá um passo adiante e pisa em cima de seus corpos.

"FLECHAS!" Gwen ordena.

Os soldados e os membros da Prata que haviam ficado para trás com ela imediatamente seguem o

seu comando, dão um passo à frente, puxam seus arcos e soltam as suas flechas, disparando na direção da cabeça da criatura. Steffen e Kendrick lançam mais flechas do que os outros.

Dezenas de flechas perfuram o rosto e a cabeça da criatura, mas em seguida, ela estende a mão e arranca as flechas de sua pele como se elas fossem apenas um pequeno aborrecimento. O monstro, em seguida, pula para a frente, ergue um braço, fecha o punho e o abaixa com a força de um martelo em mais uma dúzia dos habitantes do Anel, esmagando-os sob as pontas afiadas em torno de seu corpo.

Kendrick, Brandt, Atme e Steffen formam um círculo protetor em torno de Gwen, juntamente com dezenas dos membros da Prata, erguendo suas espadas e preparando-se à medida que a criatura se aproxima deles.

Gwendolyn sabe que precisa tomar uma decisão drástica; se ela não fizer algo, todo o seu povo, ela sabe, estará morto dentro de poucos instantes. Ela se vira e olha para todos os lados, desesperada para encontrar alguma solução. De repente Gwen tem uma ideia ao ver Argon, ainda imóvel, sendo carregado nos ombros de curandeiros em uma maca; desesperada, ela corre até ele.

"ARGON!" ela grita, sacudindo-o algumas vezes.

Ela tem certeza de que ele vai acordar e encontrar alguma maneira de ajudá-la; ele sempre fica ao seu lado em tempos de crise.

Mas não importa o que ela faça, ele não responde.

Gwen se sente arrasada e sem esperanças à medida que o monstro atravessa a multidão, matando o seu povo como formigas enquanto seus gritos preenchem os seus ouvidos. Desta vez, ela realmente está sozinha.

"Minha senhora!" diz uma voz frenética.

Gwen se vira e vê Sandara em pé ao seu lado com uma expressão de pânico no olhar.

"Eu conheço esse monstro," ela fala. "Ele já atacou o meu povo antes. Ele é um Monte Fomentador. Há apenas uma maneira de matá-lo: com o sangue de um governante."

"Eu posso fazer isso," Gwendolyn diz sem hesitar. "Eu darei a minha vida para salvar o meu povo."

Sandara balança a cabeça.

"Você não compreende," ela fala. "Ele não precisa de sua vida, apenas de seu sangue. Dê-me a sua mão."

Gwen estende o braço, abre a palma da mão e Sandara a corta rapidamente com a sua adaga. Gwen grita de dor, o corte rápido e profundo, e sente o sangue quente escorrendo pela palma de sua mão.

Sandara rapidamente se abaixa e coleta o sangue em um frasco vazio. Então, ela entrega o frasco para Gwen.

"É você que deve fazer isso, minha senhora. Você deve matar o monstro!"

Gwendolyn segura o frasco de sangue, coloca seu polegar no topo e, correndo, atravessa a multidão, desviando dos golpes da fera. O chão treme à medida que a besta ruga e bate o pé, esmagando as pessoas ao seu redor.

"AQUI!" Gwen grita para a criatura, agitando os braços e tentando chamar a sua atenção.

O monstro finalmente se vira e coloca os olhos sobre ela; ele abaixa a cabeça e olha no rosto de Gwen como se a estivesse examinando.

"Venha atrás de *mim!*" Gwendolyn grita.

O monstro rosna, abre a sua boca e vem correndo na direção dela, como se para engoli-la inteira. Gwen dá um passo para trás e atira o frasco de sangue com todas as suas forças; ela observa com admiração quando ele cai dentro da boca aberta do monstro.

O monstro para no meio do ar um pouco antes de alcançá-la e fica paralisado. Ele começa a mudar, transformando em pedra de cima para baixo e trincando ao mesmo tempo.

Há uma explosão e o Monte Fomentador se parte, enviando pequenos fragmentos de rocha e poeira para todos os lados.

De repente, tudo fica calmo. Gwen olha ao seu redor em meio ao caos e ao derramamento de sangue e vê que alguns dos habitantes do Anel, pelo menos, haviam sobrevivido. Eles haviam vencido mais um horror daquele deserto.

CAPÍTULO VINTE E UM

Soku, comandante dos exércitos de Volúsia, não consegue acreditar nas reviravoltas do destino.

Há apenas algumas luas ele havia comandado apenas alguns milhares de soldados e protegido apenas a bem guardada cidade de Volúsia, tendo poucas coisas para fazer. Sua posição tinha sido segura e nada havia mudado desde que a mãe de Volúsia tinha estado no poder.

É incrível como as coisas haviam mudado tanto e tão rápido. Agora, desde a conquista de Maltolis e dos duzentos mil soldados, os homens sob o comando de Soku haviam aumentado além de suas expectativas mais otimistas. Suas missões estão ficando cada vez mais audazes e suas conquistas estão cada vez mais grandiosas. A cada passo, Volúsia havia provado estar certa e o tinha surpreendido, mostrando ser mais astuta e cruel do que qualquer outro general que ele já tinha conhecido.

Ainda assim, ele não está satisfeito com a situação atual. Volúsia é muito imprevisível, muito imprudente e destemida; ele não sabe o que ela pretende fazer de um momento para o outro e não gosta de aceitar ordens de pessoas que ele não consegue compreender. Ela havia vencido até então, mas tudo aquilo pode ter sido apenas questão de sorte.

Ainda mais perigoso, ela acredita demais em si mesma e está dependente demais de seu próprio poder. A princípio ele havia pensado que Volúsia tinha alegado ser uma deusa apenas como parte de sua estratégia, um plano astuto para deter o poder sobre as massas. Ele a tinha admirado por isso.

Mas agora, quanto mais tempo ele passa ao lado dela, mais ele percebe que ela realmente acredita naquilo. Ela realmente se considera uma deusa. Ela está perdendo totalmente o contato com a realidade a cada dia que passa.

E agora, isso: um pacto com os Voks, a raça mais infiel, mais obscura e sórdida de todas. Aquela tinha sido a decisão mais terrível e fatídica que Volúsia já havia tomado. Ela havia passado de megalomaniaca a delirante: Volúsia realmente acredita que ela e seus duzentos mil homens podem conquistar a capital e derrotar o exército de um milhão de soldados do Império.

Soku sabe que é apenas uma questão de tempo até que ela encontre a sua ruína e não planeja estar no lado errado do campo de batalhas.

"E qual caminho você me aconselha?" Volúsia pergunta.

Soku sai de seu devaneio e vê que Volúsia o encara. Ela o observa atentamente, cercada por sua comitiva composta por Aksan, seu assassino pessoal, e Koolian, seu feiticeiro, que o encara com

seus olhos verdes brilhantes e seu rosto coberto de verrugas. Volússia também está acompanhada por seus outros generais comandantes, que estão discutindo há horas e debatendo qual é a melhor estratégia.

Soku olha para baixo e analisa os desenhos feitos no chão do deserto, três caminhos divergentes, cada um levando a três círculos diferentes que representam uma divisão diferente do Império. Eles estão debatendo qual divisão deve ser atacada em primeiro lugar. Soku sabe que a melhor abordagem é atacar o círculo pela extrema direita, alvejando o segundo flanco do Império. Aquele caminho os levará para cima das montanhas e lhes dará a vantagem de um ataque surpresa por cima. Se eles escolherem aquela rota, é possível que conquistem alguma vantagem e, então, poderão seguir até a capital.

Mas Soku não quer que Volússia vença, ele não quer aconselhá-la da melhor forma e deseja que aquela guerra termine logo. Ele quer que ela saia do poder e deseja o poder para si mesmo.

Volússia ainda não sabe, mas Soku já tinha feito um trato com o Império. Ele havia lhes contado sobre os planos de Volússia e irá receber poder em seu lugar. Soku havia coordenado exatamente onde seus exércitos se encontrariam e combinado uma trégua que culminará com a morte dela. Tudo o que ele tem a fazer é convencê-la e seu caminho para a vitória estará completo. Ela sempre havia confiado nele; esse sempre tinha sido o seu ponto fraco. Exatamente como a mãe dela. Volússia sofrerá uma emboscada, será cercada e aniquilada; ele então receberá a posição de comando do exército de milhões do Império.

Soku limpa a garganta e tenta demonstrar uma expressão séria no rosto.

"Deusa," ele declara. "Se você deseja vencer, há apenas um caminho a seguir. Vá pelo centro," ele diz, desenhando um caminho com um graveto no chão de terra do deserto ao pronunciar as palavras. "Você deve atacar o capitólio sem medo, no Vale dos Crânios."

"Um plano insensato!" Aksan dispara.

"Isso seria suicídio!" emenda um general. "Ninguém em sã consciência daria tal conselho. Essa é a rota mais óbvia."

"Deixem-no falar!" Volússia ordena com autoridade na voz.

Os outros se silenciam quando Volússia se volta para Soku.

"Por que diz isso, Soku?" ela pergunta.

"Por que este é o caminho que o Império menos esperaria," ele mente. "Eles estão em maior número e jamais pensarão que nós os atacaremos de frente. Eles irão concentrar suas forças nos

flancos. Nós os pegaremos desprevenidos e dividiremos as suas forças. Ainda mais importante, se os atacarmos de frente, eles nos verão e enviarão mensageiros. Assim, eles certamente nos oferecerão uma trégua. Devemos lhes dar a chance de uma trégua, minha Deusa. Afinal, não resta outro

Comandante Supremo do Império. Eles precisam de um Comandante. Eles podem escolher ter você como Comandante. Por que lutar por uma vitória que pode lhe ser dada voluntariamente?"

Soku fica impressionado com seu próprio desempenho; ele havia falado com tal autoridade que ele quase acredita em sua própria mentira.

"Uma proposta indecorosa," discorda outro general. "O Vale dos Crânios é o ponto mais reforçado do Império. Aquela é a porta de entrada da Capital. Um ataque ali nos deixaria vulneráveis para uma emboscada. E o Império jamais negociará uma trégua."

"Mais um motivo pelo qual o Império não estará esperando tal ataque," retruca Soku. "E mais um motivo pelo qual eles talvez o ofereçam a trégua. Quando você se aproximar com uma demonstração de força, minha Deusa, eles estarão mais dispostos a aceitá-la como líder."

Ela encontra os olhos dele e o encara por um longo tempo, analisando-o profundamente; ele sente as palmas de suas mãos transpirando, perguntando-se se ela é capaz de enxergar através de sua mentira. Se Volússia descobrir que ele a está traindo, ele sabe que ela não hesitará em matá-lo ali mesmo. Ele fica ali parado em silêncio, com o coração batendo acelerado enquanto aguarda a sua decisão.

Quando Volússia finalmente assente, Soku vê em seus olhos que ela confia nele completamente.

"Seu plano é muito ousado, Comandante Soku," ela diz. "E eu admiro a coragem. Vou segui-lo. Preparem as tropas."

Ela se vira para partir e todos os seus conselheiros fazem uma saudação.

Quando Soku começa a partir, quase sem conseguir conter-se, ele sente uma mão fria em seu ombro.

Ele se vira e vê Volússia parada ao seu lado e olhando para ele com os olhos brilhando como se

estivessem pegando fogo.

"Dê-me esta vitória, Comandante," ela fala. "Eu confio na vitória, mas não costumo perdoar as derrotas."

Volúcia caminha para longe dele e, enquanto ele a observa ir embora, Soku sente um vazio no estômago. Ela parece ser intocável e poderosa.

Ele será mesmo capaz de derrotá-la?

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Godfrey, deitado de rosto para cima no fundo de um poço, sente que está sendo esmagado por uma pilha de corpos. Um cadáver do Império após o outro está sendo arremessado para dentro do poço e jogado em cima dele, sufocando-o até que ele não consegue mais ver o céu.

Godfrey acorda assustado e com dificuldade para respirar. Ele sente que suas costelas estão sendo esmagadas e abre os olhos na escuridão da cela, sentindo-se confuso. Ele se vê realmente sendo esmagado e precisa de um momento para perceber que não está mais sonhando. Godfrey está deitado de costas no chão enlameado da prisão e tem dificuldade para entender o que está

acontecendo: a poucos centímetros do rosto dele está o rosto grotesco daquele prisioneiro obeso, o grandalhão, o homem que o havia atacado antes. Ele o encara com uma expressão de raiva e Godfrey finalmente percebe o que está acontecendo: o homem está deitado em cima dele. Ele deve ter pulado sobre o seu corpo enquanto ele ainda estava dormindo. O grandalhão havia colocado os braços em torno do corpo de Godfrey e está tentando esmagá-lo até a morte.

O peso do homem é mais do que Godfrey pode suportar, o prisioneiro deve pesar quase duzentos quilos, e ele aperta Godfrey sem parar, envolvendo suas pernas em torno dele com a intenção de partir todos os ossos de seu corpo. Godfrey sente seus ossos começando a partir, começa a ter dificuldade para respirar e sabe que em alguns instantes estará morto.

Que maneira terrível para morrer, ele pensa. Esmagado por um homem obeso no meio da lama, em uma prisão fedorenta do outro lado do mundo, nas profundezas do Império.

Mesmo para alguém como ele, acostumado aos lugares mais simples, aquilo é mais do que ele pode suportar. Ele nunca havia imaginado morrer assim. Ele sempre havia pensado que morreria em uma briga de bar, em uma cama de bordel ou por ter bebido demais; todas elas são opções

aceitáveis. Ele não havia esperado morrer de maneira nobre como um guerreiro, não havia sonhado que os bardos cantariam músicas em sua homenagem ou que os estandartes reais seriam erguidos em seu funeral, mas também não tinha esperado morrer assim, com o seu rosto enfiado nas axilas fedorentas daquele gordo, sendo esmagado como um animal.

"Diga boa noite, homenzinho," o homem sussurra em seus ouvidos ao esmagá-lo com cada vez mais força.

Godfrey já tinha sido chamado de muitas coisas em sua vida, mas com sua altura e com o tamanho de sua barriga, ele jamais tinha sido chamado de 'homenzinho'. De alguma forma, aquilo o deixa mais chocado do que ser esmagado até a morte. Por outro lado, pensa Godfrey, tudo é relativo: aquele homem é um monstro, um verdadeiro gigante.

Os olhos de Godfrey começam a saltar para fora de seu rosto. Ele luta para respirar e sente que não vai conseguir resistir por muito mais tempo. Ele se contorce, tentando se desvencilhar, mas é inútil. Ele está começando a ver estrelas.

De repente, o homem fica paralisado em cima dele e começa a soltá-lo. Ele arregala os olhos, coloca a língua para fora e, por alguma razão, para de sufocá-lo. Na verdade, o corpo do grandalhão fica mole e ele também parece ter dificuldade para respirar.

De repente ele cai no chão, morto.

Godfrey imediatamente tira o corpo do homem de cima dele, ainda mais pesado agora do que quando ele ainda estava vivo. Com um grande empurrão, ele consegue sair de debaixo do homem morto.

Godfrey se apoia sobre suas mãos e joelhos, tossindo enquanto tenta recuperar o fôlego. Ao fazer isso, ele olha para o lado, ainda assustado, olhando para o homem morto sem entender o que havia acabado de acontecer.

Então Godfrey vê algo brilhando pelo canto do olho e, ao olhar para cima, se depara com Ario limpando o sangue da ponta de uma pequena adaga.

Ario continua em pé, um garoto calmo e inexpressivo, e coloca a adaga de volta em sua cintura com a maior naturalidade possível. Godfrey o observa, espantado que um garoto tão pequeno possa matar um homem tão grande e ainda mais espantado que ele possa permanecer tão calmo, como se

não tivesse feito nada demais.

"Obrigado," Godfrey diz com esforço, sendo tomado por uma onda de gratidão. "Você salvou a minha vida. Eu estaria morto se não tivesse sido por você."

Ario dá de ombros.

"Eu gostava daquele homem ainda menos do que você."

Godfrey analisa rapidamente a cela e vê Akorth e Fulton profundamente adormecidos com os outros prisioneiros, deitados contra a parede, roncando. Godfrey olha para eles, parecendo bastante irritado. Eles são inúteis. Se não tivesse sido por esse garoto, com uma fração da idade e do tamanho deles, Godfrey teria sido esmagado até a morte.

"Psiu!"

Um assobio de repente atravessa o ar e Godfrey olha ao redor da cela, ainda escura e iluminada apenas por uma única tocha, e localiza Merek sozinho do outro lado.

Godfrey olha atrás de Merek e vê apenas um guarda do lado de fora da cela, dormindo apoiado contra as barras. A luz da tocha é fraca e ilumina apenas o suficiente para que eles enxerguem um pouco.

Godfrey ouve o barulho de uma chave e observa, espantado, quando Merek abre a cela discretamente. Assim que ele faz isso, Merek gesticula freneticamente para eles.

Godfrey e Ario correm até Akorth e Fulton e os chutam, cobrindo suas bocas para impedi-los de fazer um escândalo. Eles então os ajudam a ficar em pé e os levam na direção de Merek.

Eles rapidamente se juntam a Merek quando ele abre a porta da cela e os leva para fora, fechando a cela em seguida. Godfrey vê o guarda ainda sentado, encostado contra as barras da cela, e percebe, ao olhar com cuidado, que ele na verdade não está dormindo: o guarda está morto. Seu pescoço tinha sido cortado uma orelha até a outra.

Godfrey olha para Merek e percebe o que ele deve ter feito.

"Mas como você conseguiu as chaves?" Godfrey pergunta.

Merek apenas sorri.

"Você faz essa pergunta para um ladrão?" Merek responde com um sorriso.

Godfrey fica feliz que Merek o tenha acompanhado naquela missão; ele vale mais do que cem guerreiros. Ele conclui que prefere um ladrão a um cavaleiro em qualquer ocasião.

Eles seguem Merek por uma série de corredores, correndo em várias direções.

"Espero que saiba para onde você está indo," Godfrey diz com um sussurro.

"Estive em uma ou outra prisão por quase toda a minha vida," ele responde. "Tenho um sexto sentido para essas coisas."

Ao seguirem Merek de modo vertiginoso, Godfrey continua olhando para trás com medo de estarem sendo seguidos até que finalmente se surpreende ao perceber que estão saindo dos calabouços. Merek os guia por uma longa rampa até uma última porta. Além dessa porta, Godfrey pode ver as ruas de Volússia brilhando sob a luz da lua.

Merek pega o chaveiro, encontra a chave correta imediatamente e destranca a porta. Ele abre a última porta e pisa do lado de fora com um sorriso maroto nos lábios.

Godfrey observa Merek com espanto.

"Não são apenas os guerreiros que vencem as guerras," afirma Merek.

Godfrey coloca uma mão no ombro de Merek, sentindo orgulho dele enquanto todos ficam ali parados, observando a liberdade diante deles.

"Você tem mais valor do que um milhão de cavaleiros, meu amigo," ele fala. "Nunca mais quero ser preso sem você ao meu lado."

Merek sorri e sai em disparada, sendo seguido por Godfrey e pelos demais.

Eles saem correndo pelas ruas vazias de Volússia durante a noite e Godfrey se surpreende com o contraste, considerando o barulho e a movimentação que ele havia presenciado durante o dia. Ele olha para baixo e nota a diferença entre as ruas douradas da cidade e o chão lamacento da prisão.

Godfrey fica encantado com a organização de Volússia, mesmo à noite. A cidade está deserta, mas serena. Há tochas penduradas ao longo das paredes, refletindo o ouro, as ruas estão limpas e não há indigentes, como nos becos de todas as cidades que Godfrey já tinha visitado. Godfrey não consegue ver nem mesmo guardas do Império; ele presume que não haja necessidade de patrulhas em uma cidade tão segura como aquela.

Diante deles, refletindo a luz das tochas, Godfrey pode ver os canais que interligam as ruas de Volússia, o barulho de suas águas contribui com a tranquilidade do lugar.

"Para onde vamos agora?" Ario pergunta.

"Para o ouro," Godfrey responde. "Precisamos pegá-lo de volta e sair daqui."

Eles seguem Godfrey quando ele começa a andar pelas ruas; no começo ele parece estar desorientado, mas logo ele reconhece alguns cruzamentos, marcos e estátuas e começa a encontrar o caminho. Se há uma coisa que ele nunca consegue esquecer, é onde está o seu ouro.

Godfrey finalmente chega diante de um ponto que ele reconhece e vê, a cem metros de distância, a estátua dourada do boi ao lado da água.

Ele para e se esconde atrás de um muro, examinando-a de longe.

"O que estamos esperando?" pergunta Fulton, obviamente ansioso para continuar.

Godfrey hesita, tentando recuperar o fôlego.

"Eu não tenho certeza," ele diz.

Tudo parece estar bem, mas Godfrey está hesitante em se aproximar para recuperar o seu ouro.

"Quero me certificar de que ninguém está nos observando," ele explica.

"Você quer dizer algum soldado do Império?" diz uma voz grave e ameaçadora.

Os cabelos da nuca de Godfrey se arrepiam ao mesmo tempo em que ele se vira com os outros e vê, em pé atrás deles, um soldado do Império.

Ele caminha casualmente para fora das sombras com uma espada nas mãos e um sorriso cruel nos lábios.

"Vocês realmente pensam que são espertos o suficiente para não serem seguidos?" ele pergunta.

"Vocês realmente pensam que eu sou estúpido o bastante para permitir que vocês escapem?"

Eles encaram o soldado, completamente atônitos.

"Você nos deixou escapar," diz Ario, percebendo tudo. "Você deixou que pensássemos ter feito tudo aquilo sozinhos, mas você nos observou o tempo todo. Caímos em uma armadilha."

O soldado abre um sorriso.

"Essa foi a única forma de fazer com que vocês me guiassem até o ouro," ele fala. "Sem mentiras.

Agora eu sei onde ele está com certeza e ficarei feliz em ficar com ele. Depois disso, eu matarei todos vocês. Não tenho pressa, entendem? Que mal há em permitir que vocês continuem vivos por

mais uma hora?"

Sua expressão se torna mais sombria.

"Movam-se!" ele ordena.

Godfrey marcha pela rua com os outros, trocando olhares preocupados com Merek e Ario e sabendo que há muito pouco que ele pode fazer. Ele sente a ponta da espada do soldado do Império pressionada em sua nuca, empurrando-o, e transpira a cada passo que ele dá na direção do canal. Ele torce para que Merek e Ario não tentem fazer nada insensato. Aquele não é um criminoso, aquele homem é um soldado profissional do Império, tem duas vezes o tamanho deles, está usando uma armadura de verdade, possui uma arma letal e um desejo óbvio de matá-los. Enquanto eles avançam, Godfrey se esforça para encontrar uma saída para aquela situação, uma ideia qualquer, mas não consegue pensar em qualquer coisa. Eles tinham sido enganados.

Godfrey é empurrado pela espada do soldado até a beirada da água e fica parado embaixo da estátua do boi, pensando sobre o que fazer. Ele sabe que suas opções são limitadas. O soldado é enorme, a espada está apontada para o seu pescoço e se qualquer um deles fizer um gesto precipitado, todos com certeza serão mortos.

"Por que você parou?" o soldado pergunta.

"O ouro está dentro da água, senhor," Godfrey responde.

"Então é melhor você começar a nada," ele ordena. "TODOS VOCÊS!" ele grita, dirigindo-se aos demais.

Godfrey engole em seco sem saber o que fazer ao se aproximar da beira da água e se abaixar.

"Se um dos seus amigos tentar fazer alguma coisa," ele completa, "você será o primeiro a sentir o golpe da minha espada. E se vocês subirem sem o ouro, vocês podem ter certeza de que não terão outra chance."

Um de cada vez, os outros também se ajoelham. Eles olham para Godfrey e ele pode ver a hesitação em seus olhares. Ele faz um sinal para que eles entrem, sem saber o que mais fazer. Aquele não é o momento para um gesto heróico.

Godfrey entra na água gelada e se assusta com a temperatura. Ele mergulha e começa a pensar.

Godfrey pega um saco de ouro, aliviado ao ver que eles ainda estão no lugar onde ele os tinha deixado, e seus companheiros fazem o mesmo, pegando um saco cada um. Ele volta para a superfície com falta de ar e coloca o saco na beira da água. Os outros fazem o mesmo.

O soldado olha para baixo impressionado. Godfrey pode ver a ganância em seu olhar.

"Abra-os!" o oficial ordena.

Godfrey começa a sair da água, mas o homem encosta a ponta da espada em seu pescoço.

"Eu não mandei você sair da água," ele fala.

Godfrey, de dentro da água, estica o braço e abre um dos sacos de ouro. Ali, brilhando sob a luz da tocha, há ouro o bastante para contratar um exército inteiro.

O soldado do Império arregala os olhos. Godfrey sabe que está ficando sem tempo e pensa rápido.

"Há muito mais ouro de onde esse ouro veio," ele fala. "Muito, muito mais."

O soldado olha para ele com espanto.

"Então o que você está esperando? Comece a nadar!"

Godfrey faz um sinal para os outros e eles voltam a mergulhar; mas desta vez, ele tem um plano: ele deliberadamente pega um saco de ouro pequeno, um saco grande o suficiente para segurar na palma de sua mão.

Godfrey volta para a superfície ao mesmo tempo em que os outros carregam um saco de ouro grande nas mãos, mas Godfrey nada até a beirada e finge estar com dificuldades.

"Eu preciso de ajuda, senhor," ele diz. "É pesado demais. Eu não consigo erguê-lo."

O soldado faz uma careta.

"Eu não sou idiota," ele responde. "Coloque-o na beirada sozinho ou morra."

Godfrey engole em seco, percebendo que o homem não é tão estúpido quanto parece.

"Tudo bem, senhor," ele fala. "Eu o farei. Mas nesse caso, permita que eu saia da água para ter um pouco de apoio e ser capaz de erguer esse saco tão pesado."

O soldado hesita.

"Tudo bem, suba," ele fala. "Fique de joelhos e mantenha suas costas para mim ao se abaixar para pegá-lo. E é melhor que este seja o maior saco de ouro da sua vida, ou então você irá afundar junto com ele."

Godfrey, com o coração batendo acelerado e rezando para que seu plano funcione, começa a sair de dentro da água. Ele se vira e, ajoelhado de costas para o soldado, se abaixa para pegar o pequeno saco de ouro. Ele finge fazer um grande esforço para erguer o saco. Godfrey agarra o saco com firmeza e fecha os olhos, transpirando, arfando e rezando ao mesmo tempo. Ele sabe que terá apenas uma chance para fazer aquilo dar certo.

Por favor, Deus. Sei que tenho sido uma pessoa terrível. Sei que provavelmente estou além da salvação. Mas tenho certeza que esse soldado é bem pior. Pelo menos eu nunca machuquei ninguém, ao menos ninguém que não tenha merecido. Permita que isso dê certo. Permita que eu vença. Apenas desta vez.

Godfrey sabe que é agora ou nunca.

Ele respira fundo, estica o braço, pega o saco e segura firme. Ele sente ponta da espada do soldado encostada em suas costas.

"Vamos logo!" ele ordena.

"Aqui está, meu senhor!" Godfrey grita.

Godfrey espera até sentir o soldado abaixar sua arma e então ergue o saco e gira o corpo ao mesmo tempo, mirando a espada do homem.

Ele se move rápido, o saco de ouro atravessa o ar e, para sua surpresa, acerta em cheio a espada do soldado. O saco de ouro encontra a espada do soldado e a arranca de suas mãos, arremessando-a para longe dele.

Com o mesmo movimento Godfrey fica em pé, dá um passo adiante e, usando as duas mãos, bate no rosto do soldado com o saco de ouro. Tudo acontece rápido demais para que o soldado atordoado possa reagir e o saco de ouro acerta sua mandíbula em mais um golpe perfeito. O peso de todas aquelas moedas fazem o homem perder o equilíbrio e ele cai no chão, apoiando-se sobre suas mãos e joelhos.

Antes que ele possa se levantar, Godfrey se aproxima dele e bate com o saco em seu rosto mais

uma vez, quebrando o seu nariz. Sentindo-se encorajado, ele continua golpeando o soldado até que o saco de ouro finalmente arrebenta.

Moedas de ouro saem voando pelo ar e começam a rolar pelas ruas. Godfrey, enraivecido e sentindo-se bem por finalmente ter tido a chance de vingar-se do Império, dá mais um passo adiante e chuta o homem entre as penas, deixando-o desacordado.

Godfrey fica segurando o saco vazio, tremendo e chocado pelo que tinha acabado de fazer. Ele não sabe o que tinha acontecido com ele.

Os outros olham para ele com espanto.

"Eu nunca imaginei que você fosse capaz de fazer isso" diz Merek, obviamente impressionado.

Godfrey dá de ombros.

"Eu também não."

"Está vendo o que não beber pode fazer com um homem?" Akorth diz, batendo no ombro dele.

"Parece que desperdiçamos um saco perfeitamente útil de moedas de ouro," Fulton fala, gesticulando para as moedas de ouro esparramadas no chão.

Fulton dá de ombros.

"É o preço que pagamos pela vida de Godfrey," ele diz.

Godfrey fica ali parado, abalado depois daquela experiência e ainda sem acreditar no que tinha acabado de acontecer e no que ele havia feito. Ele olha para os seus amigos, todos igualmente abalados e molhados, cercados pelos sacos de moedas de ouro.

Godfrey se vira e olha para as moedas soltas na rua, algumas delas ainda rolando no chão.

"Vamos pegar o nosso ouro e sair daqui," ele diz.

Ele começa a sair, mas é interrompido por uma voz sinistra que corta o ar.

"Não acho que vocês vão à parte alguma."

Godfrey se vira com os cabelos arrepiados e fica chocado ao ver um grupo de Finianos a poucos metros deles, observando-os silenciosamente com seus mantos vermelhos, com os capuzes para trás e com seus cabelos vermelho-fogo brilhando sob a luz da tocha. Eles são humanos, porém são pálidos e magros demais e encaram Godfrey com um sorriso, parecendo ter todo o tempo do mundo.

"Vocês estão vestindo as nossas roupas," diz um deles ao dar um passo adiante, aquele

claramente deve ser o líder, "e, no entanto, vocês não as vestem bem. Da próxima vez que roubarem um Finiano, tentem ser mais discretos."

Ele abre um largo sorriso, examinando-os e balançando a cabeça. Godfrey o encara sem saber como responder. Ele troca um olhar perplexo com seus companheiros, mas eles também parecem estupefatos.

"Vocês formam um grupo lastimável," continua o líder. "Terão que nos acompanhar agora e tragam o seu ouro. Não é que precisemos dele, mas gostaríamos de ouvir a sua história. E lembrem-se: não somos tão estúpidos como os soldados do Império. Se vocês olharem bem, perceberão que os meus amigos têm arcos apontados para vocês. Façam um movimento errado e estarão mortos e flutuando na água."

Godfrey olha para o lado e percebe que os outros Finianos estão mesmo segurando pequenos arcos embaixo de seus mantos, todos apontados para ele e seus amigos. Ele engole em seco.

"Na verdade, estou com vontade de matá-los agora mesmo," completa o líder. "Mas primeiro, estou curioso para saber como um grupo lastimável como vocês conseguiu entrar em Volússia, como vocês conseguiram os nossos mantos e como possuem tanto ouro. Depois pode ser que eu os mate. Ou talvez não, depende de qual vai ser a sua história."

Ele abre um grande sorriso.

"Vocês já tiveram um confronto com espadas," ele conclui. "Agora terão uma chance de duelar com palavras. Será que são suficientemente espertos para superar a nossa astúcia?"

Godfrey os encara, detestando a ideia de encarar outra prisão, mas sabendo que não tem outra opção. Há algo sobre aqueles Finianos que ele não gosta - algo em que ele não consegue confiar.

Eles parecem muito calmos e amigáveis, mas no fundo, por baixo daqueles sorrisos, ele sente que aqueles homens são mais letais do que o Império.

Eles o empurram e Godfrey começa a marchar com os outros, todos com as mãos erguidas acima de suas cabeças, sendo levados pelos Finianos através de ruas desconhecidas em uma direção que só Deus conhece.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Thor fica na proa da pequena embarcação a vela à medida que eles se afastam da ilha de Ragon ao amanhecer, rumo ao horizonte, na direção em que seu sonho o obriga a seguir e com a certeza de que Guwayne o espera. O sonho tinha lhe parecido tão real que Thor tem a sensação de que realmente havia encontrado seu filho. Ele tem certeza de que Guwayne está logo à frente e que precisa urgentemente de sua ajuda. Thor olha para a névoa, ansioso para que ela se dissipe e revele a localização de seu filho; ele observa as correntes e deseja ser capaz de fazer o barco movimentar-se mais rápido.

Seu filho espera por você na ilha.

A voz do sonho de Thor ecoa em sua mente várias vezes; ele olha para longe e aperta a grade, tonto de antecipação. Ele mal pode esperar para segurar Guwayne em seus braços novamente; ele se sente muito mal por tê-lo deixado escapar e, desta vez, fará tudo ao seu alcance para encontrar seu filho.

"Você tem certeza de que estamos indo na direção certa?" Matus pergunta ceticamente, aproximando-se do lado dele.

Thor se vira e vê Reece, Selese, Elden, Indra e O'Connor em pé, vestidos com suas novas armaduras e empunhando suas armas novas, olhando para ele com ceticismo.

"Esta é a direção que o meu sonho indica que eu devo seguir," ele responde.

"E se o seu sonho estiver errado?" O'Connor pergunta.

Thor balança a cabeça.

"Não é possível," ele diz. "Vocês não entendem. Isso foi mais do que apenas um sonho: foi uma premonição. Eu vi isso. Eu vi o meu filho."

Reece suspira.

"Estávamos todos confortáveis na ilha de Ragon," ele fala. "Tínhamos provisões, abrigo e, finalmente, uma pausa de todas as nossas angústias. Partimos muito abruptamente."

"E parece que Ragon tinha outra surpresa para nos revelar, provavelmente mais armas ou algo mais importante," Elden interrompe.

Thor pode ver a decepção em seus olhos e considera as suas palavras; ele também sente uma forte ligação com Ragon, sente o grande poder do homem e tinha se sentido confortável naquela ilha. A ilha de Ragon tinha sido verdadeiramente um lugar mágico - um lugar idílico - e ele também

gostaria de poder passar mais tempo lá.

Ele reflete, franzindo a testa, e não consegue entender por que ele havia partido tão rapidamente. Eles estão todos bem? Ele tinha errado ao partir? Thor se sente confuso.

No entanto, Thor não consegue tirar o sonho de sua mente; é como se ele estivesse bem na frente dele, puxando-o para longe da ilha na direção do horizonte.

"Eu não consigo explicar," Thorgrin diz. "Foi diferente de qualquer sonho que eu já tive. É como um comando. O sonho me mostrou Guwayne em perigo, precisando urgentemente de mim. Eu simplesmente não podia ficar sentado lá por mais um segundo."

Selese suspira.

"Eu fui uma curandeira a minha vida inteira," Selese entra na conversa com sua voz suave e doce, mas exigindo atenção. "Eu sei quase tudo sobre o corpo humano, mas sei muito pouco sobre os sonhos. Eu não sei de onde eles vêm ou se vêm para nos ajudar ou para nos confundir. Eu não sei se eles vêm de dentro de nós ou de algum outro lugar."

Todos no barco ficam em silêncio e Thor contempla suas palavras. Seu sonho teria sido enviado para confundi-lo ou para enganá-lo? Mas por quê? E como?

"Eu não acho que qualquer pessoa conheça essas respostas, minha senhora," O'Connor diz. "E qualquer pessoa que afirme saber é um mentiroso."

"A única coisa que eu sei," Reece interrompe a conversa. "É que estamos ficando muito perto da Espinha do Dragão - e esse é um lugar onde não queremos ir."

O'Connor se vira, apontando rumo ao horizonte, e todos eles seguem o seu olhar. No horizonte distante, parcialmente obscurecido pela névoa, há um par de penhascos irregulares e pontiagudos como espinhos, erguendo-se dezenas de metros no ar e com algumas dezenas de metros entre eles. Rochas traiçoeiras estendem-se em ambos os lados, obrigando todos os navios a navegar pelo estreito canal entre eles.

"O que você sabe sobre isso?" Thor pergunta.

"Esse é um lugar lendário," Reece acrescenta com a voz cheia de admiração. "Aprendi sobre ele enquanto ainda era um garoto. Esse é o local mais perigoso dos mares do sul. Um lugar de tempestades e bestas terríveis, que poucas pessoas conseguem atravessar vivas."

"Mais à frente, existe uma divisão," Elden diz. "Você está vendo as correntes? Se quisermos evitar aquele lugar, agora é a nossa chance."

Thor fica parado com as mãos nos quadris, olhando para o oceano e pensando. Reece surge ao lado dele.

"Qual caminho devemos seguir, velho amigo?" ele pergunta. "Será que devemos seguir para o norte, para um oceano vazio, ou para o sul, para a Espinha do Dragão? Vamos segui-lo independente do caminho que você escolher."

Thor fecha os olhos e tenta se concentrar para permitir que seus sentidos o guiem. Ele fica ali, quieto, ouvindo o vento e o marulhar das ondas contra o barco, e de repente é invadido por uma sensação de segurança.

"Nós seguiremos ao norte, meu irmão," Thor diz, voltando-se para Reece. "Para longe da Espinha."

Reece parece muito aliviado, assim como todos os outros.

Todos eles entram em ação, imediatamente ajustando as velas e pegando os remos, e Thor os ajuda. Thor pega um remo e começa a remar ao lado dos outros, empurrando-os através das fortes ondas à medida que a água do mar molha todos no barco.

Finalmente, eles terminam de remar sobre as fortes correntes daquela região e a nova maré começa a levar o seu barco em uma nova direção. Eles começam a relaxar os remos e a deixar que as velas façam o seu trabalho.

De repente eles ouvem um grito no céu e, ao olhar para cima, o coração de Thor se anima ao ver Lycoples voando acima deles. Lycoples bate suas asas furiosamente, voando baixo, como se estivesse tentando comunicar-se com Thorgrin. Ele mergulha para baixo, na direção do rosto de Thorgrin, forçando-o a se abaixar, e Thor se pergunta o que ele pode estar tentando lhe dizer.

Lycoples continua voando em círculos, na direção de onde ela tinha vindo; é como se ele estivesse tentando fazer com que todos voltem para a ilha de Ragon.

"O que você acha que ele está tentando nos dizer?" Indra pergunta.

"Parece que ele quer nos fazer voltar para a ilha," Elden responde.

"Mas por quê?" pergunta Matus.

Thor olha para o céu, sem saber o que dizer. Depois de muitas tentativas, Lycoples finalmente desiste e volta para o lugar de onde ela tinha vindo.

Thor olha para cima, perplexo - como sempre - com o comportamento dos dragões. Por que Lycoples quer que eles voltem quando Guwayne está em algum lugar no mar diante deles?

As horas continuam passando e eles ficam em silêncio, envoltos pela névoa. Thor se vê perdido em suas lembranças, pensando em Gwendolyn e em tudo que ela deve estar passando. Seu coração se parte por ela e ele fica angustiado por não poder estar ao seu lado.

Ele também se vê pensando em Lycoples e em seu filho, sendo preenchido por uma sensação de esperança renovada. Thor estica o pescoço e vasculha os céus, se perguntando se um dia voltará a ver Gwendolyn. Ele já pode se imaginar voltando para ela com o seu filho e com um novo dragão, para começar a vida de novo. Ele se pergunta se já não é tarde demais, tomado por uma sensação de pavor. Será que ela ainda está viva?

Thor começa a ouvir um som fraco que o tira de seu devaneio. Aquele é o som de ondas arrebentando contra rochas em uma praia distante. Ele tem certeza disso.

Thor olha para trás e vê os outros, também em pé, olhando para a névoa. Eles também devem ter ouvido o barulho. Eles se entreolham com um olhar interrogativo e suas expressões fazem a mesma pergunta: *terra?*

Quando Thor olha para a névoa, lentamente, um vento sopra e a neblina começa a se dissipar, revelando o que está por trás dela. O som das ondas arrebentando contra as rochas fica mais alto e, ao olhar para a frente, Thor fica surpreso ao ver uma ilha incomum surgindo diante dele.

A pequena ilha é cercada por uma praia de areia branca, o branco mais brilhante que Thor já tinha visto, e todas as rochas ao redor dela também são brancas. Suas árvores também são todas brancas, uma densa floresta que se estende quase todo o caminho até o litoral. Ao chegarem mais perto da ilha, eles percebem que até mesmo a água do oceano fica inteiramente branca.

Dezenas de pássaros brancos voam acima da ilha, gritando e circulando, pássaros incomuns que Thor não reconhece, de todas as formas e tamanhos.

Selese fica diante de Thor, olhando para a ilha, e suspira.

"A Ilha dos Leprosos," ela fala com a voz baixa em tom de reverência.

"Você conhece esse lugar?" ele pergunta.

"Só o que eu ouvi falar," ela responde. "É um lugar conhecido por todos os curadores. É um refúgio para todos os aflitos. Um lugar onde os leprosos podem viver livremente. Um lugar para

aqueles sem nenhuma esperança de cura. Um lugar para ser evitado, a menos que você queira pegar a doença."

Thor é tomado por uma sensação de pavor. Guwayne pode estar em um lugar como aquele?

Ele fecha os olhos e, ao fazer isso, sente que precisa ir para aquela ilha e que é lá que irá

encontrar seu filho.

Thor abre os olhos e balança a cabeça lentamente.

"Eu não compreendo," Thor diz. "Eu posso senti-lo. Este é o lugar para onde eu estou sendo conduzido. Este é o lugar onde meu filho está."

"Se é assim," Selese responde, "fico triste por ele. Ninguém que visita esse lugar pode escapar ileso. Essa é uma doença para a qual não há cura."

"Temos de voltar!" exclama Reece. "Nós não podemos desembarcar ou todos nós ficaremos doentes. Você não vê? Até a água está infectada."

Thor examina a ilha à medida que eles chegam mais perto, agora quase a cem metros de distância da ilha, e o barco continua subindo e descendo com as ondas que arrebatam ao redor deles.

"Eu não correria o risco de prejudicar qualquer um de vocês," ele diz. "Esta é uma caminhada que eu devo fazer sozinho. Todos vocês podem ficar no barco. Vou encontrá-lo e trazê-lo de volta."

"Você vai voltar um leproso," afirma Matus com seriedade.

Thor dá de ombros.

"Eu já fui ao inferno e voltei pelo meu filho," ele fala. "Você acha que eu vou deixar uma doença fatal ficar no meu caminho?"

Todos desviam o olhar em silêncio, incapazes de oferecer uma resposta.

As ondas os levam para mais perto da costa e a água molha o rosto de Thor. Quanto mais eles se aproximam, mais seu coração bate acelerado. Ele pode sentir o seu destino se concretizando e sabe que seu filho o aguarda em algum lugar daquela ilha.

Seu barco encalha na praia e, no segundo que isso acontece, Thor desembarca e suas botas

esmagam o cascalho branco.

Ele fica parado e observa a ilha diante dele - encantado - apertando os olhos contra a claridade. Tudo está coberto de branco, como se tivesse sido coberto de sal. Até mesmo a névoa no ar apresenta uma coloração branca. O ar tem um cheiro um pouco diferente ali, como se o cheiro do mar tivesse se misturado ao cheiro da morte.

Aquela ilha, Thor percebe, tem um ar solene de abandono, como se o lugar tivesse sido completamente esquecido por todos; é um lugar de grande paz e solidão, mas também de tristeza e tragédia. Thor analisa as árvores brancas balançando ao vento e suas enormes folhas cintilantes e se pergunta se o seu sonho tinha sido verdade. Seu filho está realmente ali?

Thor se vira, vê seus companheiros no barco e, pela primeira vez, pode ver o medo real em seus rostos. Eles o haviam seguido até o Império, atravessado os mares e ido ao inferno com ele - e tinham feito isso sem medo. No entanto, aquele lugar claramente havia afetado todos eles profundamente. Nenhum deles quer morrer, sobretudo uma morte lenta ao longo de suas vidas. Todos eles continuam sentados no barco, completamente imóveis.

Thor acena para eles solenemente. Ele pode ver em seus olhos que eles querem acompanhá-lo, mas estão com medo. Ele compreende. Afinal, caminhar naquela ilha é uma sentença de morte.

Thor se vira e começa sua marcha na direção da densa selva branca, esmagando o cascalho com suas botas, um passo de cada vez, até que o som das ondas do mar começa a desaparecer. Ele entra na selva e as grandes folhas roçam a sua pele à medida que ele vai deixando a costa para trás. Ele sabe que agora precisa seguir em frente: Não há como voltar atrás.

*

Thor atravessa a selva, sendo arranhado por galhos sem se importar, e olha para todos os lados, tentando enxergar através das folhagens à procura de Guwayne. Ele deixa que seus sentidos o guiem, virando à esquerda e à direita, permitindo-se ser conduzido através da folhagem espessa para o lugar onde seus instintos o levarem.

"Guwayne!" ele grita e sua voz ecoa pelo lugar vazio.

"Guwayne!"

O grito de Thor é recebido pelo canto de um pássaro estranho, em algum lugar alto, que responde

como se estivesse zombando dele.

Thor entra ainda mais fundo na selva e logo a floresta dá lugar a uma nova paisagem. Diante dele surgem colinas de grama branca e grandes árvores brancas balançando ao vento.

Thor não perde tempo e começa a percorrer as colinas, procurando em todos os lugares por qualquer sinal de Guwayne.

Mas aquela ilha parece deserta. Não há qualquer sinal de alguém ou alguma coisa, apenas as aves voando acima dele, cujos guinchos pontuam o ar.

Há realmente leprosos vivendo ali? Thor se pergunta. Ou aquilo tudo é apenas um mito?

Thor caminha sem parar e, finalmente, ao chegar ao topo de uma colina, ele olha para baixo e vê uma nova paisagem e todas as suas perguntas são respondidas. Ali, em um pequeno vale situado no meio das colinas e de árvores de grande porte, com um pequeno rio correndo no centro, há um edifício baixo e circular feito de pedras brancas e antigas, parecendo fazer parte da paisagem. Ele tem apenas cem metros de diâmetro, um telhado branco e nenhuma janela que ele possa ver. Há apenas uma porta.

Na paisagem branca que o cerca, Thor vê sinais de vida: há caldeirões pairando sobre pequenas

fogueiras, galinhas errantes e sinais de que pessoas vivem ali; pessoas que não têm medo de deixar o seu gado e alimentos sem supervisão e de cozinhar ao relento, pessoas que não têm razão para sentir medo. Aquelas pessoas obviamente não esperam receber visitas. Nunca mais.

Thor respira fundo e se prepara ao começar a descer a colina na direção do prédio sem saber o que esperar. Ele tem uma forte sensação dentro dele, uma voz interior que lhe diz que seu filho está lá dentro. Como, ele se pergunta, isso é possível? Como Guwayne pode ter entrado naquele prédio? Alguém o tinha raptado?

Thor sabe que está chegando mais perto de sua sentença de morte a cada passo que ele dá. Ele sabe que a lepra é uma doença terrível e que ele certamente será contagiado; a doença ficará com ele pelo resto de sua vida, transformando sua pele branca e, eventualmente, resultando em uma morte precoce e solitária. Ele irá se tornar um pária, uma pessoa que todos irão evitar.

No entanto, ele não se importa. Seu filho é tudo o que importa para ele agora - mais do que sua própria vida.

Thor chega até a porta e hesita diante dela. Finalmente, ele passa do ponto de retorno, estende o braço, agarra a maçaneta, a mesma maçaneta que todos os leprosos haviam tocado, um crânio todo branco com ossos cruzados, e abre a porta. Ele sabe que agora que havia feito aquilo não há como voltar atrás.

Thor entra e imediatamente sente uma sensação de peso no ar: a sensação da morte. O ambiente ali dentro é solene e tranquilo. Seus olhos se adaptam após um tempo; o lugar é escuro, mas não tão escuro quanto ele havia esperado. No fundo da sala há uma série de janelas arqueadas ao longo da parede, deixando entrar a luz do sol e a brisa do oceano, cobertas com cortinas brancas que balançam ao vento.

Thor para e observa a visão diante dele com o coração batendo acelerado e assimilando tudo à procura de qualquer sinal de seu filho. Ele vê uma série de camas de palha, separadas por três metros de distância, ao longo das paredes. Em cada cama há um leproso com a pele completamente branca, alguns com ataduras em torno de seus rostos e outros com ataduras em outras partes de seus corpos. A maioria permanece quieta e imóvel; há talvez duas dúzias deles. Thor se admira que tantas pessoas possam coexistir em um quarto e não fazer qualquer som.

Quando ele entra, todos eles de repente se viram e olham para ele. Thor vê a surpresa em seus rostos e fica claro que eles nunca tinham recebido um visitante antes.

"Eu estou procurando pelo meu filho," Thorgrin diz quando todos olham para ele. "Guwayne. Um bebê. Eu acredito que ele esteja aqui."

Todos continuam olhando para ele em silêncio, nenhum deles sem movimentação ou diz qualquer palavra. Thor se pergunta quando tinha sido a última vez que qualquer um deles tinha falado com uma pessoa de fora. Ele percebe que aquela vida de reclusão, de ser marginalizado, provavelmente tinha afetado a mente daquelas pessoas.

Percebendo depois de um longo silêncio que ninguém pretende responder sua pergunta, Thor começa a andar devagar pelo corredor entre as camas. Ele checa seus rostos enquanto caminha e eles permanecem imóveis, encarando-o com expressões tristes, expressões de pessoas que tinham perdido as esperanças há muito tempo.

Thor procura em todos os lugares por sinais de Guwayne, qualquer evidência de que uma criança tenha estado ali, mas ele não encontra nada. Ele não ouve o choro de um bebê ou qualquer sinal de uma

cama que possa acomodar um bebê.

No entanto, ao se aproximar da última cama, uma sensação surge dentro de Thor, uma sensação de queimação, e seu coração bate acelerado ao sentir que seu filho está atrás daquela cortina, deitado no último leito. Ele se vira para olhar, puxando a cortina para trás e esperando ver Guwayne.

Em vez disso, ele fica perplexo ao ver uma criança deitada na cama, olhando para ele. Ela parece ter dez anos de idade e demonstra igual surpresa ao vê-lo. Ela tem grandes olhos azuis claros, da cor do mar, olhos encantadores, cheios de amor, de esperança e de vida. Seus cabelos são longos e loiros, bonitos e selvagens, embora aparentemente nunca terem sido lavados. A pele do seu rosto é notavelmente clara, livre de qualquer defeito, e Thor se pergunta se ela está no lugar errado. Ela não parece ter qualquer sinal da doença.

Então Thor olha para baixo e vê seu braço direito e seu ombro, devorados pela doença.

Ela imediatamente se senta na cama, em estado de alerta, cheia de vida e energia, ao contrário de todos os outros. Ela parece ser a única pessoa do grupo que ainda não tinha sido afetada por aquele lugar.

Thor fica perplexo. Ele havia sentido que seu filho estaria atrás daquela cortina, mas ela é a única pessoa ali. Guwayne ainda está longe de ser encontrado.

"Quem é você?" a garota pergunta com curiosidade, cheia de vida e inteligência. "Por que você veio aqui? Você veio me visitar? Você é meu pai? Você sabe onde minha mãe está? Você sabe alguma

coisa sobre a minha família? Por que eles me deixaram aqui? Onde está minha casa? Eu quero ir para casa. Odeio este lugar. Por favor, não me deixe aqui. Eu não quero mais ficar aqui. Seja você quem for, por favor, por favor, por favor, me leve com você."

Antes que Thor possa responder, ainda tentando processar tudo, de repente ela pula da cama e joga os braços ao redor de suas pernas, segurando-o firmemente.

Thor olha para ela com surpresa, sem saber como reagir. Ela se ajoelha diante dele, chorando enquanto segura suas pernas, e seu coração se parte.

Ele estende o braço e gentilmente coloca a mão nos cabelos dela.

Ela soluça.

"Por favor," ela diz, entre soluços, "por favor, não vá embora. Por favor, não me deixe aqui. *Por favor.* Eu lhe darei qualquer coisa. Eu não posso ficar aqui mais um minuto. Eu vou morrer aqui!"

Thor acaricia seus cabelos, tentando consolá-la enquanto ela chora.

"Shhh," ele fala, tentando acalmá-la, mas ela não para de chorar.

"Eu sinto muito," ele fala. "Mas eu vim aqui à procura de meu filho. Um bebê. Você o viu?"

Ela balança a cabeça, segurando suas pernas com mais força.

"Não há nenhum bebê aqui. Eu o conheceria. Não há nenhum bebê em qualquer lugar desta ilha."

O estômago de Thor fica embrulhado ao ouvir aquelas palavras. Guwayne não está ali. De alguma maneira ele tinha sido enganado. Pela primeira vez em sua vida, seus sentidos o tinham desviado de seu caminho.

E, no entanto, por que ele havia sentido a presença de seu filho naquela cama, logo antes de abrir a cortina? Quem é essa garota?

"Peço a Deus todas as noites para que alguém venha me resgatar," ela diz entre lágrimas, sua voz abafada contra sua perna. "E me leve para longe deste lugar. Rezei por alguém exatamente como você e então você chegou. Por favor, você não pode me abandonar aqui. *Você não pode fazer isso!*"

Ela abraça as suas pernas, tremendo, e Thor tenta processar tudo aquilo. Ele não tinha esperado por isso, mas enquanto ela se agarra a ele, ele é capaz de sentir sua aflição e seu coração se parte por ela. Afinal, ela não merece aquela doença e, claramente, seus pais a tinham abandonado naquela ilha. A simples ideia o irrita. Que tipo de família é capaz de abandonar seus filhos, independentemente da doença que eles tenham? Ali está ele, disposto a atravessar o mundo, a entrar no inferno e a se contaminar com qualquer doença para encontrar o seu próprio filho.

A situação também o afeta porque ele também tinha sido abandonado por seus próprios pais. Ele não gosta da ideia de ver coisas ou pessoas sendo abandonadas. Isso afeta profundamente o seu coração.

"Você não vai querer vir comigo, criança," diz Thorgrin. "Quando eu sair daqui, eu partirei em uma missão perigosa. Eu não sei exatamente para onde eu vou, mas não será seguro. Eu terei que enfrentar inimigos hostis, terras estrangeiras e uma terrível batalha. Eu não vou ser capaz de fazer isso e protegê-la ao mesmo tempo. Suas chances de vida são melhores aqui. Aqui, pelo menos, você estará segura e bem cuidada."

Mas ela balança a cabeça insistentemente enquanto lágrimas escorrem pelo seu rosto.

"Isto não é viver," ela responde. "Aqui não há vida. Estamos apenas esperando a morte. Eu prefiro morrer ao tentar viver a continuar viva, esperando para morrer."

Thor olha dentro de seus olhos quando ela olha para cima com seus olhos de cristal e pode ver o espírito de um guerreiro dentro dela, brilhando de volta para ele. Ele é sensibilizado por sua vontade feroz de viver, de realmente viver e superar suas circunstâncias. Ele admira seu espírito. Aquele é um espírito de luta e ele percebe que ela não será dissuadida. Um espírito que, por mais que Thor tente, ele não consegue abandonar.

Ele sabe que não há outra decisão a tomar; seu espírito de guerreiro não permite que ele faça isso.

"Tudo bem," ele fala a ela.

De repente, ela para de chorar e olha para ele com os olhos arregalados de surpresa.

"Sério?" ela pergunta chocada.

Thor acena com a cabeça e se ajoelha, olhando-a nos olhos.

"Eu não vou deixá-la aqui," ele explica. "Eu não posso fazer isso. Arrume suas coisas. Vamos embora juntos."

Ela olha para ele com os olhos cheios de esperança e alegria, uma alegria maior do que ele já tinha visto em qualquer pessoa, uma alegria que faz tudo aquilo, todos os riscos que ele está prestes a assumir, valer a pena. Ela salta para a frente, envolvendo os braços em volta dele e abraçando-o com tanta força que Thor mal consegue respirar.

"Obrigada," ela fala, chorando sem parar. "Obrigada, obrigada, obrigada."

Thor a abraça de volta e, ao fazer isso, tem a sensação de que está tomando a decisão certa. É

bom ser capaz de abraçar, proteger e acalantar uma criança, mesmo que ela não seja Guwayne. Ele sabe que ao abraçá-la está sendo infectado, mas, mesmo assim, ele não consegue evitar. Afinal, qual é o propósito da vida, se não ajudar aqueles em necessidade?

Thor se vira para partir e de repente ela corre de volta para sua cama e pega algo antes de voltar até ele e segurar em sua mão. Ele olha para baixo e a vê segurando uma pequena boneca branca feita com os galhos e folhas da ilha e enrolada com um pedaço de gaze.

Ela pega a mão dele e o leva rapidamente para fora do lugar sob os olhares espantados de todos os outros, que os observam com indiferença.

Eles caminham para fora do prédio e Thor é momentaneamente cegado pelo brilho do sol. Ele ergue uma das mãos e, quando seus olhos se ajustam, fica chocado com a visão diante dele.

Em pé do lado de fora do prédio estão todos os seus irmãos, Reece e Selese, Elden e Indra,

O'Connor, Matus, esperando pacientemente por ele, vestindo suas novas armaduras e empunhado suas novas armas. Eles tinham vindo atrás dele, afinal. Eles tinham atravessado a ilha e arriscado suas vidas por ele.

Thor fica tocado além do que é capaz de dizer ao perceber que eles haviam se sacrificado por ele.

"Nós fizemos um juramento," começa Reece, "no primeiro dia em que nos conhecemos, ainda na Legião - todos nós. Aquele foi um juramento sagrado, um juramento de irmãos. Um juramento mais

forte do que os laços de uma família. Juramos cuidar um do outro, *não importa para onde formos.* "

" *Não importa para onde formos,* " todos os outros repetem em uma só voz.

Thor olha para o rosto de cada um deles e seus olhos se enchem de lágrimas quando ele percebe que aqueles são seus verdadeiros irmãos e que a ligação entre eles é mais forte que o sangue que une as famílias.

"Nós não poderíamos deixá-lo sozinho," diz Matus. "Nem mesmo em um lugar como este."

A menina dá um passo adiante, olhando para eles com curiosidade, e todos os olhos se voltam para ela. Eles então olham interrogativamente para Thor.

"Nós temos uma nova companheira," Thorgrin fala para eles. "Quero que vocês conheçam..."

Thor, intrigado, percebe que ainda não sabe o nome dela. Ele olha para ela.

"Qual *é mesmo* o seu nome?" ele pergunta para ela.

"Aqui, nós nunca conhecemos os nossos pais," ela responde. "Ele desistem de nós quando nascemos. Nenhum de nós sabe qual é o nosso nome, nosso nome de verdade. Então nós escolhemos os nomes uns dos outros. Aqui, eles me chamam de Angel."

Thor assente.

"Angel," ele repete. "Esse é um nome bonito e você é realmente tão pura quanto a neve."

Thor se dirige aos seus irmãos e irmãs.

"Guwayne não está aqui," ele anuncia. "Mas Angel irá nos acompanhar. Vou levá-la deste lugar."

Todos olham para ele e Thor pode ver a incerteza intermitente em seus olhares. Ele sabe o que

eles estão pensando: trazê-la pode infectar todos eles.

No entanto, para seu crédito, nenhum deles se opõe. Todos eles, Thor pode ver, estão dispostos a arriscar suas vidas por ela.

"Angel," Selese diz docemente, sorrindo ao dar um passo à frente e dirigir-se a ela. "Esse é um nome muito bonito, para uma menina muito doce."

Ela acaricia o cabelo dela e Angel abre um amplo sorriso.

"Ninguém nunca tocou o meu cabelo antes," Angel comenta.

Selese sorri.

"Então você terá que se acostumar com isso."

Thor fica parado, se perguntando o que tudo aquilo significa. Ele tinha tido certeza de que

Guwayne estaria ali. Ele lembra o seu sonho: *Seu filho o aguarda na ilha*. Ele olha para Angel,

sorrindo para Selese tão docemente, tão cheia de vida e alegria, e se pergunta: Ela é minha filha? Talvez ela seja. Não no sentido literal da palavra, mas talvez seja o seu destino criá-la como sua própria filha. Uma criança adotada?

Thor não entende, mas sabe que é hora de seguir em frente. Guwayne ainda está em algum lugar lá fora e ele não tem tempo a perder.

Juntos, Thor, Reece, Selese, Elden, Indra, Matus, O'Connor e Angel, segurando a mão de Selese, começam a caminhar; eles formam um grupo improvável, mas de alguma forma tudo se encaixa perfeitamente. Thor não sabe onde tudo aquilo pode levá-lo, mas sente que, de alguma forma, tudo está como deve ser.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Erec fica na proa do navio com as mãos nos quadris, estudando a visão diante dele com

admiração. À sua frente, erguendo-se para fora do oceano, há duas formações, a Espinha do Dragão, rochas antigas e irregulares com trinta metros de altura e costas rochosas, forçando os navios a

navegarem por um estreito canal entre elas. Erec olha para a formação à medida que eles se

aproximam, espantado com sua imensidão. Ele nunca tinha visto nada assim antes. Há dois conjuntos de falésias vermelhas, com rochas pontiagudas enfileiradas, como a espinha curvada de um

dragão. As correntes se intensificam, ficando mais forte a cada momento, e sugam o navio em direção ao

centro, como um animal com raiva suga sua presa para a sua boca aberta.

Para piorar as coisas, as ondas e as marés são fortes naquela região e vão ficando cada vez mais intensas quanto mais eles se aproximam da Espinha. No meio da Espinha, Erec pode ver, as ondas têm quase dez metros de altura e arrebatam contra as rochas pontiagudas em ambos os lados; todo o canal entre a Espinha é como um redemoinho violento em uma banheira. Ele tem a impressão de que entrar ali é encarar uma morte certa.

A Espinha do Dragão merece a sua reputação; na verdade, quando eles se aproximam dela e seu navio começa a balançar descontroladamente, Erec começa a ver os restos de dezenas de outros navios que tinham sido jogados contra as suas rochas; há pedaços deles ainda presos nas pedras como se estivessem agarrando-se à vida, um vestígio do que um dia haviam sido. Aqueles destroços, Erec sabe, representam a morte de incontáveis marinheiros. Mesmo agora, após a morte, as ondas ainda arrebatam sem piedade contra os destroços dos navios, partindo os fragmentos em pedaços ainda menores. Aquele é um testamento feroz de todos os navios que tinham tentado enfrentar a Espinha.

Erec segura na grade com o estômago embrulhado quando o seu navio de repente despenca dez metros de cima de uma onda, agarrando a cintura de Alistair para se certificar de que ela fique bem. Em seu outro lado está Strom, com o rosto molhado pela água do mar, escorregando no convés, mas pendurado na grade.

"Eu não disse para você ir para baixo?" Erec pede para Alistair novamente, gritando sobre o vento para ser ouvido.

Alistair balança a cabeça, segurando o trilho.

"Eu vou onde você estiver," ela responde.

Erec olha para trás, vê sua frota atrás dele e todos os navios-negros de Krov navegando ao seu lado, carregando a bandeira negra da Ilha de Boulder. Ele vê Krov com as mãos nos quadris, em pé na proa de seu navio e olhando para ele, claramente infeliz. Krov, porém, de alguma forma, consegue ficar em pé com as pernas firmes, equilibrando-se em seu barco mesmo enquanto as ondas arrebatam ao seu redor e parecendo não se incomodar, como se aquele fosse apenas mais um dia de

sol no mar.

Ele balança a cabeça para Erec.

"Você não poderia dar a volta, não é mesmo?" ele grita irritado.

Erec se vira e olha para as ondas e para as rochas que se aproximam. Ele olha para trás e vê muitos de seus homens descendo.

Ele volta a olhar para Alistair.

"Vá para baixo," ele pede. "Eu lhe imploro."

Ela balança a cabeça.

"Não vou," ela insiste. "Nada me fará deixá-lo aqui em cima sozinho."

Erec olha para Strom, que dá de ombros, como estivesse dizendo: *eu não posso controlá-la*.

"Ela é uma mulher digna de um rei," declara Strom. "O que você espera?"

Uma onda de repente cai sobre o convés, derrubando todos eles. Erec, com o nariz cheio de água salgada, fica momentaneamente cego quando a proa é submersa.

Com a mesma rapidez o barco se endireita e eles pararam de escorregar, batendo as costas contra a grade.

"Todos os navios devem fazer uma fila atrás de nós!" Erec ordena, apressando-se para ficar em pé. "AGORA!"

Vários de seus soldados correm para atender o seu comando, repetindo suas ordens ao longo das fileiras. Erec ouve um alarme e vê sua frota formando uma fileira. Erec sabe que essa é sua única chance de conseguir atravessar a Espinha do Dragão em segurança.

"MANTENHAM-SE NO MEIO DO CANAL!" Erec grita. "Fiquem tão longe das rochas quanto possível! A corrente está puxando para a esquerda, então manobrem seus navios um pouco para a direita. Abaixem as velas e fiquem preparados para baixar as âncoras se for necessário!"

Seus homens correm em todas as direções para executar suas ordens. Erec mal termina de dar ordens quando ele se vira e vê outra onda imensa prestes a desabar sobre eles.

Erec agarra o pulso de Alistair e segura firme enquanto seu barco é jogado para a esquerda e

para a direita, para cima e para baixo. Alistair estende o braço, agarra uma corda grossa e quando Erec escorrega é ela quem o segura, envolvendo a corda ao redor de seu pulso pouco antes que ele caia ao mar e outra onda arrebente em cima deles. Graças a essa corda, ele permanece em segurança em cima de seu navio.

O navio se endireita e Erec, grato a Alistair, olha ao seu redor. Eles agora estão no meio da Espinha, exatamente entre as duas enormes rochas, e seu barco está sendo empurrado em todas as direções. O barco vira de repente, empurrado por uma forte corrente, e quase colide com uma pedra afiada à sua esquerda. No último segundo, a corrente empurra o barco para o outro lado e, de alguma forma, pela graça de Deus, os salva de um desastre. Mas não incólumes: ao navegarem pela costa irregular, Erec ouve um barulho que lhe causa um nó no estômago; ele olha para trás e vê que metade da grade de seu navio tinha sido arrancada e destruída pelas rochas. Ele engole em seco, percebendo como eles haviam chegado perto do fim, tendo sido poupados de danos muito piores.

Já no meio da Espinha do Dragão, Erec sabe que não há como voltar atrás. As correntes furiosas os levam adiante e, mais à frente, ele já pode ver a saída. Ele vê o fim da Espinha do Dragão e a sensação é incrível. Duzentos metros à frente deles, na saída da Espinha do Dragão, o mar está perfeitamente calmo, o sol brilha e o dia é perfeitamente belo. A cena é surreal, como passar por uma porta.

Tudo o que eles têm que fazer é conseguir sobreviver por mais cem metros. Erec percebe, no entanto, que isso é provavelmente o que dezenas de outros marinheiros haviam pensado ao tentar atravessar aquele canal antes de verem seus navios destruídos contra as rochas da Espinha do Dragão.

Por favor, Deus. Erec pensa. A penas mais cem metros.

Erec termina de dizer sua prece quando ele ouve um barulho horrível, como se sua oração tivesse sido atendida por um demônio. O barulho se intensifica, erguendo-se até mesmo acima do barulho das ondas em fúria e do vento, e quando seu navio é erguido por uma onda, ele olha para cima e fica horrorizado ao ver a fonte do barulho.

Saindo de dentro do mar e esperando por eles na saída da Espinha do Dragão, há um imenso monstro primitivo. Com um pescoço mais longo do que o navio, barbatanas, escamas, braços e pernas com garras nas pontas e uma mandíbula maior do que a de um dragão, o monstro é uma visão verde da morte.

Ele olha na direção do navio de Erec e abre suas mandíbulas, partindo o mastro do navio com a intensidade de seu rugido. Erec levanta as mãos até seus ouvidos, tentando abafar o ruído ao mesmo tempo em que a besta ergue a cabeça alta e começa a abaixá-la. Ele abre sua grande mandíbula na tentativa de engolir o navio com uma mordida, seu rosto tão grande que bloqueia o sol, e Erec sabe que é tarde demais.

Ele sabe, sem sombra de dúvida, que é assim que ele vai morrer.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Darius fica em pé no meio da noite do deserto com o rosto iluminado pela luz das tochas e observa com orgulho um mar de rostos. Diante dele reúnem-se milhares de antigos escravos, agora homens livres, vindos não apenas de sua antiga aldeia, mas também de todas as aldeias da região. Em todas as direções ao seu redor há mais rostos do que ele é capaz de contar, observando-o com esperança no olhar. Sua revolução havia se espalhado como fogo em palha seca, indo de uma aldeia escrava para as outras, e agora está praticamente fora do seu controle. Darius não seria capaz de controlá-la mesmo se quisesse. Escravos libertam escravos, aldeias libertam aldeias e essas, por sua vez, libertam outras aldeias. Os escravos matam seus capatazes e se rebelam em busca de sua própria liberdade, reunindo mais pessoas para defender a causa de Darius. Todos o procuram e se reúnem em torno dele, formando um único exército. Eles têm poucas armas e poucas armaduras, usando apenas o que conseguem roubar dos soldados do Império, mas o que não lhes falta é garra. Todo o profundo rancor tinha finalmente sido liberado, algo há muito tempo guardado dentro de seus corações e espíritos, e Darius fica emocionado ao ver que todos se sentem como ele.

Darius analisa a multidão de rostos novos e desconhecidos com Dray aos seus pés, mastigando um osso que Darius havia encontrado para ele e rosnando para qualquer pessoa que se aproxime demais deles. Todas aquelas pessoas têm pelo menos uma coisa em comum: a esperança que brilha em seus olhares. Elas também têm algo mais em comum: todas elas estão olhando para ele e o veem como o seu novo líder, e Darius sente o peso dessa responsabilidade sobre os seus ombros. Ele não quer tomar a decisão errada.

"Zambuti," diz um escravo ao vê-lo passar, abaixando a cabeça para Darius. Aquela é uma expressão familiar que Darius está ouvindo com frequência ultimamente ao ver homens se reunindo aos milhares apenas para vê-lo. Alguns deles esticam os braços para tocá-lo, como se não estivessem acreditando que ele é real. Darius mal consegue acreditar em tudo aquilo. Ele tem a

sensação de que tudo não passa de um sonho estranho.

Darius fica feliz ao perceber que seu povo não demonstra mais aquela atitude temerosa de quando tudo havia começado. Agora eles caminham livremente e com orgulho, de cabeças erguidas como homens livres e dignos. A noite do deserto está repleta de tochas acesas e quando Darius se vira, ele vê tochas até onde seus olhos são capazes de enxergar, com mais tochas chegando a cada minuto. O momento está chegando e Darius sente que eles talvez estejam prestes a conseguir alguma vantagem. Há uma sensação no ar diferente de tudo que ele já havia sentido antes, um sentimento de que coisas grandiosas estão acontecendo, de que todas as suas vidas estão prestes a mudar e de que ele é o responsável por toda aquela mudança.

"Você começou algo grandioso, meu amigo," Desmond fala, aproximando-se dele junto com Raj.

Os três amigos ficam observando a cena à medida que os ventos frios do deserto assopram ao redor deles. "Algo que eu acho que nem mesmo você é capaz de controlar."

"Algo que se tornou ainda maior do que você," completa Raj com orgulho, olhando adiante.

Darius assente.

"Isso é bom," ele responde. "Eles são homens livres agora e não devem ser controlados por ninguém. Homens livres devem ser senhores de si mesmos e de seus próprios destinos."

"E ao mesmo tempo eles esperam por você," interrompe Kaz, aproximando-se deles, "e todos os homens devem ter um líder. Que destino você escolherá para eles?"

Darius fica parado ali, observando a escuridão da noite enquanto ele se faz aquela mesma pergunta. Liderar aqueles homens, ele sente, é uma responsabilidade sagrada. Ele olha ao seu redor e vê que um círculo íntimo está se formando ao seu redor, um círculo que inclui Raj, Desmond, Kaz, Luzi e uma dúzia de outros garotos com quem ele havia treinado ainda em sua aldeia. Eles se aproximam mais, assim como alguns outros, e olham atentamente para Darius, prestando atenção a cada uma de suas palavras.

"Conte-nos qual será nossa próxima conquista!" grita um bravo guerreiro de outra aldeia, "e nós o seguiremos a qualquer parte!"

Um grito de aprovação eclode entre a multidão.

"Existe outra aldeia esperando para ser libertada," diz um deles. "Ela fica a um dia de viagem ao norte daqui. Podemos alcançá-la ao nascer do sol e, se viajarmos a noite toda, libertarmos várias centenas de

homens!"

Outro grito de aprovação surge entre os membros da multidão e Darius vira o rosto, pondo-se a pensar. Há muitas vilas lá fora esperando a libertação, aquela é uma tarefa que pode ocupar toda uma vida.

Darius pega sua espada, dá um passo adiante e começa a desenhar no chão de areia. Um círculo rapidamente se forma em torno dele, dando-lhe espaço para desenhar e ao mesmo tempo reunindo-se ao seu redor para que possam ver o que ele está fazendo.

"Nós estamos aqui," ele diz, marcando o lugar e desenhando uma linha no chão do deserto com a ponta de sua espada. Ele desenha um amplo círculo em torno desse lugar e vários caminhos partindo dele e saindo em diversas direções.

"Esqueçam todas essas instruções," ele diz com uma voz repleta de autoridade. "Já libertamos aldeias o suficiente e já temos homens o bastante. Quanto mais tempo passarmos fazendo isso, mais tempo o Império terá para reunir todas as forças de seu exército e para organizar um contra-ataque.

Podemos libertar mais algumas centenas de homens, talvez até alguns milhares, mas ainda assim jamais teremos os mesmos números que eles."

Ele respira fundo.

"O que precisamos agora não é de força em números. O que precisamos é de velocidade.

Surpresa. Eu digo que a hora de libertação, a hora de mobilização, acabou. Agora é hora de atacarmos."

Eles olham para o chão do deserto e voltam a olhar para ele, claramente confusos.

"Atacar aonde, Zambuti?" pergunta um deles.

Darius encontra os seus olhares.

"Volkara," ele responde.

Eles suspiram ao ouvir aquelas palavras e Darius não se surpreende.

"Volkara!" grita um dos homens. "A fortaleza Volusiana?"

Darius volta a assentir.

"Atacar Volkara?" Pergunta Zirk indignado, dando um passo adiante ao abrir caminho entre a multidão, empurrando as pessoas na frente dele. Ele entra na roda e pisa no desenho de Darius,

encarando-o com as mãos nos quadris. "Você está louco? Volkara não é uma simples aldeia, garoto, e sim uma fortaleza do Império. Trata-se da construção mais bem guardada nos arredores de Volúsia, a única cidade entre nós e eles. Essa não é apenas uma cidade de barro, trata-se de um forte de

verdade, com paredes de verdade, feitas de pedra; há soldados treinados e armados com armas de verdade. Volkara é uma cidade como você nunca viu, com pelo menos dois mil escravos em sua população. Mesmo que o nosso exército tivesse três vezes o tamanho atual, não poderíamos vencer esse confronto."

Darius olha para Zirk, furioso que ele tenha aparecido ali para desafiá-lo. Antes que ele possa responder, outras pessoas começam a falar.

"Volkara é um lugar cruel," Desmond começa. "Muitos sabem que é para lá que eles levam os escravos para torturá-los."

"E também muito bem defendida," completa Raj. "Pelo menos mil soldados do Império protegem os muros daquele lugar. Os muros da fortaleza são tão inexpugnáveis que eles nem se incomodam em montar uma defesa de verdade."

Darius continua observando a escuridão da noite; ele olha para trás das tochas e sabe que Volkara está em algum lugar no meio daquele deserto escuro.

"E é precisamente por isso que vamos atacá-la," ele repete, sentindo que sua confiança aumenta à medida que ele pronuncia aquelas palavras.

Todos os homens olham para ele com espanto.

"Eles jamais serão capazes de prever um ataque," ele continua. "E não estarão esperando por isso. Ainda mais importante: se vencermos, nós estaremos mostrando ao Império que eles estão

vulneráveis. Dessa forma, abalaremos a confiança deles e eles começarão a se questionar. Eles começarão a nos temer."

Darius olha ao seu redor.

"E nossos homens, por sua vez, começarão a acreditar em si mesmos e saberão que tudo é possível."

Os homens olham para ele com admiração, envoltos por um silêncio tenso, e nem mesmo Zirk responde.

"Quando, Zambuti?" pergunta um deles.

Darius se vira e olha para ele.

"Agora," ele responde.

“Agora!?” Zirk pergunta.

"Ninguém ataca à noite!" um dos homens reclama. "Isso não se faz!"

Darius assente.

"É precisamente por isso que faremos dessa forma. Preparem-se," ordena Darius, dirigindo-se aos demais. "Atacaremos esta noite. Quando eles perceberem o que está acontecendo, Volkara já será nossa. E então, estaremos diante dos degraus de Volúsia e prontos para atacar a cidade."

“Atacar *Volúsia*?” Zirk exclama. "Você é realmente maluco. Essa é uma missão suicida, sem qualquer fundamento."

"As guerras são sempre vencidas pelos homens que ignoram a razão," responde Darius.

Zirk, com mau humor, se vira e encara os outros homens.

"Ignorem o que esse garoto está dizendo e sigam-me!" ele grita. "Eu os levarei por um caminho mais seguro. Não assumiremos riscos como esse!"

Darius se prepara ao ver todos os aldeões olharem para Zirk em meio ao silêncio tenso que toma conta do ar, mas se hesitação eles o ignoram e voltam a olhar para Darius.

"Zambuti é o nosso líder agora," diz um deles, "e nós seguiremos Zambuti. Nós vamos para onde ele nos guiar."

Zirk, vermelho de raiva, dá as costas para o grupo e se afasta.

Os homens permanecem em silêncio, entreolhando-se com incerteza e medo em seus olhares.

"Como conseguiremos atravessar aqueles muros?" Desmond pergunta. "Não temos qualquer tipo de equipamento para realizar esse cerco."

"Nós não vamos atravessar os muros da cidade," Darius responde à medida que os homens se aproximam para ouvi-lo. "Vamos passar por cima deles."

"Por cima?"

Darius assente.

"Podemos escalar aqueles muros," ele explica. "Nós vamos transformar as pontas de nossas lanças em arpéus e amarrá-los a cordas. Vamos até os fundos da cidade, onde ninguém estará

procurando por nós, e escalaremos os muros. Quando estivermos do lado de dentro da cidade

podemos pegá-los de surpresa e matarmos todos eles. O silêncio e a velocidade serão nossos aliados e não a força. Às vezes a surpresa supera a força física."

Darius observa a incerteza na expressão facial dos homens diante dele, homens corajosos que haviam sofrido durante todas as suas vidas, que tinham visto suas famílias morrendo e cujas próprias vidas dependem de sua estratégia. Ele irá compreender se eles disserem não.

Mas para sua surpresa, todos eles dão um passo adiante e apertam a sua mão.

"Nossas vidas pertencem a você agora," diz um deles. "Você nos salvou. Você nos deu nossas vidas."

"Nós o seguiríamos a qualquer lugar," diz outro homem, "mesmo até os portões do inferno."

*

Darius corre pela noite fria, seguido de perto por centenas de homens e com Dray ao seu lado, à medida que eles atravessam descalços o chão do deserto. Darius tenta não fazer barulho, assim como os outros, e eles correm pela noite como um exército letal e silencioso. Tudo o que se pode ouvir é o barulho suave de seus pés no chão de areia do deserto, centenas de homens arriscando suas vidas ao lutarem por sua liberdade no meio da escuridão.

O coração de Darius bate acelerado quando eles se aproximam da fortaleza de Vólkara; as palmas de suas mãos transpiram ao segurar seu arpéu e o rolo de corda que ele leva pendurado em seu ombro. Ele corre com vontade, com os pulmões prestes a estourar, determinado a alcançar o seu destino antes de ser descoberto. Por sorte, a lua está encoberta e a escuridão da noite lhes dá cobertura.

Um brilho fraco finalmente começa a aparecer adiante, pontuando a noite do deserto, e à medida que eles se aproximam Darius vê uma série de tochas iluminando a entrada da cidade. A entrada é imponente, emoldurada por um grande portão arqueado com quinze metros de altura. É a coisa mais estranha que Darius já tinha visto. Não existe uma estrada de acesso para a cidade, nem mesmo uma porta; em vez disso, há uma hidrovia que começa no meio do deserto, a cem metros da entrada, e flui através da entrada principal. Não há como entrar na cidade a pé ou a cavalo, é preciso entrar pelo canal. Darius compreende como aquilo torna a cidade inacessível.

Além disso, fileiras de soldados do Império montam guarda do lado de fora e mais fileiras aguardam do lado de dentro, mas Darius não se deixa abalar. Ele não havia planejado entrar na cidade pelos portões principais ou a pé - eles podem ficar com o seu canal. Darius vai encontrar

outro modo de entrar naquela cidade, uma forma que eles jamais serão capazes de prever.

Ele começa a circular a cidade, longe o bastante para não ser visto pelos guardas e, ao seu sinal, seus homens se dividem; metade de seu exército continua a segui-lo e a outra metade começa a circular a cidade na direção oposta.

Darius se aproxima do muro da cidade e continua correndo enquanto permanece oculto pela escuridão. Ele eventualmente faz uma curva abrupta e começa a percorrer a face traseira do muro.

Construído para resistir a qualquer tipo de ataque, o muro traseiro da cidade não possui janelas ou portas de qualquer tipo, o que é perfeito para os planos de Darius.

Ainda assim, ao fazer a curva correndo, ele vê soldados montando guarda um pouco adiante.

“Vá, Dray!” Darius ordena.

Dray não precisa de muito estímulo: ele corre até os soldados e faz a primeira vítima da noite.

Dray salta sobre o guarda no instante exato em que ele se vira, mordendo o pescoço dele com suas fortes presas.

Darius está um pouco atrás dele e, sem perder tempo, remove uma adaga da cintura, corta o pescoço do segundo soldado e, com o mesmo movimento, perfura o coração do outro. Ao lado dele,

Desmond e Raj ferem os outros dois, matando assim quatro soldados silenciosamente.

No lado oposto do castelo, Darius pode ver seus homens se aproximando e matando os outros guardas, que caem no chão rapidamente antes de perceberem o que está acontecendo. Os dois grupos

se encontram no meio do caminho conforme planejado. Darius se sente encorajado: até agora, tudo está indo bem. Eles haviam chegado até os muros traseiros da cidade sem ter sido detectados, todos os guardas estão mortos e nenhum alarme tinha sido tocado para anunciar a presença deles.

Darius imediatamente dá o sinal e, sem perder tempo, todos os seus homens pegam seus ganchos e os arremessam para cima dos muros da cidade.

Darius observa as cordas se desenrolando, subindo quinze metros e então se prendendo ao outro

lado do muro de pedras. Ele puxa a sua corda e sente seu gancho preso ao outro lado do muro, como ele havia esperado. Ele olha para os seus homens e vê que eles fazem o mesmo.

Darius imediatamente começa a subir, agarrando a corda com ambas as mãos e escalando,

apoiando os pés na parede com o coração acelerado à medida que ele sobe o mais rápido que suas mãos e pés conseguem levá-lo ao mesmo tempo em que reza para que nenhum de seus homens seja detectado. Se algum soldado do Império aparecer no muro naquele instante, eles não terão como se defender.

A corda áspera machuca suas mãos à medida que Darius escala o muro com rapidez, respirando com dificuldade e raspando os pés no muro de pedras; ele sabe que sua vida depende da velocidade.

Ao seu redor, seus homens fazem o mesmo enquanto eles escalam o muro da cidade o mais rápido possível, como milhares de formigas escalando uma cidade.

Dray fica para trás, rosnando e protegendo o muro para eles.

Finalmente, como os pulmões prestes a estourar e as palmas das mãos em carne viva, Darius chega ao topo do muro e cai no chão de pedras. Assim que faz isso, Darius balança sua corda, dando o sinal de que tudo está bem para que os demais subam. O restante de seu exército começa a escalada. Lá embaixo, seus homens se alinham, pegam as cordas e começam a escalar um após o outro; dezenas de homens sobem ao mesmo tempo.

Darius se ajoelha e olha ao seu redor, avaliando a cidade de Vólkara a partir de seu ponto de vista vantajoso. Ele pode ver toda a fortaleza iluminada parcialmente pelas tochas acesas ao longo das paredes de onde ele está. Aquela é uma fortaleza incrivelmente bem armada e há centenas de soldados fazendo a sua patrulha.

Ao mesmo tempo, ao observar com mais cuidado, Darius percebe que a atmosfera do lugar é relaxada, relaxada até demais. Metade dos soldados parece estar dormindo durante seus turnos, enquanto a outra metade parece estar sonhando acordada, conversando entre si ou jogando. Todos estão olhando para a frente da cidade e ninguém se preocupa em olhar para trás. Obviamente, nenhum daqueles homens, sem capacetes ou armaduras e longe de suas armas, espera algum tipo de ataque naquela noite. Afinal de contas, por que eles esperariam algo assim? Que inimigo é louco o suficiente para atacar o Império? Nenhum.

Darius sabe que aquela é a hora certa para dar o sinal. Ele pega seu arpéu de reserva, se inclina para trás, coloca fogo em sua corda e a joga no ar em direção ao deserto, formando um arco que ilumina o céu escuro.

Imediatamente, ele vê seus homens acendendo uma tocha no horizonte, como tinham sido instruídos a fazer.

"MOVAM-SE!" Darius sussurra.

Seus homens rapidamente descem juntos pelo outro lado do muro. Darius amarra um pano em

torno de suas mãos e desce tão rápido que, mesmo com o pano, ele sente suas palmas ardendo. O muro passa voando diante dele à medida que ele desce praticamente em queda livre e, dentro de segundos, ele pisa no chão da fortaleza de Vólkara.

Ao redor, seus homens também começam a aterrissar.

Sem perder tempo, Darius se vira e corre para a cidade, seguido por seus homens, aproximando-se do grupo de soldados mais próximo. Darius chega perto de um soldado distraído e quando ele se vira, percebendo a presença dele, Darius enfia a adaga em seu coração.

Darius vai até outro soldado, tampa sua boca e corta o seu pescoço. E então ele mata outro soldado. E mais outro.

Eles se separam, abrindo caminho pela cidade, escolhendo soldados aleatoriamente, como Darius os havia instruído. Seus homens cobrem a cidade como formigas, matando os guardas por toda a parte enquanto os corpos começam a se acumular silenciosamente e o Império permanece alheio aos acontecimentos, sem saber o que está acontecendo. Eles ainda não sabem que há um intruso em seu meio.

Darius corre pela cidade, indo em direção ao portão de entrada no intuito de assumir o controle de tudo. Ele faz um sinal para os seus homens e eles se escondem atrás de enormes pilares de pedras, aguardando o comando de Darius para atacar a frente.

Darius se ajoelha, respirando com dificuldade enquanto observa a entrada da cidade. Centenas de soldados estão espalhados entre ele e a entrada e Darius quer que todos estejam reunidos para facilitar o seu ataque; ele prefere que todos estejam de costas para ele. Ele se ajoelha e observa, esperando pelo sinal, pelo ato final de seu plano.

Finalmente, Darius fica aliviado ao encontrar exatamente o que ele procura: um pequeno barco aparece de repente no canal, atravessando o portão em chamas.

Darius vê quando os guardas parecem despertar e se aproximam da entrada, reunindo-se perto do canal para observar o barco com espanto. Eles se reúnem na entrada e olham para a escuridão do deserto com curiosidade, perguntando-se o que pode ter acontecido. Darius aguarda alguns instantes,

esperando que mais guardas se aproximem.

"ATAQUEM!" ele grita.

Darius e seus homens atacam ao mesmo tempo, partindo para cima dos soldados do Império com espadas em punho, atacando-os enquanto eles estão distraídos. Eles se aproximam dos soldados por trás e os atacam assim que eles começam a se virar. Darius e seu exército conseguem matar dezenas de soldados antes que eles percebam o que está acontecendo.

Os demais soldados do Império se viram e finalmente percebem a invasão. Alarmes soam por toda a cidade e a apreensão de Darius se aprofunda quando ele percebe que a batalha de verdade havia começado.

Centenas de soldados do Império vestindo armaduras completas e empunhando armas profissionais começam a revidar. Os homens de Darius começam a cair.

Darius desvia de um ataque de espada e outro golpe acerta seu braço de raspão; ele grita de dor e sua espada é arrancada de suas mãos. Mas ele rapidamente pega uma adaga em sua cintura e corta o pescoço do soldado quando ele se aproxima para matá-lo.

Darius se abaixa para recuperar sua espada e, ao fazer isso, gira corpo e corta o pescoço de outro soldado. Dois soldados do Império o atacam ao mesmo tempo e Darius usa seu escudo para bloquear um golpe após o outro. Finalmente, Desmond se aproxima e mata um de seus atacantes;

Darius aproveita a oportunidade para dar um salto para a frente e bater na cabeça do outro soldado com seu escudo e então perfurar seu coração com sua espada, pensando em todos os seus irmãos que tinham sido mortos pelo Império ao fazer aquilo.

Muitos homens de Darius morrem durante esse confronto, mas muitos soldados do Império também são mortos e corpos se acumulam em ambos os lados. Darius sente que está conseguindo conquistar alguma vantagem; eles ao menos estão realmente conseguindo atacar uma cidade do Império e se mantendo firmes - o que já é uma grande conquista.

Com a entrada da cidade exposta, todos os soldados do Império decidem enfrentar Darius. O terceiro e último grupo de soldados de Darius finalmente aparece, como planejado, e ataca a frente da fortaleza. Eles atravessam as águas do canal e, ao entrarem na cidade, atacam os soldados do

Império pelas costas.

Agora os soldados do Império se encontram encurralados entre as forças de Darius e, a partir desse momento, o Império perde a vantagem. Os soldados do Império começam a morrer por todos os lados à medida que os homens de Darius os superam em rapidez e esperteza.

A luta continua e o barulho de metal toma conta dos ouvidos de Darius enquanto faíscas iluminam a noite e os gritos dos homens cortam o ar. Ao redor de Darius, os corpos dos homens mortos continuam a se acumular. Ainda assim, eles continuam a lutar.

Por fim, Darius mata mais um soldado do Império depois de um confronto particularmente difícil e ergue seu escudo e espada para enfrentar seu próximo oponente. Para sua surpresa, não há mais ninguém para ele enfrentar: todos os soldados do Império estão mortos.

Darius mal consegue acreditar ao ficar em pé diante dos portões da fortaleza e olhar para trás para avaliar o estado da cidade. Ele vê todos os seus homens em pé sobre os cadáveres dos soldados do Império. Ele vê uma cidade repleta de corpos, tanto de seus homens quanto dos soldados do Império, brilhando sob a luz da lua. Uma cidade que finalmente está em silêncio.

Seus homens também percebem. Eles de repente soltam um grito de vitória e erguem os seus punhos e tochas no ar. Eles correm para a frente e abraçam Darius, colocando-o sobre seus ombros.

Darius mal consegue acreditar que eles haviam conseguido e comemora junto com seus homens.

Eles agora controlam uma cidade do Império.

Eles haviam vencido. Eles realmente haviam vencido.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Gwendolyn marcha pelo Grande Deserto, enfraquecida pela fome, com as pernas trêmulas e com pele queimada sob o calor implacável dos sóis da manhã. Aquele tinha sido mais um longo dia e de alguma forma eles haviam marchado por horas, agarrando-se à vida. Krohn manca em seus calcanhares, exausto demais para se lamentar, e aqueles mais próximos a ela - Kendrick, Sandara, Steffen, Arliss, Brandt, Atme, Argon, Aberthol, Illepra e Stara - também a acompanham. No entanto, muitos dos sobreviventes do Anel - um número assustador - tinham caído ao longo do caminho e suas carcaças agora estão espalhadas pelo deserto, Gwen e os outros muito fracos para enterrá-los, fracos

demais até mesmo parar. Gwen havia estremecido todas as vezes que mais uma pessoa havia morrido e os insetos haviam aparecido de repente, correndo sabe-se lá de onde, para cobrir o corpo dentro de segundos e devorá-lo até os ossos. É como se todo aquele deserto estivesse apenas esperando pela morte de todos eles.

Gwen olha para o horizonte e observa a persistente poeira vermelha que paira no ar, procurando em todas as direções por qualquer sinal de alguma coisa. Não há nada.

A coisa mais implacável e cruel do mundo, ela percebe, não é a visão de um inimigo, de um monstro ou de qualquer outra coisa, mas a visão do nada. Do vazio e da ausência de vida.

Aquilo é implacável. Para ela, aquilo significa a morte. A morte não só para ela, mas para todo o seu povo, para as pessoas que ela havia levado até ali.

Gwendolyn continua sua marcha, de alguma forma encontrando forças para colocar um pé diante do outro. Ela invoca uma força mais profunda do que ela havia acreditado possuir e se obriga a seguir em frente, a ser forte, a liderar o seu povo como o pastor de um rebanho que ela sabe nunca irá encontrar o seu lar. As suas provisões haviam se esgotado há muito tempo, eles não têm mais água e suas gargantas estão tão ressecadas que eles mal conseguem respirar. Sem nada no horizonte, ela sabe que não resta alternativa exceto a morte.

Gwen sabe que se estivesse sozinha ali, ela já poderia ter se deitado e se permitido morrer. Essa alternativa teria sido mais misericordiosa do que caminhar sem parar, mas o orgulho a obriga a ir em frente. Ela pensa em todas aquelas pessoas, em seu pai, e se força a ser forte. Ela tenta pensar no que o seu pai teria feito e o que ele teria esperado dela.

À medida que ela continua marchando, Gwen começa a ter visões. Ela tem flashbacks de outros tempos e de outros lugares. Ela pisca e se sente confusa, sem saber o que é real e onde ela está. As imagens em sua mente estão começando a se tornar mais reais do que o que está à sua frente.

Gwen tem um flashback de seu pai. Ela o vê sentado orgulhosamente na cabeceira da mesa de jantar, jovem, no auge de seu poder, vestindo sua coroa e seu manto e rindo a gargalhada que sempre a deixava à vontade. Ao redor da mesa está também sua mãe, à direita dele, saudável e feliz, como Gwendolyn se lembra dela muito antes de sua doença. Seus irmãos e irmãs também estão sentados ao redor da mesa - Kendrick, Gareth, Godfrey, Reece e Luanda - todos ainda jovens, ainda se relacionando bem, sentados ao redor da mesa sob os olhares atentos de seus pais.

"Um brinde para a sua amada mãe!" o pai dela diz, levantando um copo, rindo e bebendo o seu vinho ao

mesmo tempo em que sua mãe, sorrindo, se inclina para beijá-lo.

"E um brinde para os nossos seis filhos maravilhosos, todos eles aptos para governar o nosso reino," acrescenta sua mãe.

"Quando *eu* serei a rainha?" pergunta Luanda.

Seu pai olha para Luanda, ainda uma criança, e ri.

"Tenha calma, minha filha. Um dia você será a rainha. Você não precisa se apressar!"

Ele então olha para Gwendolyn.

"E você, Gwendolyn?" ele pergunta, olhando para ela.

Gwendolyn olha para ele e enrubesce.

"Não quero ser rainha, papai. Eu só quero ser sua filha."

Seu pai abaixa lentamente sua xícara ao olhar para ela e Gwen pode ver em seus olhos uma expressão que ela jamais vai esquecer. Ela vê como ele tinha ficado emocionado, o quanto suas palavras tinham significado para ele e como ele havia se sensibilizado. Ele olha para ela com muito amor, lealdade e admiração e aquele olhar a marca para sempre.

"Você já conseguiu isso, minha filha. Isso e muito mais."

Um vento quente assopra o rosto de Gwendolyn e ela pisca, saindo de seu devaneio e tossindo para tirar a poeira de seus olhos e de sua boca. Com dificuldade para respirar, ela esfrega os olhos, tentando tirar a poeira deles. O vento não traz nenhum alívio, apenas mais calor, se isso é possível.

Gwen não quer mais olhar adiante com medo de não ver nada, de ser decepcionada mais uma vez. Mas ela se força a fazê-lo, esperando que desta vez seja diferente, que talvez de alguma forma algo distante esteja no horizonte, um lago onde eles possam beber um pouco, uma árvore para protegê-los ou até mesmo uma caverna.

Ela olha para a frente, preparando-se, e imediatamente deseja que não tivesse feito isso: não há nada, apenas o impiedoso e cruel vazio do deserto.

No entanto, outra coisa chama a sua atenção: ela olha para cima e vê uma sombra escura passar subitamente sobre eles. Aquela parece ser a única nuvem em um céu sem nuvens e, a princípio, ela fica confusa. Ela está vendo coisas?

Mas Gwen a vê passando acima deles e tem certeza que é real, ficando ainda mais confusa. Aquilo não é uma nuvem, mas uma sombra negra, voando pelo ar. Ela passa tão rápido que Gwen mal consegue dizer a sua forma, mas a sombra desce em direção a ela e, em seguida, mergulha com a mesma rapidez e, quando Gwen pisca na direção do sol, ela poderia jurar que a sombra parece um demônio.

Um demônio libertado do inferno.

Gwen se vira para segui-lo com os olhos, mas com a mesma rapidez ele voa para longe, desaparecendo rapidamente de vista.

Gwen sente um arrepio e tem a sensação de que aquele é um presságio de algo terrível prestes a acontecer. Quando a sombra tinha voado perto dela, ela tinha sentido algo horrível, como se ela tivesse sido amaldiçoada pela criatura.

"CHEGA!" Grita de repente uma voz.

É um grito violento, um grito de desespero. Gwen reconhece imediatamente o grito como a exclamação de um homem que tinha perdido a cabeça e que não tem mais nada a perder.

Gwendolyn se vira com Krohn ao seu lado, rosnando de forma protetora, e vê Aslin acompanhado por um pequeno grupo, aproximando-se dela com um olhar delirante, afetado por horas de caminhada sob o sol.

"Teria sido melhor ter morrido no Anel, em paz com nossos pais, e ser enterrado em casa. Agora vamos morrer aqui e não seremos enterrados. Vamos virar alimentos para os escorpiões e para as aranhas. Se eu vou morrer aqui, isso não vai acontecer antes que eu possa matá-la! A minha vida pela sua!"

Ele saca a sua espada, cortando o ar com ela ao mesmo tempo em que ergue sua arma.

"Matem a rainha!" ele grita, dando um grito de guerra.

Para surpresa e horror de Gwendolyn, centenas dos habitantes do Anel atendem o comando dele, sacando suas espadas, gritando em sinal de aprovação e se juntando a ele. Mais da metade de seu povo se reúne atrás dele e começa a atacá-la.

Gwen não tem energia para resistir. Ela fica parada e espera o seu destino. Se o seu povo deseja

vê-la morta, então que assim seja. Ela dará a eles o que eles querem - mesmo que seja isso.

Gwendolyn não se surpreende que ele queira matá-la, ela fica mais surpresa que ele ainda tenha energia suficiente para isso, que ele possa correr tão rápido e que ainda tanta força para odiá-la. Ele está quase a dez metros de distância e se move mais rápido que os outros; ela não tem tempo para reagir. Ela pode ver em seus olhos o quanto ele a odeia, o quanto ele deseja vê-la morta. É como uma faca em seu coração perceber que qualquer um possa odiá-la tanto no mundo. O que ela tinha feito de errado? Ela tinha tentado ser a melhor pessoa possível para todos eles.

Gwen acredita que tenha sido uma boa rainha; ela tinha tentado desesperadamente salvar o seu povo, a cada passo do caminho. Ela havia até se sacrificado para Andronicus, ainda na Silésia, para que todos os outros pudessem sobreviver. Ela tinha tentado fazer tudo certo.

E ainda assim, ali está ela, esse tinha sido o seu fim: no Império, no meio de um deserto, à procura de um segundo Anel que provavelmente não existe, longe de seu marido e de seu filho e odiada pela maioria de seu povo, que naquele momento deseja matá-la.

Gwen fica parada com orgulho diante Aslin, preparando-se, inflexível, enquanto ele se aproxima dela com seu golpe mortal. Ele ergue sua espada com ambas as mãos, a alguns metros de distância, e começa a abaixar os braços na direção do coração de Gwendolyn.

De repente, ela ouve um barulho metálico e, ao olhar para cima, vê Steffen dar um passo à frente, impedindo o golpe, e arrancar a espada das mãos de Aslin, cortando-a ao meio e derrubando-a no chão. No mesmo momento, Kendrick aparece do outro lado e enfia sua espada no coração de Aslin. Krohn também parte para a ação, saltando no peito de Aslin e afundando suas presas na garganta dele, levando-o para o chão e matando-o.

Os três ficam ao redor de Gwendolyn, prontos para atacar qualquer pessoa que se aproximar dela.

Gwen fica parada, sobrecarregada com amor e gratidão por Steffen, Kendrick e Krohn, que haviam salvado sua vida mais uma vez.

Mas a luta está apenas começando. Ao redor dela, gritos de guerra irrompem quando a multidão incontrolável, formada por metade de seu povo, continua avançando, mesmo sem Aslin; a rebelião que ele havia começado não poderá ser facilmente contida. Todos eles avançam cegamente na

direção dela, sem pensar com clareza, como se matá-la de alguma forma pudesse mudar a situação deles.

Mas, ao mesmo tempo, a outra metade dos sobreviventes do Anel, mais de uma centena de pessoas, incluindo Kendrick, Steffen, Brandt, Atme e uma dúzia dos membros da Prata, saca suas espadas para protegê-la e atacar a multidão.

O coração de Gwen se parte ao testemunhar a luta violenta, homem contra homem, soldado contra soldado, antigos aliados, homens que antes tinham sido como irmãos, lutando uns contra os outros. Eles são todos grandes guerreiros e a luta é equilibrada, golpe por golpe. O barulho de espadas preenche o céu do deserto ao mesmo tempo em que os gritos cortam o ar à medida que os homens começam a cair e o chão do deserto é tingido com o sangue dos guerreiros mortos. Eles estão enlouquecidos pelo, Gwen sabe, e metade deles provavelmente nem sabe mais pelo que eles estão lutando. Eles só querem matar e, provavelmente, morrer.

Steffen avança e bloqueia as espadas de dois homens em cada lado de Gwendolyn; ele corta o estômago de um deles e, em seguida, saca a sua adaga e esfaqueia o outro no coração.

Brandt se aproxima, empunhando sua maça com velocidade relâmpago, e bloqueia um golpe que está quase acertando Kendrick, enquanto Atme chega ao seu lado, gira seu machado e mata um homem instante antes que ele possa enfiar uma espada nas costas de Brandt.

Krohn salta sobre todos os atacantes que chegam muito perto de Gwendolyn, matando mais homens do que qualquer outro.

Kendrick bloqueia dois golpes de espada com seu escudo e então se vira e usa o seu escudo como uma arma, partindo o rosto de um homem; em seguida, ele gira e chuta outro homem no peito, derrubando-o de costas no chão. Quando eles voltam para cima ele uma segunda vez, Kendrick se esquiva de seus golpes e, ao mesmo tempo, corta os dois homens no peito, matando-os.

Uma lança cai da mão de um soldado morto e rola para perto dos tornozelos de Gwendolyn. Ela olha para cima e vê um homem prestes a atacar Kendrick por trás, um homem que ele não pode ver. Sem pensar, ela reage: ela pega a lança e a atira nas costas do homem. O homem tropeça e cai, de

cara, aos pés de Kendrick.

Gwendolyn sente uma dor no estômago ao observar a queda o homem, um de seus súditos, assassinado por sua própria mão. Ele é um homem que ela tinha conhecido bem, um senhor local da Corte do Rei, um homem que havia sido leal ao seu pai. Aquele é um dia triste, ela sabe, para o seu povo. Ela mal pode acreditar que a fome, a loucura e o desespero podem levar os homens a tal ruína. Gwen quer gritar com todos eles para que eles parem com aquela loucura e comecem a agir com civilidade, mas ela sabe que nada será capaz de fazê-los parar. É como assistir a um pesadelo horrível se desdobrar diante de seus olhos, um pesadelo que ela não podia impedir. Algum grande mal tinha sido colocado em movimento e não irá terminar até que todos aqueles homens estiverem mortos.

Homens são abatidos em ambos os lados e o barulho parece nunca ter fim até que, finalmente, em meio às nuvens de poeira e luz, um grande silêncio recai sobre o deserto.

O próprio mundo parece parar. Gwen olha para a frente e vê o chão do deserto coberto com os corpos dos homens mortos. Ela quer ver algo se movendo, algum sinal de vida, qualquer coisa. Em vez disso, tudo o que ela vê são cadáveres.

Gwendolyn olha ao seu redor e fica imensamente aliviada ao ver que Kendrick e Steffen ainda estão vivos, assim como Brandt, Atme, Aberthol, Illepra, Argon, Stara, Arliss, Sandara e meia dúzia dos membros da Prata - além, é claro, de Krohn.

Mas isso é tudo. Várias centenas de seu povo, tudo o que resta dos exilados do Anel agora estão mortos. Ela e seus aproximados doze companheiros são tudo o que resta.

Gwen mal consegue respirar. Seu povo, morto. Morto por suas próprias mãos.

O que lhe resta agora? Gwen se pergunta. O que lhe resta para governar?

Gwen cai de joelhos, agarrando seus cabelos, e chora.

Como tudo, ela se pergunta, pode ter dado tão terrivelmente errado?

CAPÍTULO VINTE E SETE

Thor fica sentado na pequena embarcação a vela enquanto eles navegam sob o céu escuro e sobre fortes ondas, olhando para os outros e pensando no quanto as coisas haviam mudado. Além de seu

grupo de rostos familiares, Reece e Selese, Elden e Indra, O'Connor e Matus, agora eles também têm uma nova companhia, que olha para ele com olhos cheios de vida: Angel. É espantoso para Thor vê-

la sentada ali com eles e ter um novo membro em seu grupo, ainda mais uma jovem garota, que fica

sentada radiante, cheia de vida e alegria. A presença dela é um grave contraste com todos os outros, com suas expressões solenes e endurecidas.

Thor fica sentado ao lado dela, sem manter distância dela ou de sua doença, e fica orgulhoso ao

ver que seus companheiros também não a evitam. Todos eles a tratam bem, como se ela tivesse feito parte de seu grupo desde sempre e como se ela não tivesse uma doença contagiosa. Thor está muito

feliz em tê-la ao seu lado. Ele se sente inspirado pela felicidade dela, por sua alegria de viver, apesar de tudo o que ela já havia sofrido. Ela é um exemplo para ele. Ela vive como se tivesse

nenhuma doença, como se nada no mundo estivesse errado com ela, e está transbordando com a

sensação de liberdade, claramente extasiada por estar longe da ilha. Thor está começando a ver o

mundo através de seus olhos e tudo está começando a parecer novo para ele, também.

À medida que eles balançam no vasto mar, carregados pela corrente na direção do horizonte

escuro, Thor não consegue evitar a sensação de despropósito; pela primeira vez, ele não tem ideia de onde eles estão indo. Ele sempre tinha sido guiado por uma sensação de propósito, sabendo

exatamente onde ele encontraria Guwayne. Ele tinha tido certeza de que o encontraria naquela

ilha. Como ele pôde ter sido tão enganado? Seus sentidos estariam começando a falhar com ele?

Mas agora, sem qualquer sinal de Guwayne e sem qualquer pista concreta, Thor não tem ideia de

onde procurar por ele. Enquanto eles avançam, ele tem a sensação de estar à mercê de Deus,

seguindo na direção em que Ele deseja levá-los. Ele começa a ter a sensação de que pode nunca mais encontrar Guwayne novamente.

Thor vê os rostos de seus irmãos, desamparados, em estado de choque, todos eles tendo passado

por tanta coisa e, claramente, parecendo não ter ideia de onde ir. Seu povo está longe, no território hostil do Império, se é que ainda estão vivos. Thor pensa em Gwendolyn e sente um buraco em seu

estômago. Ele quer voltar para ela para ajudá-la, mas ele está do outro lado do mundo e ainda não havia encontrado Guwayne.

Thor olha para cima e vasculha os céus à procura de Lycoples, se perguntando se ela pode ajudá-

los, mas tudo o que ele vê são as nuvens cada vez mais espessas e nenhum sinal do dragão. O único som

que ele ouve é o uivo cada vez mais alto do vento.

"Um peixe!" Angel grita em delírio, levantando-se e olhando para as águas, batendo palmas e apontando.

Thor segue o seu olhar e vê um dos muitos peixes comuns brancos e azuis que eles tinham visto seguindo o barco durante todas as suas viagens, roçando a superfície para, em seguida, desaparecer sob as ondas. Thor se admira que eles ainda possam animá-la daquela forma, mas então ele percebe que, por nunca ter saído daquela ilha, tudo deve parecer novo e excitante para ela.

Angel observa o oceano com prazer.

"Eu sempre quis ir a algum lugar," ela fala. "Para qualquer lugar. Eu não me importo para onde vamos, contanto que eu nunca coloque os meus pés naquela ilha novamente. Cada uma daquelas

peessoas, todas elas, estão apenas esperando para morrer."

"Bem, é possível que nós não tenhamos que esperar muito," Elden diz, olhando para o horizonte,

"pois podemos morrer muito em breve."

Todos eles se viram, seguindo o seu olhar, e o coração de Thor se sobressalta quando ele vê o que está à frente deles. O céu, ensolarado acima deles, está completamente escuro e assustador na distância. Ele vê uma sólida parede de água se aproximando deles, uma tempestade incrivelmente rápida. É uma chuva torrencial, uma tempestade enorme, e Thor sente o vento ficando mais forte a cada segundo à medida que o barco começa a balançar com mais força.

"Precisamos de um barco maior," Reece observa.

Thor sabe que eles precisam se afastar daquela tempestade e sair de seu caminho. Com um senso de urgência, ele se levanta e começa a manejar as velas. Todos os outros se levantam e começam a ajudá-lo, alguns erguendo ou abaixando as velas, outros virando o leme e outros remando. Todos eles se esforçam o máximo que podem até conseguirem virar o barco e pegar o vento na direção oposta, tentando fugir da tempestade. Eles não se importam mais com a direção que estão seguindo, desde que não seja na mesma direção da tempestade.

O vento aumenta, empurrando-os mais rápido do que nunca, e o barco começa a inclinar para o lado ao mesmo tempo em que a espuma branca das ondas avança sobre eles. Porém, por mais rápido que eles estejam indo, quando Thor olha para trás e observa o horizonte, ele vê a tempestade se

aproximando deles. Aquele é um esforço fútil. As nuvens os perseguem como um leopardo atrás de sua presa.

Thor fica ainda mais preocupado ao ver um mar agitado em seu caminho, com ondas grandes o suficiente para esmagar o seu barco um milhão de vezes.

Thor, tendo um mau pressentimento sobre tudo aquilo, olha para a frente à procura de abrigo, talvez alguma outra ilha, e finalmente vê para onde o vento os está levando: o destino diante deles é ainda mais ameaçador do que o que há atrás deles: A Espinha do Dragão está bem no caminho deles e o vento está empurrando o seu barco na direção do seu mar tortuoso.

Preso entre dois locais mortais, Thor não sabe o que é pior. Qualquer um deles pode facilmente partir seu barco em pedaços. Os outros, também, parecem paralisados pela indecisão, todos eles admirados pelo poder da natureza.

O vento fica tão forte e tão alto que Thor mal pode ouvir seus próprios pensamentos; ele sabe que o inevitável está prestes a acontecer. Eles estão no meio de algo maior do que eles e não há nada que eles possam fazer. O barco deles é apenas uma pequena embarcação a vela, usada apenas como apoio para o navio de Gwendolyn. Aquele barco não tinha sido feito para cruzar os mares e certamente não resistirá a uma tempestade como aquela. Na verdade, eles tinham tido sorte de chegar até ali naquele pequeno navio sem terem encontrado uma tempestade como aquela mais cedo. Aquele, Thor percebe, é a primeira tempestade de verdade que eles enfrentam.

Thor observa enquanto a tempestade diminui se aproxima, ficando apenas a cem metros deles. Eles começam a ser castigados por mais vento e mais chuva e as águas do mar começam a subir e a descer à medida que ondas de oito metros - e depois dez - começam a arrebentar em torno deles. Thor sente um buraco no estômago.

O vento se enfurece ainda mais, arrancando a vela do barco, e Thor assiste quando ela é arrancada e desaparece no ar. Ele percebe que eles precisam se preparar para o impacto.

"Abaixem-se!" Thor grita. "Deitem-se no convés! Segurem em alguma coisa e não soltem!"

Todos eles seguem o seu comando, pulando para o convés. Apenas Angel continua parada, olhando com fascinação para o céu, mais destemida que todos eles. Enquanto as ondas arrebentam em torno dela, Thor a vê começando a escorregar e sabe que ela está prestes a cair por cima da borda.

Thor pula, caindo em cima dela ao mesmo tempo em que uma onda arrebenta sobre a borda do barco. Ele a prende no convés, sem soltá-la enquanto a onda os empurra de um lado ao outro do barco.

"Segure-se em mim!" ele grita sobre o barulho do vento.

Thor segura Angel com todas as suas forças, passando um braço ao redor de seu braço leproso e sem se importar. Com a outra mão, ele agarra um poste de madeira fixado ao convés.

Depois que a última onda os atinge, a expressão de Angel muda para uma de medo.

"Estou com medo" ela diz, tremendo, quando outra onda desaba sobre eles.

"Não tenha medo" ele fala. "Vai ficar tudo bem. Eu estou com você. Nada vai acontecer com você que não aconteça comigo primeiro. Eu lhe juro, por todos os deuses eu lhe juro," ele diz, com mais intenção do que qualquer outra coisa que ele já havia dito em toda a sua vida.

Ela agarra a sua cintura, enfiando as unhas em sua pele, e ao fazer isso ela grita quando uma enorme onda desaba sobre eles. Thor tem a sensação de que suas costelas estão sendo esmagadas ao sentir o peso da onda.

Thor de repente sente que ambos estão embaixo d'água, caindo, mais e mais, profundamente embaixo das ondas. Ele vê os rostos de todos os seus irmãos de armas enquanto ele gira de cabeça para baixo, várias vezes, tendo a sensação de que está em queda livre e incapaz de voltar para a superfície.

Thor não consegue pensar em nada no meio daquele caos à medida que a água enche seus olhos, ouvidos e nariz e ele é castigado pela pressão intensa - absolutamente nada - exceto uma coisa: *Segurar Angel. Não importa o aconteça, segurar Angel.*

CAPÍTULO VINTE E OITO

Alistair fica na proa do navio com Erec ao seu lado e olha para cima com todos os outros para o grande monstro que se aproxima deles com as mandíbulas abertas, revelando centenas de fileiras de dentes irregulares e se preparando para engoli-los. Alistair sabe que aquele monstro destruirá o seu navio e que um golpe daquelas garras é capaz de partir o seu navio ao meio, enviando todos eles para o fundo do oceano em fúria - se os seus dentes não os pegarem primeiro. Eles haviam navegado direto para as garras da morte e não há como voltar atrás.

Alistair sabe que, se eles quiserem sobreviver, algo tem que ser feito rapidamente. Ela olha para todos os homens, todos paralisados de medo, e sabe que eles não pretendem fazer nada exceto

encontrar suas próprias mortes. Alistair não os culpa - nada pode ser feito. Eles estão encarando os seus próprios destinos, um monstro que nenhuma arma é capaz de vencer.

Alistair não quer morrer daquela maneira e, acima de tudo, ela não quer que Erec, que ela ama

mais do que a si mesma, morra daquela maneira. O pensamento de perdê-lo, de não estar ao seu lado, de vê-lo morrer ali, naquele navio, tendo aquele mar como o seu túmulo e com o seu filho ainda na barriga dela é mais do que ela pode suportar.

Alistair fecha os olhos, determinada a mudar o seu destino, determinada a não aceitar aquilo, e

naquele momento, ela se sente congelando o tempo. Ela sente todo o seu corpo se aquecer,

formigando com o calor, e uma energia familiar começa a brotar dentro dela, como sempre havia

acontecido em momentos de crise, um poder que ela não entende e que ela nem sempre pode

controlar. Ela sente o seu poder tomar conta dela, atravessando o seu corpo e dando-lhe a sensação de que ela e seu corpo já não são uma só entidade.

Por favor, Deus, ela reza, sentindo que Ele a escuta. Conceda-me o poder que você tem me dado. Permita-me impedir que esta criatura nos destrua. Permita-me salvar todas essas pessoas. Permita-me salvar Erec. Permita-me salvar o nosso filho.

Alistair sente o calor passando por suas palmas, um calor tão forte que ela mal consegue

controlá-lo, e, de repente, o tempo volta correndo para a velocidade normal ao mesmo tempo em que ela abre os olhos e se vê de volta ao momento presente.

Ela olha para o monstro destemidamente e ergue os braços acima de sua cabeça. Ela aponta as

palmas das mãos para a besta e permite que a energia flua através delas.

Alistair observa espantada quando duas esferas de luz saem voando de suas mãos na direção da

criatura. Tudo acontece muito rápido, em um piscar de olhos, e ela se prepara quando as garras da criatura vêm na direção dela ao mesmo tempo em que luz a acerta com a força de uma explosão

repentina.

As esferas iluminam os céus escurecidos - como relâmpagos em uma tempestade de raios - e

Alistair observa quando a mão da criatura de repente vira de lado. Em vez de destruir o seu navio o monstro desvia e bate na água ao lado dele, errando-os por pouco. Aquele é um golpe que certamente os teria matado.

A criatura bate na água com tal força e poder que uma súbita onda é formada, como uma montanha na água, desencadeando uma onda de maré. A água deslocada se ergue cada vez mais alto, formando uma enorme onda que levanta o seu barco.

Alistair de repente sente seu barco levantando quase quinze metros no ar e, então, despencando no lado mais distante da onda.

Um barulho horrível atravessa o ar e Alistair vê um dos navios de sua frota cair no lado errado da onda, sobre as pedras irregulares da Espinha do Dragão. Ele se parte em pedaços e seus homens gritam enquanto despencam pelo ar na direção do mar revolto. O rosto de Alistair se contorce de dor ao ver centenas de homens encontrando suas mortes.

O monstro, agora em um acesso de raiva, se vira e se concentra em Alistair. Ela pode ver a fúria em seus olhos sem alma, e perceber como ele está determinado a matá-los. Ele levanta as suas garras com ódio e as leva para baixo na direção do navio novamente.

"Alistair, eu estou lhe pedindo para descer!" Erec grita, vendo o monstro se aproximar dela e querendo protegê-la, mas Alistair o ignora. Ela não precisa de sua proteção, ela não precisa da proteção de ninguém. Ela tem o poder de Deus em seu interior - e o poder de Deus, ela sabe, tem domínio sobre todas as criaturas do mundo.

Alistair ergue novamente os braços na direção do monstro e os aponta para ele quando o monstro se aproxima dela.

Ela lança mais esferas de luz e, desta vez, consegue desviar as garras da criatura para o outro lado do navio, errando-os mais uma vez por pouco e causando outra onda enorme.

O barulho de madeira partindo e gritos dos homens preenchem o ar mais uma vez e Alistair se vira para ver outro navio arremessado pelas ondas contras as rochas da Espinha do Dragão e todos os seus homens esmagados até a morte.

A criatura se vira enfurecida e, desta vez, se concentra em outro navio da frota de Erec antes que Alistair perceba o que ele está fazendo. Em um instante, ele o parte em pedaços, abaixando a sua garra bem no meio do convés do navio. Ele derruba o mastro e as velas, partindo o convés ao meio e quebrando tudo em um milhão de pedaços. Os homens gritam - esmagados sob o peso do navio - encontrando mortes terríveis nos mares varridos pela tempestade na região da Espinha do Dragão.

Alistair olha para o monstro, que volta suas atenções para ela mais uma vez; ela o tinha subestimado. Ele é mais poderoso do que ela havia pensado e, embora ela tenha sido capaz de evitá-la, ela ainda não tinha sido capaz de derrotá-lo completamente. Ela sente que as mortes daqueles homens pairam sobre a sua cabeça. Ela nunca tinha encontrado um poder tão forte como aquele.

Os ventos da tempestade uivam e se intensificam ao mesmo tempo em que ondas enormes continuam arrebatando no mar em torno deles. A criatura, enfurecida, se concentra em Alistair e, desta vez, ela pode ver a determinação em seus olhos. Aquele monstro também claramente nunca tinha encontrado um poder como o de Alistair.

O monstro parte para cima dela com todo o peso de seu corpo e com os braços estendidos para a frente, como se com o objetivo de pousar em seu navio com todo o peso de sua barriga. A luz que ainda resta no céu é escondida pela sombra da besta, que vem com todo o seu peso na direção deles. Todos os homens em seu navio gritam e se encolhem, colocando as mãos sobre suas cabeças e recuando, prontos para encontrar suas mortes. Todos com exceção de Erec, que fica parado ao lado dela com orgulho.

Alistair, porém, não se acovarda e não recua. Ela se mantém firme e levanta as mãos acima de sua cabeça outra vez. Quando a criatura começa a descer, agora apenas a alguns metros de distância, ela invoca todo o poder dentro dela, cada última gota de poder interior que ela possui. Uma imagem de sua mãe surge em sua mente, uma imagem de seu poder. Ela vê uma luz surgir em torno dela - uma luz invencível e inexpugnável.

Alistair sabe que ela é mais do que uma mulher comum. Ela é especial. Ela carrega um poder dentro dela que significa um destino especial, um poder que existe apenas uma vez a cada geração. Ela descende de reis e rainhas e, acima de tudo, é infundida com o poder ilimitado de Deus. Ela pode ser mais forte do que aquela criatura, ela sabe disso. Ela só precisa deixar que seu poder - todo o seu poder - tome conta dela.

Quando Alistair levanta ambos os braços, ela sente uma fonte de enorme calor e vê uma luz amarela emanar de suas mãos, uma luz mais brilhante do que qualquer luz que ela já tinha visto. A luz acerta o ventre da besta logo acima dela, congelando-a no meio do ar.

Alistair ergue as palmas das mãos cada vez mais, lutando com todas as suas forças ao mesmo

tempo em que seus braços e cotovelos tremem pelo esforço de içá-la.

De repente, Alistair sente seu poder atravessar o seu corpo e observa com admiração quando a criatura sai voando pelo ar, arremessada por dezenas de metros, girando e gritando. Ela se concentra para empurrá-la para o céu e, ao fazer isso, a criatura sai voando cada vez mais longe e Alistair sente total domínio sobre ela. Ela se sente poderosa.

Alistair movimenta os seus braços e a besta sai voando para o lado. Alistair vê as rochas irregulares e salientes da Espinha do Dragão, dirige a criatura lá e, então, de repente, afasta seus braços com todas as suas forças.

O monstro começa a cair direto para baixo, debatendo seus braços e suas pernas, na direção das rochas irregulares da Espinha do Dragão. Alistair continua puxando o monstro para baixo até que ele finalmente cai contra as rochas afiadas, empalado da cabeça aos pés na Espinha do Dragão.

O monstro fica lá, grotesco, imóvel, enquanto rios de sangue escorrem pelo mar.

Morto.

Alistair sente Erec e os outros olhando para ela com admiração. Ela fica ali, tremendo, drenada após seu confronto, e Erec surge ao lado dela e passa o braço ao redor de seus ombros.

Eles agora estão perto do fim da Espinha do Dragão, os céus azuis estão apenas alguns metros à frente deles e quando uma onda mais alta levanta o seu navio, desta vez, em vez de jogá-lo para trás, ela os impulsiona para a frente, para um mar calmo de céus ensolarados.

Tudo fica calmo quando o vento para de assoprar, as ondas se acalmam e os navios se endireitam.

Alistair olha para cima em descrença. Eles haviam conseguido.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Luptius se senta à cabeceira da mesa do Grande Conselho, no centro da Câmara da Capital do Império, um imenso edifício circular de mármore, construído de granito preto brilhante e emoldurado por uma centena de colunas, e olha com desgosto para os vereadores, todos eles homens jovens e estúpidos. Aquele não é o Grande Conselho que ele conhece; o Conselho que havia consolidado o Império como fonte de poder e crueldade e que nunca teria permitido que conflitos irrompessem dentro do Império como havia acontecido durante as últimas luas. Ele está com um humor amargo e

pronto para descontá-lo em alguém.

Ele se senta dentro daquele edifício, destinado a inspirar medo, e olha em volta da mesa para os representantes dos seis chifres do Império, homens formidáveis de quase todas as raças do Império. Há governadores de todas as regiões e comandantes de exércitos, todos eles representando coletivamente as dezenas de milhões de cidadãos do Império e inúmeras províncias. Luptius estuda os rostos de cada um deles, ponderando todas as suas palavras e as suas opiniões, que tinham sido compartilhadas por horas naquela reunião interminável. Eles haviam trazido relatórios de todos os cantos do Império. O efeito cascata da morte de Andronicus, e então da morte de Romulus, ainda está se espalhando pelas províncias; há infinitos casos de abuso de poder e conflitos internos. Isto é o que significa ter um Império, ele sabe, sem um Líder Supremo no poder.

Há relatos de que o exército de um milhão de homens de Romulus, ainda ocupando o Anel e agora sem líder e sem propósito, está causando estragos; relatos do assassinato de Romulus pelas mãos de Volússia; relatos do novo exército de Volússia e de sua tentativa de golpe. Tudo resulta em brigas, nenhum daqueles homens concorda em um curso de ação e todos eles competem pelo poder. Todos eles, Luptius sabe, querem suceder Romulus. Aquela reunião é tanto uma audição pelo poder como um relatório do estado do Império.

As discussões continuam sobre se eleições devem ser organizadas, se os comandantes militares devem governar, sobre quais províncias devem ter mais poder e até mesmo sobre se a capital deve ser mudada.

Luptius ouve pacientemente tudo o que eles dizem; há um sentimento muito mais democrático no ar e ele tinha promovido aquilo. Afinal, Andronicus e Romulus tinham sido tiranos e aquele Grande Conselho havia sido forçado a se curvar e a conceder todos os seus desejos. Agora, com ambos mortos, Luptius saboreia a liberdade e aprecia não ter um líder arrogante. A sensação em torno dele é mais como um caos controlado.

No entanto, todos eles, ao menos, permitem que Luptius presida o Conselho. Como o mais velho do grupo, com quase oitenta anos de idade e com a cabeça careca indicativa de sua idade, ele não tem aspirações de ser comandante. Ele prefere manipular tudo a partir dos bastidores, como tinha feito durante toda a sua vida. Há um velho ditado no Império que Luptius sempre havia seguido: Os Comandantes Supremos vêm e vão, mas as cadeiras do Conselho governam para sempre.

Luptius espera até que as discussões se acalmem, deixando aqueles jovens homens estúpidos

discutirem até perderem o fôlego, concentrando todas as suas energias sobre o que fazer a respeito de Volúsia. Ele espera até que todos eles, finalmente, sem resolução, se voltem para ele.

Quando ele se sente pronto, ele limpa a garganta e olha dentro dos olhos de todos os homens

sentados diante dele. Não há maior agressão, ele sabe, do que o silêncio; seu comportamento calmo é mais desconcertante para todos eles do que os comandos do mais feroz general. Quando ele

finalmente começa a falar, é com uma voz cheia de autoridade.

"Esta jovem que pensa que é uma deusa," ele diz. "Volúsia. Matar alguns homens não faz dela uma ameaça para o Império. Vocês se esquecem de que temos milhões de homens à nossa disposição."

"Mas nós não temos ninguém para liderá-los," responde um dos vereadores ameaçadoramente. "É mais perigoso, eu acho, ter milhares de homens atrás de um líder forte do que milhões de homens sem nenhum."

Luptius balança a cabeça.

"Os soldados do Império irão seguir e executar o comando do Conselho Supremo como sempre fizeram," ele responde, dando de ombros. "Vamos encontrá-la fora do campo de batalhas e impedi-la antes que ela chegue mais perto da Capital."

Os homens olham para ele com preocupação em seus olhos.

"Você acha que essa é uma decisão sábia?" pergunta um vereador. "Por que não forçá-la a marchar até a Capital? Aqui nós temos as fortificações da cidade e um milhão de homens fortes para nos proteger. Lá fora, nós a encontraremos em seus próprios termos."

"Isso é precisamente o que devemos fazer, porque é isso que ela estará esperando. Ela também não estará esperando a nossa oferta de paz."

A sala fica em silêncio quando todos os homens olham para ele em choque.

"Paz!?" um deles pergunta, indignado. "Ofereceremos a ela, uma usurpadora, a paz!?"

"Você acabou de dizer que não temos motivos para temê-la," diz outro vereador. "Então, por que vamos oferecer-lhe a paz?"

Luptius sorri, irritado e impaciente com a estupidez de todos aqueles homens.

"Eu disse que vamos *oferecer-lhe* a paz," ele explica. "Eu não disse que vamos cumprir a nossa promessa."

Todos olham para ele, absolutamente perplexos. Luptius respira fundo, sentindo-se ligeiramente

irritado. Ele está sempre um passo à frente daquele conselho e é exatamente por isso que nenhum deles está apto para ser o Comandante Supremo.

"Nós encontraremos Volússia e enviaremos um comboio para oferecer-lhe uma trégua. Eu mesmo liderarei o grupo. Quando ela chegar para discutir os termos, ela será cercada e morta."

"E como você vai conseguir isso?" pergunta um deles.

"O comandante de seu exército foi comprado. Ele irá traí-la. Eu lhe paguei muito bem para isso."

Um silêncio pesado toma conta de todos na sala e Luptius pode ver que eles estão

impressionados. Todos olham para ele agora, prestando atenção em cada palavra que ele diz.

"Antes de o dia terminar amanhã," Luptius conclui, sorrindo com o pensamento, "a cabeça desta jovem estará em uma estaca."

CAPÍTULO TRINTA

Godfrey está sentado em uma luxuosa poltrona forrada com tecido de seda, sendo abanado e

alimentado por um grupo de criados enquanto pensa sobre como as coisas haviam mudado para ele.

Há apenas algumas horas ele havia estado em uma cela fedorenta, deitado em um chão de lama e

cercado por pessoas que teriam ficado felizes em matá-lo. Ele não havia tido qualquer opção diante dele, nenhuma saída exceto a morte e a tortura, a morte se ele tivesse sorte e a tortura caso contrário.

Godfrey tinha tido a impressão de que jamais voltaria a se reerguer.

Mas aqui está ele, em uma vila à beira mar feita de mármore e de ouro, em uma sacada na beira

da água com vista para uma das paisagens mais espetaculares que ele já tinha visto. Diante dele há um porto impressionante repleto de navios resplandescentes enquanto embaixo de sua sacada as

ondas do mar arrebatam suavemente. Godfrey e seus companheiros são alimentados com uma

guloseima após a outra; ele, Fulton Akorth, Merek e Ario aproveitam para empanturrar-se.

Ele dá um arroteo ao terminar seu primeiro saco de vinho, terminando sua refeição de veado,

caviar e frutas exóticas. Ao seu lado, Akorth passa mais manteiga em um pão inteiro e come tudo

sozinho. Godfrey tinha esquecido sua fome; eles não haviam feito uma boa refeição há dias e aquela é a melhor comida que ele já tinha comido em toda a sua vida.

Godfrey coloca as costas na poltrona de seda e apoia as mãos em seus braços detalhadamente

esculpidos ao lançar um olhar curioso para os seus captores. Há seis Finianos observando-os, sentados em poltronas igualmente luxuosas diante dele, sorrindo para eles a partir do outro lado da sacada. Nenhum deles come ou bebe qualquer coisa. Eles não precisam daquilo: Godfrey sabe que eles têm aquela fartura de comida todos os dias e, para eles, aquilo faz parte da rotina. Em vez disso, eles ficam calmamente sentados com um sorriso nos lábios e observam Godfrey e seus amigos, parecendo se divertir.

Godfrey se pergunta o que eles devem estar pensando. Ele e seus amigos devem estar parecendo indigentes, ele pensa. Godfrey não é exatamente um exemplo de cavaleiro e Akorth e Fulton estão em uma situação pior que a dele: ambos são obesos, estão comendo o suficiente para alimentar um cavalo e bebendo como loucos. Merek, com seu rosto esburacado e seus olhos inquietos, parece um criminoso, olhando ao seu redor constantemente e agindo como se estivesse prestes a roubar a prata de cima da mesa. Ario parece com um garoto que havia saído da casa de seu avô e se perdido em algum lugar.

"Devo dizer que vocês são o grupo de heróis mais improváveis que eu já conheci," diz o líder dos Finianos, sorrindo. O homem, que havia se apresentado como Fitus, está sentado no meio dos outros, que obviamente o respeitam. Godfrey se pergunta o que pensar daqueles Finianos; ele nunca tinha conhecido ninguém exatamente como eles antes. Eles ficam sentados perfeitamente à vontade, com grandes olhos castanhos, cabelos vermelhos e uma pele pálida demais e coberta por sardas. O cabelo deles é também sua característica mais perturbadora. A cor é intensa demais e o volume em cima de suas cabeças faz com que Godfrey tenha dificuldade para se concentrar em qualquer outra coisa. Eles vestem mantos vermelhos e apenas seus longos dedos pálidos e magros aparecem na ponta, como se os mantos fossem compridos demais para eles.

Acima de tudo, Godfrey pode ver pelo rosto daqueles homens que eles são muito ricos. Mimados. Ele nunca havia conhecido ninguém, nem mesmo reis, que tivesse mais dinheiro do que eles. Há algo sobre a postura deles, uma sensação de merecimento, que deixa Godfrey sem qualquer dúvida de que aqueles homens são *podres* de ricos e - ainda mais importante - de que eles sempre conseguem o que querem.

De alguma forma, encarar aqueles homens é mais aterrorizante do que um confronto contra cavaleiros ou reis. Godfrey pode detectar certa indiferença no comportamento deles, certa apatia, como se eles fossem

capazes de matar um homem com um sorriso nos lábios sem nem ao menos

começar a transpirar de ansiedade. Homens como eles falam devagar e com calma, ele sabe, e geralmente não brincam em serviço.

"E também os mais famintos," diz Akorth. "Essa carne está deliciosa. Por acaso tem mais?"

O líder assente e de repente um atendente aparece, trazendo mais uma bandeja.

"Nós não somos heróis," fala Fulton. "Não somos nem guerreiros."

"Somos apenas pessoas comuns," interrompe Akorth. "Desculpe desapontá-lo."

"Exceto, é claro, pelo nosso amigo Godfrey, aqui," diz Fulton. "Ele faz parte da realeza."

O líder dos Finianos se vira e examina Godfrey com os olhos abertos de espanto. Godfrey enrubescce; ele detesta ser chamado daquela forma.

"Ah, você faz parte da realeza, é mesmo?"

Godfrey dá de ombros.

"Na verdade, meu pai preferiria não me ver desta forma, embora eu seja mesmo seu filho, o filho com menos aspirações, o filho que nunca foi destinado ao trono. Suponho que nada disso importa agora. Meu reino fica muito longe daqui, do outro lado do mar, e está em ruínas."

Fitus o estuda por um longo tempo e abre um sorriso.

"Gosto de você, Godfrey, filho de MacGil. Você é um homem honesto - um homem modesto. Isso é algo raro em Volúsia. Você também é um homem audacioso, imprudente e, devo dizer - um tanto tolo. Você realmente acreditou que chegaria até Volúsia e alcançaria seus objetivos? Isso parece um pouco ingênuo vindo de um homem na sua posição."

Godfrey dá de ombros.

"Você ficaria surpreso ao perceber o que o desespero faz com a capacidade de julgamento de um homem," ele responde. "É melhor tentar do que encarar uma morte certa, você não acha?"

Fitus assente lentamente.

"É admirável que você tenha escolhido lutar ao lado dos escravos," ele fala, "defendendo uma causa que não é a sua."

"Gostaria de poder me declarar tão altruísta," Godfrey responde, "mas sejamos honestos, essa é uma causa compartilhada, senhor. Nós também temos interesse em nos livrar do jugo do Império e se eles

tivessem atacado aquela aldeia, certamente seríamos os próximos. Escolhi tomar uma medida preventiva ao invés de esperar por um confronto que eu certamente não teria vencido."

"Não que ele fosse participar da luta," interrompe Akorth com um arrote.

"Ou que ele fosse ganhar de qualquer forma," completa Fulton.

Fitus sorri, alternando o olhar entre eles e Godfrey.

"Independente disso," diz Fitus, "vocês tiveram coragem e sua causa é nobre, por mais egoísta que ela possa ter sido e por mais desastrosa que tenha sido a sua execução. Você acredita mesmo que comprar as pessoas certas possa salvar o seu povo da destruição?"

Godfrey dá de ombros.

"Isso sempre funcionou para mim no passado. Acredito que todos têm um preço."

Fitus sorri.

"Obviamente você ainda não havia conhecido os Finianos," ele declara. "Somos a raça mais rica do Império. Você acha que alguns sacos de ouro são capazes de nos impressionar? Essa sacada onde você está sentado vale mais do que mil vezes os seus sacos de ouro."

Godfrey olha ao seu redor, vê grandes quantidades de ouro maciço refletindo a luz de maneira ofuscante e percebe que o Finiano tem razão. Ele está certo.

"Suponho que eu não tenha considerado a extensão da riqueza dos Finianos," afirma Godfrey.

"Entretanto, a riqueza dos Finianos é lendária," ele diz. "Seu problema é atacar um povo, uma região, que você desconhece. Você não sabe nada sobre o nosso povo, nossa cultura ou a nossa

história. Por exemplo, você provavelmente acredita que todos os Volusianos livres são da raça do

Império e que todas as outras raças estão escravizadas. No entanto, aqui estamos nós, os Finianos, uma raça humana, livres, independentes e ainda mais poderosos do que a Rainha. Você

provavelmente não sabe que a líder de Volússia é uma humana. Nós somos um povo repleto de paradoxos."

"Não, eu não sabia," Godfrey responde com surpresa.

"Esse é o problema que surge com a ignorância. É preciso conhecer muito bem os seus inimigos antes de se arriscar a atacá-los."

Enquanto Fitus estica o braço e bebe um pouco de chá em uma xícara dourada que um atendente

lhe entrega, Godfrey o observa. Ele é mais inteligente do que Godfrey havia pensado.

"Bem, peço desculpas por não ter estudado história antes de me atrever a entrar em sua cidade,"

responde Godfrey. "Eu não estava com muita cabeça para os estudos, estava com cabeça apenas para salvar a minha vida, talvez até para conseguir um pouco de vinho ou arrumar uma mulher."

O líder dos Finianos abre um largo sorriso.

"Você é um homem interessante, Godfrey, filho de MacGil," ele declara lentamente, resumindo a conversa. "Você gosta de parecer engraçado, impertinente, impetuoso e até ridículo, mas posso ver ao observá-lo que você não é nada disso. Você é um homem sério por baixo de toda essa fachada, talvez até tão sério e estudioso quanto o seu pai."

Godfrey olha para ele com surpresa, erguendo as sobrancelhas.

"E como é que você conhece o meu pai?"

Fitus sorri e balança a cabeça.

"O Rei MacGil, o sexto dos reis MacGil. Ele começou o seu reinado há vinte e três anos, dando para a sua segunda filha e herdeira ao trono o nome de Gwendolyn, preterindo Luanda, Kendrick,

Reece e você. Essa foi uma decisão que surpreendeu a todos."

Godfrey o encara, espantado com o conhecimento daquele homem.

"Como você sabe tantas coisas sobre a minha família?"

Fitus abre um grande sorriso.

"Diferentemente de você, eu estudo os meus inimigos a fundo," ele responde. "Não apenas os meus inimigos locais, mas também os distantes. Seu tudo sobre a sua família, provavelmente mais do que você. Eu sei o que aconteceu há quatro gerações, quando o seu tataravô abdicou ao trono, mas

não vou entendia-lo com esses detalhes. Veja bem, nós, os Finianos, somos detalhistas. O

conhecimento é o nosso negócio, a sabedoria é a nossa arma. Como você acha que sobrevivemos

aqui, no meio de um governo hostil, de uma raça hostil, há nove gerações? Rainhas de Volússia vêm e vão, mas os Finianos sempre ficam. Enquanto permanecermos nas sombras, sempre seremos mais

poderosos do que as Rainhas."

Godfrey olha para eles com um novo senso de respeito, vendo a sabedoria daquele povo e como

eles também são sobreviventes - assim como ele. Eles também têm um pouco de cinismo, certa

crueldade que ele não consegue compreender.

"Então por que se preocupar comigo?" Godfrey finalmente pergunta. "Meu ouro não pode comprá-los e

vocês já sabem mais sobre mim do que sou capaz de lhes dizer. Por que vocês não nos deixaram à mercê do Império?"

Fitus cai na risada, um som estridente e perigoso.

"Como eu já disse, eu gosto de você, Godfrey, filho de MacGil. Aprecio a sua causa e, acima de tudo, preciso dela. Nós precisamos da sua causa e é por isso que você está aqui."

Godfrey o encara confuso.

"Estivemos observando vocês desde o momento em que vocês entraram em nossa cidade," ele diz. "É claro, ninguém entra por aqueles portões sem que tenhamos conhecimento. Nós permitimos que vocês entrassem. Queríamos saber aonde vocês iriam e o que fariam. Nós vimos vocês

escondendo o ouro. Não o pegamos por que queríamos ver o que vocês fariam com ele. Na verdade, foi muito divertido vê-los escapando. Quando vimos o bastante, trouxemos vocês até aqui. Não poderíamos permitir que vocês fossem mortos, pois precisamos de vocês tanto quanto vocês precisam de nós."

Godfrey o encara com uma expressão de surpresa no rosto.

"Como é possível que vocês precisem de *nós*?" Godfrey pergunta.

Fitus suspira e se vira e olha para o seu povo, que assente sem dizer qualquer palavra.

"Digamos que temos um objetivo em comum," ele continua. "Vocês querem derrotar o Império.

Querem libertar os escravos. Vocês desejam conquistar sua própria liberdade. Provavelmente também querem voltar para o Anel. Nós compreendemos isso. Também queremos a morte de toda a raça do Império."

Godfrey fica boquiaberto e arregala os olhos de espanto, perguntando-se se o que acaba de ouvir é verdade.

"Mas vocês vivem em paz com eles," ele fala. "Você mesmo disse que vocês têm o controle.

Vocês detém o poder."

Fitus suspira.

"No momento, é verdade. Mas as coisas estão mudando. Não gosto do que vejo para o nosso futuro. O Império está cada vez mais entusiasmado; sua raça está prosperando. Há uma nova geração no

Império, uma geração que não nos respeita da mesma forma que seus pais; eles acreditam que os Finianos são uma relíquia do passado e acham que somos dispensáveis. Cada vez mais afrontas são cometidas contra o nosso povo. Não queremos acordar daqui cinco anos e descobrir que nossa raça foi proscrita e aprisionada por essa nova e atrevida geração do Império. Gostamos muito da nossa posição de riqueza e poder e não queremos vê-la abalada."

"E o que me diz de Volússia?" Godfrey pergunta. "Ela não vai usar seu exército para esmagar a revolução?"

Fitus suspira.

"Nossos espiões nos informam que Volússia, nesse momento, lidera seus homens na direção da capital do Império. Ela os leva para um massacre. Volússia está delirando, como sua mãe, e não pode vencer esse confronto. O Império acabará com as suas tropas e virá até aqui em busca de vingança. Essa é mais uma razão pela qual queremos o mesmo que você: se o exército do Império chegar até Volússia e encontrar uma cidade livre e todas as forças de Volússia arrasadas, eles podem reconsiderar seus planos de vingança. Essa é a única esperança de sobrevivência para o nosso povo e para a nossa grandiosa cidade."

Fitus sorri.

"Você vê, Godfrey, filho de MacGil," ele conclui, "somos preservacionistas egoístas, assim como você. Também não somos heróis. A única coisa que inspira lealdade aos Finianos é a nossa própria sobrevivência."

Godfrey considera tudo aquilo que acaba de ouvir.

"Então exatamente o que vocês precisam que eu faça?" Godfrey pergunta.

"Quero que você faça exatamente o que você se propôs a fazer: derrote o Império. Ajude seus escravos, e vocês mesmos, a conquistar a liberdade. Com o Império derrotado e os escravos no poder, Volússia será a primeira e única cidade livre no Império. Nós preferimos dividir o poder com os escravos do que com o Império. Vocês serão nossos intermediários e contarão aos escravos o papel primordial que tivemos em garantir a liberdade deles, garantindo que todos possam viver em paz e harmonia, com os Finianos assumindo a principal posição de poder, é claro. Você é um parceiro que nós respeitamos - um parceiro em quem podemos confiar."

Godfrey se enche de otimismo ao ouvir aquelas palavras, sentindo, pela primeira vez desde que havia chegado naquela cidade, que há esperanças para o seu povo.

Fitus assente e um de seus homens lhe entrega um pergaminho e uma pena.

"Escreva uma carta para o líder dos escravos, Darius," ele pede. "Uma carta escrita com a sua própria caligrafia que, diferente da nossa, ele conhece e na qual ele confia. Você vai lhe contar sobre o nosso plano e pedir-lhe que siga suas instruções. Nós enviaremos essa carta assim que você tiver terminado. Ela será entregue ainda esta noite, no acampamento de Darius."

"E que instruções são essas?" pergunta Godfrey com preocupação.

"Esta noite, mataremos todos os soldados do Império nos portões traseiros da cidade," ele fala.

"Ao nosso sinal, os portões da cidade serão abertos para a entrada de Darius e de seus homens. Você dirá a ele para estar lá esta noite, esperando pelo nosso sinal. A cidade será dele e você, Godfrey, filho de MacGil, será o herói que fará isso acontecer."

Godfrey fica entusiasmado com a ideia de, pela primeira vez, agir como um herói de verdade.

Fitus e seus homens ficam em pé e ele estende a mão com um sorriso nos lábios.

Godfrey também se levanta e pega na mão dele, tendo a sensação de tocar um defunto ao encostar sua mão nos dedos pálidos do Finiano.

"Parabéns, Godfrey, filho de MacGil," ele fala. "Esta noite, a cidade será sua e seu povo será libertado."

CAPÍTULO TRINTA E UM

Erec se ajoelha ao lado Alistair, segurando sua mão enquanto ela permanece deitada em uma pilha de peles, sendo atendida por vários curandeiros. Ele passa a mão suavemente ao longo de seu rosto, úmido de suor frio, e empurra seus cabelos para trás, atormentado pela preocupação. Ele aperta a mão dela, repleto de gratidão; mais uma vez, ele lhe deve a sua vida. Ele já havia testemunhado os poderes dela, mas ele não tinha ideia da extensão de sua força. Eles haviam enfrentado uma morte certa e cruel nas mãos daquele monstro e haviam sobrevivido apenas por causa dela.

Ela abre os olhos e sorri para ele com fraqueza, olhos cheios de amor e exaustão.

"Meu amor," ele diz. "Você está bem?"

"Eu estou bem," ela responde com a voz fraca.

"Você não me parece bem."

Ela balança a cabeça suavemente.

"Eu estou apenas me recuperando por ter utilizado os meus poderes," ela explica. "Minha força voltará para mim. Eu só preciso de tempo. Tempo e descanso."

Ele balança a cabeça, aliviado.

"Essa foi a maior demonstração de poder que eu já vi," ele fala. "Todos nós estamos vivos, graças a você. Você merece descansar por um ano."

Alistair sorri.

"Eu faria isso novamente mil vezes, meu senhor," ela diz.

"Da mesma forma que eu andaria sobre o fogo por você," afirma ele. "Isto está começando a ser um hábito, você salvar a minha vida. Não era para ser o contrário? Você vai ter que me dar alguma oportunidade, minha senhora. Afinal de contas, um homem precisa se sentir útil."

Ela abre um enorme sorriso.

"Temos uma longa vida juntos, se você quiser," ela diz. "Haverá muitas oportunidades."

"Se eu quiser?" ele diz. "Não há nada que eu queira mais. Isso não é sequer uma opção. Você e eu ficaremos juntos até o fim de nossos dias. Nada vai nos separar, eu lhe juro."

Erec se inclina para beijá-la e ela o beija de volta. Alistair ainda está muito bonita, mesmo em seu estado de exaustão.

"Eu vou te amar pelo resto da minha vida," ele diz.

"Eu também, meu senhor," ela responde.

Ele pode vê-la fechando os olhos novamente e decide que é melhor deixá-la descansar.

"Durma, meu amor," ele fala, beijando-a uma última vez e, em seguida, levantando-se.

Erec se levanta e quando Strom surge ao lado dele, eles inspecionam todos os homens em seu

navio com satisfação. O som de martelos, bigornas, de gritos, de madeira rangendo e de velas sendo içadas toma conta do ar em torno deles. Todos os homens estão trabalhando, reparando o mastro, os remos, as grades do navio e consertando os danos sofridos durante a travessia da Espinha do

Dragão. Os sóis brilham no céu acima deles, as águas não poderiam estar mais calmas e Erec navega, finalmente, com uma grande sensação de paz. Eles tinham sobrevivido ao pior de tudo: nada naquele oceano pode ser pior do que o que eles já haviam enfrentado.

Erec caminha até a proa com Strom ao seu lado e olha para o horizonte, apoiando os braços na

grade. Ele olha para trás e vê, desaparecendo no horizonte, a Espinha do Dragão, parecendo pequena e inofensiva dali. Ele vê os restos de seus navios batendo contra as rochas e, é claro, vê também os restos do corpo do monstro, ainda empalado. Ele balança a cabeça com tristeza ao pensar em todos os homens que eles haviam perdido ali.

No entanto, Erec também olha para os navios que ainda restam em sua frota, os navios remanescentes da frota da Krov, e se anima com o fato de que muitos de seus homens haviam sobrevivido. Os navios estão todos, é claro, em péssimas condições, mas ainda assim, eles haviam sobrevivido. Agora não há mais nada entre eles e os limites do Império.

"Você acha que teremos mais encontros como esse?" pergunta Strom.

Strom fica parado diante dele e Erec percebe que seu irmão mais novo está abalado por aquele confronto; a inabalável confiança de seu irmão tinha sido verdadeiramente afetada pela primeira vez em toda a sua vida. Erec, um veterano de muitas batalhas, entende aquela sensação.

"Nunca se sabe, meu irmão," ele responde depois de um longo tempo em silêncio. "Muitas vezes, as maiores batalhas são travadas *no caminho* para uma guerra."

"Essa foi uma guerra," comenta Strom.

Erec assente.

"De fato, foi."

As imagens daquela criatura horrível caindo sobre eles, de seus dentes e do seu rugido ainda assombram a mente de Erec. Ele tenta bloquear os gritos de seus homens ao serem esmagados contra as rochas na Espinha do Dragão - e a visão das enormes ondas desabando sobre eles - várias vezes de sua mente.

Ele fecha os olhos e sacode a cabeça, tentando tirar aqueles pensamentos de sua mente. Ele precisa seguir em frente. Não há escolha na vida, exceto seguir em frente, e ele está determinado a liderar seus homens.

"Eu quero lhe mostrar uma coisa," diz Strom e Erec começa a segui-lo pelo convés.

Erec segue Strom por todo o navio, até a parte traseira, e os homens se afastam e acenam para ele respeitosamente quando ele passa. Strom para na grade lateral e aponta para o horizonte.

"Aquelas rochas," ele fala. "Por que passamos tão perto delas?"

Erec olha na direção que ele aponta e vê, ao longe, um enorme grupo de rochas, elevando-se a partir oceano, com quase dez metros de altura e estendendo-se por quase um quilômetro em todas as direções.

"Nós não vamos navegar para cima delas, meu irmão," afirma Erec. "Vamos passar quase a cem metros daquele lugar."

"E, no entanto," Strom responde, "esse não parece o caminho mais direto para o Império. Deveríamos estar navegando mais a nordeste do que em direção ao leste."

Erec se vira e olha para a frota de Krov, ao lado dele e um pouco à frente, liderando o caminho.

"Krov conhece estas águas melhor do que ninguém," comenta Erec. "Vamos continuar seguindo o seu navio, como temos feito desde o começo."

"E ainda assim os nossos mapas mostram um caminho diferente, meu senhor," insiste Strom.

Erec franze a testa, pensativo.

"Ele pode estar desviando de alguns bancos de areia com pouca profundidade," pondera Erec,

"ou algum outro perigo invisível. Ele conhece estas águas. Nosso pai sempre confiou nele para guiá-lo e nós também devemos confiar nele. Mapas nem sempre contam toda a história."

Erec, no entanto, agora está intrigado e faz um sinal para que seus vigias sinalizem para a frota de Krov.

Erec olha para o lado e vê Krov na proa de seu navio, liderando a sua pequena frota. Krov está talvez a cinquenta metros de distância e, quando os homens de Erec fazem um sinal, ele se aproxima.

Erec se inclina sobre a grade quando eles estão próximos o bastante para se ouvir.

"Seu navio está em uma situação precária," Erec grita com um sorriso.

Krov sorri de volta.

"Isso é o que anos de pirataria fazem com você," ele retruca. "Eles estavam mal para começar e eu não achei que eles pudessem ficar muito pior. Eu deveria ter sabido que um dia com você só poderia resultar nisso."

"Será que estamos indo na direção certa?" ele grita.

Krov hesita ao encará-lo, mostrando-se surpreso.

"Você está questionando este velho marinheiro?" ele grita de volta, mostrando-se ofendido. "Você está acompanhando o nosso trajeto nos mapas? Não preste muita atenção neles, há rochas rasas à

frente. Se vocês tivessem continuado navegando em linha reta, seus navios provavelmente estariam no fundo do oceano agora," ele diz com um sorriso maroto.

Erec olha para Strom, sentindo-se tranquilizado; seu irmão assente, claramente sentindo-se tranquilizado também.

Os dois irmãos se viram e lentamente abrem caminho de volta para a proa.

"O dia está calmo e claro, meu irmão," afirma Erec, apertando o seu ombro. "Tente relaxar. Esse sempre foi o seu problema: Você sempre se preocupou demais."

"Quando chegarmos ao Império," Strom diz, estudando o horizonte, "Eu quero ser primeiro na batalha. Eu vou matar o primeiro homem que se aproximar de você. Você pode matar o homem que

vier para cima de mim, como faziam na época de nosso pai, ou você pode ficar parado e deixar que eu mate todos eles," ele acrescenta com um sorriso.

Erec dá uma risada, contente ao ver Strom sentindo-se confiante novamente.

"Por que eu simplesmente não deixo você enfrentar todo o Império sozinho?" Erec pergunta.

Agora é a vez de Strom dar uma risada.

"Essa é mesmo uma boa ideia. Quantos soldados do Império você acha que eu sou capaz de matar com essa..."

De repente, eles são interrompidos por uma mensagem que corta o ar.

"ADIANTE!"

Erec se vira e olha para o mastro; bem no alto, empoleirado no topo do poste, está o vigia, apontando e gritando.

Erec, alarmado com o tom do vigia, se vira e olha para o horizonte, intrigado quando não consegue ver nada. Há uma névoa no horizonte e, à medida que Erec observa, ela lentamente começa a se dissipar.

Erec fica chocado ao ver uma centena de enormes navios do Império, facilmente identificáveis

pelos reluzentes estandartes pretos e dourados, emergindo de trás das rochas. Milhares de arqueiros do Império estão nas laterais dos navios com suas flechas acesas apontadas para a frota de

Erec. Erec sabe que, com o menor aceno de seu comandante, toda a sua frota será destruída.

Eles estão muito perto para escapar e Erec de repente percebe, com assombro, que eles tinham caído em uma armadilha. Não há opções possíveis; ele não pode fugir e ele não pode lutar sem assegurar uma morte certa para todos os seus homens. O Império os tinha enganado e agora eles não têm escolha, exceto a rendição.

Erec olha para Krov, imediatamente preocupado com ele e sentindo-se culpado por tê-lo levado até uma armadilha do Império.

No entanto, ao olhar para Krov, Erec fica confuso: Krov não parece assustado ou surpreso, como Erec havia antecipado. Em vez disso, Krov acena para o comandante do Império, que faz um gesto com a cabeça para ele em sinal de reconhecimento. Ainda mais chocante é que nenhuma das flechas do Império está apontada para os navios de Krov; elas estão todas apontadas para os navios de Erec.

É então que Erec percebe: Krov tinha planejado tudo aquilo, levando-os até aquele ponto vulnerável ao lado daquelas rochas. Ele os tinha traído.

O barco de Krov desliza para o lado da frota do Império e Erec observa quando um saco de ouro após o outro é jogado sobre as grades de seu navio, caindo sobre o convés. Erec enrubesce de indignação.

Erec pode sentir todos os seus homens olhando para ele em silêncio.

"É assim que você retribui a minha confiança?" Erec grita para Krov, sua voz ecoando sobre as águas silenciosas.

Krov se vira e olha para Erec. Ele balança a cabeça.

"A culpa é toda sua," ele dispara de volta. "Você nunca deveria ter confiado em mim, Erec. Seu pai nunca confiou. Eu sempre disse que eu me venderia para o maior lance e o seu lance, meu amigo, não foi o mais alto."

"Larguem suas espadas!" grita o comandante do Império, um soldado feroz, vestindo uma armadura reluzente, em pé diante de todos os seus homens.

Erec pode sentir os olhos de todos os seus homens sobre ele. Strom também olha para ele, e Erec se vira e olha para Alistair, que ainda está deitada, muito enfraquecida. Mais do que nunca, Erec deseja que Alistair fosse capaz de usar seus poderes, mas ela ainda está fraca e mal consegue levantar a cabeça. Sem a ajuda dela, ele percebe, não há qualquer chance de vitória.

"Não," insiste Strom. "Vamos todos morrer aqui, juntos."

Erec balança a cabeça.

"Essa é a solução de um soldado," ele fala. "Não a de um líder."

Com o seu coração se partindo por dentro, Erec lentamente e delicadamente, pega a sua espada e a coloca no convés. Ela bate no convés com um baque surdo e o som perfura o coração de

Erec. Aquela é a primeira vez que ele estende a sua espada diante do inimigo, mas ele sabe que não tem escolha: é isso ou ter que assistir enquanto todos os seus bravos homens, e Alistair, são mortos pelo Império.

Ao seu redor, em todos os navios de sua frota, seus homens seguem o seu exemplo, e o ar logo é preenchido pelo som de milhares de espadas colocadas sobre o convés, quebrando o silêncio em torno deles.

"Você nos traiu, Krov!" grita Erec. "Você vendeu a sua honra por um saco de ouro."

Krov ri.

"Honra?" ele grita. "Quem disse que eu tinha honra para começar?"

Krov continua rindo.

"Você é propriedade do Império agora," ele fala. "E eu sou um homem muito mais rico."

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Loti caminha com seu irmão enquanto segue sua mãe por uma trilha há horas, se perguntando como tinha ido parar ali. Ela compreende que sua mãe precisa de ajuda para convencer um grupo de novos aldeões a se juntar ao exército de Darius, mas ela gostaria de estar no acampamento ao lado de Darius e dos outros, ajudando-os a lutar.

Loc, transpirando sob o sol, manca ao lado dela e Loti se pergunta por quanto tempo mais eles terão que caminhar.

"Quanto tempo falta?" Loti pergunta para a mãe, perdendo a paciência.

Sua mãe como sempre a ignora e começa a andar mais rápido pelo deserto, tirando galhos do caminho que ao voltar batem no rosto de Loti.

É impossível conseguir alguma informação com ela. Tudo o que Loti tinha sido capaz de saber é

que uma das aldeias vizinhas, onde vivem os escravos mais fortes, está relutante em apoiar a causa deles e só se juntará a eles se Loti puder convencê-los. Sua mãe havia dito que eles podem contribuir com mil escravos, o que dobraria o tamanho do exército. Ela também havia dito que eles sentem

muito respeito por Loti, que sua fama havia se espalhado e que eles agora contam estórias sobre

como ela havia salvado a vida de seu irmão. Ela está se tornando conhecida como a garota que havia escapado das garras do Império e retornado para sua aldeia sozinha. Sua mãe havia dito que somente ela é capaz de convencê-los.

Ao pensar sobre tudo isso, enquanto caminham como fazem há horas, seguindo sua mãe pelas

trilhas sinuosas do deserto árido, entrando e saindo de florestas, Loti se sente otimista. Embora ela se sinta irritada por estar com sua mãe e não com Darius, ela também está animada por ter uma chance de fazer algo para ajudar. Ela sente que tem um propósito, sente que é importante e se sente honrada que aqueles aldeões queiram falar com ela e com seu irmão.

Finalmente, ela fica aliviada ao ver um terreno aberto ao emergir da floresta e voltar para o

deserto árido. Diante deles, Loti vê uma pequena aldeia escrava construída nos limites da floresta e, dentro dela, centenas de escravos perambulando. Ela se sente pronta para fazer o que for preciso

para convencê-los.

"Por que essas pessoas precisam de um convite?" pergunta Loc ao lado dela. "Elas não deveriam estar correndo para juntar-se ao nosso grupo? Elas por acaso não sabem que se não fizerem isso, morrerão?"

Loti dá de ombros.

"Imagino que algumas pessoas sejam mais orgulhosas do que as outras," ela responde.

Eles continuam seguindo a mãe deles e entram na aldeia pela trilha empoeirada à medida que ela atravessa suas ruas movimentadas.

Loti fica um pouco surpresa. Ela havia esperado encontrar um comitê de boas vindas, um grupo

de aldeões prontos para recebê-la. No entanto, todos ali parecem ocupados e os ignoram, parecendo não saber que ela está ali.

"Eles querem falar conosco," Loc diz para sua mãe, "e, ao mesmo tempo, ninguém vem nos receber. O que há de errado? Eles mudaram de ideia?"

"Calem a boca e sigam-me!" dispara a mãe deles, andando mais depressa e fazendo curvas pelo caminho.

Loc se aproxima de Loti.

"Não estou gostando disso," ele sussurra para ela, sendo empurrado pelas pessoas no caminho.

"Essa estória não cheira bem. Desde quando nossa mãe nos ajuda em alguma coisa? Ela sempre resistiu a tudo que fizemos."

Loti também começa a se perguntar a mesma coisa e tem que admitir que tudo aquilo realmente seja muito estranho. Mas ela não pensa muito sobre o assunto; Loti se importa apenas em ajudar Darius, custe o que custar.

Eles fazem mais uma curva e a mãe deles para diante de uma grande carroça escura com barras de aço nas janelas. Vários escravos estão parados diante dela, encarando-os com expressões sérias.

Loti para no meio do caminho, sentindo-se confusa. Nada daquilo faz o menor sentido. A carroça diante deles pertence a um traficante de escravos, Loti já tinha visto carroças assim algumas vezes em sua vida. Os traficantes de escravos percorrem as estradas do Império, viajando para negociar escravos de aldeia em aldeia. Seus donos são mercenários que capturam seus iguais, separando famílias, para acorrentá-los e vendê-los pela melhor oferta.

"Essa carroça é de um traficante de escravos," Loti fala para a mãe em tom de irritação. "O que eles estão fazendo aqui? Nós não aceitaremos traficantes de escravos em nosso grupo."

Loc também se olha para sua mãe. "Mãe, eu não entendo. Quem são essas pessoas? Por que você nos trouxe até aqui?"

A expressão no rosto da mãe de Loti muda enquanto ela a encara; a expressão de repente desaparece, sendo substituída por uma expressão de profunda perda, tristeza e até mesmo de arrependimento. Loti vê os olhos da mãe se enchendo de lágrimas pela primeira vez em sua vida.

"Eu sinto muito," ela diz. "Eu não tive outra escolha. Você e seu irmão são muito orgulhosos.

Vocês sempre foram orgulhosos demais. Vocês teriam acompanhado Darius em suas batalhas. E ele, meus filhos queridos, vai perder. *Todos* eles vão perder. O Império sempre vence. *Sempre.*"

Os escravos correm para a frente e, antes que possa perceber o que está acontecendo, Loti sente seus pulsos sendo amarrados para trás por mãos calejadas e fortes. Ela grita e tenta resistir, assim como Loc, mas é tarde demais para ambos.

"Mãe!" Loc grita. "Como você foi capaz de fazer isso conosco?!"

"Eu sinto muito, meus filhos queridos," a mãe deles grita aos prantos ao vê-los sendo levados para a carroça. "Vamos todos morrer nessa guerra, mas você dois não vão! Vocês são importantes demais para mim, vocês sempre foram. Eu sei que vocês sempre acreditaram que eu preferia os seus

irmãos, mas vocês são os meus preferidos e eu farei o que for preciso para protegê-los."

"Mãe, não faça isso!" Loti grita em desespero, lutando com todas as forças para se libertar, mas sem qualquer êxito.

Loti vê a porta traseira da carroça se abrir à medida que é arrastada naquela direção e, quando é empurrada por trás, sente a presença de Loc ao seu lado.

Ela se vira e tenta sair, mas a porta de ferro é imediatamente fechada e trancada atrás dela. Ela chuta e empurra a porta, mas não consegue abri-la.

Loti ouve o barulho de um chicote, sente seu corpo sendo balançado quando a carroça começa a se mover e se apressa até a janela para observar o mundo através das barras de ferro.

A última coisa que ela vê antes da aldeia desaparecer de sua vista é o rosto de sua mãe, que chora ao vê-los se afastando.

"Eu sinto muito," a mãe deles grita. "Perdoem-me!"

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Darius está no forte capturado de Volkara, cercado por seu enorme acampamento de soldados e acompanhado por Dray enquanto ele examina o pergaminho em suas mãos. Ele o lê novamente e depois uma terceira vez, se perguntando se aquilo pode ser verdade. Desde que o falcão tinha chegado com a mensagem, Darius tinha sido incapaz de pensar em outra coisa.

Aquilo pode mesmo ser verdade? Ele se pergunta. No começo, ele tinha tido certeza de que aquilo tinha sido algum tipo de truque ou que talvez ele houvesse interpretado mal a mensagem, mas ao lê-la novamente ele sente que é verdade: aquela é mesmo uma verdadeira carta de Godfrey, o irmão da rainha. Contra todas as probabilidades, de alguma forma Godfrey, com sua missão improvável, tinha conseguido realizar o impossível. Darius mal pode acreditar que Godfrey, de todas as pessoas, havia realmente conseguido. Ele o tinha considerado um bêbado, talvez até mesmo um tolo, mas certamente jamais um guerreiro competente. Ele tinha ensinado a Darius uma grande lição: a vitória pode vir das fontes mais improváveis. Talvez Godfrey estivesse certo, afinal de contas: existem muitas maneiras de ganhar uma guerra.

Quando a lua estiver alta, se aproxime da parte traseira da cidade. Quando uma tocha for acesa no topo dos parapeitos, os portões serão abertos e a grande cidade de Volúsia será sua.

Pela primeira vez desde que a guerra tinha começado, o coração de Darius se enche de otimismo. Darius procura Loti por todas as partes, querendo compartilhar a boa notícia com ela e com Loc, querendo abraçá-la e vê-la feliz. Ele fica intrigado ao não encontrá-la e resolve procurar por ela mais tarde.

Darius passa o pergaminho para os seus amigos Raj, Desmond, Luzi, Kaz, Bokbu, para todos os seus irmãos e todos os anciãos. Eles o examinam e batem palmas de alegria antes de passá-lo para a pessoa ao lado. Aos poucos, a alegria se espalha e uma onda de otimismo começa a contagiar todo o acampamento.

Antes da chegada do pergaminho, a ansiedade havia tomado conta de todos e as centenas de antigos escravos haviam andado sem rumo, querendo saber como conseguiriam resistir e como seriam capazes de atacar Volúsia. Darius havia se reunido com todos os seus homens, com todos os líderes da aldeia e com os anciãos, e discutido sobre o que fazer a seguir. Alguns haviam discutido sobre as diferentes maneiras de atacar Volúsia. Todos eles sabem que as paredes de Volúsia são altas demais para serem escaladas, que milhares de soldados estariam esperando por eles com fogo, com pedras e com uma infinidade de maneiras para impedir um cerco. Todos eles sabem que eles, os escravos, não são soldados profissionais, com o equipamento profissional necessário para o cerco de uma cidade como Volúsia. Muitos deles tinham discutido a possibilidade de não atacar; alguns haviam argumentado que eles deveriam manter o forte que eles tinham capturado e outros haviam argumentado que deveriam abandoná-lo. De qualquer maneira, havia ficado claro para todos que eles perderiam uma grande quantidade de homens, não importa o que fizessem.

E agora aquilo - aquela missiva, aquele falcão. Uma porta aberta para entrar na cidade. Aquilo é exatamente o que eles precisam. Um sinal. Um sinal para seguir em frente, para seguir para o ataque. Eles podem tomar aquela cidade, Darius tem certeza disso.

"Irmãos e irmãs!" Darius de repente grita, pulando em cima de uma pedra no centro do forte, três metros acima da multidão, e exigindo a atenção de todos.

Um por um, todos se viram e se silenciam à medida que o caos lentamente se organiza quando as atenções se voltam para Darius.

"Hoje à noite, nós marcharemos na direção de Volúsia!" ele grita. "Afiem suas espadas e preparem-se: esta noite a vitória será nossa noite e ninguém, homem nenhum, vai conseguir tirá-la de nós!"

A multidão aplaude freneticamente ao mesmo tempo em que eles erguem as suas espadas, batendo-as umas contra as outras e fazendo um barulho metálico que se espalha por todo o forte. Darius testemunha a primeira onda de otimismo verdadeiro desde o começo daquela guerra. Ele pode ver que todas aquelas pessoas agora olham para ele com respeito e com confiança. Todas aquelas pessoas já podem sentir o gosto da liberdade, assim como ele. Depois de todos aqueles anos, todas aquelas gerações, a liberdade finalmente está perto de ser alcançada. A liberdade está apenas a uma batalha de distância.

*

Darius lidera o ataque durante a noite com Dray ao seu lado e com seu coração batendo forte em seus ouvidos à medida que ele conduz seus homens para fora da segurança de Volkara, abrindo suas portas maciças em direção ao infinito deserto. Centenas de homens o seguem de perto empunhando suas espadas. Eles avançam rápido, com os pés descalços como Darius tinha ordenado, correndo furtivamente pelo chão duro do deserto na direção de Volúsia, que lentamente começa a surgir no horizonte. Raj, Desmond, Kaz e Luzi estão ao lado dele, assim como dezenas de seus irmãos, todos correndo por suas vidas. Aquele, Darius sabe, pode ser o último ataque antes que eles se tornem homens completamente livres. Darius se imagina libertando todos os escravos dentro de Volúsia e começa a correr ainda mais rápido.

Quando eles se aproximam da cidade, Darius se vira e leva seus homens para as matas ao redor dela, entrando nas trilhas em busca de cobertura enquanto continua abrindo caminho na direção de Volúsia. Darius é arranhado pelos galhos, mas ele não se importa; ele pega o caminho das trilhas, permitindo-lhes circular a cidade de Volúsia na direção do seu portão traseiro, como Godfrey havia instruído.

Darius para de correr e sinaliza para que os seus homens parem atrás dele, na borda da floresta. Ele fica ali, respirando com dificuldade, olhando para a cidade e apertando a mão em torno do punho de sua espada. Ele observa o céu escuro e espera pacientemente pelo sinal de Godfrey.

Atrás dele, Darius pode ouvir todos os seus homens, respirando com dificuldade no meio da noite, e pode sentir sua ansiedade, sua excitação e seu desejo de vingança. Eles têm sede de liberdade e um desejo inabalável de acabar com aquela guerra com uma grande batalha. Aquele é um desejo que Darius compartilha com eles.

Darius fica ali, suando e tentando conter sua respiração difícil enquanto olha para a noite, orgulhoso de seu povo por permanecer tão silencioso e tão paciente enquanto eles esperam. Eles têm muito mais vontade e disciplina do que ele jamais poderia ter imaginado. Eles tinham se tornado um verdadeiro exército, uma aldeia misturando-se com a próxima, todos lutando perfeitamente em conjunto e unidos sob uma única causa.

"Ele disse uma tocha?" pergunta Raj, olhando para o céu com todos os outros.

Darius também observa o céu, tendo a sensação de que o tempo não passa.

Darius acena com a cabeça, olhando para o céu estrelado e procurando por qualquer sinal. Um milhão de dúvidas e preocupações passam por sua mente enquanto ele faz isso. E se a carta estiver errada? E se aquilo for uma farsa? E se o sinal não vier?

"E se tudo isso tiver sido apenas um plano maluco?" Elden faz a pergunta que todos estão pensando. "As divagações de um bêbado?"

Darius olha para longe e pondera.

"Ele pode ser um bêbado," diz Darius, "mas ele é o filho de um rei, o irmão de Gwendolyn. Eu vejo algo mais nele. Eu vejo um Rei em Godfrey. Ele tem o coração de um soldado. Ele vai conseguir."

"Eu espero que você esteja certo," diz Kaz. "Nós estamos arriscando as vidas de todos os nossos homens ao confiar nele."

Darius fica ali, observando os céus, com o coração batendo acelerado de antecipação.

Godfrey, vamos lá. Dê-me o sinal.

Ele fica apertando o punho de sua espada com as palmas das mãos suando, ardendo de vontade de usá-la.

Darius analisa as paredes de pedra de Volússia, seu portão traseiro, um portão enorme, erguendo-se por quinze metros no ar e feito de ferro maciço. Ele acha estranho que o portão não esteja

protegido. Deveria haver dezenas de guardas de ambos os lados daquele portão e ele se anima ao perceber isso. Talvez Godfrey tenha subornado as pessoas certas como parte de seu plano.

De repente, o coração de Darius dispara quando uma grande luz ilumina o céu: ele olha para cima e vê uma única tocha, acesa, no alto dos parapeitos de Volúcia. Darius vê Godfrey parado sob a luz, segurando a tocha lá no alto.

Godfrey joga a tocha para baixo e as chamas atravessam a noite escura até caírem no chão.

"AGORA!" ele grita.

Darius e todos os seus homens correm para fora da floresta, correndo na direção dos portões da cidade, a cem metros de distância. Eles correm em silêncio, sem comemorar, como Darius os tinha instruído. Ele pode sentir a antecipação em todos os seus corações, pode sentir o bombeamento de sangue de seu próprio coração em seus ouvidos.

Darius corre sem parar até o portão enorme, diminuindo cada vez mais a distância e torcendo para que o portão se abra como Godfrey havia prometido e não deixe todos eles presos do lado de fora, expostos ao perigo. Aquela é uma corrida baseada na confiança.

Eles chegam cada vez mais perto, correndo sobre a pequena ponte levadiça, sobre o fosso, tudo curiosamente abandonado, correndo os trinta últimos metros e, em seguida, mais vinte metros...

Vamos, Darius pensa. Abra o portão. Abra-o!

Finalmente, o portão começa a se abrir como planejado, lentamente, com um rangido, cada vez mais, e Darius sente uma onda de alívio quando ele e seus homens o alcançam e passam por ele a tempo; não é preciso esperar nem mesmo um minuto para atravessar os portões e invadir as ruas de Volúcia.

Darius continua correndo e se surpreende por realmente estar dentro daquela cidade lendária, daquele lugar que tinha sido tão temido pelo seu povo por tanto tempo. Ele avança pelas ruas de Volúcia com sua espada nas mãos, assim como os outros, esperando surpreender os soldados Volusianos. Eles correm sem parar, avançando pelas ruas, mas onde quer que ele vá, Darius fica perplexo.

Não há soldados em qualquer lugar. As ruas estão desertas. Não há um único som em qualquer parte da cidade.

Darius finalmente para, percebendo que algo está errado. Ele se vira, olha para trás por cima do ombro e vê todos os homens que o tinham seguido pela cidade em pé atrás dele, segurando suas espadas e igualmente intrigados. Todos eles eventualmente se viram e olham para Darius procurando por respostas.

Darius olha para trás e vê Zirk ao longe, do lado de fora do portão aberto. Ele havia ficado do lado de fora das muralhas da cidade com a outra metade do exército de escravos. Por alguma razão, ele não os tinha seguido.

Darius olha para ele confuso, tentando entender o que está acontecendo.

De repente, o som de um alarme atravessa a noite, seguido por um grande clamor que soa como o grito de guerra de um milhão de homens, ecoando pelas ruas de Volúsia.

Darius olha para trás e seu coração se parte quando ele vê um fluxo interminável de soldados do Império avançando na direção deles, entrando pelos portões abertos da cidade com espadas erguidas, bloqueando a saída.

Outro grito atravessa a noite e Darius vê os soldados do Império avançando de todas as direções, vindo de todas as ruas de Volúsia. Há milhares de soldados que haviam esperado Darius e seu exército de acordo com um plano cuidadosamente preparado.

Eles invadem a cidade, cercando-os como formigas. Darius se vira em todas as direções, sentindo medo ao ver que seus homens estão completamente cercados.

Em momentos, gritos começam a ser ouvidos quando o Império começa a abatê-los, matando seus homens por todos os lados. Uma grande onda de sangue e destruição começa a se aproximar deles e não há absolutamente nenhum lugar para correr.

Darius olha para o muro da cidade e vê que tocha tinha sido extinta. Tudo o que ele pode ver é o rosto de Godfrey, olhando para baixo com uma expressão de horror, como se ele também tivesse sido traído.

Darius não consegue acreditar. Ele tinha sido levado para uma armadilha. Ele e todas as pessoas

que ele conhece e ama - todos eles - tinham sido traídos e agora nada lhes resta, exceto uma morte fria e cruel.

"Então é assim que tudo termina," diz Raj ao seu lado, erguendo outra espada e enfrentando sem medo o exército que se aproxima dele.

Darius também saca a sua segunda espada e se prepara para enfrentar o Império. Dray, ao seu lado e leal até o fim, rosna para o inimigo e aguarda o comando de Darius.

"Todos nós sabíamos que morreríamos um dia," afirma Darius. "Vamos, ao menos, enfrentar a nossa morte com coragem."

Darius e os outros dão um grito de guerra e partem para o ataque, acompanhados por Dray, correndo na direção dos soldados. Eles sabem que a morte está apenas a alguns passos de distância e, após uma vida inteira de sofrimento, eles estão preparados para encontrá-la.

*

Godfrey fica no parapeito do portão traseiro de Volúsia com Akorth, Fulton, Merek, Ario e Fitus, acompanhado por dezenas de Finianos enquanto ele observa - horrorizado - a cena abaixo se desdobrando diante de seus olhos. Seu sangue gela quando ele testemunha a matança e ele não consegue acreditar no que ele está vendo.

Godfrey está em choque; ele havia se sentido tão otimista, tão animado para ver seus homens livres e para ver seu plano realizado com perfeição. Enquanto ele tinha permanecido ali com os Finianos e acendido a tocha, Godfrey havia ficado emocionado ao ver tudo se desenrolar sem problemas. O portão traseiro tinha sido aberto como os Finianos haviam prometido e os homens de Darius haviam entrado. Godfrey tinha tido certeza de que logo tudo estaria acabado e de que a cidade seria dominada.

Então, ele tinha visto Zirk ficar para trás com metade dos soldados, o primeiro sinal de que havia algo errado. Ele havia testemunhado - entorpecido - quando milhares de soldados do Império, claramente alertados por algum outro plano, haviam entrado pelo portão atrás dos homens de Darius. Eles tinham entrado com gritos de guerra, avançando por todos os lados do castelo após terem ficado à espreita esperando pelos homens de Darius. Aquela tinha sido uma grande emboscada. Godfrey havia assistido com desânimo enquanto milhares de tropas haviam inundado cada canto

da cidade, cercando completamente todos os homens de Darius. Ele tinha ouvido os gritos dos soldados, visto a matança começar e finalmente fechado os olhos e desviado o olhar, sentindo como se ele mesmo estivesse sendo esfaqueado. Ele não havia suportado testemunhar todos os homens de Darius, tão perto de conquistarem a tão sonhada liberdade, sendo assassinados como animais - e tudo por causa dele.

Godfrey, atordoado demais para reagir, sente a tocha sendo levada de sua mão inerte e, ao olhar para o lado, vê Fitus em pé ao seu lado; Godfrey observa a tocha se extinguir na noite estrelada quando Fitus a joga para fora dos parapeitos.

Godfrey, boquiaberto, olha para Fitus, que fica calmamente parado diante dele com um leve sorriso no rosto.

"Por quê?" Godfrey pergunta com a voz rouca demais, quase sem conseguir pronunciar as palavras ao perceber que os Finianos o tinham traído. "Por que você fez isso? Eu não entendo!"

O sorriso de Fitus se intensifica enquanto ele fica ali, em meio ao silêncio enigmático.

Godfrey não consegue acreditar no quão presunçoso ele é e não consegue entender por que ele tinha feito aquilo.

"Você disse que queria ver o Império destruído," Godfrey fala. "Você disse que precisava dos nossos homens. Eu acreditei em você."

Fitus suspira.

"Havia alguma verdade no meio de todas as coisas que eu disse." Fitus finalmente responde. "Eu teria gostado de ver o Império destruído, mas isso nunca teria acontecido - não com suas poucas centenas de homens. Então eu garanti a segunda melhor opção para a nossa segurança: Usei você como um peão para atrair Darius e contei o seu plano o Império, fazendo um novo contrato com eles. Agora os Finianos ficarão em segurança e terão um lugar na história desta cidade. Agora nós somos intocáveis."

"E quanto aos meus amigos?" pergunta Godfrey, horrorizado.

Ele dá de ombros.

"Dispensáveis," responde Fitus. "Peões em um jogo mais importante. Todas as pessoas têm que morrer um dia," ele acrescenta. "Nem todas as pessoas morrem a serviço de um jogo."

"Este não é um jogo," Godfrey insiste, com o rosto vermelho, indignado, sentindo um ódio intenso crescer dentro dele. "Todos aqueles homens lá embaixo estão sendo massacrados. Isso não quer dizer nada para você?"

Fitus se vira e olha para baixo como se estivesse assistindo algo de interesse passageiro.

"Sacrifícios sempre precisam ser feitos para o bem maior. Seus homens, eu lamento dizer, são apenas um sacrifício. "

"Mas como você pode fazer isso? Aqueles são todos homens bons. Homens inocentes. Você está lhes negando os seus sonhos. Você está lhes negando a liberdade."

Fitus sorri para ele.

"Ah, como você é tolo, Godfrey, filho de MacGil. Você não sabe que a própria liberdade é um sonho? Nenhum de nós é verdadeiramente livre. Acima de todos nós, há sempre um governo, algum governante, alguma autoridade. A liberdade não existe. Ela é meramente algo a ser comprado e vendido pelo maior lance - uma mercadoria."

Fitus estende o braço e coloca a mão no ombro de Godfrey.

"Olhe pelo lado bom," ele acrescenta. "Você não está lá com eles. Eu gosto de você e decidi não matá-los. Vocês viverão em segurança. Vocês terão, naturalmente, que apodrecer em nossas masmorras, mas pode ser até mesmo que eu vá visitá-los. Podemos discutir nossas histórias de família."

Fitus acena com a cabeça e Godfrey de repente sente seus braços sendo agarrados quando soldados se aproximam dele por todos os lados, puxando seus braços para trás e amarrando os seus pulsos. Merek, Ario, Akorth e Fulton também são amarrados e arrastados com ele.

Pela primeira vez em sua vida, Godfrey sente dor e vergonha de verdade; pela primeira vez, ele deixa de lado toda a sua apatia e realmente se *importa*. Ele não é mais um garoto bêbado e tolo, frequentador de tabernas, ele é *responsável* por outras pessoas. Ele é responsável pela morte de todos aqueles homens. Todos eles estão morrendo por causa de sua estupidez, por causa de sua ingenuidade e por que ele havia confiado nas pessoas erradas. Godfrey percebe que ele tinha sido um idiota. Ele percebe que tinha sido enganado.

"NÃO!" Godfrey grita ao ser arrastado para longe, mas seus gritos são ofuscados pelos gritos dos soldados abaixo. "Você vai pagar por isso! Eu juro por todos os deuses, você vai pagar por isso!"

Fitus ri um som ameaçador e vazio que vai desaparecendo à medida que Godfrey é arrastado para longe dele.

"De alguma forma, eu duvido disso," Fitus diz. "Eu duvido muito disso."

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Volúsia fica em pé no meio do deserto à frente de seu vasto exército ao amanhecer; Soku, Aksan, Koolian e Vókin estão ao seu lado enquanto ela observa o Vale dos Crânios, que se desdobra diante de seus olhos. No horizonte distante, iluminados pelos primeiros raios dos dois sóis, ela vê os prédios dourados da capital do Império, mas não é isso que chama a sua atenção. Em vez disso, ela se concentra em uma visão a talvez cem metros dela, o local que ela havia escolhido para se encontrar com a delegação da capital: um círculo perfeito encravado bem no meio de uma planície do deserto extraordinariamente comum.

"O Círculo dos Crânios," Soku fala. "Um local propício para o encontro, você não acha? Um lugar propício para que você se torne a Imperatriz de todo o Império."

Volúsia analisa o lugar, estudando-o enquanto pensa. Ela conhece a história daquele lugar, um círculo antigo esculpido no solo do deserto, ninguém sabe quando ou por quem, um lugar de verdadeiro poder onde tantos reis haviam se encontrado para discutir os termos de tréguas. Agora a vez dela havia chegado. Ela vê Luptius, o líder do Conselho do Império, esperando por ela dentro do círculo juntamente com seus doze conselheiros e apenas doze soldados. Ela não consegue ver o exército do Império em parte alguma.

"Exatamente conforme combinado, minha Deusa," declara Soku. "Eles trouxeram apenas uma dúzia de homens. Estão lhe trazendo os termos da trégua. Todos estão se preparando para se submeter a você."

"Parece que eles nem se incomodaram em trazer um exército," afirma Aksan.

Volúsia vasculha o horizonte, pensando a mesma coisa.

"Por que você hesita, minha Deusa?" Soku insiste. "Você tem duzentos mil homens para apoiá-la e eles estão sozinhos naquele círculo, sem ninguém."

Volúsia dirige um olhar gélido na direção de Soku.

"Eu jamais hesito," ela retruca. "Eu apenas observo. Quanto eu estiver pronta, eu irei."

Volúsia continua parada, encarando o círculo e observando tudo enquanto seus homens permanecem em silêncio em torno dela. Eles finalmente estão aprendendo a nunca questioná-la.

"Vökin," ela fala em voz alta.

Vökin, o líder dos Vöks, se vira e se aproxima dela.

"Você deve me acompanhar até o círculo," ela diz.

Soku dá um passo adiante, mostrando-se preocupado.

"Minha deusa, essa não é uma boa ideia," ele diz. "Não é esse o combinado. Apenas uma dúzia de homens. O Império banuiu os Vöks. Eles verão isso como uma ameaça. Talvez eles decidam retirar a oferta de paz."

"Os Vöks serão tratados com honra no meu Império," Volúsia responde com rispidez. "Você faz bem em tratá-los assim se deseja permanecer como meu Comandante."

Soku olha para baixo, sem querer discutir com ela.

Volúsia respira fundo, finalmente sentindo-se pronta.

"Vamos," ela diz.

Volúsia e os outros montam em seus cavalos e começam a avançar, galopando na direção do círculo no meio do deserto, deixando para trás o exército e acompanhados apenas por uma dúzia de soldados e Vökin.

Volúsia chega até o círculo e desmonta junto com os outros. Eles caminham até o centro do círculo na direção do contingente de homens do Império que os esperam. Ao alcançarem a borda,

Volúsia faz um gesto para os seus homens e todos param, alinhando-se na periferia do círculo da mesma forma que os homens do Império. Todos exceto Vökin, que permanece ao lado de Volúsia.

Volúsia entra no círculo juntamente com Vökin e enfrenta Luptius, que a espera com um sorriso nos lábios e os braços cruzados diante de seu corpo, encarando-a sem se mover. Um homem velho com cabelos grisalhos, Luptius a observa com um olhar de aparência dócil, mas ela conhece bem as lendas a respeito dele e sabe que Luptius é qualquer coisa, exceto bondoso. Aquele é um homem que vive nas sombras, que tem o poder de criar grandes líderes ou de destruí-los segundo sua própria vontade. O Império tinha tido muitos líderes e Luptius havia continuado no poder.

"Minha Rainha," ele diz. "Ou devo chamá-la de Deusa?"

"Pode me chamar do que quiser," ela responde com a voz confiante e firme. "Isso não mudará o fato de que eu sou uma deusa."

Ele assente.

"Seja bem-vinda a capital e a nossa parte do Império," ele diz.

"Todas as partes do Império são minhas," ela retruca com a voz fria.

As sobrancelhas dele se arqueiam ligeiramente.

"Elas não são, Imperatriz."

"Deusa," ela o corrige. "Eu sou a Deusa Vólúsia."

Ele hesita por um instante e ela pode ver o ódio começando a se acumular em seu olhar. Ele parece chocado, mas rapidamente recupera a compostura e exhibe um sorriso forçado.

"Pois muito bem, Deusa."

Ele olha por cima do ombro dela e parece desconcertado ao ver Vok, mas Luptius segura a língua e rapidamente volta a encarar Vólúsia.

"Você sabe o motivo de estarmos nos encontrando aqui hoje, Deusa?"

Ela assente.

"Para aceitar sua trégua," ela responde, "e sua oferta do trono."

Luptius sorri.

"Não exatamente," ele retruca. "Estamos aqui hoje para negociar uma trégua, é verdade, mas essa será uma trégua de uma só via - também conhecida como rendição. Vamos tomar o seu exército, você perderá todo o seu poder, essa guerra terminará aqui e você, eu receio, não subirá ao trono. Na verdade, você está prestes a viver os seus últimos momentos bem aqui, neste círculo no deserto. De qualquer forma, eu gostaria de parabenizá-la pelo que podem ser consideradas conquistas extraordinárias, simplesmente extraordinárias, e muito obrigada por nos entregar o seu exército."

Vólúsia encara Luptius espantada com sua calma compostura, pela ausência de qualquer expressão e pela maneira direta com que ele fala tudo aquilo, como se estivesse falando sobre o clima. Quando ele acena com a cabeça, de repente Vólúsia ouve o som de espadas sendo sacadas ao seu redor por toda a periferia do círculo e sente duas dúzias de lâminas sendo apontadas para as suas costas.

Vólúsia olha para trás, embora ela não precise fazer isso para saber o que havia acontecido.

Todos os seus homens a tinham traído. Liderados por Soku, seus comandantes de confiança haviam planejado um golpe, unindo-se ao Império para matá-la em um gesto de traição com aquela oferta falsa de paz.

"Há um motivo pelo qual eu não trouxe um exército, Deusa," continua Luptius sorrindo. "É por que eu não preciso de um. Eu já tenho um exército - o seu. Eles foram comprados - e devo dizer que o preço deles foi insignificante. Você foi trazida até mim como uma ovelha é levada para o abate. Na verdade, acho que é bastante apropriado que você morra aqui, neste círculo, onde tantos outros

líderes foram abatidos. Você foi tola em acreditar na lealdade de seus homens - em acreditar em seu próprio mito - e agora pagará o preço por esse erro."

Ele encara Volússia, obviamente esperando que ela esteja chocada, que perca a compostura ou qualquer outra coisa, e parece surpreso quando ela continua ali, igualmente calma e simplesmente sorrindo para ele.

"Eu acho engraçado," ela fala, "que você acredita que as lanças e espadas de seus soldados possam me ferir - que armas possam ferir uma deusa. Eu *sou* uma deusa. Quando eu subir ao trono, uma estátua em minha homenagem será erguida em todas as cidades do reino. Eu sou Volússia. Eu não

posso ser tocada por qualquer homem, por qualquer arma, especialmente por um homem ineficaz, mentiroso e decrépito como você. Diga-me Luptius: depois que eu matá-lo, alguém por acaso irá lembrar-se de seu nome?"

Ele olha para ela, claramente chocado, e pela primeira vez ela vê que ele perde a compostura; ele rapidamente a recupera e sorri, balançando a cabeça.

"É exatamente como eles dizem," ele afirma. "Delirante até o fim. Exatamente como a sua mãe."

Luptius faz o um gesto com a cabeça e todos os homens começam a avançar, aproximando-se de Volússia no círculo e preparados para matá-la por todos os lados.

Volússia olha para Vokin, que retribui o olhar e assente. Ele estende o braço e começa a esvaziar um pequeno saco nas palmas das mãos dela. Uma areia vermelha sai do saco e cai nas mãos de Volússia. Ela sente os grãos escorrendo entre seus dedos e aprecia o calor da areia ao fechar a mão em torno dela.

Ao fazer isso, Volússia fecha os olhos e sente o poder daquela areia vermelha.

Os homens se aproximam por todos os lados e quando eles estão a apenas alguns passos, Volússia

se inclina de repente e joga a areia para cima. Quando ela faz isso, a areia se transforma em fumaça, uma fumaça que é assoprada pela brisa em todas as direções, envolvendo os homens em todos os lados do círculo.

De repente, o ar é preenchido com os gritos dos homens, que caem no chão e começam a se contorcer, derrubando suas armas. Eles gritam enquanto seus corpos entram em convulsão e Volúcia se vira lentamente e observa o sangue escorrendo de suas orelhas, narizes e bocas. Finalmente eles param de se mover e seus olhos encaram fixamente o céu com seus rostos paralisados exibindo expressões de extrema agonia.

Apenas Luptius permanece em pé, horrorizado após ter presenciado a morte de todos eles.

Volúcia se abaixa, pega a espada de um dos soldados, dá dois passos adiante e, quando o líder do Império olha para ela em estado de choque, ela enfia a arma diretamente em seu coração.

Ele dá um grito de agonia com sangue escorrendo pela sua boca e ela sorri, segurando-o e puxando-o para perto dela até que seus rostos quase se tocam. Ela enfia a espada ainda mais no coração dele enquanto ele engasga, recusando-se a soltá-lo.

"Eu quase desejo que tivesse sido mais difícil matá-lo," ela diz.

Finalmente, ele cai no chão, morto.

No silêncio que se segue, enquanto observa os corpos ao seu redor, Volúcia ergue os braços para o céu, inclina o corpo para trás e grita triunfante.

Ela olha para o horizonte e sabe que agora não resta nada entre ela, a capital e o seu destino.

"VOLÚCIA!" gritam os duzentos mil homens atrás dela. "VOLÚCIA!"

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Gwendolyn marcha pelo Grande Deserto sob o calor dos dois sóis e cercada pela poeira vermelha, sentindo-se incapaz de dar mais um passo. É difícil pensar com clareza, com o sol brilhando com tal intensidade, o suor escorrendo pelo seu rosto, costas e pescoço e sem qualquer tipo de posse. Ela tinha abandonado todas as suas coisas pelo caminho, assim como os outros, deixando uma longa trilha de objetos pelo deserto. Ela não se importa. Eles já não têm comida ou

água e cada respiração exige um tremendo esforço; sua voz está áspera e sua garganta está completamente seca.

Ela fica espantada que eles ainda estejam andando, todos eles, como mortos-vivos, recusando-se a morrer. A grande rebelião havia acontecido dias antes, quando metade de seu povo havia se revoltado contra ela. Gwen se conforta com o fato de que pessoas próximas a ela ainda estão caminhando ao seu lado.

Ou será que estão? Ela está cansada demais para virar para trás e olhar e não consegue se lembrar da última vez que tinha feito isso. O vento está assoprando alto demais para que ela ouça qualquer outra pessoa exceto Krohn, que ainda caminha aos seus pés, ofegante, roçando os pelos em seus tornozelos.

Gwen fica chocada ao perceber que aquilo é tudo o que resta do Anel. O outrora grande e glorioso Anel, com todos os seus reis e rainhas, nobres e soldados da Prata e da Legião, com todos os seus navios e frotas, cavalos e exércitos, tudo tinha sido reduzido a isso, apenas isso.

Gwen fica surpresa que qualquer um deles ainda tenha forças para prosseguir e que qualquer um deles ainda a considere a rainha. Ela é uma rainha sem um reino, uma rainha sem um povo para governar.

Krohn choraminga e Gwen, por reflexo, estende a mão até o saco em sua cintura para dar-lhe um pouco de sua comida, como tinha feito desde o começo daquela caminhada, mas não há mais nada. Ele está vazio.

Sinto muito, Krohn, ela quer lhe dizer, mas ela está muito fraca para pronunciar as palavras.

Krohn continua caminhando ao lado dela e, ao sentir o seu pelo roçando contra sua perna, Gwen sabe que ele ficará ao seu lado para sempre. Ela gostaria de ter algo para oferecer a ele.

Gwen reúne todas as energias que lhe restam para olhar para cima, na direção do horizonte. Ela sabe que não deve fazer isso, sabe que não irá encontrar nada, nada exceto mais monotonia, mais daquele Grande Deserto sem fim.

Ela está certa. Gwen fica arrasada ao ver a imensidão do deserto estender-se diante de seus olhos.

Eles tinham estado certos o tempo todo: a travessia do Grande Deserto tinha sido uma missão suicida. Godfrey pode estar morto em Volússia e Darius pode ter morrido no campo de batalhas, mas pelo menos eles tinham morrido rapidamente, mortes misericordiosas. Gwen e os outros estão enfrentando mortes longas e torturantes, sendo deixados como alimento para os insetos, como esqueletos no meio do deserto. Finalmente, ela percebe que tinha sido tola ao tentar fazer aquilo, ao sair em busca do Segundo Anel. Obviamente, ele nunca tinha existido.

Gwen ouve o grito fraco de um bebê e consegue se virar e olhar para trás.

"Deixe-me ver o meu bebê," Gwen consegue dizer de alguma forma.

Illepra, arrastando-se ao seu lado, aproxima-se e coloca o bebê nos braços de Gwen. O peso dela, mesmo tão jovem, é quase demais para Gwen suportar.

Gwen olha dentro dos lindos olhos azuis do bebê, que chora de fome.

Ninguém neste mundo merece morrer sem um nome, pensa Gwen.

Gwen fecha os olhos e coloca a palma da mão na testa da criança. De repente, um nome surge em sua mente. Por alguma razão, ela pensa em sua mãe, na maneira como elas haviam se reconciliado no final e até mesmo se tornado próximas, e quando ela volta a olhar nos olhos do bebê, o olhar em seus olhos de alguma forma faz Gwen pensar nela.

"Krea," diz Gwen, reunindo forças para falar uma última palavra.

Illepra acena com a cabeça, sinalizando sua aprovação.

Gwen continua andando com o bebê nos braços e, ao olhar para o deserto, ela é capaz de jurar ter visto o rosto de sua mãe, acenando para ela. O rosto de seu pai, esperando para cumprimentá-la. Ela começa a ver os rostos de todos que ela já tinha conhecido e amado; quase todos eles estão mortos agora.

Acima de tudo, ela vê os rostos de Thorgrin e de Guwayne.

Ela fecha os olhos enquanto continua sua caminhada, suas pálpebras estão endurecidas pela poeira vermelha e pesadas demais para que ela as mantenha abertas. À medida que ela avança,

Gwendolyn sente suas pernas ficando mais pesadas, como se ela estivesse sendo puxada na direção do centro da terra. Ela não tem mais nada agora. Tudo o que ela possui são aqueles rostos, aqueles nomes, os nomes de todos aqueles que a tinham amado e que ela havia amado de volta. Ela

finalmente percebe que aquilo vale mais do que qualquer outro bem material que ela já havia

possuído.

Gwen quer parar de andar e se deitar um pouco, somente um pouco, mas ela sabe que o segundo que ela fizer isso, ela nunca mais irá se levantar.

Depois de algum tempo, Gwendolyn sente seus joelhos se enfraquecendo e sente suas pernas cedendo embaixo de seu corpo. Ela tropeça e não consegue impedir sua queda.

Gwen cai no chão do deserto, levantando uma nuvem de poeira, e vira o corpo para amortecer a queda, protegendo o bebê. Ela espera que Illepra ou qualquer um dos outros grite e corra para ajudá-la.

Mas enquanto ela fica deitada no chão, Gwen fica chocada ao ver que não há mais ninguém ali. Ela está sozinha. Ela percebe que eles devem ter desmaiado em algum outro lugar, há muito tempo. Ela tinha continuado andando e não tem ideia há quanto tempo está sozinha, nem mesmo

Krohn está mais ali. Agora, finalmente, resta apenas ela. Gwendolyn, Rainha do Anel, segurando um bebê e abandonada para morrer no meio do nada.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Angel abre os olhos, tremendo de frio, e vê o mundo subindo e descendo à sua frente. Ela sobe e desce lentamente, balançando suavemente sobre as ondas do oceano. Ela sente seu corpo ainda imerso na água e, ao olhar para cima, percebe que sua cabeça está apenas um pouco acima da água e que ela está segurando um pedaço de madeira. Seu corpo inteiro está congelado, submerso na água fria, e quando ela olha para cima, Angel vê o mais belo nascer do sol que ela já tinha visto, iluminando o mar e espalhando-se sobre ela como um manto. Ela se pergunta há quantos dias ela está flutuando ali.

Ela seca a água salgada de seus olhos, tentando se lembrar, e as lembranças voltam em flashes: a tempestade feroz, as ondas enormes, o som do vento e do mar revolto, os gritos de todos os outros em seus ouvidos. Ela se lembra de estar sendo jogada ao mar, da sensação de toda aquela água esmagando o seu corpo, uma sensação que ela jamais será capaz de esquecer. Ela tinha tido a sensação de que o seu corpo estava sendo partido em um milhão de pedaços e tinha tido certeza de que tinha morrido.

E então ela pensa em Thorgrin. Ela sente uma mão gelada em volta de sua cintura e, ao olhar para o lado, vê Thorgrin deitado em cima de uma tábua ao seu lado, de olhos fechados, com um braço sobre o pedaço de madeira e o outro ainda em torno de sua cintura. Ele está inconsciente, mas ainda está tentando protegê-la e ela se lembra de sua promessa: não importa o que acontecesse, ele nunca iria abandoná-la.

Seu coração se acelera de gratidão ao ver que ele tinha mantido a sua promessa. Ninguém em sua vida jamais havia se importado muito com ela e eles nunca tinham sido bons em manter suas promessas. Por outro lado, ali está ele, flutuando inconsciente, talvez morto, ela não consegue dizer, e a sua mão ainda está apertada ao redor de sua cintura, ajudando-a a flutuar e certificando-se de que eles nunca se separem.

"Thorgrin," ela diz.

Ela estende a mão e o sacode, mas ele não responde.

Seu coração se aperta. Ela olha de perto e vê que seu peito ainda está subindo e descendo. Ela fica aliviada: isso significa que ele está respirando. Seu rosto está fora da água, mesmo que o resto de seu corpo esteja submerso, então ele não havia se afogado. Será que ele está em coma?

Angel olha ao seu redor, esperando ver sinais dos outros, dos destroços, de qualquer coisa. Ela espera ver Reece e Selese, Elden e Indra, Matus e O'Connor, flutuando nas proximidades, segurando seus próprios pedaços de madeira.

Mas, quando ela olha ao seu redor, seu coração se aperta ainda mais quando ela não vê qualquer sinal deles. Para seu espanto, não há nada além de um vasto e vazio mar aberto, sem detritos, nenhum sinal de qualquer coisa ou qualquer pessoa. Aquilo só pode significar uma coisa: todos eles haviam morrido na tempestade. Ela e Thorgrin são os únicos sobreviventes.

"Olha o que a maré trouxe até nós," diz de repente uma voz de algum lugar atrás dela.

O coração de Angel se anima, aliviado ao ouvir outra voz humana, alguém vivo no meio daquele mar revolto. Mas, então, quando ela olha para trás e vê a fonte da voz, seu coração se parte: diante dela está um enorme navio preto, brilhando sob o sol, o navio mais poderoso que ela já tinha visto, exibindo a bandeira vermelha e negra dos assassinos. Eles fazem parte de uma raça sinistra que faz com que os piratas pareçam amigáveis. Ela vê seus rostos feios sorrindo para ela como se olhando para uma presa e sente um buraco no estômago. Ela se lembra das histórias que outros leprosos haviam lhe contado, que seus pais tinham sido mortos por assassinos, e seu desejo de vingança é despertado. Ela deseja que as marés os leve embora, para qualquer lugar, exceto ali.

Angel estende o braço e começa a se debater na água, tentando nadar para levá-los para longe do navio.

Os homens começam a rir dela, claramente se divertindo com seus esforços.

De repente, uma rede pesada é arremessada no ar, caindo sobre ela e Thor com força suficiente para causar dor; ela tenta removê-la, mas é inútil: ela sente que eles estão irremediavelmente presos e logo ambos são içados para fora da água, sendo levados para o navio.

Ela se contorce e grita, tentando se libertar à medida que é levantada cada vez mais, enfiando os braços pelos grandes buracos na rede.

"Thorgrin!" ela grita, empurrando-o. "Acorde! Por favor!"

Mas ele não responde.

Quando eles se aproximam do convés, Angel se vira e vê dezenas de piratas em pé perto da borda, olhando para ela. Um homem particularmente feio, com a barba por fazer, dentes podres, os cabelos sujos e um colar com crânios em miniatura de verdade, olha para ela sorrindo e lambendo os lábios.

"Tragam-na para mim," ele ordena. "Eu vou me divertir um pouco com ela."

Ela é levantada cada vez mais, como alguns peixes capturados para o dia, e as risadas dos assassinos preenchem o ar enquanto ela é erguida até o nível de seus olhares, toda molhada, e colocada sobre o convés.

"Deixem-me ir!" ela grita, chutando e se contorcendo.

"E por que você quer ir, irmãzinha?" pergunta um deles em sua voz rouca. "Você prefere ficar no meio dos tubarões? Não é melhor você ficar aqui, viva e com a gente?"

Ela cospe através da rede e acerta o rosto do homem.

"Eu prefiro morrer mil vezes a ficar com você em seu navio. Pelo menos eu posso confiar nos tubarões."

Os outros assassinos ridicularizam o líder ao mesmo tempo em que ele limpa o cuspe do rosto, vaiando e gritando para ele.

"Parece que foi preciso uma menina para colocá-lo em seu lugar."

O riso do líder logo se transforma em raiva.

"Não se preocupe," ele dispara na direção dela, "quando tivermos terminado com você, talvez eu a devolva para os tubarões, afinal. Pelo menos o que restar de você."

Ela faz uma careta para ele, decidindo blefar.

"Meus amigos me encontrarão," ela retruca. "Eu tenho amigos muito poderosos no meu navio. Eles estão vivos e virão me resgatar em breve. "

Os assassinos caem na risada ruidosamente.

"Virão mesmo?" eles perguntam. "Nós estamos tremendo de medo."

"Thorgrin!" ela volta a gritar, dando algumas cotoveladas nas costelas dele. "Acorde! Eu lhe imploro! Onde quer que você esteja, por favor, acorde!"

Ela dá mais uma cotovelada em Thor, mas ele continua ali, desacordado e sem responder. Talvez ele realmente esteja morto, ela pensa.

"Parece que o seu amigo está morto," diz o capitão, ao puxá-los para perto, estendendo o braço e agarrando Angel para puxá-la na direção dele. Ele olha para ela através da rede, apenas a alguns centímetros de distância dela. Angel já pode sentir o seu hálito terrível.

"Não se preocupe," ele fala. "Nós temos uma cura para a carne morta."

Angel olha para baixo, vê o homem tirar uma adaga da cintura, a adaga mais longa que ela já tinha visto, e observa quando ele se aproxima e aponta a arma para ela. Ela grita e se prepara, presumindo que ele está prestes a esfaqueá-la.

Em vez disso, porém, ela ouve o som de cordas sendo cortadas e percebe o que ele está fazendo: ele está cortando a parte da rede que segura Thorgrin.

Angel reage. Ela enrola as pernas em torno de Thor rapidamente e segura o mais firme que consegue, usando todas as suas forças para se segurar na rede e impedir que ele despenque. Ela se esforça e luta enquanto Thor balança embaixo dela, inconsciente, pendendo sobre o oceano, preso apenas pelas pernas dela. Ela sabe que se ele cair, em seu estado, ele certamente irá se afogar.

"Deixe-o cair!" o assassino grita. "Se você não fizer isso, você vai cair no mar com ele e, então, ambos morrerão!"

"Nunca!" ela grita em tom de desafio.

Angel continua segurando com força enquanto os assassinos a cutucam com paus tentando fazer

com que ela solte Thor, mas ainda assim ela resiste. Angel está determinada a salvar Thorgrin, mas todos os músculos de seu corpo estão tremendo por causa do esforço.

"Thorgrin!" ela grita. "Por favor! Eu lhe imploro. Acorde! Eu preciso de você!"

De repente, outro assassino avança, pega um taco de madeira e bate nas pernas de Angel com força.

Angel grita, dilacerada pela dor. Involuntariamente, ela relaxa as pernas e solta Thor.

O coração de Angel se parte ao vê-lo despencar pelo ar na direção do oceano. Ele se vai, a única pessoa que já havia cuidado dela em toda a sua vida, arriscando a sua vida por ela e mantendo a sua promessa não importa qual tenha sido o preço. Ela o tinha soltado. Ela não tinha correspondido a sua lealdade, algo mais importante para ela do que sua própria vida.

Angel toma uma decisão súbita. Ela não pode abandonar Thor, não importa o que aconteça.

Quando os assassinos começam a puxar a rede pelo convés, Angel de repente se solta e salta para longe do navio.

Ela mergulha de cabeça na direção das águas geladas abaixo, apontando para o corpo de Thor, que ela já pode ver afundando sob as ondas.

Dali de cima, ela é capaz de olhar para longe e ver o oceano inteiro. Ela procura algum sinal dos irmãos de Thor, flutuando em algum lugar, agarrados aos destroços, mas ela não vê coisa

alguma. Eles estão todos mortos. Todos os irmãos da Legião de Thor, todos eles estão mortos.

Agora, restam apenas ela e Thor.

Quando ela mergulha para as águas geladas, Angel sabe que o oceano irá matá-los, mas isso não significa nada para ela.

A chance de salvar a vida de Thorgrin é tudo o que importa e ela irá fazer isso, não importa qual seja o custo.



MORGAN RICE

A
DREAM
OF
MORTALS

BOOK #15 IN THE SORCERER'S RING

AGORA DISPONÍVEL!

[UM SONHO DE MORTAIS](#)

(LIVRO Nº15 DA SÉRIE O ANEL DO FEITICEIRO)

"O ANEL DO FEITICEIRO tem todos os ingredientes para um sucesso instantâneo: intrigas, conspirações, mistério, cavaleiros e relacionamentos repletos de corações partidos, traições e desilusões. Ele vai deixar você entretido por horas, e vai satisfazer públicos de todas as idades.

Recomendado para a biblioteca permanente de todos os leitores do gênero de fantasia."

—*Books and Movie Reviews*, Roberto Mattos (sobre *Em Busca de Heróis*)

“Uma fantasia épica envolvente.”

—*Kirkus Reviews* (sobre *Em Busca de Heróis*)

“O começo de algo extraordinário.”

—*San Francisco Book Review* (sobre *Em Busca de Heróis*)

UM SONHO DE MORTAIS é o livro nº15 na série bestseller O ANEL DO FEITICEIRO, que começa com EM BUSCA DE HERÓIS (Livro nº1) - download gratuito!

Em UM SONHO DE MORTAIS, Thorgrin e seus irmãos lutam para se libertar das garras dos piratas e continuar em sua busca por Guwayne. Ao encontrarem amigos e inimigos inesperados, magia e armas, dragões e humanos, seus destinos serão alterados para sempre. Será que eles finalmente serão capazes de encontrar Guwayne?

Darius e alguns amigos sobrevivem ao massacre de seu povo, mas acabam se tornando prisioneiros e são jogados na Arena do Império. Algemados e enfrentando oponentes inimagináveis, sua única esperança de sobrevivência é lutarem juntos, como irmãos.

Gwendolyn desperta de seu torpor e descobre que ela e seus companheiros sobreviveram à travessia do Grande Deserto e, ainda mais espantoso, que alcançaram uma terra além de suas imaginações mais férteis. Ao serem levados para a corte, os segredos dos ancestrais de Gwendolyn que são revelados para ela mudarão o seu destino para sempre.

Erec e Alistair, ainda prisioneiros em alto mar, lutam para se libertar das garras da frota do Império em uma fuga noturna corajosa e ousada. Quando as chances parecem estar contra eles, uma surpresa inesperada pode dar a eles uma segunda chance para a vitória - e outra chance para continuar o ataque ao coração do Império.



MORGAN RICE

A
DREAM
OF
MORTALS

BOOK #15 IN THE SORCERER'S RING

Godfrey e sua turma, aprisionados mais uma vez e prestes a serem executados, têm mais uma chance de escapar. Após terem sido traídos, eles querem mais do que uma fuga - eles querem vingança.

Volússia fica cercada por todos os lados ao tentar atacar a capital do Império e terá que invocar uma magia mais poderosa do que nunca se deseja provar que é realmente uma Deusa e se tornar a Líder Suprema do Império. Mais uma vez, o destino do Império será decidido.

Com uma ambientação e construção de personagens sofisticada, UM SONHO DE MORTAIS é um

conto épico de amizades e amantes, rivais e pretendentes, cavaleiros e dragões, intrigas e

maquinações políticas, do processo de tornar-se adulto, de corações partidos, de enganos, ambições e traições. É um conto de honra e coragem, de destino e magia. É uma fantasia que nos leva até um mundo que jamais esqueceremos, e que atrai leitores de todas as idades e gêneros.

“Uma fantasia espirituosa... Apenas o começo do que promete ser uma série épica para jovens adultos.”

—*Midwest Book Review* (sobre *Em Busca de Heróis*)

“De leitura rápida e fácil...você quer saber o que acontece a seguir e não vai querer abandonar o livro.”

—*FantasyOnline.net* (sobre *Em Busca de Heróis*)

“Recheado de ação A escrita de Rice é sólida e a premissa é intrigante.”

—*Publishers Weekly* (sobre *Em Busca de Heróis*)

[UM SONHO DE MORTAIS](#)

(LIVRO Nº15 DA SÉRIE O ANEL DO FEITICEIRO)



[Ouça](#) a série O ANEL DO FEITICEIRO em formato de áudio livro!

Agora disponível na:

[Amazon](#)

[Áudio](#)

[iTunes](#)

KINGS AND SORCERERS



THE SORCERER'S RING



THE SURVIVAL TRILOGY



the vampire journals



[Faça o download dos livros de Morgan Rice no Google Play agora mesmo!](#)

Livros de Morgan Rice

REIS E FEITICEIROS

A ASCENSÃO DOS DRAGÕES (Livro n 1)

A ASCENSÃO DOS BRAVOS (Livro n 2)

O PESO DA HONRA (Livro n 3)

UMA FORJA DE VALENTIA (Livro n 4)

O ANEL DO FEITICEIRO

EM BUSCA DE HERÓIS (Livro nº1)

UMA MARCHA DE REIS (Livro nº2)

UM DESTINO DE DRAGÕES (Livro nº3)

UM GRITO DE HONRA (Livro nº4)

UM VOTO DE GLÓRIA (Livro nº5)

UMA CARGA DE VALOR (Livro nº6)

UM RITO DE ESPADAS (Livro nº7)

UM ESCUDO DE ARMAS (Livro nº8)

UM CÉU DE FEITIÇOS (Livro nº9)

UM MAR DE ESCUDOS (Livro nº10)

UM REINADO DE AÇO (Livro nº11)

UMA TERRA DE FOGO (Livro nº12)

UM REINADO DE RAINHAS (Livro nº13)

UM JURAMENTO DE IRMÃOS (Livro nº14)

UM SONHO DE MORTAIS (Livro nº15)

UMA JUSTA DE CAVALEIROS (Livro nº16)

O PRESENTE DA BATALHA (Livro nº17)

TRILOGIA DA SOBREVIVÊNCIA

ARENA UM: TRAFICANTES DE ESCRAVOS (Livro nº1)

ARENA DOIS (Livro nº2)

DIÁRIOS DE UM VAMPIRO

TRANSFORMADA (Livro nº1)

AMADA (Livro nº2)

TRAÍDA (Livro nº3)

PREDESTINADA (Livro nº4)

DESEJADA (Livro nº5)

COMPROMETIDA (Livro nº6)

PROMETIDA (Livro nº7)

ENCONTRADA (Livro nº8)

RESSUSCITADA (Livro nº9)

ALMEJADA (Livro nº10)

DESTINADA (Livro nº11)

Sobre Morgan Rice

Morgan Rice é a best-seller nº1 e a autora do best-selling do USA TODAY da série de fantasia épica O ANEL DO FEITICEIRO, composta por dezassete livros; do best-seller nº1 da série OS DIÁRIOS DO VAMPIRO, composta por onze livros (a continuar); do best-seller nº1 da série TRILOGIA DA SOBREVIVÊNCIA, um thriller pós-apocalíptico composto por dois livros (a continuar); e da nova série de fantasia épica REIS E FEITICEIROS, composta por três livros (a continuar). Os livros de Morgan estão disponíveis em áudio e versões impressas e as traduções estão disponíveis em mais de 25 idiomas.

[TRANSFORMADA](#) (Livro n 1 da série Diários de um Vampiro), [ARENA UM](#) (Livro n 1 da série A Trilogia da Sobrevivência) e [EM BUSCA DE HERÓIS](#) (Livro n 1 da série O Anel do Feiticeiro) e [ASCENÇÃO DOS DRAGÕES](#) (Reis e Feiticeiros – Livro n 1) estão disponíveis gratuitamente no Google Play!

Morgan adora ouvir a sua opinião, pelo que, por favor, sinta-se à vontade para visitar

www.morganricebooks.com e juntar-se à lista de endereços eletrónicos, receber um livro grátis, receber ofertas, fazer o download da aplicação grátis, obter as últimas notícias exclusivas, ligar-se ao Facebook e ao Twitter e manter-se em contacto!

Document Outline

- [CAPÍTULO DOIS](#)
- [CAPÍTULO TRÊS](#)
- [CAPÍTULO QUATRO](#)
- [CAPÍTULO CINCO](#)
- [CAPÍTULO SEIS](#)
- [CAPÍTULO SETE](#)
- [CAPÍTULO OITO](#)
- [CAPÍTULO NOVE](#)
- [CAPÍTULO DEZ](#)
- [CAPÍTULO ONZE](#)
- [CAPÍTULO DOZE](#)
- [CAPÍTULO TREZE](#)
- [CAPÍTULO CATORZE](#)
- [CAPÍTULO QUINZE](#)
- [CAPÍTULO DEZESSEIS](#)
- [CAPÍTULO DEZESSETE](#)
- [CAPÍTULO DEZOITO](#)
- [CAPÍTULO DEZENOVE](#)
- [CAPÍTULO VINTE](#)
- [CAPÍTULO VINTE E UM](#)
- [CAPÍTULO VINTE E DOIS](#)
- [CAPÍTULO VINTE E TRÊS](#)
- [CAPÍTULO VINTE E QUATRO](#)
- [CAPÍTULO VINTE E CINCO](#)
- [CAPÍTULO VINTE E SEIS](#)
- [CAPÍTULO VINTE E SETE](#)
- [CAPÍTULO VINTE E OITO](#)
- [CAPÍTULO VINTE E NOVE](#)
- [CAPÍTULO TRINTA](#)
- [CAPÍTULO TRINTA E UM](#)
- [CAPÍTULO TRINTA E QUATRO](#)
- [CAPÍTULO TRINTA E CINCO](#)
- [CAPÍTULO TRINTA E SEIS](#)